



A Voz do Cidadão

RELATÓRIO DE ATIVIDADE 2025

ANA SOUSA DIAS

PROVEDORA DO TELESPECTADOR DA RTP

JANEIRO 2026



Índice

Introdução	1
Mensagens.....	3
Análise gráfica das mensagens recebidas	7
▪ Gráfico 1: Total de mensagens recebidas anualmente desde 2014 a 2025	9
▪ Gráfico 2: Caracterização das mensagens	10
▪ Gráfico 2.1: Evolução comparativa da caracterização das mensagens entre os anos de 2022 e 2025	11
▪ Gráfico 3: Vias de receção das mensagens.....	12
▪ Gráfico 4: Distribuição de mensagens por canal	13
▪ Gráfico 5: Temas das mensagens mais abordados.....	14
▪ Quadro 6: Temas das mensagens recebidas	17
▪ Gráfico 7: Distribuição das mensagens por áreas	19
▪ Gráfico 8 : Mensagens recebidas sobre os Comentadores	21
▪ Quadro 8.1: Temas mais abordados.....	22
▪ Gráfico 9: Distribuição geográfica das mensagens recebidas em Portugal Continental e Ilhas	25
▪ Gráfico 10: Distribuição geográfica das mensagens recebidas de Portugal e estrangeiro.....	27
▪ Gráfico 11: Caracterização por grau de escolaridade.....	28
▪ Gráfico 12: Distribuição de mensagens por sexo e idade	29
Programa “Voz do Cidadão”	33
▪ Temas dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2025 – Temporada 14.....	36
Balanco de audiências	41
Provedoria	51
Guiões dos programas “A Voz do Cidadão”	57



Introdução

O relatório da Provedora do Telespectador em 2025 deveria restringir-se ao período de 1 de janeiro a 31 de outubro, data do fim do mandato, mas como não havia ainda substituto designado, e de acordo com a lei, mantive-me em funções a pedido do presidente do Conselho de Administração até 31 de janeiro de 2026.

O ano de 2025 foi especial na vida da RTP, desde logo com a previsão do regresso a resultados negativos, a contrariar o que acontecera nos anos anteriores.

Finalmente dotada de um novo Contrato de Serviço Público de Média, que logo no próprio título alarga o âmbito de atividade para mais do que rádio e televisão, a RTP continua a não ver alterado o sistema de financiamento, opção confirmada pelo Governo já em outubro na discussão do orçamento de Estado para 2026. A Contribuição Audiovisual (CAV) não tem acompanhado a inflação - como previsto na lei - desde 2016. Não se trata de uma questão teórica nem irrelevante, já que tem efeitos diretos no serviço que a RTP proporciona.

Ainda em 2025, foram anunciados e postos em prática planos de redução do pessoal, recorrendo a programas de saídas voluntárias, no quadro de uma reestruturação global da empresa.

A reestruturação envolveu uma alteração e redução das chefias nos diferentes setores - a mais impactante das quais a mudança na Direção de Informação, antes encabeçada por António José Teixeira e agora por Vítor Gonçalves. Quando escrevo este relatório, o edifício da sede está ainda em obras, num projeto global que já tinha chegado aos centros de produção e que vai permitir melhorar as condições de trabalho, envolvendo toda uma rearrumação dos diferentes sectores da empresa.

Mas sem dúvida que a grande mudança na RTP nos últimos anos diz respeito aos passos em direção a uma crescente utilização das plataformas digitais. Não é coincidência o facto de, entre as mensagens que me foram enviadas por telespectadores, surgirem cada vez mais referências à RTP Play, à RTP Palco, RTP Ensina e às aplicações - e até mesmo à RTP Arena. Considero, evidentemente, que é

necessário manter o cuidado com a emissão linear, seguida por uma audiência de idade mais avançada, ao mesmo tempo que os novos meios devem ser desenvolvidos.

Como aconteceu ao longo dos quatro anos de mandatos, o trabalho desenvolveu-se em diferentes capítulos, dos quais se destacam o programa semanal Voz do Cidadão e as respostas às mensagens dos telespectadores. Estas duas áreas cruzam-se, dado que os temas de muitos programas são definidos em função das mensagens de telespectadores.

Outras ações foram desenvolvidas no interior da RTP, em contacto direto com quem aí trabalha. Uma conversa feita a tempo pode resolver problemas com grande rapidez e sem drama. Uma chamada de atenção para um erro feita na hora pode igualmente levar a uma correção imediata.

Continuei também a ser convidada para participar em sessões em escolas, onde constatee mais uma vez o óbvio: os jovens não vêem televisão linear, sobretudo noticiários, e tomam as redes sociais como fontes de informação.

Mensagens

Quero sublinhar que nestes quatro anos, desde que tomei posse a 1 de novembro de 2021, se realizaram em Portugal dez processos eleitorais, a saber:

30 de janeiro de 2022	Assembleia da República
24 de setembro de 2023	Assembleia Regional da Madeira
4 de fevereiro de 2024	Assembleia Regional dos Açores
10 de março de 2024	Assembleia da República
26 de maio de 2024	Assembleia Regional da Madeira
9 de junho de 2024	Parlamento Europeu
23 de março de 2024	Assembleia Regional da Madeira
18 de maio de 2025	Assembleia da República
12 de outubro de 2025	Autarquias Locais
18 de janeiro de 2026	Presidente da República (1.ª volta)
	(2.ª volta a 8 de fevereiro de 2026)

Estes sucessivos atos eleitorais tiveram natural impacto no correio recebido, focando sobretudo as entrevistas e debates ou o tempo dedicado a cada candidatura nos noticiários. Destaco aqui, pelo número inusitado de protestos (mais de 1600 em menos de uma semana), uma curta entrevista ao dirigente do PCP Paulo Raimundo conduzida pelo jornalista José Rodrigues dos Santos, antes das eleições para a Assembleia da República.

Os acontecimentos mundiais - com destaque para a invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022, a explosão da situação em Gaza após o massacre desencadeado pelo Hamas em outubro de 2023, e ainda o primeiro ano do segundo mandato do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump - também estiveram no centro de grande parte das mensagens que recebi.

A participação de Israel no Festival da Eurovisão também foi tema de muitos protestos de telespectadores, sobretudo no final do ano, depois de anunciada a votação da RTP na reunião europeia que definiu um novo método de votação e não excluiu Israel do concurso.

Outro assunto que mereceu muitas mensagens foi a alteração do leque de comentadores da RTP Notícias, um tema que antes desta alteração já era muito presente - havia muitos pedidos para o afastamento de alguns comentadores e a exigência de comentadores ligados ao partido Chega.

Até 31 de outubro, data para a qual preparei um primeiro rascunho do relatório, já o número de mensagens de telespectadores tinha sido maior do que no total do ano anterior.

Como referi, o número de mensagens foi até então inflacionado por duas situações na área da Informação: a entrevista de José Rodrigues dos Santos a Paulo Raimundo, e as alterações ao grupo de comentadores da área política na RTP Notícias, em outubro, com destaque para a não renovação do contrato com Raquel Varela e o convite, depois retirado, a Gonçalo Sousa. Os pedidos para que a RTP se opusesse à participação de Israel no Festival da Eurovisão foram também muito numerosos, embora não tenham atingido os números dos dois temas anteriores.

Esta tendência foi ainda mais sentida nos dois meses finais - novembro e dezembro - com mais de 1600 relativas a um episódio da série espanhola destinada a jovens Sex Symbols - entre protestos e apoios, foram mais de 1600 mensagens, em diferentes campanhas organizadas, com textos iguais entre si. Mas recebi igualmente mensagens de agradecimento à RTP por abordar o tema dos transgéneros, enviadas por familiares próximos - sobretudo pais - de jovens adultos que passaram por esse processo.

Quando esta questão se foi desvanecendo, chegaram centenas de mensagens protestando por a RTP ter aceitado a participação de Israel no Festival da Eurovisão, na sequência da reunião do executivo da EBU em novembro.

Cada campanha massiva que é posta em prática resulta numa intensificação do trabalho da Provedora - li todas as mensagens recebidas - e acaba por exigir uma resposta abrangente, comum a todos os casos com conteúdos idênticos. E tem um efeito secundário complexo: ao “entupir” o canal de contacto entre Telespectadores e Provedora, dificulta a resposta atempada a muitas mensagens, entretanto recebidas.

Seguem-se os gráficos relativos às mensagens recebidas em 2025, com as respetivas análises.

Análise gráfica das mensagens recebidas

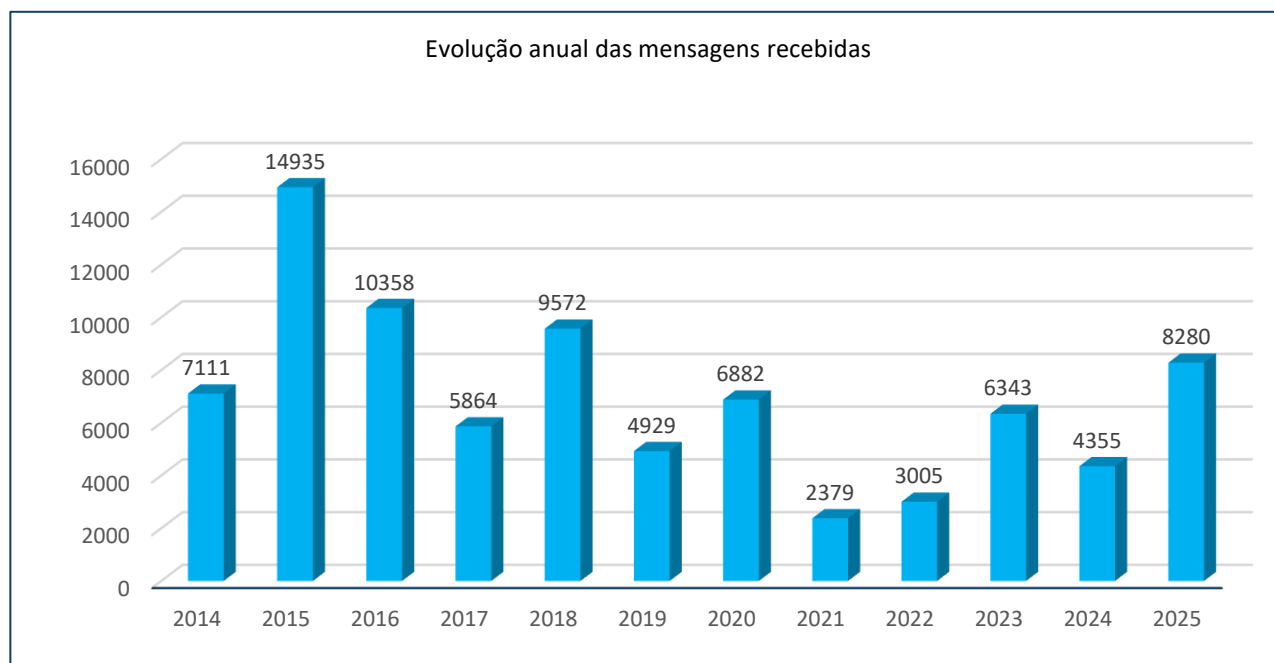


Gráfico 1: Total de mensagens recebidas anualmente desde 2014 a 2025

O gráfico 1 apresenta a evolução do total de mensagens recebidas anualmente entre 2014 e 2025, com oscilações significativas ao longo dos anos. Observa-se um crescimento nos primeiros anos, com destaque para 2015, que registou o valor mais elevado de todo o período analisado, com 14 935 mensagens.

A partir de 2016, verifica-se uma tendência de decréscimo, com flutuações ao longo dos anos. Embora 2018 apresente uma recuperação, o total volta a diminuir em 2019. Em 2020 regista-se novo aumento.

O ano de 2021 (de janeiro até novembro a RTP não teve provedor do telespectador), foram registadas apenas 2379 mensagens. A partir de 2022, nota-se um aumento gradual, ainda que com oscilações, culminando em 2025 com 8280 mensagens, o valor mais elevado desde 2018.

Para estes números, recorde, contribuíram largamente as campanhas organizadas, com apelos nas redes sociais, como aconteceu em finais de 2025 com a frase colocada no Facebook: “vamos inundar a caixa de correio da provedora” (sic). E de facto a caixa foi inundada, o que teve como efeito secundário a invisibilidade das mensagens sobre outros assuntos que chegavam entretanto.

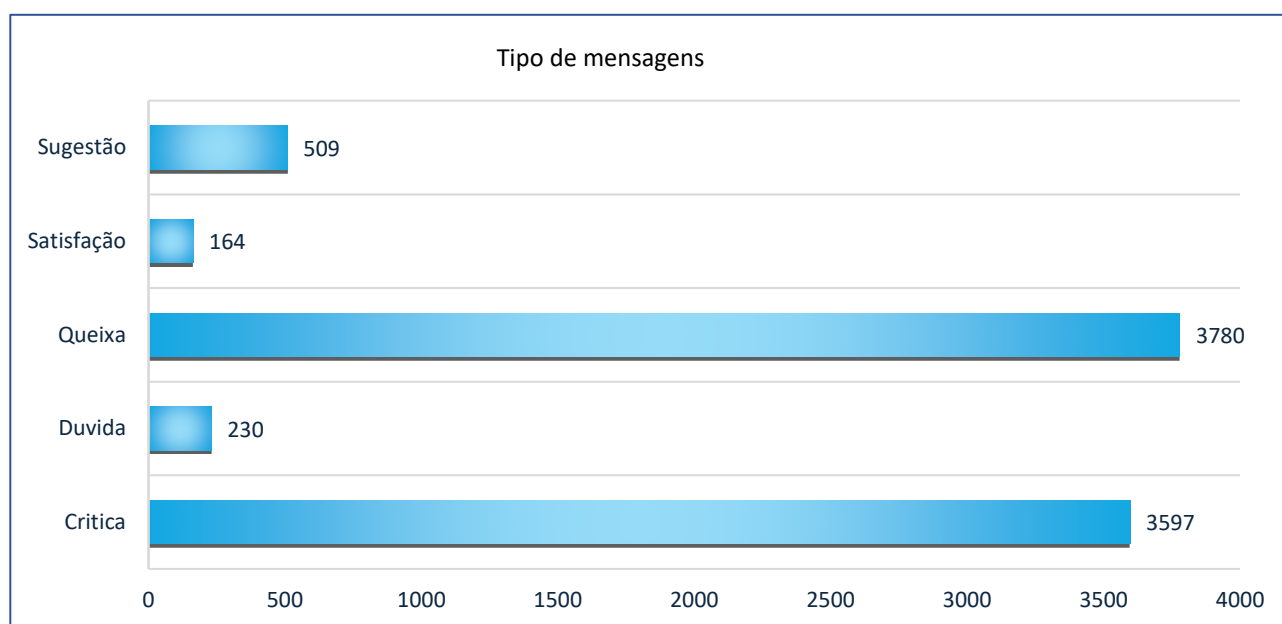


Gráfico 2: Caracterização das mensagens

O gráfico 2 apresenta a caracterização das mensagens recebidas de acordo com a natureza da comunicação. A maioria das mensagens enquadra-se nas categorias **Queixa** e **Crítica**, com 3780 e 3597 registos, respetivamente.

As restantes categorias apresentam valores significativamente inferiores. As **Sugestões** totalizam 509 mensagens, indicando uma participação mais reduzida dos utilizadores em contributos de melhoria. As **Dúvidas**, com 230 registos, refletem um volume moderado de pedidos de esclarecimento, enquanto as mensagens de **Satisfação** representam a categoria menos expressiva, com apenas 164. Não é uma proporção surpreendente: o impulso para escrever ao provedor é desencadeado por ter assistido a algo que desagradou. Os casos de satisfação, com elogios e palavras de estímulo, são residuais, mas assumem um significado maior do que o número que atingem.

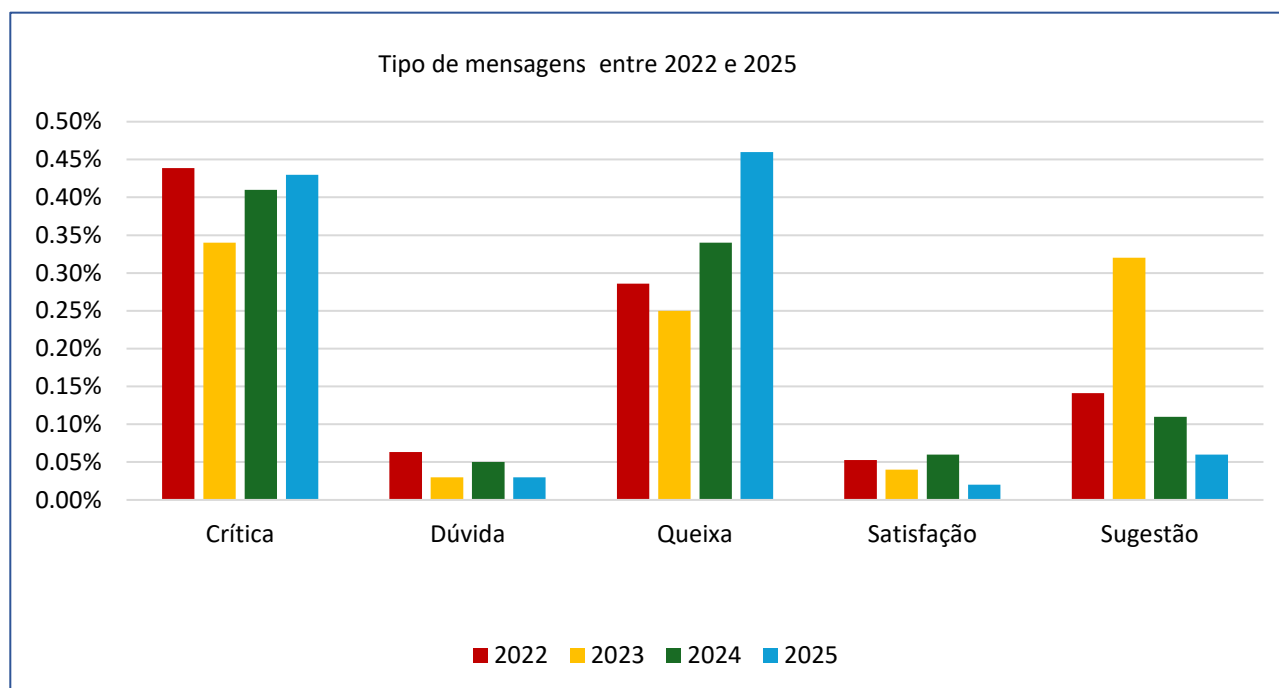


Gráfico 2.1: Evolução comparativa da caracterização das mensagens entre os anos de 2022 e 2025

O gráfico 2.1 apresenta a evolução percentual dos diferentes tipos de mensagens — **Crítica, Dúvida, Queixa, Satisfação e Sugestão** — no período compreendido entre **2022 e 2025**, permitindo uma análise comparativa das tendências ao longo dos anos. De forma geral, observa-se que as **mensagens de carácter negativo ou problemático** (Críticas e Queixas) apresentam maior expressão ao longo de todo o período, enquanto as mensagens positivas (**Satisfação**) têm valores reduzidos.

Conclusão

Em síntese, o gráfico evidencia um **predomínio de mensagens negativas**, com destaque para o crescimento contínuo das queixas até 2025.

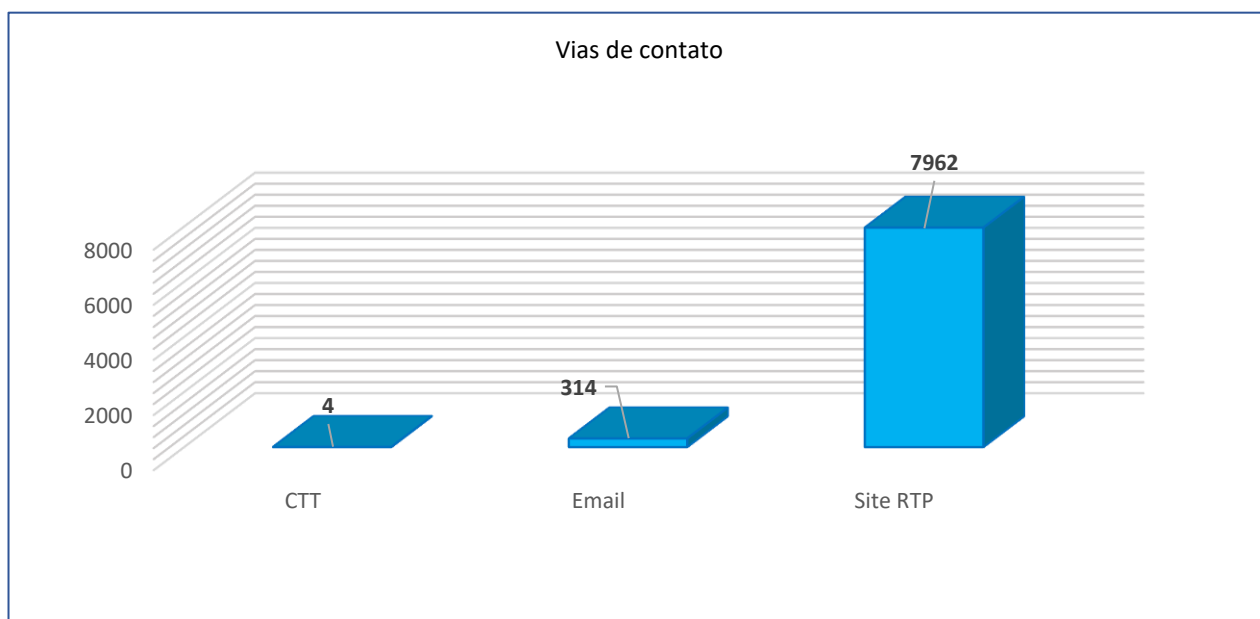


Gráfico 3: Vias de recepção das mensagens

O gráfico 3 apresenta a distribuição do número de mensagens recebidas através das diferentes **vias de contacto**, nomeadamente **CTT**, **Email** e **Site RTP**.

Os dados evidenciam uma **predominância muito significativa do Site RTP** como principal meio de contacto, com **7962 mensagens recebidas**. A plataforma digital é a via preferencial dos utilizadores para comunicação.

O **Email** surge como a segunda via mais utilizada, com **314 mensagens**.

Por sua vez, os **CTT** apresentam uma utilização residual, com apenas **quatro mensagens**.

Conclusão

Em síntese, o gráfico demonstra uma **forte concentração das mensagens no canal digital**, evidenciando a preferência dos utilizadores por meios mais rápidos e acessíveis. No entanto, alguns telespectadores consideram que o acesso ao canal digital é moroso e complicado. De facto, são pedidas algumas indicações que têm utilização apenas para as estatísticas: grau de escolaridade, sexo, idade, por exemplo

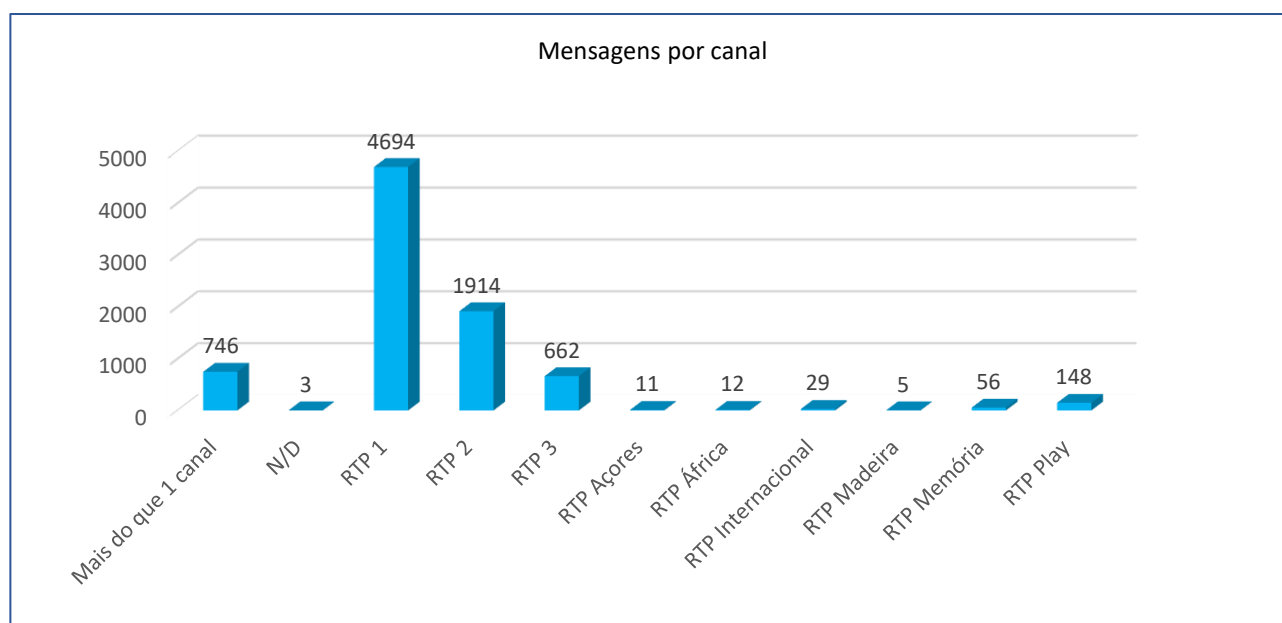


Gráfico 4: Distribuição de mensagens por canal

O gráfico 4 apresenta a distribuição do número de mensagens relativas a diferentes **canais da RTP**, permitindo identificar aqueles que concentram maior volume de interações por parte dos utilizadores.

A **RTP1** é o canal com maior número de mensagens, totalizando **4694**. Este resultado evidencia o forte impacto e visibilidade deste canal junto do público.

O **RTP2** surge como o segundo canal mais referenciado, com **1914 mensagens**, seguido pelo **RTP3** (atualmente denominada RTP Notícias), que regista **662 mensagens**. Estes valores indicam uma participação relevante, embora significativamente inferior à do RTP1. De realçar que é a este canal que se dirigem mais elogios.

A categoria “**Mais do que um canal**” apresenta **746 mensagens**, sugerindo que uma parte considerável dos utilizadores manifesta opiniões ou questões que abrangem vários canais em simultâneo.

Os restantes canais apresentam valores bastante reduzidos. O **RTP Play** regista **148 mensagens**, enquanto o **RTP Memória** contabiliza **56**. O **RTP Internacional (29 mensagens)**, **RTP África (11)**, **RTP Açores (11)** e **RTP Madeira (5)** revelam uma expressão residual. A categoria **N/D** (não definido) apresenta apenas **3 mensagens**. Quanto à RTP Play, destacam-se os protestos pela indisponibilidade de vários programas e transmissões desportivas dos programas fora do território nacional - são direitos de transmissão que resultam de questões comerciais.

Conclusão

Em síntese, o gráfico evidencia uma **forte concentração das mensagens nos canais generalistas**, com especial destaque para a RTP1.

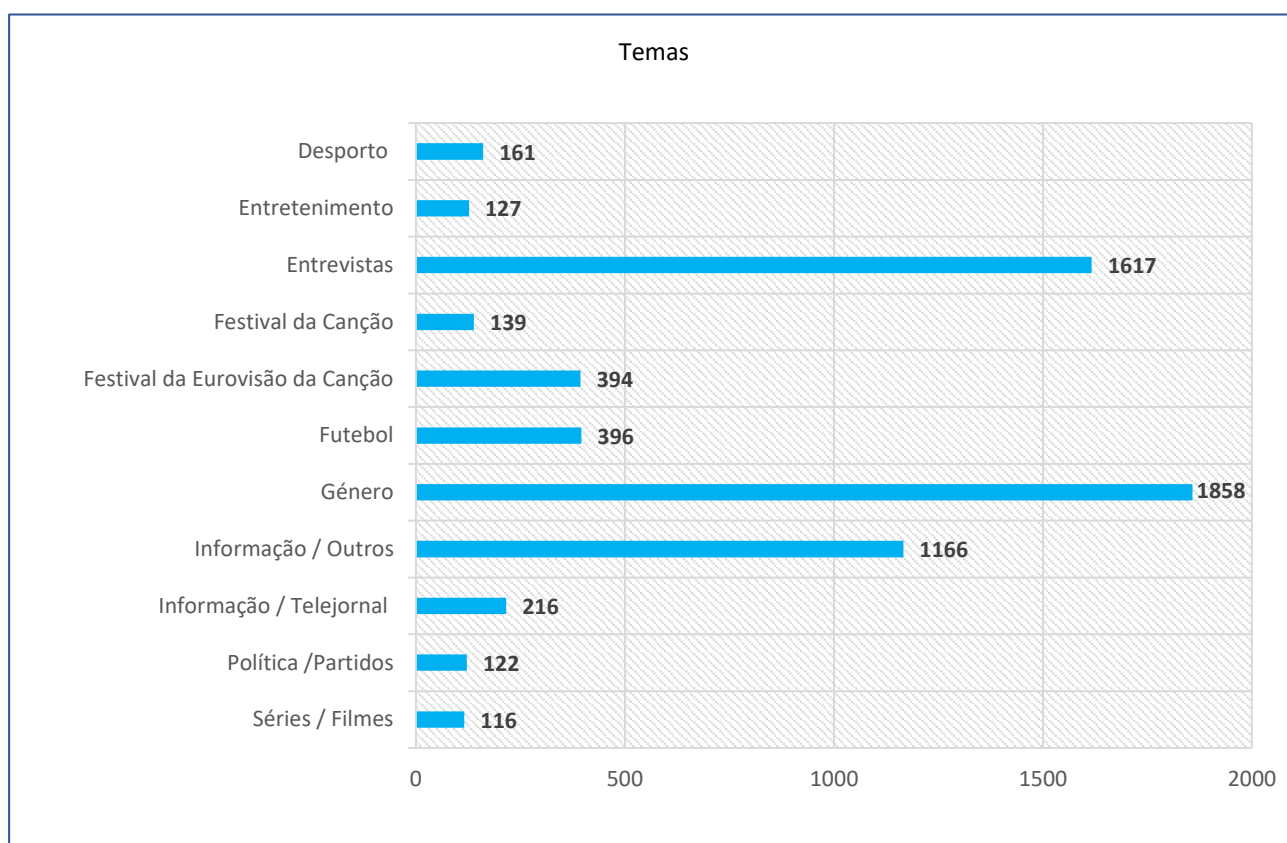


Gráfico 5: Temas das mensagens mais abordados

O Gráfico 5 apresenta a distribuição dos temas mais abordados no conjunto de mensagens analisadas, permitindo identificar tendências dominantes e áreas de menor incidência temática.

É evidente uma **forte concentração temática**, destacando-se o tema **Género** com 1858 mensagens. Este número, que em anos anteriores era residual, resulta da campanha lançada em novembro a propósito de um episódio da série Sex Symbols que abordava o tema do transgénero. A esmagadora maioria das mensagens (muitas delas iguais entre si) continha críticas muito contundentes, pedindo o cancelamento da série.

No mesmo grupo estão também as mensagens de agradecimento à RTP por ter abordado o assunto e pela forma como o fizera - em geral, estas mensagens positivas vieram de familiares próximos de jovens adultos transgénero.

O segundo tema mais recorrente são as **Entrevistas**, com 1617 casos. Este elevado número resulta dos protestos contra a entrevista de José Rodrigues dos Santos ao dirigente comunista Paulo Raimundo antes das eleições para a Assembleia da República de maio de 2025. Estão igualmente envolvidas as poucas mensagens de apoio ao mesmo jornalista.

A categoria **Informação / Outros**, com 1166 mensagens, surge com um peso significativo. O carácter abrangente e pouco específico sugere a necessidade de uma eventual subdivisão futura, de modo a permitir uma análise mais fina e rigorosa dos conteúdos nela incluídos.

Num patamar intermédio encontram-se os temas **Futebol** (396) e **Festival da Eurovisão da Canção** (394). Quanto ao Futebol, as questões habitualmente colocadas estão em torno dos comentadores dos jogos transmitidos em direto, acusados de serem parciais a favor desta ou daquela equipa (acontece mesmo haver protestos contraditórios num mesmo jogo). Mas há muitas outras protestando contra a menor visibilidade dada a várias equipas nos noticiários, privilegiando os clubes mais notórios.

Sobre o Festival da Eurovisão da Canção, a esmagadora maioria exigia que a RTP se retirasse do festival no caso da participação de Israel. Centenas de mensagens chegaram no final do ano, depois da a RTP ter votado em Bruxelas uma decisão que não afastou Israel mas que alterou os métodos de votação do público.

Por outro lado, vários temas apresentam uma frequência menor no conjunto de mensagens analisadas. Entre estes destacam-se **Informação / Telejornal** (216), **Desporto** (161), **Festival da Canção** (139), **Entretenimento** (127), **Política / Partidos** (122) e **Séries / Filmes** (116).

Temas das mensagens

Acessibilidades	15
Ambiente	13
Atendimento	2
Bom dia, Portugal / informação	10
Ciclismo	24
Comentários	45
Conteúdos	2
Convidados dos programas	10
Cultura	33
Debates /Eleições Presidenciais	26
Debates Eleições Autárquicas 2025	19
Debates Eleições Legislativas 2025	80
Deficiência	2
Desporto	161
Direitos de transmissão	40
Divulgação	8
Documentários	40
Elogio	106
Emissão Programas	5
Entretenimento	127
Entrevistas	1617
Erro deontológico	4
Erros de Português / Pronúncia	73
Estrangeirismo	3
Falta de Isenção / imparcialidade	70
Festival da Canção	139
Festival da Eurovisão da Canção	394
Futebol	396
Género	1858
Grafismo	11
Grelha / Programação	42
Horários	25
Humor	25
IA-Inteligência Artificial	176
Imagens Violentas	25
Infantil	29
Informação / Outros	1166
Informação / Telejornal	216
Informação deturpada	27
Informação em Rodapé	15
Informação incorreta	71
Legendagem	35
Língua Gestual	1
Linguagem imprópria	16

Linguagem ofensiva telespectadores	71
Meteorologia	37
Música / música de fundo	3
Outros	52
Outros destinatários	9
Política /Partidos	122
Pornografia	4
Prémios / Concursos	121
Privacidade	5
Programas	83
Proteção de dados	7
Provedora	31
Publicidade	64
Questões técnicas	34
Racismo/ xenofobia	10
Redes Sociais	10
Religião	35
Repetição de Programas	41
Reportagem	14
RTP 1	17
RTP Notícias	1
RTP PLAY	13
Saúde	9
Separadores	4
Séries / Filmes	116
Site RTP	4
Som	8
Taxa audiovisual	2
TDT	6
Teletexto	5
Touradas	56
Tradução	17
Vários assuntos	67

Quadro 6: Temas das mensagens recebidas

A análise do quadro 6 evidencia uma **forte concentração de mensagens relacionadas a conteúdos editoriais e informativos**, refletindo o elevado envolvimento do público com a programação e com o papel informativo do serviço público.

O tema com **maior número de ocorrências** é o **Género (1858)**, com a explicação que vimos no quadro anterior. Em seguida, destacam-se **Entrevistas (1617)**, também já explicados) e **Informação / Outros (1166)**, reforçando a centralidade da área informativa e do debate público na atenção do público.

A **Informação Telejornal (216)**, **IA – Inteligência Artificial (176)** e **Desporto (161)** surgem também como áreas relevantes, demonstrando interesse tanto em temas emergentes como em conteúdos de grande audiência. No desporto, o destaque vai para **Futebol (396)**, confirmando a sua importância enquanto principal modalidade geradora de interação. Mas há cada vez maior variedade de transmissões desportivas em direto, em modalidades nas quais que nos últimos anos as equipas portuguesas se destacaram, como a natação, o râguebi, o andebol ou o futsal e, claro, o atletismo.

No domínio do entretenimento e cultura, registam-se valores elevados em **Festival da Eurovisão da Canção (394)**, **Festival da Canção (139)**, **Séries / Filmes (116)** e **Entretenimento (127)**, revelando forte envolvimento do público com eventos culturais e conteúdos de ficção.

Relativamente à **qualidade editorial e ética**, observa-se um número significativo de mensagens com **Elogios (106)**, mas também sobre **Falta de isenção / imparcialidade (70)**, **Informação incorreta (71)** e **Erros de Português / Pronúncia (73)**, indicando um público atento e exigente quanto ao rigor e à correção dos conteúdos emitidos.

No plano político, as mensagens distribuem-se sobretudo por **Debates / Eleições Legislativas 2025 (80)**, **Debates / Eleições Presidenciais (26)**, **Debates Eleições Autárquicas 2025 (19)** e **Política / Partidos (122)**, refletindo o interesse crescente em períodos de maior atividade política e eleitoral.

Por fim, temas relacionados com **direitos e funcionamento do serviço**, como **Direitos de transmissão (40)**, **Publicidade (64)**, **Programas (83)**, **Grelha / Programação (42)** e **Repetição de Programas (41)**, evidenciam preocupações práticas dos telespectadores com a organização e gestão da oferta televisiva.

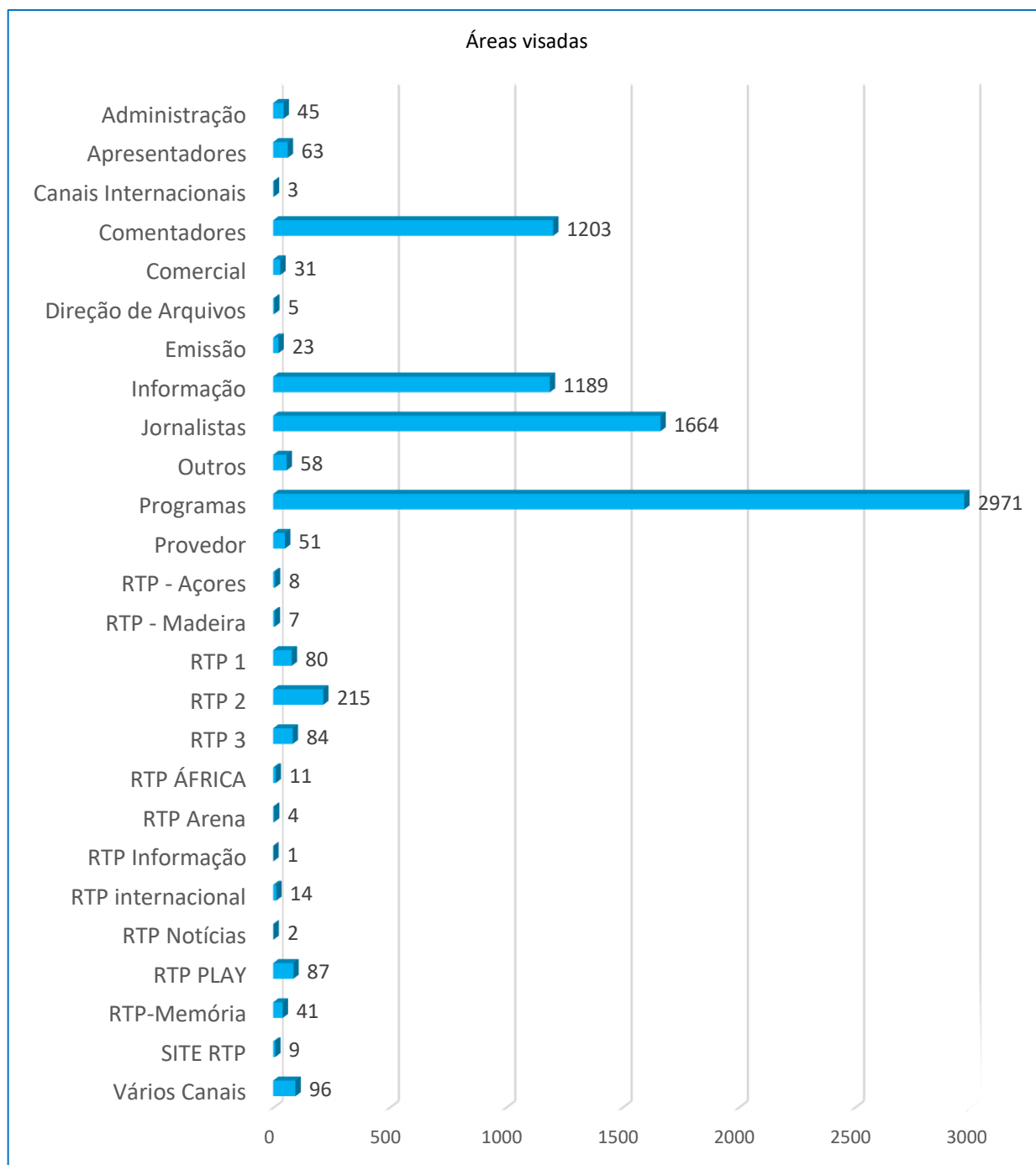


Gráfico 7: Distribuição das mensagens por áreas

O gráfico 7 evidencia uma distribuição claramente assimétrica das mensagens pelas diferentes áreas, revelando fortes concentrações em setores específicos da organização.

Destaca-se a área de **Programas**, concentrando **2971 mensagens**. Em segundo lugar surgem os **Jornalistas**, com **1664 mensagens**, seguidos das áreas de **Comentadores (1203)** e **Informação (1189)**.

Este conjunto de áreas evidencia a forte relevância dos conteúdos editoriais e informativos, bem como da intervenção de profissionais e comentadores.

Num patamar intermédio encontram-se áreas como **RTP2** (215 mensagens), **RTP África** (111), **RTP PLAY** (87), **RTP3** (84), **RTP1** (80) e **Vários Canais** (96), indicando uma presença regular, embora menos intensa, dos diferentes canais e plataformas do grupo.

Por outro lado, várias áreas apresentam valores menores, nomeadamente **Canais Internacionais**, **RTP Informação**, **RTP Notícias**, **RTP Arena**, **Direção de Arquivos**, **RTP Internacional** e **RTP Ações**, todas com números muito reduzidos de mensagens. De um modo geral, os dados sugerem que a comunicação está fortemente orientada para os conteúdos de **programação e informação**, enquanto as áreas de suporte, administrativas ou mais institucionais assumem um papel secundário.

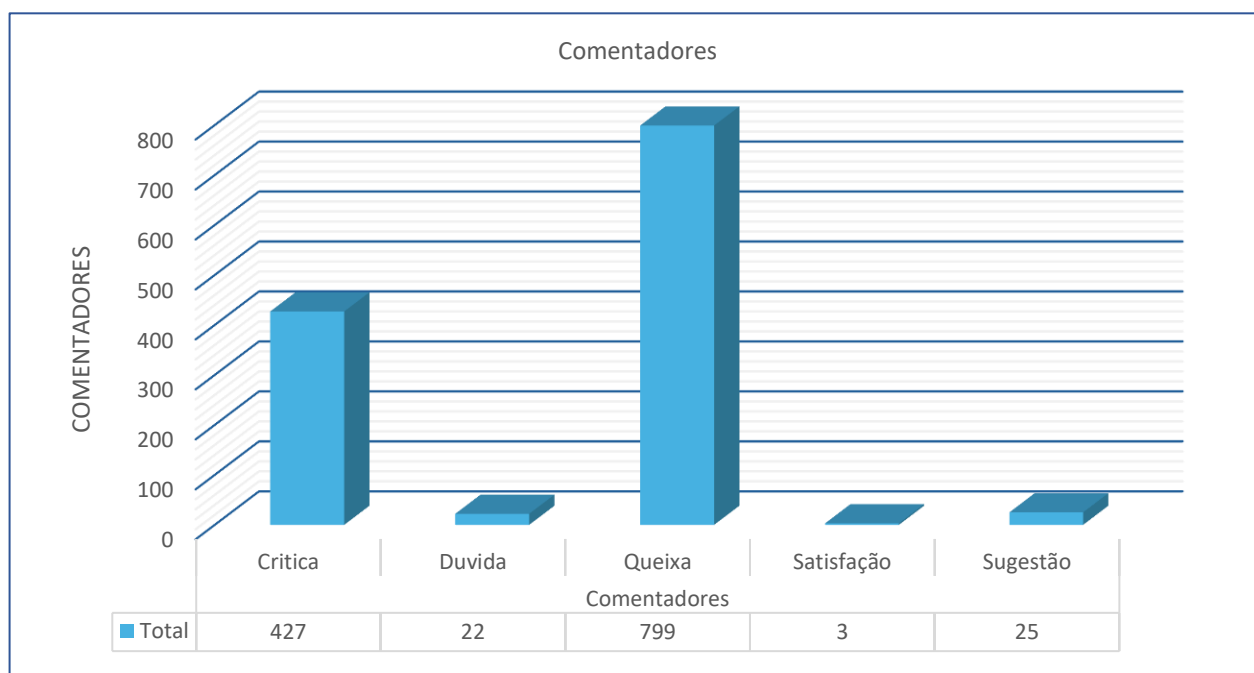


Gráfico 8: Mensagens recebidas sobre os Comentadores

O gráfico 8 apresenta a distribuição das **1276 mensagens recebidas sobre comentadores**, organizadas por tipologia, e o quadro detalha os **temas mais abordados** em cada uma dessas categorias. A análise conjunta permite identificar tendências claras quanto à percepção do público e aos assuntos que geram maior reação.

1. Distribuição das mensagens por tipologia

Do total de mensagens analisadas, verifica-se um **predomínio muito significativo de conteúdos negativos**:

- **Queixa:** 799 mensagens (62,6%)
- **Crítica:** 427 mensagens (33,5%)
- **Sugestão:** 25 mensagens (2,0%)
- **Dúvida:** 22 mensagens (1,7%)
- **Satisfação:** 3 mensagens (0,2%)

As categorias **Queixa** e **Crítica** representam, em conjunto, **96,1% do total**, evidenciando uma percepção maioritariamente negativa por parte do público relativamente aos comentadores. As manifestações de satisfação são residuais, indicando que o contacto é motivado sobretudo por discordância ou desagrado.

Sublinhe-se que nos últimos meses se verificou uma alteração significativa do leque de comentadores, o que provocou novas críticas.

Comentadores: Temas mais abordados	
Crítica	427
Comentários (Outros)	9
Desporto	22
Futebol	80
Informação / Outros	260
Informação / Telejornal	9
Política /Partidos	17
Dúvida	22
Informação / Outros	14
Queixa	799
Comentários	24
Debates Eleições Legislativas 2025	11
Desporto	10
Futebol	113
Informação / Outros	590
Política /Partidos	16
Satisfação	3
Informação / Outros	3
Sugestão	25
Futebol	4
Informação / Outros	8
Informação / Telejornal	2
Política /Partidos	3

Quadro 8.1: Temas mais abordados sobre os comentadores

A análise do quadro permite compreender **quais os temas que sustentam esse volume de queixas e críticas**.

2.1. Queixas

As queixas concentram-se essencialmente em:

- **Informação / Outros:** 590 mensagens
- **Futebol:** 113 mensagens
- **Política / Partidos:** 16 mensagens
- **Debates – Eleições Legislativas 2025:** 11 mensagens
- **Desporto:** 10 mensagens

Este padrão demonstra que a insatisfação do público incide maioritariamente sobre a **forma como a informação é transmitida e comentada**, sobretudo em contextos de elevada exposição mediática, como a atualidade política e o futebol.

2.2. Críticas

No caso das críticas, os principais temas são:

- **Informação / Outros:** 260 mensagens
- **Futebol:** 80 mensagens
- **Desporto:** 22 mensagens
- **Política / Partidos:** 17 mensagens

Tal como nas queixas, destaca-se o peso da **informação geral e do comentário desportivo**, reforçando a ideia de que a atuação dos comentadores nestes domínios é muito escrutinada pelo público.

2.3. Dúvidas, sugestões e satisfação

As restantes categorias apresentam volumes reduzidos:

- **Dúvidas:** incidem quase exclusivamente sobre **Informação / Outros** (14 mensagens).
- **Sugestões:** distribuem-se por **Informação / Outros, Futebol e Política**, refletindo propostas pontuais de melhoria.
- **Satisfação:** apenas 3 mensagens, todas associadas a **Informação / Outros**.

3. Relação entre gráfico e quadro

A leitura conjunta do gráfico e do quadro evidencia que:

- O elevado número de **queixas e críticas** observado no gráfico é explicado, no quadro, pela concentração em **temas sensíveis e de grande impacto público**, nomeadamente informação, futebol e política.
- A **quase inexistência de mensagens de satisfação** reflete uma dinâmica reativa, em que o público se manifesta sobretudo quando discorda ou se sente insatisfeito.

- O comentário associado a **acontecimentos políticos relevantes**, como os debates das Eleições Legislativas 2025, surge como fator adicional de intensificação das queixas.

4. Conclusão

Os dados analisados revelam que a opinião dos telespectadores relativamente aos comentadores é **marcadamente crítica**, com especial incidência na informação e em temas de maior exposição mediática.

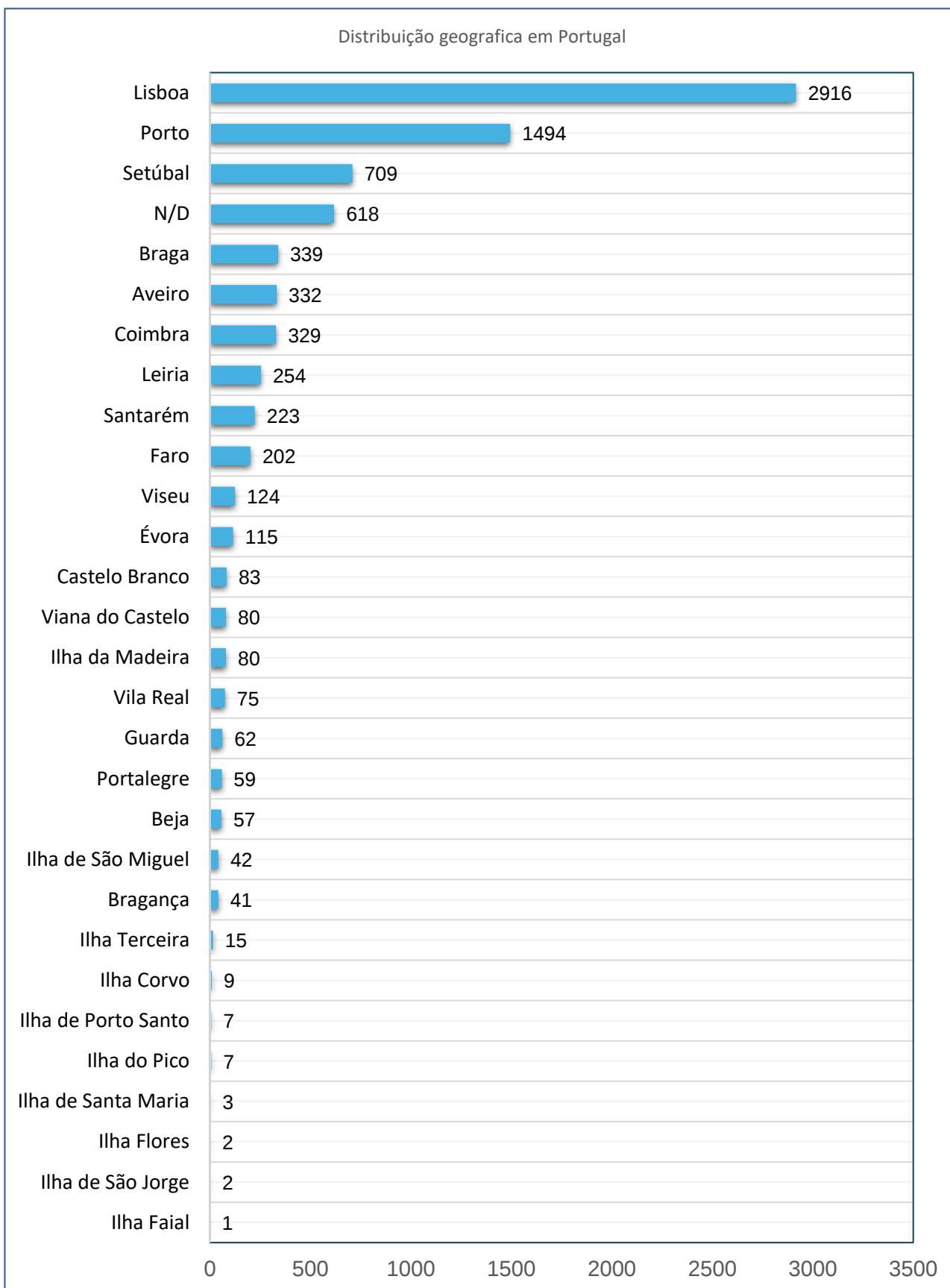


Gráfico 9: Distribuição geográfica das mensagens recebidas em Portugal Continental e Ilhas

O gráfico 9 apresenta a distribuição geográfica das mensagens recebidas, evidenciando uma **forte concentração nas principais áreas urbanas**, em particular na região de **Lisboa**, que regista **2916 mensagens**.

O **Porto** surge como a segunda localização mais representativa, com **1494 mensagens**. Seguem-se **Setúbal (709)** e a categoria **N/D – Não Determinado (618)**.

Num patamar intermédio encontram-se distritos como **Braga (339)**, **Aveiro (332)** e **Coimbra (329)**, revelando uma participação relativamente equilibrada entre si. **Leiria (254)**, **Santarém (223)** e **Faro (202)** apresentam valores moderados.

Os restantes distritos do território continental, como **Viseu**, **Évora**, **Castelo Branco**, **Vila Real**, **Guarda**, **Portalegre** e **Beja**, registam valores inferiores, o que evidencia uma **diminuição progressiva da participação à medida que se avança para regiões menos populosas**.

Relativamente às **Regiões Autónomas**, verifica-se uma participação reduzida quando comparada com o território continental. A **Ilha da Madeira (80)** e a **Ilha de São Miguel (42)** apresentam os valores mais elevados entre as ilhas, enquanto as restantes ilhas dos Açores e do arquipélago da Madeira registam números residuais, alguns com valores inferiores a 10 mensagens.

De forma global, o gráfico demonstra que a distribuição das mensagens acompanha, em grande medida, a **distribuição demográfica e urbana do país**, com forte concentração nas áreas metropolitanas e uma presença mais limitada nas regiões do interior e nas ilhas.

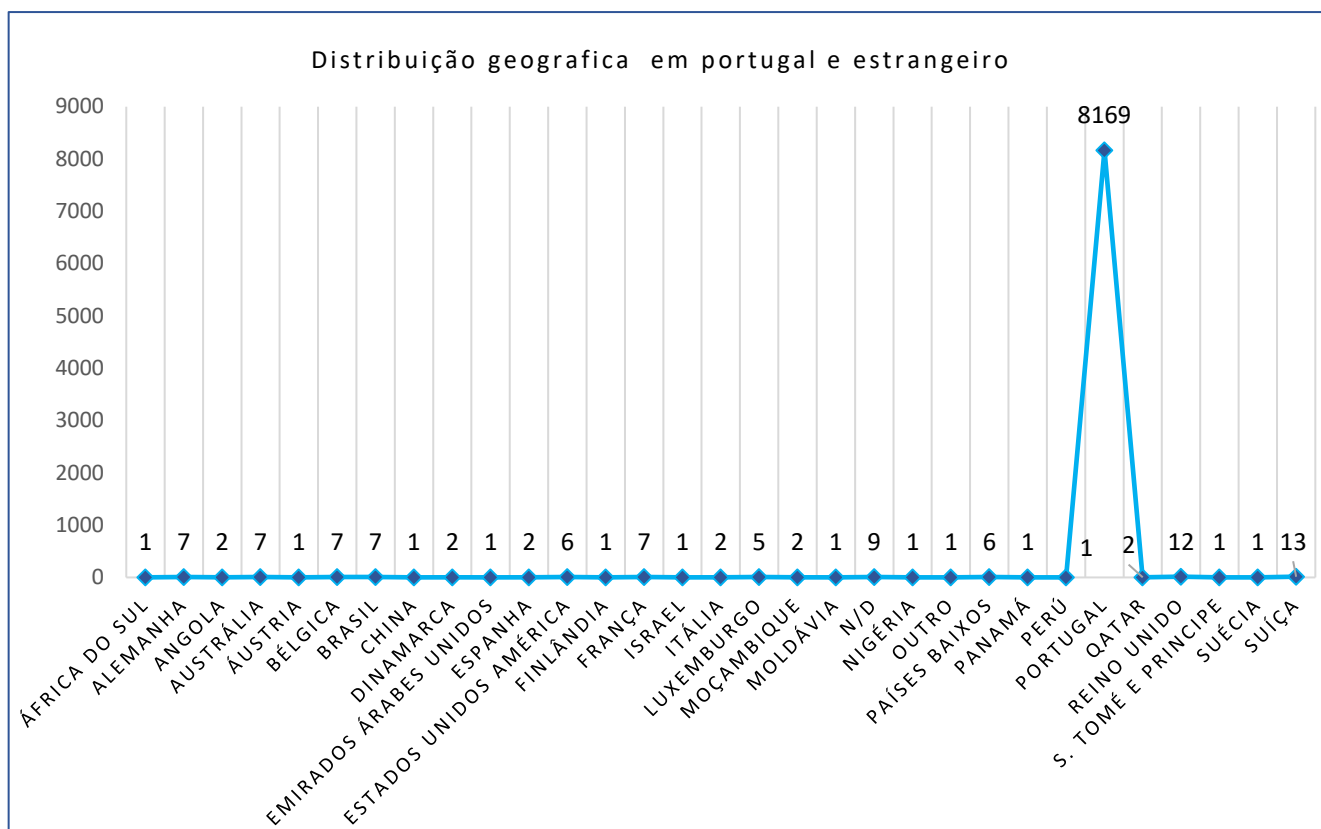


Gráfico 10: Distribuição geográfica das mensagens recebidas de Portugal e estrangeiro

O gráfico 10 apresenta a distribuição geográfica das mensagens recebidas, distinguindo a sua origem entre **Portugal** e diversos **países estrangeiros**. A análise evidencia uma **concentração de mensagens provenientes de Portugal (8169)**. As mensagens com origem no **estrangeiro** surgem em número residual e bastante disperso por vários países. Entre os países com maior número de registos destacam-se **Suíça (13)**, **Reino Unido (12)**, **Brasil (7)**, **Angola (7)**, **França (7)** e **Alemanha (7)**. Estes valores, embora baixos, sugerem alguma participação da diáspora portuguesa, particularmente em países com comunidades emigrantes significativas. Na generalidade, os telespectadores que escrevem do estrangeiro protestam contra a limitação dos programas disponíveis - quo que se deve a direitos de transmissão - e criticam a qualidade da programação. Sempre que apresentam questões de carácter técnico, e coma. Devida autorização, foram postos em contacto com os serviços respetivos da RTP.

Outros países como **Espanha**, **Estados Unidos da América**, **Luxemburgo**, **Moçambique**, **Bélgica**, **Países Baixos**, **Canadá**, **Itália**, **Austrália**, **Irlanda** e **Nigéria** apresentam apenas entre 1 e 6 mensagens.

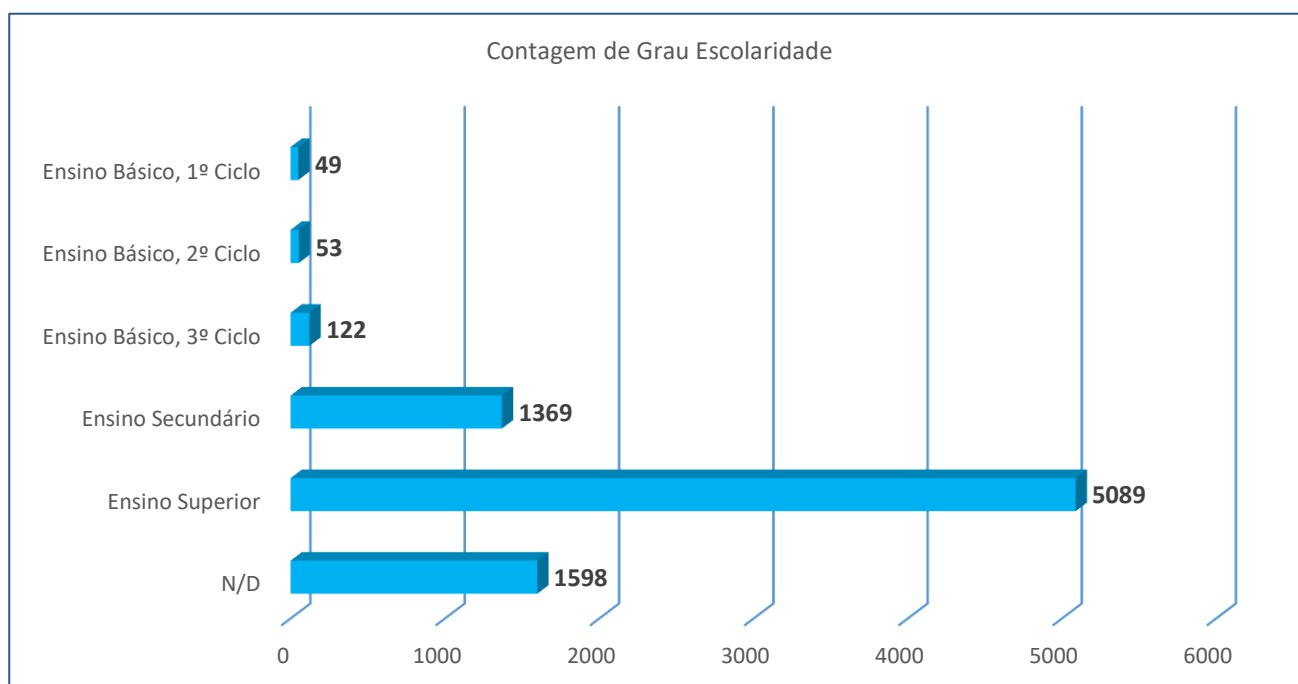


Gráfico 11: Caracterização por grau de escolaridade

O gráfico 11 apresenta a distribuição segundo o grau de escolaridade dos telespectadores que enviaram mensagens, com clara predominância dos níveis de ensino mais elevados.

O **Ensino Superior** destaca-se, com **5089 registos**. Este resultado indica um público maioritariamente qualificado, com elevados níveis de formação académica, o que poderá ter implicações diretas na forma como a informação é produzida, comunicada e recebida.

Em segundo lugar surge a categoria **N/D (Não Declarado)**, com **1598 registos**.

O **Ensino Secundário** apresenta **1369 registos**. Embora bastante inferior ao ensino superior, este valor indica uma presença significativa de telespectadores com escolaridade intermédia.

Os níveis de **Ensino Básico** surgem de forma residual, com valores progressivamente mais baixos à medida que se desce no grau de escolaridade: **3.º ciclo** (122), **2.º ciclo** (53) e **1.º ciclo** (49).

De um modo geral, o gráfico revela uma população predominantemente composta por indivíduos com **escolaridade média-alta a elevada**, sendo o ensino superior dominante.

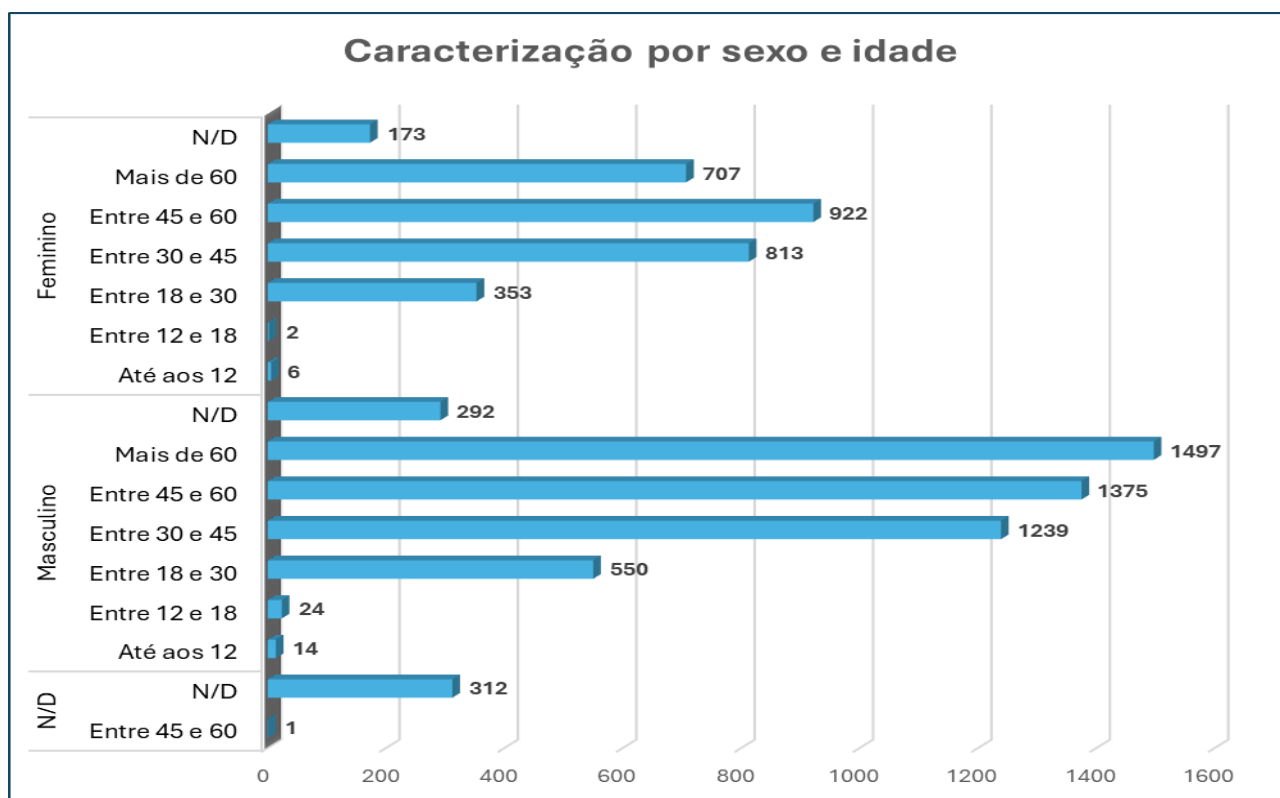


Gráfico 12: Distribuição de mensagens por sexo e idade

O gráfico 12 apresenta a distribuição do total de mensagens recebidas, segmentadas por **sexo e faixa etária**, permitindo identificar o perfil demográfico predominante.

1. Distribuição por sexo

Observa-se uma **participação superior do sexo masculino** em comparação com o feminino:

- O volume total de mensagens provenientes de indivíduos do **sexo masculino** é claramente mais elevado em todas as faixas etárias.
- O **sexo feminino**, embora presente de forma consistente, apresenta valores substancialmente inferiores.
- Existe ainda um conjunto de mensagens classificadas como **N/D (não identificado)**, com expressão residual face aos restantes grupos.

2. Distribuição por faixa etária – Sexo masculino

No sexo masculino, as faixas etárias com maior número de mensagens são:

- **Mais de 60 anos:** 1497 mensagens
- **Entre 45 e 60 anos:** 1375 mensagens
- **Entre 30 e 45 anos:** 1239 mensagens
- **Entre 18 e 30 anos:** 550 mensagens

As faixas etárias **acima dos 45 anos** concentram a maior parte das interações, demonstrando que este grupo etário é o mais ativo na participação e no envio de mensagens.

3. Distribuição por faixa etária – Sexo feminino

No sexo feminino, verifica-se uma tendência semelhante, embora com valores mais baixos:

- **Entre 45 e 60 anos:** 922 mensagens
- **Entre 30 e 45 anos:** 813 mensagens
- **Mais de 60 anos:** 707 mensagens
- **Entre 18 e 30 anos:** 353 mensagens

Tal como no sexo masculino, a participação feminina é mais expressiva nas **faixas etárias intermédias e superiores**, com menor representação dos grupos mais jovens.

4. Faixas etárias com menor expressão

- As faixas etárias **Até aos 12 anos** e **Entre 12 e 18 anos** apresentam números residuais, tanto no sexo masculino como no feminino.
- Estes dados indicam uma **participação praticamente inexistente de menores**, o que é expectável tendo em conta o tipo de conteúdos analisados e os canais de contacto utilizados.

5. Relação entre sexo e idade

A análise cruzada evidencia que:

- O **perfil predominante** do utilizador que envia mensagens corresponde a pessoas do **sexo masculino com idade superior a 45 anos**.
- As faixas etárias entre os **30 e os 60 anos** concentram o maior volume global de mensagens, independentemente do sexo.
- Os grupos mais jovens demonstram menor envolvimento, sugerindo diferentes hábitos de consumo e interação com os conteúdos.

6. Conclusão

A análise do gráfico permite concluir que:

- O envio de mensagens é maioritariamente realizado por homens.
- As faixas etárias mais ativas situam-se entre os 30 e os 60 anos, e há uma forte incidência nos maiores de 60 anos.
- A participação de crianças e jovens é residual.
- O perfil dominante do remetente é: masculino, adulto e sénior.

Conclusão

Os dados indicam que o **principal público que envia de mensagens é adulto, com especial destaque para indivíduos com mais de 45 anos**, sobretudo do sexo masculino. As faixas etárias mais jovens têm uma participação muito reduzida. Verifica-se a presença de um volume considerável de registos com **informação incompleta**, especialmente no que respeita à idade, o que deverá ser considerado em análises futuras.

Programa “Voz do Cidadão”

Fizemos neste ano 33 programas, tendo terminado as emissões no dia 25 de outubro de 2025. Deixámos de fazer este trabalho na data em que terminou o meu mandato formal e passei a ser substituta, aguardando nova designação.

Nesse período, falámos principalmente de temas suscitados por mensagens de telespectadores, com a Informação e os Programas em grande destaque. Falámos de publicidade, de programação infantil, de desporto e voltámos a uma das propostas que tinha anunciado e posto em prática nos anos anteriores: mostrar aos telespectadores como funciona a RTP, na sua multiplicidade de departamentos e centros regionais de produção, dando a conhecer aqueles que habitualmente não têm rosto. Terminámos com uma entrevista ao Presidente do Conselho de Administração da RTP, Nicolau Santos.

Para os programas, contámos sobretudo neste ano com pessoas “da casa”, tendo recorrido menos a pessoas exteriores à empresa do que em anos anteriores.

No que diz respeito à publicidade, os principais problemas levantados pelos telespectadores foram tratados em três programas a eles dedicados: as campanhas de Natal, a publicidade a casas de apostas e casinos online, a regulação da publicidade no serviço público. Chamo a atenção para a questão da publicidade a casas de apostas e casinos online, porque me parece que deveria ser regulamentada, dada a dimensão do problema de dependência que este setor tem criado.

Segue-se o quadro com os 33 programas, respectivos temas e convidados:

Temas dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2025 – Temporada 14

PGM Nº:	TEMAS:	CONVIDADOS:	DATAS:
Nº 01	PROBLEMAS TÉCNICOS	Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP. Nº de Queixas: 6	11/01/2025
Nº 02	CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DE NATAL	Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP; Isabel Marques, Direção Comercial Digital & Rádios RTP; João Madeira, CO-CEO & Chief Creative Officer da Fuel.	18/01/2025
Nº 03	JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Rita Marrafa de Carvalho, Jornalista da RTP; Luís Filipe Simões, Presidente do Sindicato dos Jornalistas; Pedro Miguel Santos, Jornalista da Revista Divergente.	25/01/2025
Nº 04	ELIMINAÇÃO DE PUBLICIDADE – PROPOSTA NOVO CONTRATO DE CONCESSÃO	Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP; Isabel Marques, Direção Comercial Digital & Rádios RTP.	01/02/2025
Nº 05	MULTIQUEIXAS TELESPECTADORES (BLACK FACE, IMAGENS EXPLÍCITAS, VOLUME DA PUBLICIDADE NA RTP PLAY E SELEÇÃO MUSICAL)	José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Nota da Direção Comercial On Line & Rádios RTP; Nota da Produção da Praça da Alegria; Nota da Produção de A Nossa Tarde. Nº de Queixas: 5	08/02/2025
Nº 06	MADRUGADAS DA RTP	José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória.	15/02/2025

Nº 07	HORÁRIO NOBRE DA RTP	José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP. Nº de Queixas: 4	22/02/2025
Nº 08	CONTROLO PARENTAL	Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE; Hugo Castanho, Gestor de Produto Digital RTP; Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis RTP; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2.	08/03/2025
Nº09	A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE; Daniel Catalão, Jornalista da RTP; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Nicolau Tudela, Diretor de Arte da RTP.	15/03/2025
Nº10	FESTIVAL DA CANÇÃO	Gonçalo Madaíl, Diretor de Música e Artes de Palco. Nº de Queixas: 11	22/03/2025
Nº11	DECISÕES EDITORIAIS	Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação RTP. Nº de Queixas: 6	29/03/2025
Nº12	MINI ENTREVISTAS CANDIDATOS LEGISLATIVAS	José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; João Adelino Faria, Jornalista RTP. Nº de Queixas: 3	05/04/2025
Nº13	COMENTÁRIO NA INFORMAÇÃO DA RTP	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE; Carla Martins, Entidade Reguladora para a Comunicação Social.	12/04/2025

Nº14	IMAGENS (EXCLUSIVAS E NÃO SÓ) ARQUIVOS RTP E DIREITOS DE EXIBIÇÃO	Hugo Aragão Correia, Subdiretor do Arquivo RTP; Isabel Carvalho, Diretora de Planeamento e Controlo de Gestão; Nº de Queixas: 5	26/04/2025
Nº15	IMAGENS MAIS CINEMATOGRAFICAS NA GRELHA RTP	José Fragoso, Diretor de Programas RTP.	03/05/2025
Nº16	APAGÃO	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP; Pedro Reis, Diretor de Compras da RTP.	10/05/2025
Nº17	REVISÃO AO CONTRATO DE CONCESSÃO DE SERVIÇO PÚBLICO DE MEDIA	Hugo Figueiredo, Administrador da RTP	17/05/2025
Nº18	BALANÇO DA COBERTURA DA RTP NAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Carlos Daniel, Jornalista da RTP; Hugo Gilberto, Jornalista RTP; Gustavo Cardoso, Professor Catedrático de Ciências da Comunicação. Nº de Queixas: 2	24/05/2025
Nº19	FESTIVAL EUROVISÃO	Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco. Nº de Queixas: 6	31/05/2025
Nº20	DESPORTO AGENDAMENTO	Hugo Gilberto, Diretor – Adjunto de Informação da RTP; Alexandre Albuquerque, Jornalista da RTP. Nº de Queixas: 4	07/06/2025

Nº21	PROGRAMAÇÃO DE VERÃO	Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória; José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Teresa Paixão. Diretora da RTP 2	14/06/2025
Nº22	DIREITOS DAS CRIANÇAS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL	Ana Isabel Valente, Presidente da CNPDCJ; Maria João Fernandes, Vice- presidente da CNPDCJ; Rita Marrafa de Carvalho, Coordenadora Sociedade RTP; Sérgio Soares, Diretor do Gabinete de Imprensa e RP da PSP.	21/06/2025
Nº23	PUBLICIDADE A JOGOS E CASINOS ON LINE.	Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP; Graça Martins, Jurista. Nº de Queixas: 6	28/06/2025
Nº24	VER E OUVIR EM DIRETO: COMENTÁRIOS EM EXCESSO	Luísa Bastos, Subdiretora de Informação RTP. Nº de Queixas: 7	05/07/2025
Nº25	MULTIQUEIXAS TELESPETADORES (TOURADA, DIREITOS DE TRANSMISSÕES DESPORTIVAS, CICLISMO, RTP PLAY, ALTERAÇÕES NA PROGRAMAÇÃO)	Hugo Gilberto, Diretor – Adjunto de Informação RTP. Nº de Queixas: 5	12/07/2025
Nº26	CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DE PROGRAMAS	José Fragoso, Diretor da RTP1, Rita Rola ERC. Nº de Queixas: 1	19/07/2025
Nº27	50 ANOS – RTP AÇORES PARTE I	Rui Goulart, Diretor RTP Açores.	26/07/2025
Nº28	COBERTURA JORNALÍSTICA DO ACIDENTE NO ELEVADOR DA GLÓRIA	Vítor Gonçalves, Diretor de Informação RTP. Nº Queixas: 6	20/09/2025

Nº29	COBERTURA JORNALÍSTICA DOS INCÊNDIOS	Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP; Soraia Ramos, Jornalista RTP Nº Queixas: 4 Nº Elogios: 2	27/10/2025
Nº30	50 ANOS – RTP AÇORES PARTE II	João Machado, Correspondente da RTP na ilha do Pico; Maria José Sousa, Correspondente da RTP na ilha das Flores; Luís Costa, Correspondente da RTP na Ilha da Graciosa	04/10/2025
Nº31	MUDANÇAS INTERNAS NA RTP	Gonçalo Madaíl, RTP Memória/RTP2/Imagem e Inovação; José Fragoso, RTP1/ RTP África/ RTP Internacional	11/10/2025
Nº32	EMISSIONES – COBERTURA DAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS E ALTERAÇÕES AOS COMENTADORES POLÍTICOS	Gustavo Cardoso, Professor Catedrático de Ciências da Comunicação; Vítor Gonçalves, Diretor de Informação RTP. Nº Queixas: 1	18/10/2025
Nº33	ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA RTP	Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP.	25/10/2025

Link dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2025 – Temporada 14

<https://www.rtp.pt/play/p14354/voz-do-cidadao>



Balanço de audiências

Voz do Cidadão

2025

RTP - Audiências e Estudos de Mercado. Dados GfK (TV), Netscope, Google Analytics, Facebook Insights, Conviva (web)

2025 | Dados gerais de *Voz do Cidadão* na RTP1 e RTP2

					Total Dia Consolidado				
					Universe				
	NIns	Hora Início	Hora Fim	Duração	shr%	rat%	rat#	rch#	Cov#
RTP1	33	14:13	14:28	00:15	9,1	3,1	302	424	2 908
RTP2	33	22:05	22:20	00:14	0,4	0,1	7	17	379

➤ **RTP1 | 9,1%sh e 302 mil espectadores** | Emissão aos sábados na faixa média 14:13h – 14:28h.

- ✓ Em média 424 mil espectadores contactaram pelo menos durante 1 minuto com o programa (rch000).
- ✓ A **cobertura total** das 33 emissões de *Voz do Cidadão* na RTP1 é de **2 milhões e 908 mil espectadores** (cov000 | número acumulado de espectadores que contactaram pelo menos durante 1 minuto).

➤ **RTP2 | 0,4%sh e 7 mil espectadores** | Emissões aos domingos maioritariamente na faixa do Late Night.

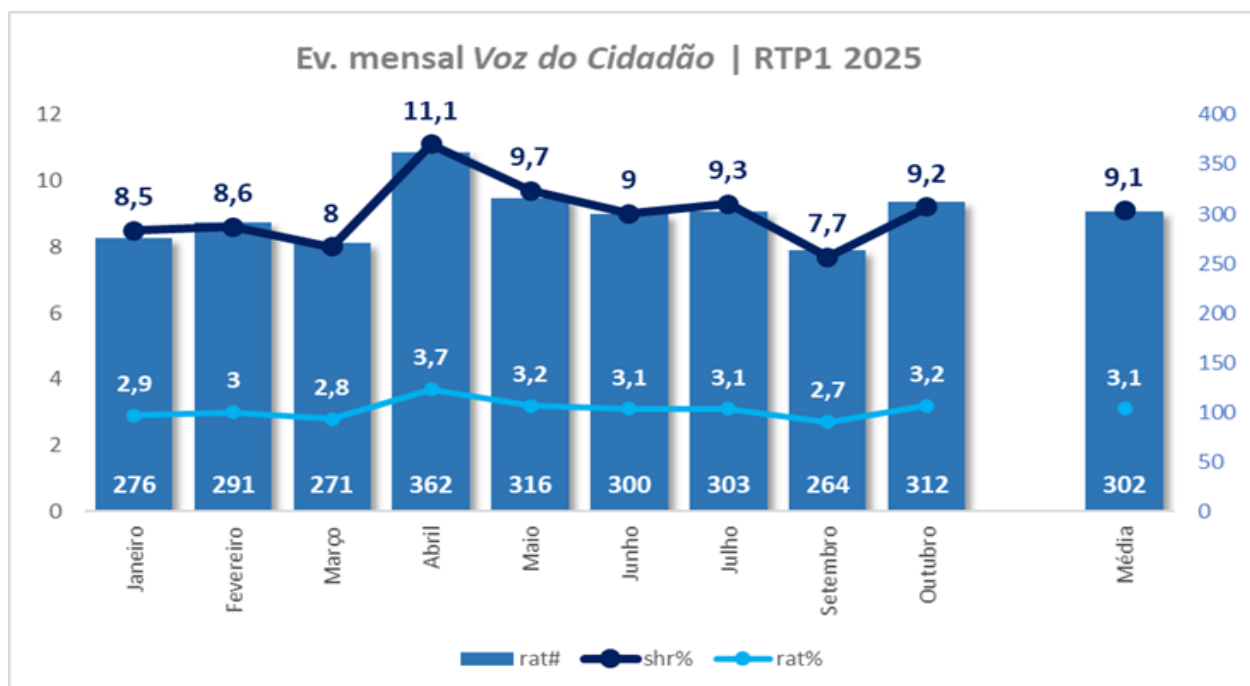
- ✓ Em média 17 mil espectadores contactaram pelo menos durante 1 minuto com *Voz do Cidadão* (rch000).
- ✓ A cobertura total das 33 emissões na RTP2 é de 379 mil espectadores.



- ✓ Durante 2025, *Voz do Cidadão* acumula **46.362 plays** e **21.812 utilizadores**, considerando o consumo LIVE e On Demand na RTP Play.

2025 | Desempenho de Voz do Cidadão na RTP1

9,1%sh e 302 mil espectadores



- **Voz do Cidadão fecha o ano de 2025 com 9,1%sh e 302 mil espectadores.**
- Atinge a marca mais competitiva e a maior plateia em abril, com 11,1% de share, e uma média de 362 mil espectadores.
- O programa supera a fasquia dos 300 mil espectadores em, Abril ; Maio; Junho; Julho e Outubro.

Perfil (adh%) e sh% e rating por targets de Voz do Cidadão na RTP1 em 2025

Target	adh%	shr%	rat (000)
Univ	100	9,1	302
Masc	40	8	121
Fem	60	9,9	181
4-14	3	2,9	8
15-24	3	3,3	8
25-34	4	4,1	12
35-44	6	5,5	19
45-54	7	4,5	21
55-64	13	7,3	39
>64	65	16,5	195
A/B	15	6,7	46
C	15	7,1	44
D	31	7,9	95
E	39	14,2	117
Norte	32	7,8	96
Centro	28	12	85
Lisboa	22	7	68
Sul	18	12,4	53
ADULTOS	98	9,6	294
Ativo	27	5,6	80
Não Ativo	74	11,7	222

Perfil do programa maioritariamente:

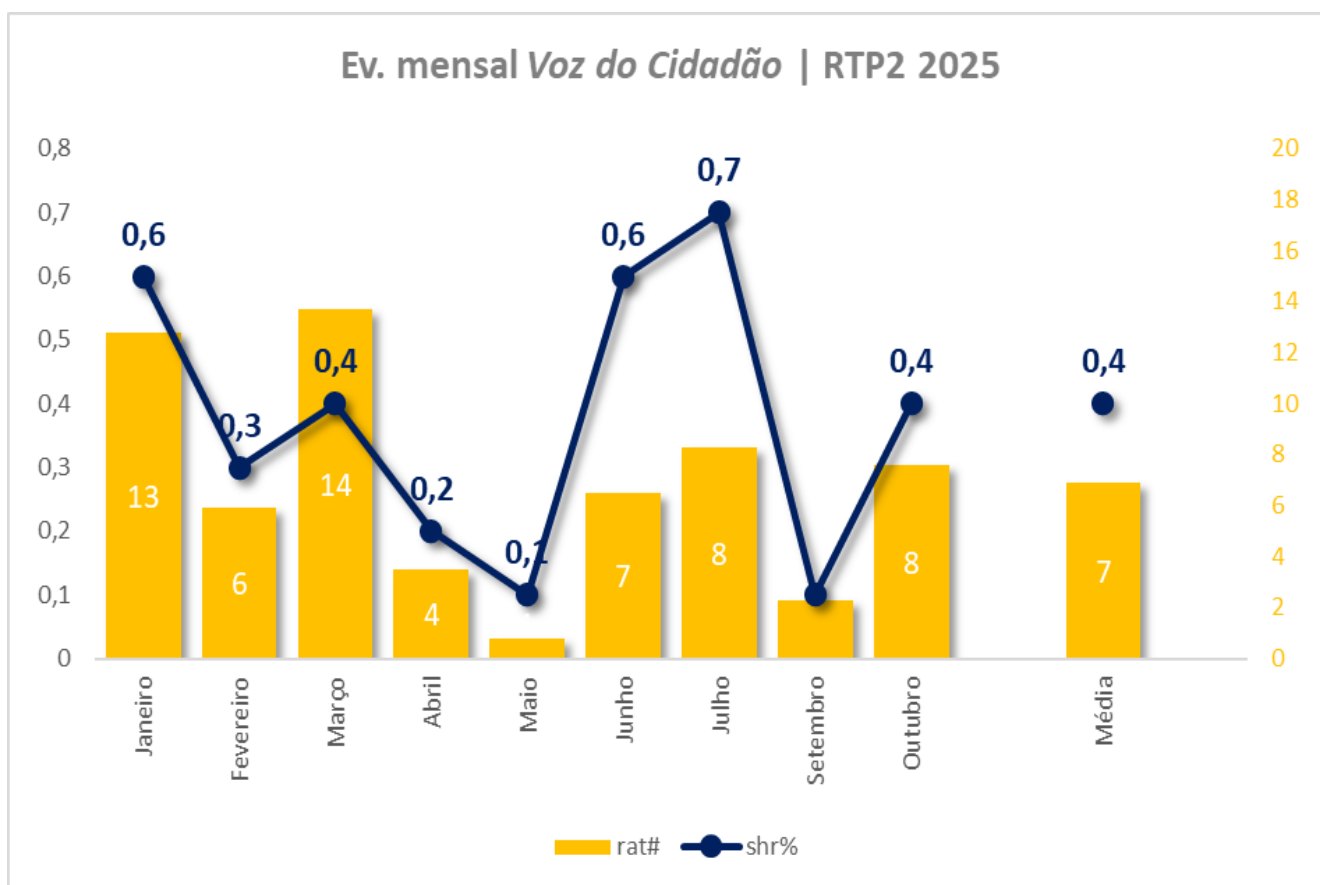
- Feminino (60% adh)
- >64 anos (65% adh)
- Status E (39% adh)
- Norte (32% adh)

Quotas acima da média do programa:

- Feminino (9,9%sh)
- >64 anos (16,5%sh)
- Status E (14,2%sh)
- Centro (12% sh)
- Sul (12,4%sh)

2025 | Desempenho de *Voz do Cidadão* na RTP2

0,4%sh e 7 mil espectadores



- Na RTP2, *Voz do Cidadão* regista 0,4%share e uma média de 7 mil espectadores.
- Os melhores resultados de share é atingido no mês de **julho** com **0,7%sh** e a maior plateia em **março** com **14 mil esp.**

Perfil (adh%) e sh% e rating por targets de Voz do Cidadão na RTP2 em 2025

Target	adh%	shr%	rat (000)
Univ	100	0,4	7
Masc	33	0,3	2
Fem	67	0,4	5
4-14	2	0,2	0
15-24	10	0,5	1
25-34	1	0	0
35-44	6	0,2	0
45-54	10	0,2	1
55-64	23	0,4	2
>64	47	0,6	3
A/B	36	0,6	3
C	23	0,4	2
D	18	0,2	1
E	23	0,4	2
Norte	47	0,4	3
Centro	8	0,2	1
Lisboa	31	0,3	2
Sul	14	0,5	1
ADULTOS	98	0,4	7
Ativo	37	0,2	3
Não Ativo	63	0,5	4

O público do programa na RTP2 pertence na sua maioria aos alvos:

- Feminino (67%);
- +64 Anos (47%);
- Classe A/B (36%adh);
- Zona Norte

Quotas acima da média do programa:

- 15-24 anos (0,5%sh)
- >64 anos (0,6%sh)
- Status A/B (0,6%sh)
- Sul (0,5%sh)

2025 | Tabela de resultados de Voz do Cidadão nos 2 canais

RTP1

Total Dia Consolidado Universo				
Data	Hora Início	Hora Fim	rat#	Cov#
Sáb Jan 11, 2025	14:14	14:29	305	432
Sáb Jan 18, 2025	14:13	14:26	286	362
Sáb Jan 25, 2025	14:14	14:31	242	358
Sáb Feb 01, 2025	14:16	14:29	300	394
Sáb Feb 08, 2025	14:16	14:31	250	384
Sáb Feb 15, 2025	14:14	14:29	354	448
Sáb Feb 22, 2025	14:16	14:29	259	317
Sáb Mar 08, 2025	14:15	14:31	311	456
Sáb Mar 15, 2025	14:15	14:29	228	326
Sáb Mar 22, 2025	14:15	14:35	334	487
Sáb Mar 29, 2025	14:13	14:27	184	334
Sáb Abr 05, 2025	14:15	14:34	370	491
Sáb Abr 12, 2025	14:15	14:31	327	472
Sáb Abr 26, 2025	14:16	14:34	383	512
Sáb Mai 03, 2025	14:15	14:29	317	444
Sáb Mai 10, 2025	14:01	14:16	401	512
Sáb Mai 17, 2025	14:21	14:40	307	474
Sáb Mai 24, 2025	14:11	14:31	301	434
Sáb Mai 31, 2025	14:15	14:34	273	444
Sáb Jun 07, 2025	14:15	14:31	241	378
Sáb Jun 14, 2025	14:14	14:28	318	441
Sáb Jun 21, 2025	14:16	14:32	335	454
Sáb Jun 28, 2025	14:04	14:18	313	478
Sáb Jul 05, 2025	14:10	14:20	338	398
Sáb Jul 12, 2025	14:11	14:21	439	514
Sáb Jul 19, 2025	14:05	14:19	220	357
Sáb Jul 26, 2025	14:05	14:20	262	347
Sáb Set 20, 2025	14:04	14:16	265	319
Sáb Set 27, 2025	14:16	14:33	263	425
Sáb Out 04, 2025	14:14	14:30	287	374
Sáb Out 11, 2025	14:14	14:31	302	456
Sáb Out 18, 2025	14:13	14:28	334	414
Sáb Out 25, 2025	14:14	14:28	328	480
[TOTAL] RTP1	14:13	14:28	302	2 908

RTP –

RTP2

Total Dia Consolidado Universo				
Data	Hora Início	Hora Fim	rat#	Cov#
Dom Jan 12, 2025	0:33	0:47	14	26
Dom Jan 19, 2025	0:53	1:06	6	23
Dom Jan 26, 2025	23:59	0:15	17	36
Dom Feb 02, 2025	0:47	1:00	1	4
Dom Feb 09, 2025	0:51	1:06	5	12
Dom Feb 16, 2025	1:03	1:18	8	8
Dom Feb 23, 2025	0:10	0:24	10	11
Dom Mar 09, 2025	0:00	0:15	10	13
Dom Mar 16, 2025	0:12	0:26	3	9
Dom Mar 23, 2025	23:57	0:17	6	26
Dom Mar 30, 2025	23:37	23:51	39	68
Dom Abr 06, 2025	1:22	1:41	0	0
Dom Abr 13, 2025	0:13	0:28	10	20
Dom Abr 27, 2025	0:34	0:51	2	18
Dom Mai 04, 2025	2:16	2:30	0	4
Seg Mai 05, 2025	2:30	2:30	0	0
Dom Mai 11, 2025	1:31	1:46	0	0
Dom Mai 18, 2025	23:59	0:17	2	8
Dom Mai 25, 2025	1:23	1:43	1	6
Dom Jun 01, 2025	0:58	1:17	5	14
Dom Jun 08, 2025	1:58	2:15	7	9
Seg Jun 16, 2025	2:48	3:02	0	0
Dom Jun 22, 2025	1:23	1:39	14	19
Seg Jul 07, 2025	3:16	3:27	0	2
Seg Jul 14, 2025	2:45	2:55	1	3
Dom Jul 20, 2025	0:48	1:02	18	41
Dom Jul 27, 2025	1:30	1:45	10	25
Dom Set 21, 2025	0:24	0:36	0	3
Dom Set 28, 2025	0:52	1:09	4	34
Dom Out 05, 2025	0:31	0:47	15	31
Dom Out 12, 2025	23:59	0:15	3	14
Dom Out 19, 2025	23:47	0:02	12	40
Dom Out 26, 2025	1:53	2:07	0	7
[TOTAL] RTP2	22:05	22:20	7	379

- Na tabela apresenta-se uma evolução semanal da audiência média (rat000) e da cobertura (Cov000 | valor total de espectadores atingidos pelo programa) nos 2 canais individualmente.
- As emissões com maior nº de espectadores a contactar com o programa *Voz do Cidadão* são:

- **RTP1**

12 jul. | audiência média | 439 mil espectadores. | maior cobertura | 514 mil espectadores contactados.

.

- **RTP2**

30 mar. | audiência média | 39 mil espectadores. | maior cobertura | 68 mil espectadores contactados.

Provedoria

Depois de quatro anos nesta função, quero dizer que foi uma honra ter assumido esta responsabilidade que me permitiu ter contacto com uma realidade de enorme e complexa riqueza. Refiro-me à globalidade dos telespectadores que me contactaram e também ao universo RTP, que passei a conhecer um pouco melhor.

Ao longo destes anos, procurei responder às dezenas de milhares de mensagens, a maior parte das quais transmiti aos responsáveis dos diferentes departamentos da RTP. Quero deixar registado que todos eles me ajudaram a dar respostas concretas a dúvidas e críticas, deram seguimento a pedidos de ajuda, nomeadamente nas áreas técnicas.

Escolhi não agir pelo confronto, optei antes por resolver questões em conversas em que cada um de nós expôs as suas opiniões, dúvidas, projetos. Este trabalho sem exposição pública permitiu resolver muitas vezes questões mais delicadas - o que, naturalmente, não foi reconhecido por quem não esteve envolvido.

Houve problemas recorrentes que não consegui resolver. Em primeiro lugar, a questão dos erros de Português, sobretudo nos rodapés das notícias, mas também na voz e na escrita de jornalistas e apresentadores. Bem sei que não é uma questão que possa ser resolvida facilmente e que radica num sistema de ensino com falhas graves. Mas continuo a pensar que é necessário um reforço da formação dentro da própria RTP, sempre que alguém se revele mais frágil neste campo. Não me refiro a gralhas resultantes de uma teclagem imediata nos rodapés, sob a pressão da atualidade. Refiro-me a erros ortográficos de pura ignorância que se mantêm e que o serviço público não pode aceitar.

O Teletexto é outro problema muitas vezes apontado pelos telespectadores e que não vi resolvido. Pode hoje argumentar-se que é um serviço obsoleto e que poucos telespectadores o utilizam - sobretudo para conhecer os resultados e futebol nas suas diferentes provas e níveis. Fui informada recentemente de que o Teletexto está em vias de ser analisado e intervencionado.

Penso que vivemos uma época preocupante, em Portugal e no mundo, com o regresso de preconceitos a todos os níveis e a entrada em força numa desinformação e mentira organizadas. Isso mesmo constatei em mensagens que recebi que talvez há alguns anos não tivessem chegado à superfície. Refiro-me, por exemplo, a mensagens de ódio, e também de carácter racista e xenófobo. Algumas tiveram resposta, outras ficaram, dada a linguagem utilizada, arquivadas como "linguagem imprópria dos telespectadores".

Gostaria de deixar, a propósito, uma reflexão sobre o papel dos provedores, que está definido por lei há 20 anos, num documento que, sendo muitíssimo acertado, não tem em conta a transição para o digital que se desenvolveu sobretudo na última década. Não estou segura de que, como aponta o Livro Branco para a o Serviço Público de Média, fosse preferível ter um único provedor com uma equipa alargada e reforçada que pudesse rapidamente compreender problemas levantados nos diferentes meios da RTP. Mas penso que é necessário fazer uma adaptação à nova realidade, para que os problemas levantados por quem apresenta queixas ou propostas sejam cabalmente entendidos. Confesso a minha dificuldade em compreender em pormenor a RTP Arena - contornei a minha ignorância pedindo ajuda aos responsáveis dessa área específica, e pude assim responder às queixas que surgiram.

Outra questão que me parece que deveria ser repensada é o atendimento aos clientes da RTP. Muitas mensagens que recebi poderiam ter sido respondidas facilmente por alguém da empresa com acesso às informações básicas (bem sei que muitas estão contempladas no site da RTP). Recebi queixas de pessoas que tentaram o contacto telefónico com a RTP e foram aconselhadas a escrever para o Gabinete da Provedora, por causa de questões como os horários da programação ou a existência de um ou outro programa. Não penso que o Gabinete do Provedor deva substituir-se às Relações-Públicas.

Estou grata aos telespectadores, por me terem contactado e permitido conhecer realidades tão diversas e contribuir para a sua possível correção. Estou grata a quem trabalha nesta grande casa, nomeadamente aos que comigo construíram semanalmente o programa Voz do Cidadão e ajudaram a responder aos telespectadores. Destaco, assim, a equipa que me acompanhou ao longo dos quatro anos, com enorme profissionalismo, entrega e carinho. Susana Faria, Paulo Galvão, Tania Martins e Sofia Esperto foram a equipa que herdei do anterior provedor e que, felizmente, mantive no Gabinete.

Guiões dos programas “A Voz do Cidadão”

PROGRAMA VOZ DO CIDADÃO - TEMPORADA 14 – ANO 2025

EPISÓDIO 1 – 11 DE JANEIRO 2025

DURAÇÃO: 14:36 MINUTOS

OFF

Hoje, trazemos ao *Voz do Cidadão*, dois casos em que os telespectadores foram privados de acompanhar programas da televisão pública em perfeitas condições. Problemas técnicos no som e na imagem, prejudicaram gravemente duas transmissões em direto, no mês de dezembro do ano passado. E tudo começou logo no dia um. No feriado nacional que celebra a restauração da independência, há desde 2012, um desfile nacional de bandas filarmónicas pela Avenida da Liberdade, em Lisboa, concretizando uma proposta de José Ribeiro e Castro.

A RTP tem assegurado anualmente a transmissão em direto do desfile, mas desta vez houve problemas e vários telespetadores protestaram.

Mensagem de Telespectador

“Centenas de músicos, centenas de quilómetros, milhares de famílias e amigos agarrados à TV, para quê? Para apreciar o tamanho das árvores? Sabemos que são segundos, tudo bem, mas porquê segundos de tão má qualidade? Imagem má; som terrível; nomes das marchas e dos compositores trocadas (mesmo que enviadas previamente), enfim”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

No desfile das bandas filarmónicas, no 1º de dezembro, eu recebi muitas queixas porque a emissão estava a ser mal recebida. O que é que aconteceu?

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Sim, é verdade, a emissão não ocorreu também como nos anos anteriores, porque tivemos ali uma série de problemas técnicos que acabaram por condicionar a captação do desfile das bandas filarmónicas.

É uma captação complexa, porque há um período muito longo, ao longo da Avenida da Liberdade, onde temos duas unidades exteriores lá a trabalhar interligadas uma com a outra. Uma cobre aquela parte inicial de onde saem inicialmente as bandas filarmónicas, depois, no final já na Praça dos Restauradores, temos uma outra unidade para fazer a zona onde todas as bandas se juntam e tocam em conjunto. A primeira unidade teve uns problemas de fornecimento de energia, ou seja, a nossa unidade geradora teve uns problemas intermitentes, começou a desligar sozinha, ligava-se, desligava-se, e isso acabou por condicionar muito a transmissão, sobretudo nessa parte inicial do desfile”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Depois normaliza, não é?

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Depois normaliza. Sim, depois o gerador estabilizou ainda na altura não conseguimos identificar qual era a causa. Só que esse problema, o que é que aconteceu, essa primeira unidade de exteriores acabou por ficar sem

intercomunicação. Ficou sem as câmaras de fecho também, que eram essenciais para fazer o acompanhamento desse desfile inicial. E ficamos sem áudio também porque não era possível captar as bandas na altura onde estavam a desfilar. O som que se ouvia era um som totalmente desplanificado, porque vinha das câmaras que estavam na parte dos restauradores, que ainda apanhavam um pouco do som, mas não era suficiente para ter uma transmissão com qualidade. Ou seja, esses problemas acabaram por afetar toda a captação do desfile, porque para além do desfile tínhamos também um palco com apresentadores e algumas zonas de reportagem. Não era possível também entrar em contacto com essas zonas de reportagem, também ficamos sem elas, portanto, no fundo, tudo isso acabou por prejudicar uma transmissão normal, que era aquilo que se pretendia”.

Mensagem de Telespectador

“No desfile de bandas no dia 1 de dezembro, quando a Banda União Artística iniciou o desfile o som que chegou aos telespectadores não foi o que nós estávamos a interpretar. Mas não será isto que nos irá desmotivar”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Teria sido possível interromper, tomar a decisão, vamos parar, não conseguimos, vamos parar?

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“O evento, estava a decorrer, se nós parássemos a transmissão deixávamos de dar o evento, portanto, a opção foi, apesar dos problemas que temos estamos a tentar resolvê-los a qualquer momento vamos conseguir resolvê-los, portanto vamos manter à mesma transmissão porque aí não podíamos parar todo o desfile, iríamos atrasar todas as cerimónias não fazia sentido”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Não é propriamente uma coisa que se faz em estúdio e que agora vamos parar...

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Não, não é uma coisa que nós estejamos a produzir e controlemos os tempos e tudo, não é essa a questão, não faria sentido interromper. Era preferível manter, apesar dos problemas que tivemos, tentar, e a equipa realmente tentou contornar esses problemas da melhor forma possível, mas iríamos perder grande parte do desfile”.

Mensagem de Telespectador

“Uma das poucas oportunidades das bandas poderem mostrar o excelente trabalho que fazem, principalmente nas pequenas localidades do interior, é mostrada com intermitências e imagens da assistência que em nada contribuem para o que se pretende. Pede-se um tratamento mais sério e bem preparado para estes momentos. É um desfile cultural, não é a passeadeira vermelha de qualquer desfile de vedeta”.

OFF

A emissão da RTP de 1 de dezembro de 2024, suscitou outro protesto de quem sentiu a falta das comemorações oficiais da data.

Mensagem de Telespectador

“É lamentável verificar que nenhum dos canais da TV que os portugueses pagam, fez a cobertura em direto das comemorações do 1º de Dezembro”.

OFF

A esta cerimónia a RTP dedicou uma ligação em direto de 3 minutos no espaço informativo 3 às 11:00, na RTP 3, e mais tarde exibiu reportagens nos outros espaços informativos.

Houve quem considerasse insuficiente.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebi um protesto por não ter sido transmitido em direto a cerimónia do 1º de Dezembro na RTP 1. O que eu queria saber é se era habitual ser transmitido em direto, e se era habitual, porque é que este ano não foi?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Não é habitual transmitirmos a cerimónia integral das comemorações do Dia da Independência, o que não invalida que não seja habitual e foi, mais uma vez, a cobertura daquilo que aconteceu na Praça dos Restauradores. Mantivemos uma equipa de reportagem no local, houve um direto feito às onze da manhã na RTP 3. Houve peça de reportagem que foi para o Jornal da Tarde, atravessou a informação da RTP e também o Telejornal. Dir-se-á, bom, mas por que não transmitir na íntegra? Bom, as possibilidades de transmitir na íntegra muitos acontecimentos relevantes são inúmeros todos os dias, e portanto, obviamente que não o poderemos fazer, e fazemos sempre escolhas em função do valor notícia. Felizmente, para o país, a independência nacional não é, digamos, algo que nos deixe dúvidas ou que nos obriga a comemorações muito intensas. Isso não invalida que desvalorizemos esta celebração, mas nós temos sempre feito notícia e acompanhado, como o fizemos com uma equipa de reportagem, este dia no que houve demais relevante. Aliás, salvo erro, no Telejornal, foi mesmo até a segunda notícia a seguir ao primeiro dia do novo Presidente do Concelho Europeu, que nessa ocasião estava em Kiev, na Ucrânia, na sua primeira visita”

OFF

Cinco anos após o incêndio, a Catedral de Notre-Dame voltou a abrir as portas para deslumbramento de quem amam a arte, a cultura e a história. *“O Renascimento de Notre Dame - Concerto de Reabertura da Catedral”*, era um momento muito aguardado, mas de novo, problemas técnicos estragaram a festa de quem em casa queria assistir ao espetáculo.

Mensagem de Telespectador

*“Como se pode ouvir um concerto musical com tanta interferência?
É uma irritação constante. Um exemplo de como o belo pode ser odiado.
Nada justifica continuarem com a transmissão”.*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A transmissão do concerto da reinauguração de Notre-Dame, foi também muito tumultuosa, digamos. Isto é, logo no princípio houve cortes estranhos e durante todo o concerto, ou pelo menos o que eu ouvi, foi de facto ao longo de todo o concerto, havia vozes que me parecia que estavam na régie, ou não sei explicar...

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Sim, é verdade, é verdade, eram as vozes de coordenação com os comentadores que estavam a falar no programa, mas o que aconteceu aqui foi: nós tivemos muitas falhas na receção do sinal que vinha de Paris, ou seja, essas falhas originaram cortes de vídeo, cortes de áudio, o som nem sempre estava em condições e na tentativa de tentar minorar esses problemas, porque era um problema na receção, não podíamos agir sobre ele, estávamos a tentar minorar esses problemas e aí aconteceu um erro operacional em que o microfone da coordenadora que estava a dar as indicações para os comentadores, passou a entrar no final. Ou seja, o que acontece aí é quando estamos a tentar ouvir o som internacional que estava a chegar e a tentar melhorar esse som, acabamos por descurar um pouco essa questão do final onde estava a entrar esse microfone que ninguém deu conta na altura e que infelizmente é um erro que acontece devido aos problemas também que houve com essa transmissão.

De qualquer forma, também já pedimos à TF1 a gravação de todo o evento para podermos passar agora de forma já correta”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E vão voltar a ter as comentadoras?

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Sim, sim, vamos. Não vamos ter que refazer os comentários, ou seja, nós temos também as pistas de gravada, portanto podemos aproveitar já com o som limpo e aproveitar toda a parte da transmissão já limpa também sem problemas para podermos passar novamente o evento”.

Mensagem de Telespectador

“Quero falar da transmissão do espetáculo musical da reconstrução da Notre - Dame, que estou a ver (mal) e a ouvir (muito mal). É inadmissível que tenham transmitido o espetáculo com anomalias constantes na imagem e no som. Pergunto: Sendo a transmissão diferida em algumas horas, não poderia a RTP ter solicitado nova cópia, em melhor estado, desta gravação? Tiveram mais que tempo para a substituir. Em poucos segundos tê-la-iam recebido da TV francesa”!

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O concerto tinha sido uma hora antes da transmissão em Portugal...

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“O concerto, o direto em Paris era uma hora antes do que estava previsto para nós emitirmos. Ou seja, o que nós fizemos nós gravámos em “crash recorde”, que é uma forma de transmissão em diferido, quando o programa também ainda não está concluído, ou seja, a emissão, a transmissão a partir de Paris, ainda estava no ar na parte final, quando nós começamos a emitir desde o início. Portanto, há esse período de diferido. Ou seja, não tínhamos tempo sequer para estar a corrigir aquilo que correu mal”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Esses problemas de receção...Mas já o problema do som a partir do momento em que começa a transmissão, as pessoas que estão em casa a ouvir e com certeza deram por isso, e mesmo aqui, imagino, deram por esse por esse som, porque é que não foi, entretanto cortado uma vez que...

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Pois a questão é que estava toda a gente tão embrenhada a tentar corrigir as falhas técnicas que acabou por descurar um bocadinho a atenção devido à transmissão. Nós próprios também não ficamos satisfeitos com aquilo que aconteceu nestes dois projetos e não temos outra razão senão pedir desculpa garantir que para a próxima não vai acontecer. Aliás, já tivemos um “debrief”, uma reunião, sobre estas duas situações. No caso do desfile das bandas filarmônicas, já vamos introduzir mais sistemas de “backup”, alternativos, para evitar este tipo de problemas para termos sempre mais redundâncias que nos possam aliviar isso, e aqui também no caso da transmissão de Notre-Dame, estamos a avaliar se temos algum problema na nossa receção, ou se realmente o problema foi na origem, e aí não temos forma de o contornar”.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio mostrar a minha desilusão pela má qualidade da transmissão deste concerto”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Em tão pouco tempo, haver dois problemas tão complicados, pode levar as pessoas a pensar: o material está obsoleto, culpar o material, é preciso material novo? É assim, ou não é assim?

Paulo Resende, Diretor de Produção da RTP

“Sim, ou seja, o nosso material, grande parte dele também está muito envelhecido, temos equipamento com 30 anos ainda a funcionar, é verdade. Também é verdade que estamos já num período de reconversão desse material, ou seja, estamos a adquirir novos equipamentos, estamos a transformar os nossos métodos de trabalho, mas tudo isso é um processo gradual e demorado, que exige grandes quantias de investimento, portanto tem que ser sempre faseado ao longo dos anos. E é isso que temos vindo a fazer, já deste os últimos dois, três anos, e vamos prolongar agora, espera-se de forma mais célere, que possamos reformular toda a nossa infraestrutura técnica, que neste momento está muito obsoleta, sim”.

OFF

Todos cometemos erros, mas há erros indesculpáveis e que comprometem a credibilidade que a RTP sempre garantiu aos telespetadores. Se na origem destes dois casos que descrevemos estão equipamentos obsoletos e a precisar de renovação, então é necessário continuar a investir nesta área de forma planificada, para evitar ter de acorrer a soluções de emergência. Haverá sempre imprevistos e acidentes, mas como disse o diretor Paulo Resende, criar mais redundâncias não é um desperdício é uma salvaguarda que deve ser sempre disponível.

O programa da Provedora fica por aqui. Um bom ano para todos e até à próxima semana.

EPISÓDIO 2 – 18 DE JANEIRO 2025

DURAÇÃO: 12:47 MINUTOS

OFF

Há anúncios publicitários que ficam para a história.

Anúncios tão criativos que se tornaram icónicos em Portugal.

Mas é no Natal que, desde sempre, as marcas apostam em campanhas publicitárias mais arrojadas para incentivar ao consumo. Começamos por uma das campanhas da Coca-Cola, a marca que “inventou” nos anos 1930 o Pai Natal bonacheirão com barbas brancas e fato, evidentemente, vermelho.

OFF

Estes anúncios remontam às décadas de 1980 e 90.

Desde então muita coisa mudou no mercado publicitário. Todos os anos é esperado com curiosidade o filme natalício de grande produção dos armazéns britânicos John Lewis, sempre com um fundo emocional. Como fez notar a escritora Isabela Figueiredo numa crónica recente no jornal Expresso, há uma tendência para contar histórias comoventes em filmes mais extensos do que o habitual, apenas com uma ténue referência à marca. Estes filmes são depois desdobrados em pequenos spots baseados na memória da história inicial e com apelos diretos ao consumo.

Agora que terminaram as festas e o espírito natalício fica em pausa por um ano, olhamos para a publicidade que passou na televisão neste período. Por trás de cada anúncio há sempre uma mensagem, seja explícita ou implícita, e neste Natal o foco foi para temas da atualidade como a imigração, a solidariedade, a solidão dos mais velhos ou o apelo à utilização responsável de telemóveis - apelo este lançado por uma operadora de telecomunicações

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na época do Natal, temos uma publicidade que é muito fofinha, muito a falar das questões de família, mas com mensagens que no fundo, socialmente, são muito importantes. É uma tendência que só aparece no Natal ou é uma tendência da publicidade hoje em dia?”

Cristina Viegas, Diretora comercial da RTP

*“É verdade. No Natal, há uma predisposição natural para muitas marcas, abordarem temas sociais ou, como, por exemplo, o isolamento dos mais idosos e outros como a inclusão e a aceitação da diferença, mas é uma tendência que tem vindo a ser mais marcada ao longo de todo o ano. As marcas têm efetivamente, cada vez mais preocupações a este nível, desde a aceitação do próprio corpo, por exemplo, há uma marca que trabalha isso muito bem há muitos anos e é uma comunicação permanente ao longo de todo o ano, e ao longo de vários anos. Portanto, tenderia a dizer que sim, é uma tendência cada vez mais relevante e mais real na nossa vida e nas nossas antenas, sim. **E no fundo não é só o anúncio a dizer compre isto compre aquilo, é um filme que conta uma história, não é?** Muitas vezes nem fazem qualquer tipo de apelo à compra. É mesmo para chamar a atenção para determinados assuntos como o isolamento dos idosos, como já referi, está neste momento uma campanha muito forte a decorrer. Mas outros também, como a incontinência, temas que são muitas vezes tabu, que são muitos difíceis de abordar que as próprias pessoas têm dificuldade em aceitar perante os outros e até falar com amigos às vezes é difícil. E a publicidade aborda estes temas de uma forma natural. E há vários sobre a impotência sexual, variadíssimos, o problema da audição. A publicidade aborda esses temas de uma forma natural. As pessoas ficam informadas sobre isto. É uma coisa recorrente. Acontece não só a mim, mas também aos outros e, portanto, sentem-se mais normais, se assim for o caso e sabem, têm conhecimento de como é que podem agir para resolver o seu problema”.*

OFF

Estes minifilmes surgem sobretudo de grandes marcas porque só elas têm capacidade financeira para suportar campanhas publicitárias massivas em televisão.

No digital, a duração máxima é de 30 segundos mas essa questão é contornada direcionando o espectador para os sites oficiais das marcas.

Isabel Marques, Direção Comercial Digital e Rádios RTP

“O que estamos a propor às marcas é que, sempre que elas produzem filmes que obviamente façam feat também com a nossa marca, nós alojamos na RTP Play e depois fazemos estes pequeninos mini filmes para esses call to action que vão estar genericamente na plataforma a canalizar a audiência para a visualização

completa. Porque o espaço é muito caro e portanto as marcas muitas vezes têm-se vindo a refugiar cada vez mais. E também porque o que nós assistimos hoje é que as marcas têm necessidade de contar histórias e é nessas histórias que querem passar as suas mensagens, os seus valores, o seu posicionamento e portanto precisam de tempo”.

OFF

A campanha publicitária de uma marca de retalho chamou a atenção este Natal... São duas histórias interligadas que apelam à generosidade e aproximação interpessoal entre desconhecidos, lembrando que existem em Portugal milhares de idosos a viver na solidão.

O trabalho foi feito pela agência de publicidade “Fuel” sob o lema “todos recebemos mais quando damos mais”.

João Madeira, Co-CEO & Chief Creative Officer da Fuel

“Nós estamos muito habituados a ver a comunicação mais direta, mais comercial, mais sintética e acho que nos desabituaamos, não nós publicidade, porque seguimos muitas histórias mas no geral acho que as pessoas são impactadas por muito mais publicidade curta e comercial do que publicidade com histórias. Ou seja, isto para dizer que eu acho que continua a haver, acho que há menos. Então quando há, acho que as pessoas se envolvem mais com essas histórias e também há outra razão, é preciso algum investimento e ser uma marca que comunica muito ao longo do ano para quando de repente, na oportunidade que tem para comunicar, não ter que falar diretamente do ponto de vista comercial”.

OFF

A publicidade deixou de servir exclusivamente para vender e promover um produto. cTem cada vez mais o papel de transmitir valores e reflete a sociedade em que vivemos.

João Madeira, Co-CEO & Chief Creative Officer da Fuel

“É um statement da marca depois é uma história que está todos os dias no ar. Ou seja, não é um filme que nós vimos uma vez e já nos esquecemos. Eu acho que nos lembra todos os dias lá está desses valores. E depois eu acho que, como manifestação cultural, a publicidade reflete muito os tempos em que vivemos, porque nós vamos sempre pegar no contexto ou em sites que estejam agora mais em voga para criar essa relação com as pessoas. Então é muito o espelho da sociedade em que vivemos”.

OFF

A publicidade evoluiu.

Hoje seria impensável passar alguns dos anúncios feitos no passado.

A lei da publicidade coloca limites como a proibição do apelo à violência ou a discriminação por raça ou sexo.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Hoje, quando vemos anúncios dos anos sessenta ou... e se formos então à publicidade internacional, aparecem coisas que hoje seria impossível?

João Madeira, Co-CEO & Chief Creative Officer da Fuel

“Impossível. Há umas páginas engraçadas nas redes sociais, Portugal antigamente e publicidade antiga, agora não tenho presente...E quando há desses, no outro dia vi de uma marca de bebidas alcoólicas, que nem era...eu ia dizer que não era muito mau, claro que era muito mau. Eu acho neste momento que quando pensamos nisto

*pensamos sempre no pior e neste caso nem era o pior mas não faz sentido, eu olho para aquilo e não me revejo. Não percebo como é que algum dia podemos pensar assim. É muito engraçado. E lá está a publicidade era o reflexo daquilo que... **da sociedade...** exatamente”.*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A publicidade anda sempre um pouco à frente, em termos até estéticos, não ?

João Madeira, Co-CEO & Chief Creative Officer da Fuel

*“Sim, um bocadinho porque para trazer novidade nós temos de estar muito a par de tendências de coisas que nunca tenham sido ditas, coisas que nunca tenham sido vistas, senão não chamamos a atenção. E acho que obriga-nos um bocadinho a estar sempre à frente neste lado mais de comunicação e às vezes até artístico. **De alguma maneira, podia dizer que esta publicidade que tem mensagens mais solidárias é quase um contraponto àquilo que nós todos os dias vemos nos noticiários. Não é porque nós temos muita muita informação sobre guerras, sobre catástrofes, sobre refugiados, imigrantes e de facto, a publicidade podendo fazer essa diferença pode ter esse papel. Não é?** Sim, há cada vez não só a publicidade, mas as próprias marcas em si. As marcas têm um papel até mais interventivo, no sentido em que podem financeiramente, ajudar certas causas, etc e mudar certas questões. A publicidade, eu acho que tem, e é engraçado porque nós temos cada vez mais clientes que nos pedem isso, que é serem um dos momentos mais divertidos do dia das pessoas. Já há muita coisa com que nos preocupamos que vemos nas notícias e nos nossos trabalhos, nas nossas vidas. Então, já que vamos invadir a vida das pessoas para lhes dizer uma coisa que, se calhar elas nem querem ouvir. Ao menos que o façamos de uma forma cómica, engraçada, que lhe traga alguma leveza ao dia delas e também há... Se não for divertido, pode ser emocionado. Esta a história do Continente, não é divertida, mas quem vê se calhar fica emocionado. Sente-se bem. **Faz pensar?** E eu acho que isso é um papel.. exatamente, faz pensar. E eu acho que isso é um papel que nós temos que ter quando pensamos e nós pensamos muito nisso, ninguém quer ver o que nós temos a dizer quem quer. Quanto mais tivermos isto presente, melhor. Nós temos que fazer com que ah, deixa-me ir lá ver o que é isto E não podemos, Olha, vê isto. Não podemos colar à frente da cara, das pessoas. Eu acho que isso também ajuda a termos histórias melhores”.*

OFF

Histórias melhores e melhores anúncios, melhoram também, no geral, o produto final que chega a casa dos telespectadores da RTP e, cada vez mais, na RTP Play.

Em breve traremos um novo Voz do Cidadão sobre publicidade, e em especial sobre a continuação da mesma nos ecrãs da RTP em 2025.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 3 – 25 DE JANEIRO 2025

DURAÇÃO: 16:35 MINUTOS

OFF

Hoje, tomamos o pulso ao jornalismo de investigação realizado pela informação da estação pública de televisão. Falar de jornalismo de investigação é também lembrar os tempos em que a RTP foi pioneira neste género jornalístico com, por exemplo, o programa *Grande Reportagem*, da autoria de José Manuel Barata Feyo, nos anos 1980, mais tarde adquirido pela SIC.

O mediatismo de inúmeros casos das últimas décadas como: os processos Casa Pia, Maddie Mccann, BES, José Sócrates, as questões ambientais, o poder local e outros temas têm ocupado os jornalistas desde o início do século. Pelo meio ficaram os Panama Papers e as investigações de um consórcio de jornalistas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Sinto falta de mais reportagem de investigação, de grande investigação. A grande reportagem que foi durante muitos anos habitual na RTP. É por falta de pessoal? É por falta de investimento? O que é que se passa, ou eu estou errada?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Nós gostaremos, e gostamos e queremos fazer mais a esse nível.

Quando falamos de investigação jornalística nós estamos a falar verdadeiramente em boa parte daquilo que fazemos, é pressuposto que uma notícia exija investigação, nem todas com a mesma intensidade ou com a mesma largura. Mas nós temos a preocupação de manter um formato de investigação jornalística ou de grande investigação semanal, que é a Prova dos Factos, à sexta-feira na RTP1, do mesmo modo que também mantemos e fazemos questão de continuar um formato de grande reportagem, que é a Linha da Frente. Temos ainda, os géneros televisivos têm limitações diversas, mas também algum investimento que fazemos na redação da RTP com formatos de documentário. Aliás, este ano, a pretexto até de várias datas relevantes como os 50 anos do 25 de Abril, tivemos, fizemos esforço nesse sentido em vários domínios, várias equipas foram recuperar a memória e ver o que é que restava, o que é que ainda havia de testemunhos desse tempo de há 50 anos. Fizemo-lo em relação ao 25 de Abril, fizemos em relação ao primeiro 1.º Maio em liberdade, levantámos algumas das grandes questões que atravessaram a nossa memória mais recente. Do mesmo modo que apostamos também em fazer grande reportagem fora de portas e isso aconteceu, estamos a falar numa semana em que a informação da RTP recebeu distinções importantes que fizemos com trabalhos desenvolvidos, alguns cá e fora, por exemplo, em relação a refugiados afegãos que vieram para Portugal. E também fizemos no Afeganistão com uma grande reportagem que desenvolvemos lá, quando os talibãs faziam dois anos de regresso a Cabul. Isso são exemplos das nossas apostas e também das nossas deslocações para terrenos em que a História está a deixar marcas em regra bastante cruéis na nossa vida. Também, neste momento em que falamos temos uma equipa de reportagem em Damasco, que chegou para testemunhar a evolução e o que está a acontecer naquele país.”

OFF

Os termos jornalismo e investigação são indissociáveis. Todo o trabalho jornalístico deve ter como princípio uma rigorosa e profunda pesquisa.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Rita Marrafa de Carvalho, muito obrigada por vires aqui conversar comigo sobre grande reportagem, grande investigação. Para mim, como jornalista, é a grande forma de fazer jornalismo é, a grande reportagem.

Rita Marrafa de Carvalho, Jornalista RTP

“É o género maior. A reportagem é, sem dúvida, um género maior jornalístico, é aquele que exige do jornalista as suas maiores especificidades e qualidades de ir para o terreno, de perguntar, usar essa arma, que é a nossa, que é o poder da questão, de procurar diferentes visões sobre o mesmo facto, encontrar o contraditório e dali filtrar e tecer uma história para que chegue ao público com as diferentes perspectivas e com uma linha narrativa que siga esta linguagem jornalística, que é de tradução da realidade e de exposição da realidade.”

Luís Filipe Simões, Presidente do Sindicato de Jornalistas

“Todo o jornalismo de qualidade é um serviço público. Mas a responsabilidade da RTP em traçar caminhos, em ser o farol, pode ser fundamental para ter um efeito mimético e que todos possam valorizar esta parte do jornalismo que é fundamental.”

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Não são muitas pessoas, às vezes imagina-se que há muitos recursos disponíveis na equipa de reportagem do Linha da Frente, nós temos oito pessoas dedicadas em permanência a esse formato semanal, na investigação. No programa A Prova dos Factos temos seis pessoas também dedicadas a esse formato. Gostaríamos de ter mais...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Mas pela sua natureza são trabalhos que exigem tempo, não é?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Exigem tempo...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Porque não é só mostrar. Não é como uma reportagem do dia-a-dia.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Mas mesmo no dia-a-dia exigem recursos e muitas vezes não se veem porque nem sempre chegam a bom termo. Nem sempre justificam serem mostrados porque se calhar estávamos errados no caminho que percorremos, ou então o que apuramos não era manifestamente notícia. Mas eu costumo dizer que a investigação é uma disciplina que nós devemos desenvolver diariamente, às vezes exige mais tempo, às vezes exige um formato de maior dimensão, mas é algo que devemos todos os dias cultivar, mesmo que isso se traduza depois numa peça de um minuto e meio, dois minutos, três minutos.

Por exemplo, os abusos na Igreja foi um trabalho continuado que nós fomos fazendo ao longo do tempo, e nem sequer enquadrado necessariamente num destes programas de que falei. Ele foi acontecendo ao longo do tempo, à medida que fomos tendo histórias para contar.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Não deixar cair temas, é isso?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Não deixar cair, sobretudo naqueles que são mais sensíveis e mais...exigem mais tempo e mais atenção.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu sinto que há um défice de reportagens, das reportagens longas, feitas com muito tempo, em geral, não apenas na RTP. E penso que isso se deve ao facto de as redações serem hoje muito curtas, terem pouca gente.

Podemos concordar nisso?

Luís Filipe Simões, Presidente do Sindicato de Jornalistas

“Podemos concordar. A explicação muitas vezes dada é esse, que há redações curtas, não há um número suficiente de jornalistas para fazerem esse jornalismo, e esse jornalismo é fundamental. Esse é o jornalismo fundamental para as democracias, que é o jornalismo feito com tempo e feito na rua com pessoas. E hoje há redações com muito pouca gente e quando uma redação tem pouca gente a tendência é os jornalistas não saírem, porque não há tempo. Faz-se quase tudo e o trabalho jornalístico por telefone, quando não faz a reagir ao que vai saindo nas redes sociais ou noutros órgãos. Mas essa é a chave. O jornalismo precisa de reportagem.”

Rita Marrafa de Carvalho, Jornalista RTP

“Quando me falam se eu tenho a equipa ideal, eu tenho as pessoas mais incríveis nesta equipa que fazem das tripas coração para todas as semanas termos um programa de 30 minutos de investigação que traz algo que as pessoas não conheciam, e, acima de tudo, que acaba por revelar aquilo que alguns não querem que se conheça, a verdade é essa. A investigação passa muito por trazer a lume aquilo que muita gente gostaria que se mantivesse escondido. Se gostava de ter mais gente, obviamente que sim, se gostava de ter mais tempo, também. Por vezes é um bocadinho idílico achar que conseguimos fazer investigação semanal. Por isso é que as equipas normalmente têm de ser um pouco maiores, para que enquanto alguns colegas já estão no terreno a levantar questões, a lamber o papel como nós dizemos, outros já estão na fase de edição para que não haja aqui uma perda dinâmica de tempo.”

OFF

Atualmente na RTP, os formatos que mais se dedicam ao jornalismo de investigação, são programas como o *Linha da Frente* e *A Prova dos Factos*. Além destes, que se apresentam semanalmente em grelha, a RTP tem privilegiado trabalhos de documentário, recorrendo a abordagens mais cinematográficas.

Haverá espaço para mais?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Gostaríamos de produzir de modo próprio, mais documentários sobre diversos temas. Estamos a trabalhar em documentários que vão demorar, vão exigir muito tempo. Por exemplo, sobre a história da democratização do nosso Parlamento, da Assembleia Nacional até à Assembleia Constituinte, passando pela ... ou melhor, da Assembleia Nacional à Assembleia da República, passando pela Assembleia Constituinte, e isso vai demorar tempo. São dois documentários que estamos a preparar. No próximo ano passam os 50 anos da descolonização. Queremos também marcar o ano com trabalhos que deem conta do que aconteceu há 50 anos, e das marcas que deixou o processo de descolonização e de independência das antigas colónias, e portanto, são apostas que a RTP faz e sem a RTP decerto não seriam as mesmas.”

OFF

Num momento tão delicado para a comunicação social em Portugal e no mundo, ainda é possível encontrar projetos de investigação jornalística demorada e profunda. Com muito esforço pessoal de uma curta equipa, a revista digital *Divergente*, fundada em 2014, é uma cooperativa jornalística. Com reportagens premiadas, é um órgão de comunicação independente e de referência em Portugal.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Queria perceber como é que a *Divergente* vive a fazer só reportagem de investigação?

Pedro Miguel Santos, Jornalista da revista *Divergente*

“Temos várias estratégias de financiamento, além de termos procurado e continuamos a procurar financiamento através de bolsas de investigação e do apoio dessas fundações, para um apoio mais estrutural, não é? Temos que procurar também o apoio dos leitores e da comunidade.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que isso se faz? Como é que as pessoas podem colaborar?

Pedro Miguel Santos, Jornalista da revista Divergente

“As pessoas vão ao nosso site Divergente.pt há uma parte que diz “contribuir” e podem apoiar-nos porque nós não vendemos nada, no sentido em que...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E não aceitam publicidade.

Pedro Miguel Santos, Jornalista da revista Divergente

“Não aceitamos publicidade e subscrevem, apoiam-nos com uma doação. Conseguimos mostrar um documentário fruto de uma grande investigação que fizemos sobre os comandos africanos da Guiné - chama-se “Por ti Portugal, Eu Juro”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que já hoje é um livro, também.

Pedro Miguel Santos, Jornalista da revista Divergente

“Essa é uma das estratégias. A investigação foi lançada em 2022 e está no nosso site, é uma profunda investigação multimédia, muito premiada. Mas uma das estratégias da Divergente é depois através disso, por exemplo, publicá-la noutros grandes meios, ela foi capa da revista do Expresso e daí veio algum rendimento e chegou a outros públicos maiores. Há-de ser um documentário na RTP, que há de passar em 2025. É um filme, esse documentário que há de ser adaptado para a RTP, foi ao DocLisboa ,ao Festival Internacional de Documentário, ganhou dois prémios do público, está nos cinemas e há-de andar a correr durante este ano numa série de cineclubes e, é também um livro, ou seja, o que nós queremos é chegar ao maior número de pessoas possível, nos melhores formatos possíveis, com a maior qualidade e com o maior brio que consigamos.

OFF

O Jornalismo lento, que respira antes de contar uma história, contrasta com o imediatismo voraz das notícias diárias, e muitas vezes este modelo de trabalho é olhado como prática excecional.

Luís Filipe Simões, Presidente do Sindicato de Jornalistas

“Por vezes é um trabalho solitário e como todos os trabalhos solitários, tem momentos de grande frustração, porque não nos aparece propriamente aquilo que procuramos, ou demoramos demasiado tempo a chegar onde chegamos. Porque às vezes pede-se e uma grande reportagem a um jornalista numa semana, e o dia tem que ter horas a fio porque não há tempo para se fazer tudo. Não, não é um privilégio fazer reportagem. É uma exigência máxima e não é melhor que os outros trabalhos noticiosos, mas é um trabalho muito exigente, e não, não é um privilégio. Já não há mais tempo. O jornalismo tem que ser apoiado, deve ser apoiado, sobretudo numa altura, ainda agora vimos o Facebook a dizer que não vai verificar factos, e hoje corremos o risco de ninguém perceber o que é informação e desinformação”.

OFF

Os tempos que vivemos exigem mais dos meios de comunicação tradicionais. Mais rigor, mais investimento, mais tempo, mais recursos humanos. O que os telespectadores querem da RTP é que continue a assumir as suas responsabilidades nesta área; com coragem e Isenção. Essa liberdade de investigar é a melhor garantia de uma democracia saudável e escrutinada pelo serviço público de televisão.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 4 – 01 DE FEVEREIRO 2025

DURAÇÃO: 12:59 MINUTOS

OFF

Ao fim de vários anos de atraso, está em discussão pública uma proposta governamental de um novo Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão. Neste documento, o anunciado fim da publicidade na RTP1 passou a ser “tendencial” em vez de implicar uma diminuição de dois minutos por ano até ao fim da publicidade em 2027.

PUBLICAÇÃO NO SITE DO GOVERNO

“Recomenda-se que a RTP 1 não deve ser, tendencialmente, financiada por publicidade televisiva comercial, em benefício dos seus públicos, libertando a grelha para o foco exclusivo na prestação do serviço público que lhe cumpre

OFF

Este documento tem outra mudança relacionada com a publicidade - a contagem passa a ser de doze minutos em cada período de duas horas, em vez dos seis minutos por hora, e esta alteração faz todo o sentido pois há situações como jogos de futebol ou outras transmissões em direto que podem alargar-se por mais de uma hora

Em outubro de 2024, o Governo tinha anunciado um conjunto de medidas para a comunicação social. A medida que provocou maior reação foi a do fim da publicidade na RTP.

A administração da RTP pode para já respirar de alívio.

OFF

Mas de que forma o fim da publicidade poderia, de facto, afetar a RTP? Seria a única a perder com isso?

Cristina Viegas, Diretora Comercial RTP

*“A RTP é financiada de forma mista, como a grande maioria dos serviços públicos da Europa, em que parte do financiamento vem da contribuição do audiovisual e outra parte vem das receitas comerciais. Dentro das receitas comerciais uma parte significativa é a publicidade. **Porque há outras receitas comerciais?** Há outras receitas comerciais, como a venda de conteúdos, distribuição de canais, e sim as plataformas remuneram a redistribuição dos sinais, mas o grosso efetivamente vem da contribuição do audiovisual que neste momento no caso da RTP, representa cerca de 80%. As receitas comerciais, no todo, depois representam o resto, sendo que a publicidade apenas representa 9% do total das receitas da da RTP. **Mas isso poderia querer dizer que é irrelevante quase?** Não, não, não é irrelevante, é relevante, 9% é relevante mas quando nós comparamos com os outros países da Europa efetivamente, Portugal não é daqueles onde, no modelo misto, a publicidade tem*

mais peso. Nós temos, por exemplo, uma Islândia ou uma Irlanda onde 30% do financiamento vem das receitas publicitárias. Depois temos uma Áustria que anda mais à volta dos 20 e depois temos países como Portugal que estão abaixo dos dez. Portanto, há uns que têm muito mais relevância do que nós, mas depois há outros no extremo, como uma BBC, que não tem receitas, na Grã Bretanha não têm receitas publicitárias, mas isto não é uma exceção. Portugal faz parte dos países que têm um financiamento misto e dentro dos financiamentos mistos até tem um peso menor. Aliás, o financiamento da RTP é relativamente baixo quando comparado com outros serviços públicos da Europa”.

REPORTAGEM RTP SOBRE FIM DA PUBLICIDADE NO SERVIÇO PÚBLICO DE ESPANHA

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve países que acabaram com a publicidade nos serviços públicos de televisão de rádio e televisão?

Cristina Viegas, Diretora Comercial RTP

*“O mais recente que acabou completamente foi Espanha acabou em 2009. França acabou durante o prime time, o prime time que é o pico de consumo, portanto, a partir das oito da noite e também em 2009. O que mostram os números é que o mercado, num primeiro momento, tem ali um ajuste, sendo que no segundo/ terceiro ano vê-se perfeitamente que o dinheiro que ia para o serviço público em termos de publicidade sai do mercado nacional e tem tendência a ir para as plataformas internacionais. **Não vai para os outros operadores?** Num primeiro ano, por exemplo, em Espanha sim, nota-se que há ali um movimento, mas depois a partir daí, desaparece do mercado nacional, sim”.*

OFF

O fim da publicidade na RTP representaria uma perda de receita mas o canal público de televisão não seria o único afetado. A indústria publicitária deixaria de poder contar com a RTP para colocar os seus anúncios e, em última análise, também os telespectadores seriam afetados.

Cristina Viegas, Diretora Comercial RTP

“Eu acho que a indústria publicitária é muito relevante para além dos tabus que já falamos e que de facto a publicidade aborda tabus que são difíceis de muitas vezes abordar em outros ambientes. Contribui muito também para as indústrias criativas, desde produtores, realizadores, música, ou seja trabalha, porque é a partir daí, a publicidade é muito criativa, também é muito importante para o PIB. Um euro investido em publicidade traz um retorno para o PIB de mais de quatro euros. É um estudo da Deloitte recente. E depois acho que é uma forma também de informar. Ou seja, as pessoas gostam de saber o que é que existe de novo. Gostam de saber que produtos e serviços têm, que coisas estão a acontecer. E portanto é tipicamente também uma fonte de informação, diferente, mas também traz consigo um certo tipo de informação e portanto, se a RTP deixar de estar dentro deste ecossistema, acredito que o setor fique mais pobre, porque a RTP é relevante, tem o seu papel e portanto, ser separada deste mundo... Acho que na verdade todos perdem. A RTP porque deixa de estar neste mercado, e o mercado porque deixa de publicitar, deixa de poder contar com a RTP para amplificar as mensagens”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Enfim, eu sou provedora dos telespectadores. Os telespectadores também perdem ou ganham com o facto de não terem publicidade?

Cristina Viegas, Diretora Comercial RTP

“Eu acho que é assim. Quando se fala dos telespectadores, eu tenho tendência a dizer que há espectadores que gostam de ter publicidade e gostam de ser informados. E gostam de ser impactados pelas suas mensagens,

porque a publicidade traz cor, traz dinâmica e faz parte da experiência de consumir televisão. E por outro lado, temos os espectadores que preferem não consumir televisão”.

OFF

Dentro dos 9% da receita com a publicidade, 8.5% vão para a televisão e apenas 0,5% são para as plataformas digitais da RTP.

Mas a tendência é de crescimento para o digital em detrimento da televisão.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Qual é o peso da publicidade no digital relativamente à publicidade que a RTP tem?

Isabel Marques, Diretora comercial Digital e rádios on line

“Nós ainda temos, ainda somos muito, muito pequeninos. Andamos aqui a tentar chegar aos dez por cento, mas de facto ainda não. Ainda não conseguimos ainda é ainda é relativamente recente todo este trabalho que estamos a fazer. Mas de facto o nosso objetivo é eu diria que para 25 nós chegarmos a dez por cento daquilo que é a faturação média, digamos assim, em em televisão”.

OFF

Para acompanhar este crescimento, a RTP criou um departamento específico para o digital. O objetivo é potenciar as receitas nesta área.

Isabel Marques, Diretora adjunta comercial on line e radio

*“De facto, nós, o investimento na publicidade digital é transversal a todos a todos os setores é transversal na nossa, na nossa sociedade. De facto, nós hoje assistimos cada vez mais as marcas a investirem e a canalizar os seus budgets para o digital e de facto ele traz-nos aqui uma enormes oportunidades. Nós hoje já conseguimos inclusive servir publicidade digital em TV na, nas televisões nas Smart TV. Portanto, hoje já não é só a publicidade digital, já não é só vista no site, já é também muito em muitas outras plataformas, digamos assim Ah, e de facto o que o que este ano, vinte e três meados de vinte e três e vinte e quatro. O que temos vindo a fazer é procurar cada vez mais oportunidades de introduzir publicidade. Como é que chegam cá? Os anúncios são as agências são as centrais de compras. Como é que chega cá? Sim, a grande maioria vem por centrais de compra. É essa é a grande maioria, porque tudo o que são eu digo grande maioria. Estamos a falar de oitenta por cento do investimento vem por centrais de compra, portanto, eles, porque os grandes anunciantes e como grandes anunciantes, nós temos tudo o que é telecomunicações, automóveis, banca. Portanto, esses são... **Grandes Superfícies?** Exatamente. Esses são de facto e, portanto, esses todos trabalham com agências. Ah, com centrais de compra e portanto chega-nos a aí depois temos vinte por cento de clientes muito do que é estado, porque nós também temos publicidade que vem das câmaras, dos institutos públicos é de facto procuram-nos nós até por haver aqui alguma partilha de responsabilidades no fundo, esses sim, são maioritariamente diretos”.*

OFF

A publicidade tem regras mas na RTP elas ainda são mais apertadas.

Isabel Marques, Diretora comercial on line e rádios RTP

“Há posições que achamos que pelo facto de ser um serviço público, fazia sentido também ser um bocadinho mais exigente do ponto de vista da publicidade e, por exemplo, nós não, nós não pomos publicidade em tudo o que é vídeos de informação. Portanto, não colocamos, poderíamos colocar sobre um formato que é

*designado como pré rolo, não é, que é aqueles pequenos filmes que as marcas têm, podem ter 20, 30 segundos e que impactam no início, quando, quando o espectador vai assistir a uma peça de informação e depois também não aceitamos publicidade na RTP ensina ou no zig zag, que é que é um canal direcionado para para o infantil. **E os tempos de publicidade também são mais reduzidos do que do que nos outros canais e nas plataformas em geral?** Sim, nós o que fazemos é nomeadamente na RTP Play, nós só colocamos publicidade quando, há entrada. Portanto, quando eu inicio uma sessão e estou e estou a ver um filme ou uma série. Eu sou impactada por um bloco de publicidade que no máximo tem trinta segundos. **Não aparece publicidade a meio de um programa?** Não aparece a meio do programa. Há uma possibilidade que é aparecer depois de decorrer setenta por cento do conteúdo e porque setenta por cento? Porque nós também sabemos que a grande maioria dos espectadores não visualizam o conteúdo, então se o conteúdo tiver uma hora, dificilmente chegam até ao fim. Portanto, nós temos uma regra que é, é à entrada depois de decorrer setenta por cento do conteúdo e depois no final, independente de eu estar a ver um conteúdo que seja de dez minutos, ou seja, uma hora, ou seja, duas horas ou o que for”.*

OFF

Parece estar sanado este sobressalto que nos últimos meses tanta polémica levantou.

A partir de agora, cabe à RTP decidir se continua com publicidade ou não, como está previsto no contrato de concessão do serviço público de media, em discussão pública.

É, de resto, a medida que me parece mais sensata no ponto em que estamos.

De acordo com este projeto os telespectadores vão continuar a ter 12 minutos de publicidade por cada duas horas na RTP 1 e nenhuma publicidade nos restantes canais de televisão e rádio.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 5 – 8 DE FEVEREIRO 2025

DURAÇÃO: 14:44 MINUTOS

OFF

Hoje trazemos ao *Voz do Cidadão* algumas das mensagens que revelam preocupações e chamadas de atenção de telespetadores, recebidas nas últimas semanas.

Começamos por um momento televisivo que provocou muitas reações, não só na caixa de mensagens da provedora, mas também nas redes sociais.

Mensagem de Telespetador

“Quero manifestar a minha indignação relativamente ao "blackface" apresentado na RTP, durante toda a manhã de hoje, no programa Praça da Alegria. O apresentador surge desde o início como rei mago, caracterizado de negro, e é lamentável que a televisão pública mostre explicitamente.

Esta apresentação com a cara pintada de negro era uma forma de caracterização utilizada outrora para ridicularizar os indivíduos negros, mas também porque nem eram autorizados a representar. A televisão pública tem o dever de não perpetuar estas práticas, e até debater sobre o tema, por forma a "educar" toda a sociedade”.

OFF

O Blackface foi uma prática teatral do século XIX, que surgiu nos Estados Unidos, no período de transição para a abolição da escravatura. Atores brancos pintavam a cara de negro, de forma exagerada, para interpretar personagens afroamericanas.

Os negros não tinham lugar a participar nas peças de teatro.

Mensagem de Telespetador

“O apresentador fez de rei mago pintando a sua cara de castanho. Esta situação é inaceitável em pleno século XXI. Aqui se percebe que o racismo é estrutural e sistémico, e as pessoas ainda não perceberam o certo e o errado”.

OFF

Do inglês, black - "negro" e face - "rosto", a prática ia muito além da pintura da pele.

Através do "blackface", pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. A prática continuou em programas de televisão e no teatro, durante grande parte do século XX, e chegou a ser considerada um género teatral. Com o crescimento dos movimentos antirracistas, o blackface foi sendo eliminado do entretenimento, e atualmente, é algo visto como lamentável e inaceitável. Depois da brincadeira não ter passado despercebida, a Direção de Programas da RTP apresentou as suas desculpas em direto no Programa *Praça da Alegria*. Considero este assunto encerrado depois de também, o apresentador ter apresentado desculpas.

OFF

Continuando esta viagem por temas sensíveis...

Nudez. Sexo explícito. Pornografia. Imagens violentas.

Estes são alguns dos termos usados pelos telespetadores nas mensagens que remetem à Provedora.

As queixas referem-se à série de ficção portuguesa - *O Americano*.

Mensagem de Telespetador

“A RTP tem exibido ao longo das últimas semanas a série "O Americano".

Lamentavelmente, e em horário nobre, assisti hoje a perseguições policiais, tiroteios entre outros. No entanto, fiquei chocado que em horário nobre, se tenham visto imagens de um suicídio com arma de fogo de uma forma totalmente explícita.

Já há algumas semanas, na mesma série e no mesmo horário, foram exibidas imagens de sexo explícito.

Lamento que a RTP transmita estes momentos quando muitas crianças ainda estão a ver televisão”.

Ana Sousa dias, Provedora do Telespectador da RTP

No caso de *O Americano*, eu tive algumas queixas, porque tinham cenas de sexo e eram às nove da noite e as crianças ainda estão a ver televisão. Eu tenho dificuldade em concordar com isto, isto é, não me parece que seja uma hora complexa para ter cenas que não são propriamente sexo explícito, que são cenas de sexo, mas não propriamente explícito.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Sim, eu acho que vamos ter sempre queixas de pessoas, de algumas pessoas que se sentem, cuja sensibilidade motiva esse tipo de queixas.

Na realidade a ficção conta histórias e as histórias têm homens e mulheres, e em muitas situações há uma cena que pode ser identificada como uma cena de sexo.

Na verdade essas cenas são cenas completamente preparadas para acontecer naqueles horários. São cenas muito suaves. Se tivermos uma cena, se tivermos uma série com uma linguagem mais agressiva ou com cenas mais ousadas, vamos pôr a série às dez e meia da noite. Ter uma série às nove da noite significa que os espectadores têm acesso todos, nós temos uma pressão muito grande também dos nossos espectadores para verem as séries portuguesas num horário...

Se eu puser a série às onze da noite, as queixas vão ser porque é que não põem a série às nove da noite, que é quando as pessoas estão disponíveis. Portanto, as séries estão ali às nove da noite, porque é realmente o momento da noite onde estão mais espectadores concentrados, é também onde estão as telenovelas dos canais comerciais. As telenovelas, aliás, desse ponto de vista, tem cenas muitíssimo às vezes ousadas, que são emitidas na mesma na mesma hora.

As pessoas hoje têm acesso a séries nas várias plataformas, as plataformas estão disponíveis a qualquer hora do dia, as crianças se quiserem, se não houver um controlo parental, a criança, os jovens, os adolescentes podem ver séries às dez da manhã que nós só passamos às vezes às onze e meia da noite”.

Mensagem de Telespetador

“Estou a terminar o jantar com os meus filhos à mesa.

Acabo de mudar para o canal 1, está a dar um filme, ou série, com o nome O Americano.

Uma cena de sexo explícito obrigar-me a mudar de canal. O filme, ou série, não tem aviso de conteúdo.

Gostava de saber com que critério estas cenas são apresentadas a estas horas e sem aviso”.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“O que nós sabemos e fazemos, é garantir que não há cenas que ultrapassem um determinado limite, porque sabemos que isso implicaria até a mudança do segmento etário. Há pessoas que têm uma sensibilidade que ultrapassa este tempo. A única solução é tentar fazerem o controlo das crianças, sentirem que elas não podem assistir naquele momento, tal como fazem provavelmente ao domingo de manhã e ao sábado de manhã, quando dizem há aqui séries que não podem ser vistas, e elas estão lá disponíveis, estão na plataforma, estão disponíveis. Nós ter atenção hoje que os segmentos mais jovens da população estão a ver conteúdos nas plataformas e não estão no linear. Isso é que me parece que é um tema que deve preocupar em geral, que nos deve preocupar em geral a forma como as pessoas têm hoje acesso nos smartphones e nas televisões que são também televisões que têm acesso à internet e aí há uma possibilidade de consumo de conteúdos que não são verificados, que não têm nenhum controlo etário, e que estão disponíveis, desde a pornografia até conteúdos altamente violentos, que esses sim, devem merecer a atenção dos pais e encarregados de educação em geral, para jovens e adolescentes “.

OFF

Compreendo o desconforto causado por estas imagens, mas gostaria de dizer que o termo pornografia, referido por alguns telespectadores, não se aplica a este caso. Aliás, esse é um género proibido pela legislação que rege o serviço público. É também obrigação do serviço público apoiar a produção nacional. Creio que devemos sobretudo focarmos no controlo parental e em breve tenciono abordar este tema no Voz do Cidadão.

OFF

Neste programa damos ainda atenção a temas que não são novidade e que podem ser motivo de grande indignação, como faz referência a seguinte mensagem.

Mensagem de Telespetador

Gostaria de informar que a RTP não cumpre as normas de regulação de volume da publicidade. A emissão tem metade do som da publicidade. Reclamo sobre este tema há mais de 2 anos, sem qualquer retorno, até hoje.

OFF

Em resposta a esta mensagem, a Direção Comercial Online e Rádio da RTP, esclarece:

Direção Comercial Online e Rádio da RTP

“Lamentamos o incómodo causado pelo volume dos anúncios na plataforma RTP Play. Embora o mercado digital não tenha regulamentação específica sobre o volume de áudio, como acontece na televisão tradicional, é esperado que o setor se autorregule para garantir uma experiência confortável aos utilizadores. Enquanto essa autorregulamentação não se normalizar, procuramos internamente implementar sistemas de controlo para minimizar este tipo de situações. Reconhecemos que nem sempre conseguimos ser 100% eficazes e, por isso, apresentamos as nossas sinceras desculpas.”

OFF

Estou ao lado dos telespetadores que se queixam da diferença de volume entre o conteúdo da RTP e a publicidade associada. Se a RTP quer apostar no digital e apresentar um produto de qualidade na sua plataforma, que é aliás uma referência, deve corrigir estes pequenos grandes pormenores, que podem tornar desagradável a experiência de utilização da RTP Play.

OFF

Continuamos no som, mas agora a música é outra. Ainda que para alguns telespetadores pareça ser - vira o disco e toca o mesmo.

Mensagem de Telespetador

*“Gostaria de apresentar o meu lamento pela RTP efetuar a promoção de músicas e artistas quase apenas no setor da música popular e ligeira. É de lamentar que não efetue promoção também dos outros estilos musicais que são tão bem apresentados por diversos artistas portugueses. É obrigação da RTP ser plural e não ser refém de lobbies e interesses discográficos. Os artistas convidados deveriam ser representativos dos géneros musicais como o Jazz, a música clássica, a música eletrónica, o Rock, etc...
Peço que revejam a vossa programação e que promovam os artistas portugueses de todos os estilos musicais, não discriminem nem sejam reféns de interesses discográficos”*

OFF

Para o programa *Praça da Alegria*, e outros conteúdos diários que se produzam a norte, a RTP conta com uma equipa na RTP Porto, no Monte da Virgem, que faz as escolhas musicais.

É desta equipa que partem os convites e escolhas de artistas nacionais ou estrangeiros que participam na *Praça da Alegria*.

Perguntámos à produção do programa como é feita a seleção musical.

Produção da Praça da Alegria

“No caso da Praça da Alegria, não privilegiamos apenas um género musical.

O programa, por ter a duração de três horas, consegue abarcar vários géneros. O programa teve uma banda residente “A Banda da Praça” a tocar ao vivo diariamente, atualmente atua pontualmente no programa. Ao longo destes 30 anos, temos desenvolvido vários concursos dentro do programa, alinhados com a nossa missão de serviço público, que visa a promoção e valorização das tradições e aspetos culturais de Portugal, o que ajuda a preservar e divulgar a nossa identidade. Além disso, também mantemos uma parceria com a Federação do Folclore Português, para garantirmos a qualidade e o rigor na explicação do trajar e “ourar”, bem como das recriações cénicas que apresentamos. É com frequência que recebemos tunas de diversas universidades, coros, fado, bandas filarmónicas, bandas de rock e jazz, ópera, e música clássica. A seleção de artistas para a Praça da Alegria é feita pela equipa de produção do programa e obedece a critérios como: o enquadramento com os restantes conteúdos do programa; a qualidade do artista; novos lançamentos ou promoção de espetáculos”.

OFF

Já a sul, e para programas como a *Nossa Tarde*, as escolhas musicais são decididas pela Direção de Produção, na figura da produtora musical. Quais são os critérios para este tempo de programação? O que se ouve nestas emissões? Qual o género domina as tardes da RTP 1?

Em resposta as nossas perguntas ficamos a saber que:

Produção A Nossa Tarde

“A seleção dos artistas é desenvolvida consoante os critérios editoriais do programa, muitas vezes, há conteúdos do programa que nascem de determinadas atuações, assim como há atuações que surgem a partir de conteúdos. Aproveitamos para promover novos álbuns, concertos, e damos lugar a muitos artistas emergentes.”

OFF

Do que tenho acompanhado das emissões do chamado *Day Time*, os programas da manhã e da tarde da RTP 1, é evidente que a chamada música popular ou folclore tem uma maior expressão face a outros géneros. Aparentemente, é também a preferido de um número significativo de telespetadores que está em casa a assistir. Reconheço o esforço para diversificar com outros tipos de música e artistas que podem não trazer tantas audiências aos programas, mas que trazem ao serviço público a diversidade que ajuda, não apenas a entreter, mas também a formar.

Gostaria, aliás, que esse esforço fosse mais frequente

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 6 – 15 DE FEVEREIRO 2025

DURAÇÃO: 14:36 MINUTOS

OFF

Hoje, fazemos luz à programação da RTP quando a noite já vai longa. O tema deste Voz do Cidadão é quem vê televisão nas madrugadas e o que lhe é oferecido

José Fragoso, Diretor de Programas RTP

“Os espectadores começam a desligar-se da televisão por volta, muitos espectadores a partir das 10/10:30 já começam a sair depois entre as 11 e as 11:30 sai também muita gente. Depois fica realmente um fluxo de espectadores muito baixo, sendo que durante a madrugada é mesmo mesmo muito baixo. As pessoas que estão a dormir não estão a ver e as pessoas que estão a trabalhar estão em atividades noturnas, mas também não estão a ver... portanto os nossos valores da televisão toda, dos canais de televisão em geral, são valores muito residuais em termos de audiência e, até eu diria, difíceis de medir, porque caem muito naqueles intervalos já de onde a própria audimetria tem dificuldade, dado o escasso número de pessoas presentes, mas eu diria que há poucos milhares de espectadores ao longo da madrugada”.

OFF

Em Dezembro de 2024, entre a meia-noite e as 06:00 da manhã, a RTP 1 obteve 3,4 % de share que corresponde a cerca de 33 mil pessoas a assistir ao canal. Apesar de o número ser residual, é ainda assim o canal do grupo com mais audiência nesta faixa horária, quando comparado com RTP 2, RTP 3 e RTP Memória.

A maior parte dos telespectadores ao longo da madrugada situa-se na faixa etária entre os 55 e os 64 anos e com mais de 74 anos.

Apesar da pouca expressão de telespectadores, a RTP 1 aplica nas madrugadas a mesma estratégia de diversificação de conteúdos dos outros horários.

José Fragoso, Diretor de Programas RTP

“A RTP 1 tem uma grelha vertical, quer dizer que todos os dias temos programação diferente. Ao contrário do que acontece nos canais comerciais, que têm novela e têm reality show praticamente nos seus horários todos, a RTP 1 tem uma programação diferente de dia para dia e por isso a faixa da meia-noite em diante também segue essa mesma lógica de programação. E temos à segunda-feira conteúdos diferentes da terça e por aí fora até domingo. O que acontece é que nós nesses horários, temos por exemplo, ao fim de semana temos cinema quer no sábado, quer no domingo, nos sábados à noite, a partir da meia-noite, temos sempre um filme de ação ou então um filme que tenha feito, seja um clássico do cinema ou um filme que tenha feito um caminho também em termos de espectadores de grande público. Ao domingo temos cinema também à meia-noite/meia-noite e um quarto temos sempre também um outro filme, filmes de género diferente dos de sábado, portanto, são filmes familiares, são filmes, são comédias, são filmes não de ação, como acontece no sábado, e depois nos outros dias temos temos música, concerto... À segunda-feira temos música à noite, à terça-feira temos documentário, à quarta-feira temos documentário, à quinta-feira também. À sexta-feira temos uma série portuguesa que já passou em prime time e que nós aproveitamos para passar de novo. E depois, durante a madrugada, acabamos por a partir das duas da manhã entrar em ciclos de repetição. Podemos passar “a Nossa Tarde”, por exemplo, que é um programa da tarde e que pode ficar no ar depois, durante a madrugada, a partir das duas e meia até por volta das três e meia/ quatro, que é um horário onde entra depois entra um segmento de televidas, até chegarmos à manhã do dia seguinte”.

OFF

A programação da RTP 1 ao longo da madrugada baseia-se em repetições, filmes, documentários e televidas. Apesar de não existirem conteúdos produzidos especificamente para essa faixa horária, para a Direção de Programas também não faz sentido voltar aos tempos em que a emissão fechava.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu estou a perguntar isto porque ainda sou do tempo em que a emissão terminava por volta da meia-noite com o hino nacional e a bandeira e faz sentido manter esse fluxo durante a noite, sobretudo?

José Fragoso, Diretor de Programas RTP

“Isso hoje em dia já nem se discute. Não há nenhum canal que feche. Todos os canais hoje em dia fazem isso. É uma forma de manter a ligação permanente ao espectador. Há muitos espectadores que chegam tarde a casa, vão ligar a televisão, vão ver a informação. Ficam ali um tempo antes de decidir dormir. Há pessoas que acordam durante a noite e querem ter companhia. E, portanto, tudo isso funciona na ideia de ter o canal aberto 24 horas. Hoje em dia não faria nenhum sentido fechar a emissão a ir a negro”.

OFF

Na RTP 2 os conteúdos da madrugada passam também por repetições que não trazem qualquer encargo ao canal. Mas a Direção considerou que valia a pena mudar esse cenário e está a preparar uma mudança na programação já a partir de Abril depois de ter analisado quem vê televisão durante a madrugada.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

*“Decidimos fazer uma nova madrugada, que começa em Abril, porque estas coisas levam bastante tempo, essas novas madrugadas. Até tenho um bocadinho de vergonha de dizer isto porque há o poema da Sophia não é a nova madrugada, não é? Não é a mesma, embora seja uma madrugada que foi pensada, não é uma madrugada pensada e aí resolvemos fazer três coisas: um jogo de conhecimento em que a pessoa joga contra si própria, portanto nós fazemos a pergunta, damos a resposta, está lá um relógio e as pessoas tentam responder no tempo do relógio e depois o concorrente é lá em casa. Em casa não há apresentador, há evidentemente separadores animados e estamos a tentar fazer o mais bonito possível e o melhor possível. Vamos fazer isso, um jogo de conhecimento e um gabinete de curiosidades, frases que mudaram o mundo, quem disse o quê, remédios literários para desgostos de amor. O que é a literatura e lemos ali um bocado do que é que a literatura disse sobre desgosto de amor e outras coisas E finalmente, durante uma hora, vamos fazer um audiolivro. Estamos a fazer um audio livro já estamos a fazer. É a atriz Maria João Vicente, que vai ler o livro. **E podemos saber qual é o livro? Ainda não?** São livros, são vários livros. Não é todas as noites, um bocado, um livro por semana, por capítulos, como antigamente se fazia no rádio, só que agora com ilustrar e escolhemos livros. Primeiro que não tenham direitos, já é o as viagens de Gulliver, esse tipo de livros. E por outro lado, para além dos livros, serem clássicos e já não terem direitos, são aventuras e são livros pequenos”.*

OFF

Também a RTP 3 prepara mudanças para as madrugadas. Em dezembro passado, entre a meia-noite e as 6 da manhã, conseguiu ter perto de 10 mil pessoas a assistir ao canal.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP 3

“São, digamos, em geral novas oportunidades de ver alguns formatos ou que não passaram na RTP 3, Informação, por exemplo, da da RTP Açores e da RTP Madeira. Alguns formatos do canal 1 de informação que não foram vistos na RTP 3, por exemplo, o debate É ou não é para quem não pode ver à hora habitual na RTP 1, pode vê-lo mais tarde, documentários que também temos a passar nesses horários. É uma oferta diferente e quando falamos de madrugada, estamos a falar de um período sensivelmente entre a uma, uma e meia e as seis da manhã que é onde começa o Bom Dia Portugal. Portanto é um intervalo de tempo mais curto e que sempre que é necessário nós ocupamos com informação “tout court”, se for as eleições americanas, um debate entre candidatos, uma vez que do outro lado do Atlântico o fuso horário é diferente, ou se tivermos uma ameaça, um “breaking news” importante, ameaças de incêndios com populações que podem deixar-nos alguma preocupação, ou como pode ser a guerra, como aconteceu com a Ucrânia, que nós estivemos alguns meses a fazer ininterruptamente informação 24 horas. Isto não é o ideal. Dito isto, o nosso ideal é que possamos ter, a breve prazo, este ano, ainda, condições para fazer noticiários de hora a hora também durante as madrugadas. E é nisso que vamos apostar para este ano e acho que é uma novidade importante também

para os espectadores. Nós estamos a trabalhar já há algum tempo naquilo que chamamos a nova Casa das Notícias, que é um centro de multimédia onde passamos a ter outras condições de trabalho. Outros estúdios para a informação que vão ser amplamente renovados e isso já não acontece há vinte anos. Nunca pudemos fazê-lo e julgamos estar em condições agora este ano de começar esse trabalho, um novo estúdio de informação no Porto e uma nova imagem do canal de informação, um investimento maior na informação on-line. Isto são novidades importantes que vão influenciar o dia todo, incluindo, esperamos as madrugadas do canal de informação da RTP. **Mas isso significa também mais pessoas na redação, porque para garantir as 24 horas, imagino que é necessário mais gente?** Sim, essa é uma das dificuldades, obviamente que nós também temos que ponderar, que tipo de operação com que economia de meios o podemos fazer. E temos que ser realistas nesse capítulo, a informação durante a madrugada já existiu, com as possibilidades que os recursos colocaram. Assim determinaram não apenas na RTP, mas também noutros canais portugueses de informação. Mas queremos evoluir para isso porque achamos que o compromisso com o espectador se mantém nas 24 horas do dia. Não temos faltado sempre que a atualidade justifica a esse compromisso, muitas vezes num esforço, digamos, extraordinário, das nossas equipas para acompanharem também esse período da madrugada mas isso obrigará, obviamente, a reorganizar, no sentido de tornar possível a informação durante a madrugada”.

OFF

Na RTP Memória, a Programação durante as madrugadas mudou há alguns anos quando a Direção se apercebeu de que havia telespectadores assíduos neste horário.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

“Primeiro, os hábitos de vida não são hoje tão padronizados quanto parece. Há muita gente que trabalha por turnos, há muita gente que tem funções noturnas, não é, atividade noturna e, portanto, percebemos que não era um público tão desarticulado e circunstancial. E portanto, fizemos uma aposta. Na realidade as madrugadas, para nós são um desdobramento da nossa noite, do nosso prime time e portanto, as séries que vamos exibindo a partir das nove da noite, de hora a hora, algumas séries internacionais clássicas como a Casa na Pradaria, que está às nove, hoje em repetição, mas também o Serviço de Urgências, o We are que está às onze da noite. O Hitchcock à meia-noite serve depois o Perry Mason às dez, portanto, estas quatro séries bem premiadas de vez em quando com alguma ficção nacional curta, porque encontramos sempre aqui a oportunidade, aquilo a que eu chamo um bocadinho a tática do anzol, isto é, aproveitar que estas séries estrangeiras têm mais audiência e adesão para divulgar algumas séries nacionais e algum produto nacional pelo caminho não é? Portanto, ombreando com as internacionais que tem melhor desempenho e, portanto, a partir da meia-noite nós fazemos praticamente um espelho de novo, mas simétrico e, portanto, voltamos a repetir estas séries até às quatro/cinco da manhã. A partir das cinco da manhã, particularmente, voltamos a preparar uma espécie de manhã antecipada. Vamos a conteúdos obviamente mais leves. Há algum entretenimento e alguma ficção leve, como telenovelas que para nós, na realidade, começa às cinco da manhã, portanto, eu diria que houve uma espécie de erosão do conceito que tínhamos de abandono da madrugada para ser uma continuação da noite ligada logo a uma antecipação da manhã, pronto eu creio que com isso, bem os resultados fizeram-se sentir. De certa forma, sentimos que havia não só adesão, mas acima de tudo, consumo frequente, portanto significa que há pessoas que não creio que seja uma mera insónia que tenham mas sim turnos, horários e funcionamentos com modos de vida que assim os obrigam”.

OFF

RTP 1, RTP 2, RTP 3 e RTP Memória são os canais da RTP presentes na Televisão Digital Terrestre a juntar à SIC, TVI e Canal Parlamento.

Há quem disponha apenas da TDT para ver televisão sem ter qualquer contrato com empresas de telecomunicações e por isso fica refém do que estes canais oferecem. É um quadro que tem vindo a diminuir. Segundo dados da Anacom, em 2017 a taxa de adesão exclusiva à TDT em habitações principais situava-se nos 18%. Em 2024 desceu para os 7%. Quem utiliza exclusivamente TDT nas residências principais deve ter uma oferta variada e de qualidade nos poucos canais que tem disponíveis. A RTP não se pode esquecer desse público, mesmo nas madrugadas.

Quando pensámos neste programa, não esperávamos que houvesse tantos projetos novos para as madrugadas, foi uma boa surpresa ouvir as novidades trazidas pelos diferentes responsáveis.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 7 – 22 DE FEVEREIRO 2025

DURAÇÃO: 13:14 MINUTOS

OFF

É o período do dia que merece maior atenção e investimento por parte dos canais de televisão. Falamos do “horário nobre” mais conhecido como “prime time”. Situa-se normalmente entre as 8 da noite e a meia-noite, e é a faixa horária com maior audiência. A RTP 1 contou em dezembro, neste horário, com um share de 11%, isto é, perto de meio milhão de telespectadores. Em 2025, a RTP 1 vai manter a aposta na programação neste horário.

José Fragoso, Diretor de Programas RTP

“Em Portugal, o horário nobre é das oito da noite à meia-noite, é o horário onde estão concentrados mais espectadores. Estão muitos milhões de espectadores nesse horário, na televisão linear, que são os canais que nós conhecemos nas boxes e na TDT quer também nas emissões não lineares, como por exemplo, na RTP Play”.

OFF

Quem está em casa sentado à espera da programação do horário nobre da RTP, é alimentado há décadas, por dois formatos vencedores: o Portugal em Direto, até às sete da tarde, com Dina Aguiar, e o Preço Certo, tantas vezes líder de audiência, visto por uma população de uma faixa etária mais avançada, para a qual este é o seu programa de horário nobre, até à chegada do Telejornal.

José Fragoso, Diretor de Programas RTP

“Esse horário é realmente o horário onde está o telejornal é o horário onde está depois um programa de grande reportagem, estão estão os programas que de investigação, como é a Prova dos Factos, o programa da Fátima Campos Ferreira. Esses programas de informação vão colados ao telejornal. Depois temos o Joker que tem uma emissão de 50/55 minutos, e depois saímos de cada dia da semana para um conteúdo diferente. Nós temos à terça-feira um documentário a seguir ao Joker, até à meia noite. À terça-feira temos o programa de informação que o Carlos Daniel apresenta, o “É ou não é”, à quarta-feira temos o talk show do Herman, à quinta-feira temos o talk show o Cinco para a meia noite, com o Gilmário Vemba, à sexta-feira, temos que é também um talk show do José Gonzalez, que é Em casa d’Amália. Ao sábado e ao domingo vamos para formatos grandes. Neste momento temos o Masterchef no sábado e temos o Got Talent que estreou no domingo. Essa faixa é onde estão concentrados os grandes programas de informação, de entretenimento e também de ficção. Nós à segunda-feira temos sempre uma série portuguesa em prime time, a começar às nove da noite e ao longo de todo o ano, permite estreias de dez, doze séries, que é um número muito elevado para um país com a nossa dimensão, e que são ali emitidas na versão linear. As pessoas às nove da noite de segunda-

feira sabem que têm uma série. Quem não consegue apanhar a série, sabe que pode ver na RTP play, porque ela está disponível. Muitos espectadores preferem ver no player da RTP”.

OFF

A programação da RTP1 é diferente todos os dias e tem a diversidade que o diretor de programas sintetizou, mas nem sempre existe um retorno positivo por parte dos telespectadores que exigem mais deste horário.

Mensagem de telespectador

“Não entendo porque é que a RTP 1, ao contrário do que fazem as outras televisões públicas europeias, não disponibiliza o boletim meteorológico no final dos seus noticiários principais como o Telejornal”.

OFF

Também eu gostaria de ter mais informação meteorológica, já abordei este assunto no Voz do Cidadão. É um tema que envolve mais recursos quer da RTP, quer do IPMA e que tenho esperança de ainda ver concretizado. Há ainda sugestões específicas para domingo à noite.

Mensagem de telespectador

“A RTP1 transmite o programa The Voice Kids semanalmente ao domingo à noite, e só acaba por volta da meia-noite. Como é um programa familiar, indicado para crianças, que sentido faz que elas tenham de ficar acordadas até tão tarde em véspera de dia de escola para poderem apreciar o referido programa?

OFF

A direção de programas já indicou que que não prescinde destes horários para o The Voice Kids ou o Got Talent porque os telespectadores têm a possibilidade de acompanhar estes formatos na plataforma digital da RTP, a RTP Play, em qualquer horário. Compreendo que são formatos dispendiosos e que têm de ter o retorno das audiências ao fim de semana. São programas que têm a vantagem de juntar a família em torno do televisor, com conteúdos que servem a todos, adultos e crianças.

Na RTP 2, a estratégia de Programação é para manter.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A noite do chamado prime time, vai manter-se como é atualmente?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Para nós, começa às oito e meia às vinte e trinta oito e meia, vinte e trinta com um documentário em geral, um bocadinho artístico, monumentos, civilizações de outros países, civilizações antigas, arte e história. Depois segue o Jornal 2 e depois normalmente temos uma série de vários países, séries muito diversificadas. Aliás, temos várias pessoas no Facebook a pedir “ponham as inglesas”, mas não, não vamos pôr, lamentamos. Queremos pôr inglesas, dinamarquesas, suecas, árabes e tudo o que encontrarmos de mais diverso porque é essa a natureza do canal. Temos a série e normalmente temos um magazine a seguir e depois a seguir um documentário e depois as coisas de produção nacional ou cinema, como são o Cinemax e essas disciplinas artísticas mais de nicho que são mais tarde, mas que também são contempladas no programa e em princípio manteremos nesse registo”

OFF

Os telespectadores estão atentos ao que se passa em horário nobre nos vários canais do Grupo RTP. A RTP Memória contou em dezembro com pouco mais de 20 mil telespectadores no horário de maior audiência. De vez em quando os telespectadores da RTP Memória fazem-me chegar pedidos quanto à programação.

Mensagem de telespectador

"Finalmente vi o regresso de uma grande série "Serviço de Urgência ". Se for possível, gostava também de ver passar os "Marretas". Seria o topo e em horário nobre, certamente tirava audiência à RTP 1"

Mensagem de telespectador

"Gostaria de sugerir que voltassem a dar no horário nobre o Mcgyver, ou o Ranger do Texas. Já estou um pouco cansada da Casa na Pradaria e do Dallas".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Portanto, no prime time, vão manter-se as séries sucessivas?

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

*" Eu diria que as séries entre as séries internacionais e nacionais premiadas intercaladas, mas é uma aposta grande na ficção. Acima de tudo, decidimos prolongar até meio da madrugada e, portanto, eu diria que hoje nós temos um late night muito extenso, não é, digamos assim que começa estrategicamente às nove da noite, mas que na realidade, para nós, a lógica com que programamos começou às nove da noite e vai terminar às quatro/ cinco da manhã. **É claro que hoje também há box e, portanto, podemos ir buscar os programas a qualquer hora do dia ou da noite. Não é?** Sim. Eu também acho que o não linear vem provavelmente diluir um pouco as nossas estratégias como programadores. O facto de as pessoas poderem, andar para a frente e para trás na box dilui um bocadinho a tática ou a estratégia de programação de cada programador. Mas ainda sentimos que há um certo ímpeto, o impulso das pessoas para verem aquilo que se sabe que todos estão a ver àquela hora".*

OFF

Dentro do universo RTP, depois da RTP 1 é a RTP 3 o canal mais visto em horário nobre.

José António Teixeira, Diretor de Informação da RTP 3

*"O nosso grande objetivo para os próximos tempos é a renovação profunda das condições em que trabalhamos e também das condições que temos para apresentar a informação nos nossos estúdios. Esse é um esforço que vamos fazer e isso vai obviamente implicar também alterações na nossa oferta. Introduzimos recentemente um novo programa com diferente mais descontraído, divertido, procurando outro tipo de abordagem ao nosso mundo e ao passado, até muitas vezes o nosso mundo que tem também pontos com o presente, Duas Pessoas a Fazer Televisão do Martim Sousa Tavares e do Hugo van der Ding, são uma aposta diferente, arriscada, mas julgo que bem-disposta. Como também é preciso ter entre notícias, por vezes ou muitas vezes não muito bem-dispostas, mas temos o Daily Show que aconteceu no final do ano, acompanhando bastante o movimento das eleições americanas. Renovámos também essa nova temporada que está aí disponível à hora de jantar. Temos também, enfim, a vontade de mesmo em relação aos horários da noite e aos horários dos programas, fazer ali algumas alterações e, obviamente, estamos sempre empenhados em ter coisas novas. Por exemplo, ter novos comentadores, por exemplo, ter novas rubricas, nomeadamente as que se relacionam com as literacias. Hoje falamos muito disso para explicar melhor a informação em vários domínios, não é apenas a informação "tout court" mas informação sobre ambiente, informação sobre saúde, informação sobre energia, informação sobre o mundo financeiro, a literacia financeira. **Rubricas específicas?** Específicas sobre isso, como temos com o Minuto Verde, que já é uma rubrica*

antiga. Tivemos um minuto em saúde para também dar alguns conselhos, em matérias relevantes de saúde pública. Portanto, vamos continuar também a fazer essas apostas em explicadores, ter essa preocupação e, portanto, vamos ter novidades ao longo do ano que vamos introduzindo na nossa grelha. É claro que uma das razões de queixa que os telespectadores me apresentam sobre a RTP 3 é a alteração do que estava programado. Eu tenho respondido que de facto isso corresponde a uma necessidade da pressão da atualidade. É aliás, não é por acaso que nós não temos uma obrigação legal no sentido de ser praticamente impossível alterar uma grelha de programação. E isso acontece com os canais generalistas que só muito excecionalmente o podem fazer. De facto, o nosso mundo mudou muito nestes anos na atualidade, nos dias que vivemos e obriga-nos muitas vezes a encontrar soluções que vão ao encontro daquilo que está a acontecer. E a resposta é dar atenção ao acontecimento se ele tem relevância e muitas vezes procurar enquadrá-lo, explicá-lo, discutir, debate. E isso é isso que justifica obviamente, as alterações da grelha.”

OFF

Muitos portugueses veem televisão apenas no período da noite, depois de um dia de trabalho. Não é despropositado ter nessa altura um serviço de meteorologia na RTP1 como acontece no Bom dia Portugal; tal como não são despropositadas as queixas de telespectadores que não querem ver repetições em horário nobre. Há sempre uma grande subjetividade em cada telespectador sobre o que se quer ver na RTP e o que ela oferece. O serviço público tem a obrigação de dar uma programação diversificada e de qualidade a quem segue a RTP. Sublinho aqui as alterações previstas para este ano na RTP3, num tempo em que a Informação credível é ainda mais necessária - mesmo que muitas vezes tenhamos tendência para nos cansarmos de tantas notícias pesadas e negativas.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 8 – 08 DE MARÇO 2025

DURAÇÃO: 15:21 MINUTOS

OFF

Hoje partilhamos a atenção dada à televisão, com o triunfo da geração dos ecrãs. O cenário é digital e está ao alcance de todos. A internet é o palco onde tudo acontece, onde tudo se vê, e o ecrã de televisão perdeu o seu estatuto. As novas realidades mediáticas num universo de múltiplas escolhas vão tornando cada vez mais difícil proteger os utilizadores e os públicos mais jovens, facilitando o encontro com conteúdos inapropriados.

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“A televisão, hoje em dia, em termos de controlo parental, tem um problema. Tecnicamente, é possível proibir tudo. É possível impedir as pessoas de um certo sítio com uma certa idade mas as redes sociais estão cheias de jovens que não têm idade mínima legal para lá estar e as próprias plataformas sabem disso. Portanto, é muito difícil, é um equilíbrio que eu diria, não se pode dizer que a televisão tem que resolver. Não se pode dizer que é a escola que tem que resolver. São mesmo os pais que têm que resolver, numa lógica de diálogo com os seus filhos, independentemente de eles terem quatro anos de idade ou terem catorze. **Portanto, o controlo parental é mais uma atitude e uma forma de estar do que um botão em que se carrega?** Porque a tecnologia é a única coisa que faz é descansarmos e dizer já não precisamos de nos preocupar, está resolvido mas depois nós sabemos desde a antiguidade que posso tentar impedir que as pessoas cheguem a um sítio, mas elas vão furar a parede do lado para entrar lá dentro, e portanto vai-se procurar sempre a alternativa”.

OFF

Em 2024, do Tiktok em conjunto com a Yougov, apurou dados sobre o uso de ferramentas de controlo parental. O estudo revelou que em Portugal, por norma, os pais não falam com os filhos sobre segurança online. Quando o fazem, é por reação a mudanças comportamentais ou por saberem de notícias alarmantes. O estudo revela que quase 80% dos jovens manifestam “confiança na sua capacidade de navegar em segurança”, e que apenas 33% das famílias no nosso país usam ferramentas de controle parental online, o que nos coloca abaixo de países como o México, Estados Unidos e Brasil.

Das estratégias mais adotadas para garantir um ambiente digital seguro, o estudo conclui que: 43% dos pais seguem os filhos nas redes sociais. 34% dos adolescentes revelam que os pais pedem para rever os seus perfis nas redes sociais, feeds ou mensagens diretas. 34% dos jovens dizem que os pais têm acesso aos seus códigos de telemóvel. E 30% dos jovens dizem ter limites de tempo de ecrã.

Neste presente digital, a RTP tem procurado atender aos anseios dos espectadores e utilizadores. Na plataforma RTP Play disponibiliza conteúdos de géneros e formatos diversos como: séries de ficção, filmes, entretenimento, informação e até programação em direto. Tanta coisa para ver, e de forma tão acessível, pode representar uma dor de cabeça para os pais.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Hugo Castanho. Muito obrigada por nos ajudar a perceber como é que o controlo parental funciona. Como é que numa plataforma como a plataforma RTP Play os pais podem impedir que os filhos tenham a programas que eles pais consideram que os filhos não devem ver?

Hugo Castanho, Gestor de Produto Digital RTP

*“OK, Muito bem o RTP Play tem disponível uma grande quantidade de conteúdos a pedido e dado que a plataforma tem conteúdos para todas as idades, esses mesmos conteúdos estão identificados com a classificação etária. Portanto, à partida, quem quiser visionar esses conteúdos, sabe se esses programas são ou não para a sua idade. Os pais podem, através da funcionalidade do controlo parental, bloquear o acesso a conteúdos menos próprios para determinadas idades. **Como é que fazem isso? Qual é o processo?** Bom, para ativar o controlo parental está disponível em multiplataforma, seja em telefone, como no televisor, como no tablet ou até mesmo no computador. Podem aceder ao menu do RTP, ativar o controlo parental e através de um código numérico, conseguem bloquear a classificação etária pretendida. A partir desse momento, sempre que alguém visionar determinado conteúdo superior à idade selecionada, irá visionar ou irá ser apresentada uma janela com uma indicação de bloqueio. **Portanto, os filhos podem tentar, mas não conseguem?** a não ser que adivinhem qual é credencial que o pai ou o encarregado tenha colocado no controlo parental”.*

OFF

Além da ferramenta de controlo parental da plataforma RTP Play, o departamento de programação infantil e a área de multimédia pensaram em estratégias específicas para os públicos mais jovens.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Andrea, a página online do Zig Zag, Como é que está organizada?

Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis e Juvenis RTP

“Nós agora temos duas páginas. Temos o site que é o Zigg e depois temos um Play, que é uma plataforma de vídeo onde temos todos os nossos conteúdos, quer de televisão, quer de rádio e nós em Janeiro conseguimos organizá-los por áreas temáticas e também por área de rádio e televisão e também dedicamos ali atenção a definir quais os programas mais indicados para três grandes faixas etárias digamos. Então dividimos os conteúdos para crianças com idade pré escolar, entre os três e os cinco, outros conteúdos entre seis e nove e

outros conteúdos dirigidos ao público entre nove e doze anos. É mais ou menos assim que nós temos isso organizado”.

OFF

O salto do ecrã tradicional para um pequeno ecrã de telemóvel é concreto e massivo. Este padrão de consumo exige originalidade.

Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis e Juvenis RTP

“E temos também uma aplicação que está disponível quer para Android, quer quer para o iphone, em que os pais podem fazer o download. Qual é a vantagem? São conteúdos altamente curados para estas faixas etárias, não temos publicidade e não temos ao lado nenhum conteúdo desadequado. Por isso é uma plataforma na qual os pais podem ter total confiança. Isto é não é preciso que os pais exerçam alguma espécie de ferramenta de controlo parental? Sim, eu acho que a própria plataforma já nasce à partida com o controlo parental, Não digo que em termos de horário, não, porque os pais devem sempre salvaguardar quanto tempo estão a consumir conteúdos, mas, percebendo que aquela plataforma só tem conteúdos para crianças, não mora ali nada ao lado que possa ser violento ou que possa ferir qualquer tipo de suscetibilidade ainda que, é natural que alguns conteúdos , para crianças um bocadinho mais crescidas, para 10/11/12 anos, esses conteúdos possam assustar um pouco crianças em idade pré-escolar mas não pelo tipo de conteúdo em si porque não temos nada violento, nada excessivamente talvez emotivo que possa transtornar embora há sempre esse cuidado. Se um conteúdo é dirigido em idade pré-escolar é muito mais, é adequado para aquela criança, as crianças em idade pré-escolar aconselhamos a que provavelmente não vejam conteúdos que estejam ali identificados para maiores de 10”.

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“Houve uma altura em que os pais não tinham jogado jogos de vídeo e, portanto, temiam as questões da violência em que não tinham nunca utilizado telemóveis, Ou seja, era desconhecido e nós dizíamos que os filhos é que estão a ensinar os pais a usar as coisas. Hoje em dia já não há essa barreira tão grande entre gerações porque elas já cresceram dentro do mesmo contexto. Nós, hoje em dia estamos a fazer, mas é uma outra discussão, completamente diferente e que não toca tanto na televisão que é a questão do controlo parental através da ação, por exemplo, das escolas, nós estamos a discutir se os ecrãs devem estar presentes ou não no local de ensino, por exemplo das escolas ou nos recreios, se as pessoas com os ecrãs falam mais com umas ou menos com outras, etc. Eu acho que essa discussão é uma discussão que tem os seus defensores, mas provavelmente voltamos a ter esta ideia. Proibimos ou proibimos explicando como e porquê essa proibição tem de funcionar, porque os jovens sempre estiveram na frente do pânico moral nas sociedades. Foi assim com a televisão. Foi assim com o cinema antes. Foi assim com a internet. É quase como se utilizássemos os jovens com uma desculpa para proibir as coisas que achamos que não devem existir, por alguma razão. Depois existem aquelas coisas que são proibidas, porque há um consenso na sociedade que elas não devem ser para todas as idades. E obviamente há aquelas que são mesmo proibidas e que são em termos da lei proibidas e a sociedade tem um consenso enorme que essas coisas não devem existir sequer em lado nenhum. Portanto, não é uma questão de acesso ou não”.

OFF

Mas a televisão não se apagou. Ela continua presente no nosso quotidiano, e a programação de uma grelha televisiva exige uma depuração dos conteúdos exibidos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Em relação ao controlo parental, como é que pode ser feito? O que é que o que é que aconselharia aos pais em relação a essa matéria?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“O controlo parental é uma coisa muito difícil e felizmente é cada vez mais difícil, porque antigamente os pais eram uma grande autoridade e, portanto, os filhos faziam todos o que os pais mandavam. E hoje em dia o controlo parental parte de uma negociação com os filhos. Portanto, é uma coisa mais difícil, são duas vontades. E antigamente, há muitos anos eu nem eu já fui dessa geração, mas há muitos anos era apenas uma vontade. Portanto, o controlo parental é uma coisa difícil e nós temos consciência disso. E por isso, quando se trata de horas a que nós entendemos que o controlo será muito mais difícil, temos imenso cuidado. Por exemplo, às 20:30, nós temos um documentário de monumentos e de viagens que pode ser visto por toda a gente. Os programas infantis são imensamente controlados e muito supervisionados e com muito cuidado para que não haja nada, até porque a criança pode estar em casa sozinha, a ver aquilo e não ter depois um adulto que desconstrua o que ela está a ver nessa matéria? Acho que é exemplar, que a RTP 2 é exemplar. A partir de um jornal que tem cenas bastante indecentes e que não passa pela cabeça de ninguém dizer que elas não podem estar no jornal. Infelizmente os jornais têm cenas bastante indecentes. Nós entendemos que é uma coisa de adultos e que os pais podem dizer aos meninos até a idade que entenderem: tem paciência, isto agora é para adultos e no mundo dos adultos há momentos em que é diferente do mundo das crianças não é um contra o outro, mas são dois mundos que podem ser diferentes”.

OFF

As mensagens que me chegam revelam as sensibilidades dos telespectadores. Os temas focados são um reflexo do que na contemporaneidade pode chocar e agredir visualmente.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

As questões do puritanismo e da liberalidade de costumes vão mudando ao longo do tempo. E nós já assistimos a várias mudanças. É necessário adaptar a programação a essas mudanças ou não?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Acho que sim, acho que é sempre necessário perceber como é que o mundo está a evoluir, mesmo que para nós, às vezes pessoalmente pareça involuir. Mas o que é verdade é que ele evolui num determinado sentido e acho que é bom nós termos essa consciência e adaptar a programação àquilo que é o ar do tempo. Acho que é normal que isso que isso se faça. Mas em todos os tempos tem de haver umas pedradas no charco e às vezes, deliberadamente, queremos atirar uma pedrada ao charco agora acho que o público é muito mais sensível hoje do que era nos anos em que eu via televisão, quando era mais miúda. O que mais impressionava as pessoas era não te aproxime muito do ecrã que faz mal aos olhos, tudo o resto passava, mesmo quando deixou de existir censura, mesmo a seguir ao 25 de Abril. Acho que neste momento há uma espécie de censura instituída, uma censura do público, as pessoas incomodam-se com muitas coisas com que não se incomodaram e se calhar daqui a 50 anos não vão voltar a não se incomodar, mas incomodam-se com coisas, para mim, às vezes bastante surpreendentes. Agora temos agora o caso da “Fina Finança”. A primeira série era bastante forte, mas ok. A segunda série era bastante forte, mas ainda se aguentava. A terceira série tem que ir à meia-noite, porque é demasiada pouca vergonha, sobretudo mental. Quatro pessoas não têm a mais pequena ponta de escrúpulos, não têm consideração por ninguém. Estão ali para enriquecer, seja lá como for e não têm consideração nem pelas famílias, nem pelas pessoas com quem trabalha nem por nada. E isso é melhor ir à meia-noite é bastante indecente”.

OFF FINAL DA PROVEDORA

Como vimos, compete sobretudo aos pais fazerem o seu trabalho, o trabalho possível de acompanhamento do que os filhos veem, quer na tv, quer nos outros ecrãs.

À RTP compete-lhe cumprir a lei e as regras de bom senso e evitar contaminar a emissão com conteúdos desadequados e desajustados ao horário e ao público-alvo. Num futuro programa falaremos dos diferentes tipos de classificação de programas e respetiva sinalética e de outras restrições nos canais da RTP.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 9 – 15 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 14:22 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão aborda hoje um tema que tem marcado a atualidade: A Inteligência Artificial.

A inteligência artificial deixou de estar num futuro longínquo e está cada vez mais presente na vida de todos nós. Também no jornalismo, a inteligência artificial ganha destaque e começa a ser um instrumento que pode ser útil aos órgãos de comunicação social. Mas não podemos esquecer os riscos inerentes às máquinas e ao seu uso indevido.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Todos os dias ouvimos falar disto umas vezes como um grande papão, outras vezes como uma ferramenta que facilita a vida e facilita a vida e facilita uma série de funções. Na comunicação social em que é que a inteligência artificial pode ser útil ou prejudicial?

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“A inteligência artificial está hoje em 2025, como estiveram as redes sociais há 10 anos atrás como esteve a internet em 1995, porque todas estas situações de transformação tecnológica têm criado uma atenção que por vezes é exagerada na sociedade e na comunicação social também com a ideia de que tudo tudo tudo vai mudar e é preciso mudar tudo aquilo que existe. Para a situação atual há vários desafios, há o desafio, por exemplo, da clonagem da voz. Ou seja, esta entrevista pode ser gravada com esta imagem mas aquilo que eu estou a dizer pode ser uma coisa diferente. Há a questão da construção das notícias, mas aí também podemos pensar no seguinte. Nós temos muitos takes das agências que são por vezes transcritos quase na totalidade e que se tira um parágrafo muda-se uma coisa. Hoje em dia, a inteligência artificial permite que isso seja feito de uma forma ligeiramente diferente. Ou seja, quem me está a entrevistar aqui a Ana Sousa Dias, eu posso pedir a um motor de inteligência artificial para pegar nas notícias da Lusa, por exemplo, e mudar as notícias como a Ana Sousa Dias as daria se fosse ela a escrever essa notícia e não a Lusa. E depois temos toda a questão de pensar naquilo que é a desinformação, que é uma palavra que está banida, nalguns sítios, neste ano de 2025, nomeadamente nos Estados Unidos, e passou a utilizar-se a velha palavra propaganda, ou seja, tudo aquilo que é construído não como uma verdade jornalística mas transformar a opinião certa, errada, não interessa, aquela que a pessoa quer dar para influenciar a visão dos outros”.

Daniel Catalão, Jornalista da RTP

“Foi uma das áreas onde tem havido mais evolução, esta questão do vídeo sintético que permite os tais deepfakes, que é disso que estamos a falar, a criação de imagens que até podem parecer que somos nós próprios, mas estamos a dizer coisas que nunca dissemos ou a inventar. Ora bem, no momento atual a evolução tem sido muito grande. Eu acho que dentro em pouco vai ser muito difícil mesmo descobrirmos. Atualmente

só com sistemas muito sofisticados é que nós conseguimos produzir vídeos quase perfeitos. Há ali alguns truques que podemos usar em termos humanos para podermos perceber. Quando falamos, somos expressivos nos olhos, na boca, e as coisas são conjugadas na forma como o nosso rosto, a nossa fisionomia está e nos vídeos sintéticos isso não bate certo. Ou os lábios não batem com o mexer dos olhos, depois há a questão da fisionomia, o movimento dos ombros, dos braços, das mãos. Há aqui um conjunto de sinais que nos dão a ideia de que isto é fabricado não é verdadeiro. Depois não vale a pena pensar que já há sistemas que detetam, mas há sistemas que enganam e há sistemas que detetam e há sistemas que enganam. Portanto, para já apenas a componente humana e a troca de informações e o contexto são aqueles que nos vão ajudar porque dentro em breve, vai ser mesmo difícil vai ser mesmo muito difícil dizer “isto é verdade”, ou “isto é mentira” como de resto já vemos em publicidade e no cinema, onde a maior parte das imagens que vemos, na publicidade, por exemplo, é tudo fabricado. Já não existe. Portanto, o passo de criar conteúdos para enganar os jornalistas começa a ser um desafio cada vez maior. Portanto, depende da atitude editorial do jornalista de tentar confirmar se aquilo foi dito, qual o contexto e se há outras fontes que possam mais ou menos cruzar, porque tecnicamente, em breve, vai ser muito difícil. Vai ser mesmo muito difícil”.

OFF

Existem programas cada vez mais perfeitos a adulterar imagens e sons. Mas que também permitem identificar a voz de quem quer manter-se no anonimato.

A RTP deparou-se recentemente com essa situação e já está a tomar medidas para que não volte a acontecer.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Já tivemos um caso concreto na RTP há algum tempo a esta parte em que uma pessoa que falou e que precisava de ser protegida naquele caso, com voz distorcida, percebemos que houve um programa que fez a reversão dessa distorção e que permitiu a identificação daquela pessoa mesmo com ela filmada de costas e com voz distorcida. Há programas melhores agora, a inteligência artificial encontrou programas mais dificilmente reversíveis. Isso pode ser uma ferramenta útil, mais útil do que aquela que temos. A proteção de alguém. Quando esse alguém não pode falar de viva voz porque a sua segurança está em causa, a sua segurança pessoal ou profissional aconselha que possamos protegê-la, não a mostrar, filmá-la de costas ou distorcer a sua voz para ser mais dificilmente identificável. Há programas agora melhores de inteligência artificial para o fazer e obviamente, que nos fazem pensar”.

OFF

Se por um lado, é difícil resistir à utilidade da inteligência artificial em tantas áreas das nossas vidas, como na saúde, por outro existem desafios que já se colocam hoje ao serviço público de televisão. Para continuar a ser um órgão de comunicação social da confiança dos telespectadores, a RTP está a preparar uma carta de princípios para a utilização da Inteligência artificial.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Nós temos a vantagem de trabalhar sobretudo com material próprio. Isto é, filmamos, gravamos som, áudio, editamos nós as nossas imagens. Trabalhamos com agências noticiosas que também elas têm um crivo em relação ao material que difundem pelo mundo, e isso é uma vantagem de partida quando trabalhamos com o nosso próprio material. É evidente que não trabalhamos só com o nosso próprio material, mesmo que ele seja mais de 90% do material com que trabalhamos. As redes sociais são sobretudo também um veículo, uma fonte onde muitas vezes circula informação, não necessariamente notícias, não necessariamente informação verdadeira, mas é aí que surgem, é aí que costumam surgir os problemas maiores na manipulação de informação, na falsidade da própria informação, que ganha aparências de rigor, quase indesmentível. E esse é o problema, esse tem sido o problema. Nós temos algumas ferramentas, sobretudo quando lidamos com

redes sociais, seja com texto, seja com fotografia, seja com vídeos, com áudio. Há ferramentas que utilizamos em pesquisas e materiais que vamos buscar a outras fontes que não fontes próprias, e desse ponto de vista, é um cuidado que já temos. Faz parte das nossas práticas, nomeadamente em domínios de investigação jornalística, em programas mais dedicados e que trabalha mais isso, mas também alguma informação diária em que alguns materiais vêm por essa via”.

OFF

Na RTP, não é só na área de informação que se pode utilizar a inteligência artificial. Também os designers que trabalham com grafismo e genéricos já estão a utilizá-la como auxiliar de criatividade.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Fala-se muito - é o tema do momento - de inteligência artificial. De que maneira é aplicável ou utilizável no design gráfico?

Nicolau Tudela, Responsável pela Imagem e Inovação na RTP

*“Eu vou começar com uma frase de um artista que diz que “a arte não reproduz o que o que vemos, mas faz-nos ver”. O que é que eu quero dizer com isto? No fundo, o trabalho do designer e do artista plástico obrigam a ver e a refletir. Respondendo, a inteligência artificial é uma ferramenta que nos obriga exatamente a pensar e a ver, que nos facilita a busca e a procura das coisas, mas sobre as respostas imediatas que a própria inteligência artificial pode dar obriga-nos sempre a refletir e a pensar e a refazer e a reformular o que que nos é dado de uma forma imediata. É a mesma coisa que quando utilizamos um pincel: não é o pincel que cria a obra. Nós temos que criar com uma intervenção própria para fazer e dar forma à criatividade. A inteligência artificial é um pincel no fundo. É quase uma ferramenta a que nós vamos dando forma e que vamos adaptando às nossas necessidades. Basicamente é um facilitador para todos os efeitos. **No vosso trabalho como designers estão a aplicar já a inteligência artificial? Estão a aprender? Estão a integrar essa ferramenta no vosso trabalho?** De alguma maneira esta ferramenta, esta inteligência artificial vai-nos dar e vai-nos facilitar nalguns trabalhos que nos custavam e que nos obrigavam a um determinado tempo. Funciona como um desbloqueio criativo que nos dão pistas que podemos trabalhar e que nos oferecem sempre alternativas. Nós trabalhamos por cima delas e fazemos esse tipo de trabalho. Portanto, sim, utilizamos como se utiliza um software, também aprendemos a utilizar a própria inteligência artificial”.*

OFF

Para que os profissionais da RTP utilizem da melhor forma a inteligência artificial, o serviço público de televisão está a apostar na formação dos trabalhadores. Há cerca de um ano organizou a primeira conferência sobre inteligência artificial. Além dessa conferência, a RTP tem organizado várias formações sobre o assunto. Neste mês de Março é feita uma ação de formação intitulada “Introdução ao jornalismo e inteligência artificial”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E é necessário dar formação específica aos jornalistas para esta área?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“É necessário validar as ferramentas porque nem todas as ferramentas serão adequadas. Teremos de perceber o alcance também dessas ferramentas e temos de dar formação e dizer que, em relação às ferramentas que forem escolhidas, algumas estão disponíveis já em digamos, em qualquer dispositivo informático. Mas é preciso formar as pessoas para perceber o que podem obter e cuidados a ter com elas. É um trabalho a fazer, que na carta de princípios também está incluído, a necessidade de validação das ferramentas e também de

formação associada ao uso dessas ferramentas. Em qualquer caso, volto a sublinhar, o uso das ferramentas não dispensa a responsabilidade do jornalista antes, durante e depois”.

Daniel Catalão, Jornalista da RTP

*“Eu costumo dizer duas coisas muito simples: queremos jornalistas ou gestores de algoritmos? São coisas diferentes, nalgumas circunstâncias, e isto está a acontecer e pode vir a acontecer. E outra é nós estamos perante uma tecnologia que é completamente diferente daquilo a que estávamos habituados. A tecnologia de inteligência artificial toma decisões, aconselha e faz, **Não é só um instrumento?** Não é só um instrumento”.*

OFF

Gustavo Cardoso defende que a mudança tem de ser mais profunda. Não é só a literacia, a mudança deverá ser cultural. Devemos habituarmo-nos a questionar o que vemos com os nossos próprios olhos através dos ecrãs.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que nos podemos proteger, defender dos malefícios de toda a manipulação que é possível fazer?

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“A resposta é difícil, mas é difícil porque não é uma resposta tecnológica, não é uma resposta de ensino, ou seja, de aprendizagem, seja do ensino formal ou pela própria ação das pessoas. É uma mudança cultural muito radical nas nossas vidas. Nós temos dois mil anos de andar a dizer uns aos outros “acredita só naquilo que vês”. E hoje, provavelmente, temos de alterar essa lógica. E portanto não é fazer como São Tomé, ver para crer, é fazer ao contrário: tudo aquilo que vejo à partida, tenho de ter um pé atrás. Ou seja, não posso aceitar que nada daquilo que eu vejo seja verdade. Pode ser verdade, mas isso tem que ser porque alguém em quem eu confio me diz. Neste caso, os jornalistas. Ou porque eu próprio vou procurar as ferramentas para detetar se aquilo que me está a ser oferecido é verdade ou não. Portanto, é uma mudança de paradigma da forma como nós vivemos o nosso quotidiano, como lidamos com a vida e com os outros”.

OFF

Já estamos todos atrasados na importância a dar à inteligência artificial. Como vimos, a Inteligência Artificial é uma poderosa ferramenta que é utilizada pelo jornalismo, mas que tem tanto de poder como de perigo. Daqui para a frente, a ética e a verificação de factos devem ser uma prioridade para a televisão pública, que deve liderar as boas práticas na utilização da Inteligência artificial e utilizá-la em proveito dos telespectadores.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 10 – 22 DE MARÇO 2025

DURAÇÃO: 19:42 MINUTOS

OFF

O Festival da Canção origina sempre muitas mensagens dos telespectadores mas, desde que sou Provedora, este foi o ano em que mais mensagens recebi. Na maioria, os telespectadores que me escreveram põem em causa o sistema de votação, dada a divergência das votações do público e dos jurados.

A polémica estalou porque os vencedores da edição de 2025 foram os “NAPA”, uma banda da Madeira que recolheu a pontuação máxima do júri madeirense, cuja porta-voz declarou entusiasta que o seu voto era para uma banda da Madeira.

Mensagem de telespectador

“Como é que permitem que o júri da Madeira atribua descaradamente a pontuação máxima ao seu candidato? O público sim, vota no que quiser, mas que imparcialidade é esta do júri? Estão a avaliar a qualidade musical ou os artistas da terra? Da minha parte, não vou mais gastar dinheiro a votar no Festival da Canção”.

Mensagem de telespectador

“Escrevo por ter verificado que existiu uma grande discrepância entre aquilo que o Júri votou e aquilo que o público queria. Vimos também votações do júri que foram tudo menos imparciais votando claramente nos candidatos da sua região e prejudicando propositadamente outros”.

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio manifestar a minha preocupação em relação a uma possível irregularidade ocorrida durante a final do Festival da Canção. No momento da votação do júri da Madeira, o porta-voz não se limitou a anunciar os votos de forma imparcial, como seria esperado, mas demonstrou clara preferência por uma das canções, cujo intérprete é natural da região”.

Mensagem de telespectador

“Está provado que o regionalismo venceu a Eurovisão, basta ver a votação do referido Júri da Madeira, do Júri do Algarve e Júri do Alentejo, que "coincidentemente" deram a pontuação máxima aos cantores da sua região. Sou do tempo em que o Festival parava o país e onde o respeito ainda existia, os responsáveis pelo Festival devem analisar com imparcialidade o que aconteceu na votação este ano”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Gonçalo Madail tenho a caixa de correio inundada por protestos relacionados com o Festival da Canção. Na maioria põem em causa o sistema de votação e chegam a pedir que a votação da Madeira seja anulada ou que há mesmo quem peça que eu, eu Provedora, resolva o problema mudando o resultado. Claro que não me compete a mim fazer nada disso mas queria saber o que é que, como é que aparece este sistema de votação? De onde é que vem?

Gonçalo Madail, Diretor de música e artes de Palco

“Este sistema de votação, que é antigo foi sofrendo algumas adaptações e ajustes ao longo dos anos. É, acima de tudo inspirado no próprio sistema de votação da Eurovisão. Haver 50% por cento de votos do público com 50% por cento de votos dos jurados, particularmente na final, é uma inspiração que trazemos daí. Consideramos também que é um equilíbrio entre aquilo que são muitas vezes nas redes sociais aquilo que nós chamamos aqui de fenómenos mediáticos, com alguma qualidade e de gente ligada à música, de alguma forma que avalie as nossas prestações. Entendemos com isto que há um nivelamento entre o fenómeno mediático e o fenómeno da qualidade. Claro que também estamos conscientes com isso, que muitas vezes os fenómenos mediáticos têm uma força emocional muito grande e, portanto, pode acontecer muitas vezes as pessoas sentirem que a voz do público ou a voz do povo foi relativizada com a voz de especialistas ou de jurados. Mas esta história tem décadas no Festival da Canção. Não é de hoje. Desde o primeiro momento”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na verdade, as pessoas queixam-se da votação da Madeira que em que o júri disse expressamente que estava a votar no Grupo que era da Madeira. No regulamento da Eurovisão, os representantes dos países não podem votar nos próprios países, é diferente. Mas este festival também não é um festival regional, não é? Não é por regiões, não é?

Gonçalo Madaíl, Diretor de música e artes de Palco

“Obviamente, primeiro e antes de tudo, ressaltar que o Júri da Madeira votou ou deu os doze pontos a uma banda da Madeira mas o júri do Alentejo também deu doze pontos a uma artista alentejana tal como o júri do Algarve, deu os doze pontos a um artista Algarvio. Portanto, é para nós muito difícil, como devem imaginar quando convidamos jurados ligados à música, são três por cada área que nós definimos e, portanto, 21 no total incidir com eles ao incutir-lhe a ideia de que não votem ou evitem votar na sua Região parece-me um conceito muito questionável da nossa parte. Não induzimos nenhum dos nossos jurados em nenhum momento para que a votação tenha uma determinada sensibilidade ou outra. Posso comentar até a título pessoal que que a porta-voz do júri da Madeira foi demasiado efusiva, a meu ver, a expressar os seus doze pontos. Os meus conterrâneos, enfim, os nossos queridos da Madeira, entendo isso, entendo que isso não fica, enfim possa ter efeito junto das pessoas que lhe pareça demasiado condicionado. Mas não, mas isto é uma questão de tom e na forma como a representante decidiu apresentar o voto. Eu não o faria dessa forma. Também não me parece enfim, não me parece vá ético para com os outros restantes concorrentes ou as pessoas do país. Acho que o fez no calor da emoção apenas isso, Mas é apenas uma questão de tom da forma como expressou, porque na realidade houve outras três regiões que também votaram nos seus artistas residentes, digamos assim. Portanto, não foi caso único o caso da Madeira”.

OFF

A par das queixas sobre o sistema de votação, houve telespectadores que foram mais longe e sugeriram novas formas de seleção para quem vai representar Portugal no Festival da Eurovisão. A maioria sugere menos peso nas votações dos Júris e mais para o televoto.

Mensagem de telespectador

“O público teve uma votação muito expressiva numa das músicas mas ficou sem qualquer hipótese de qualificação apesar dos 30% de votos do público. Surge a necessidade de reduzir o peso do júri para cerca de um 1/3 até porque a votação como já vimos não é de todo objetiva e imparcial”.

Mensagem de telespectador

“O peso do voto do público é desproporcionalmente reduzido, o que faz com que a opinião dos espectadores, acabe não sendo devidamente considerada no resultado final. O justo seria que os pontos do público fossem atribuídos proporcionalmente, tendo em conta o volume de chamadas telefónicas”.

Mensagem de telespectador

“O peso excessivo dado ao júri permitiu que algumas atuações fossem injustamente penalizadas, comprometendo a diversidade e inovação musical que deveriam ser incentivadas. É essencial garantir que o processo de seleção seja justo e representativo do gosto do público e das tendências musicais atuais”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há também vários telespectadores e creio mesmo que é uma das questões mais colocadas que dizem que, tendo havido quase 100 mil votos por parte do público, essa vontade do público expressa nos resultados devia ter mais peso na decisão. Não devia ser 50/50 por cento.

Gonçalo Madaíl, Diretor de música e artes de Palco

“Até aqui nós utilizamos esta proporção de cinquenta/cinquenta quase por uma razão histórica. O festival sempre sempre teve este peso, tal como existe na Eurovisão. Também admito por uma questão eu diria, quase sociológica, que com o tempo poderemos vir a rever o peso que cada uma delas tem. Lembrando que também há outras dinâmicas a acontecer. Por exemplo, a força de alguém que está nas redes sociais, a gerir, a influenciar a comentar, a aparecer todos os fóruns e em todas as redes de comentários, nem sempre são pessoas que depois expressam o seu voto efetivamente. Nós tivemos artistas consagrados que têm um grande rasto mediático, como o Fernando Daniel, ou como outros artistas que já por aqui passaram, que muitas vezes nem sequer em segundo lugar ficam e, portanto, é muito muito relativo. O peso entre estas duas votações, a nosso ver, traduz um equilíbrio. Eu dou alguns exemplos, como por exemplo, o caso do Salvador Sobral, que se não tivesse júri, provavelmente não teria passado à final no seu ano, foi o júri que o levou à final por uma questão de apreciação com outros critérios que se calhar não foram os critérios puramente mediáticos ou dos critérios de um fã. O Salvador Sobral era pouco conhecido aliás, nas redes sociais, sofreu uma enorme carga de ódio, pelo seu aspeto, pela sua condição física, que era aliás uma questão de saúde e, portanto, temos que.. entendemos até à data que o equilíbrio entre as duas coisas nos ajuda a garantir que há um misto de fenómeno mediático de apoio do público, com um misto de uma apreciação de uma certa qualidade”.

OFF

Outra das questões colocadas pelos telespectadores é o critério para a escolha dos elementos do Júris que escolhem a canção vencedora do Festival da canção. Os telespectadores consideram que deverá haver maior cuidado na escolha de quem seleciona o tema que vai representar Portugal no Festival da Eurovisão, desde logo e numa primeira fase na escolha dos temas de livre submissão.

Mensagem de telespectador

“Quem foram as pessoas que escolheram as seis canções do concurso público? A RTP nunca divulgou os seus nomes, nem o tem feito nestes últimos anos. Porque não há transparência nesta questão? Porque a RTP não divulga os nomes quando divulga as canções escolhidas?”

Mensagem de telespectador

“Acima de tudo, o que me deixa mais desagradado, é o facto de ser um júri que vota nos amigos, conhecidos e conterrâneos. No final de contas, levamos uma música fraca, quando tínhamos 3 ou 4 músicas capazes de lutar por um top 10 na Eurovisão”.

Mensagem de telespectador

“Gostaria de entender quais são os critérios utilizados para a seleção do júri e qual é a sua competência técnica para avaliar e escolher uma canção que represente Portugal no Festival da Eurovisão. O júri possui conhecimento aprofundado sobre o formato e os critérios do concurso europeu. A transparência e a credibilidade do Festival da Canção são fundamentais, e espero que sejam tomadas medidas para esclarecer esta situação.”

Gonçalo Madaíl, Diretor de música e artes de Palco

“Nós entendemos que toda a escolha do júri que é feita aqui, desde o grupo que faz que escolhe, seleciona a livre submissão, ao corpo de jurados das semifinais a este corpo de jurados para a final destas sete áreas/regiões são decididos pela RTP. São decididos pela direção da RTP, pela coordenação geral do festival, e, portanto, é uma espécie de direito de admissão ao qual nos temos reservado, sempre como aliás, também somos nós que decidimos convidar determinados artistas e não outros. Para isso presidem-se critérios naturalmente e a escolha dos destes jurados seja os da semifinal, seja os da final, é feita com base na ligação que estas pessoas têm com a música. Temos aqui gente do meio mediático, sejam atores com sensibilidade

para a música, embora poucos, mas acima de tudo músicos, programadores, culturais, programadores de cineteatros, diretores de escolas, de música e de conservatório, e, portanto, tudo gente que nós entendemos ser ligado à música, jornalistas ou críticos na área da cultura e da música e, portanto são para nós pessoas da área de especialidade. E também temos o cuidado, também faço notar para que não sejam, por exemplo, só músicos e intérpretes”.

OFF

As queixas começaram a chegar ainda antes da grande final. Na semifinal houve um erro com os números associados aos candidatos que os telespectadores não deixaram escapar. Esse erro foi detetado automaticamente pelos responsáveis e ficou decidido que os candidatos em causa passariam à final independentemente dos votos para evitar que fossem prejudicados.

Mensagem de telespectador

“Foi com muito desagrado que assisti à semifinal do festival da canção, onde votei através do número de valor acrescentado e houve um engano (ou não) na informação dada aos telespectadores, colocando na dúvida se realmente não estava já decidido quem passaria à final, prejudicando alguns concorrentes e principalmente quem gastou dinheiro nas chamadas. Sinto-me profundamente enganado”.

Gonçalo Madaíl, Diretor de música e artes de Palco

“Foi alertado desde logo, nas redes sociais. No momento imediato, eu diria um, dois, três minutos depois de ter acontecido e foi também expresso na emissão pelos apresentadores lembro-me, particularmente os apresentadores da Green room, que também o fizeram e, portanto, foi alertado desde logo. O que é que acontece? Aquilo que nós chamamos um reecap que no fundo é aquela montagem o carrossel das canções depois de atuarem com os números que é passado no programa, uma boa quantidade de vezes, a primeira vez que passou tinha uma gralha nas últimas canções oito, nove e dez, que estavam os números trocados. Ora, o que aconteceu foi primeiro, foi logo corrigido. Á segunda vez que passou já estava corrigido e depois ficámos nós a organização do festival, e quem toma as decisões coloca uma decisão preventiva tomada, que era a seguinte estes três artistas que viram os seus números trocados, ainda que por um único momento, se fossem prejudicados por alguma razão e não passassem à final, nós ativaríamos a regra cega de os apurar”.

OFF

Também o estúdio onde se realizou o Festival da Canção deste ano desencadeou queixas dos telespectadores, acusando a RTP de reduzir o investimento.

Mensagem de telespectador

“É inaceitável a falta de investimento que tem existido no festival. Não se admite o estúdio seja da dimensão que foi, dando quase um aspeto de “barracão”, quase não tinha público e os apresentadores para apresentarem as músicas tinham como cenário os cabos dos ecrãs pois não tinham outro local para o fazer. Não se justifica que programas do próprio canal, como o Got Talent ou o The Voice, tenham melhores condições que o mais antigo programa de entretenimento português”.

Mensagem de telespectador

“A que se deve o desinvestimento no Festival da canção? Temos de o ver num palco cada vez mais desprovido de vida.. Aliás, chegou-se ao ridículo de já nem haver palco”

Gonçalo Madaíl, Diretor de música e artes de Palco

*“É uma razão relativamente simples para fazer tem a ver com as nossas capacidades orçamentais. O Festival da Canção é um projeto de grande entretenimento de custo considerável. É feito em três datas mas também é feito com pré gravações com artistas convidados. Nós passamos três semanas em estúdio a gravar e a pré agravar conteúdos, não os do concurso, o concurso é todo feito em direto obviamente até por razões de transparência, **Sem playback? Há pessoas que também disseram que havia playback?** Não não, não de todo há playback instrumental apenas e só, as vozes reais que são processadas sempre ao vivo. É uma regra de condição do festival, que, aliás, plasma a regra da eurovisão. Também nós gostávamos todos, especialmente quem está ligado ao festival de forma mais intrínseca de poder fazer isto numa grande sala, com um grande público, como aliás, nós próprios já fizemos anos, houve em dois mil e dezoito, dezanove e em dois mil e dezassete que fizemos no Coliseu dos Recreios, em Elvas, fizemos em Portimão, fizemos em Guimarães em grandes salas com grande porte. O modelo atual do festival que temos seria muito, muito dispendioso e muito caro de ser transportado para uma sala durante três semanas ou quatro semanas, com ensaios e pré gravações. Mas obviamente também sentimos que ter uma plateia com cinco mil pessoas é completamente diferente de ter uma uma plateia com cem pessoas. Temos toda a consciência de que o programa em si seria galvanizado. Os artistas galvanizar- se- iam também os apresentadores, todos os intervenientes, são questões de restrição orçamental que tem a ver com o modelo e com o rigor do modelo que hoje temos, Mas consideramos, consideramos perfeitamente a hipótese ano a ano temos vindo a avaliar isso para voltar a trazer o festival para uma sala onde, ou pelo menos para um estúdio com mais capacidade de público. Pelo menos isso porque entendemos que faz falta um pouco mais de mancha humana e o calor humano em torno do momento. Imagino que já estão a preparar o próximo festival, embora tenham agora o festival da Eurovisão pela frente. Não é? Dado estes protestos todos que foram manifestados este ano, estão a pensar em alterar o regulamento do próximo ano? Como já tive a oportunidade de dizer entre aquilo que são hoje as novas manifestações nas redes sociais e aquilo que são os fãs, a comunidade de fãs e aquilo que são as pessoas que votam, podemos ponderar no futuro haver um equilíbrio maior ou uma gestão das proporções um bocadinho maior eventualmente, dar alguma expressão mais ao voto do público, sabendo nós que ao dar mais expressão ao voto público, estamos sujeitos a tendências em movimentos que muitas vezes são orgânicos, mas muitas vezes também são organizados e são contaminados entre si. E nós temos isso felizmente, e infelizmente temos os piores exemplos nessa matéria de movimentos orgânicos que foram criados nas redes sociais com uma determinada estratégia e portanto tentamos não ceder. E encontramos nisto um equilíbrio. Continuamos a confiar muito nessa realidade, mas estamos perfeitamente sensíveis e vamos vendo. Vamos lendo a atualidade”.*

OFF FINAL DA PROVEDORA

Compreendo as críticas que foram feitas à edição de 2025 do Festival da Canção mas estou convicta de que as regras estabelecidas à partida foram cumpridas. Compreendo que tantos telespectadores tenham sentido desilusão por as canções que preferiam não terem vencido. Considero ainda que a organização do Festival deverá ter em linha de conta as dúvidas suscitadas em futuras edições. Mas, e aliás correspondendo aos apelos difundidos nas redes sociais por vários artistas concorrentes, penso que o foco principal neste momento deverá estar na canção e no grupo que vão representar Portugal no Festival da Eurovisão.

O Voz do Cidadão fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 11 – 29 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 14:03 MINUTOS

OFF

É habitual os telespectadores da RTP dirigirem-me mensagens sobre vários temas com uma questão de fundo em comum: como são tomadas as decisões editoriais na RTP?

Porque é que uma notícia é abertura de um espaço de informação, porque é que se faz cobertura jornalística de determinado tema e se deixa cair outro...ou porque se dá tempo de antena a determinado acontecimento?

A longa emissão no canal público de televisão torno das cerimónias fúnebres de Pinto da Costa foi um dos assuntos mais questionados pelos telespectadores da RTP no passado mês de fevereiro.

Mensagem de telespectador

“Não possuindo qualquer clube, o que me permite à priori isenção na análise, como é que a Televisão Publica gasta tanto tempo de antena com o funeral do dirigente portista?”

Mensagem de telespectador

“Durante 3 dias fomos inundados de notícias, horas e horas seguidas sobre o Sr. Pinto da Costa, tenham um pouco de bom senso, será que o Senhor era tão importante a nível nacional para justificar tantas horas sobre a vida dele? “

Mensagem de telespectador

“São 13:33 e o noticiário das 13:00 ainda não teve qualquer outro tema que não o funeral do Sr. Pinto da Costa! Será que em Portugal e no mundo, não houve qualquer outra notícia digna de ser transmitida pela RTP1?”

Adília Godinho, Diretora-adjunta de Informação da RTP

*“Pinto da Costa foi o dirigente desportivo que, mais anos no mundo, esteve à frente de um clube de futebol e durante o tempo em que o Pinto da Costa foi presidente do Futebol Clube do Porto, ele pegou - ou ele e a sua equipa e todas as pessoas que fizeram do futebol Clube do Porto aquilo que nós conhecemos hoje - pegaram num clube regional, que era o que era o futebol Clube do Porto, que já tinha 132 anos de história, e transformaram esse clube numa potência nacional de futebol e num clube verdadeiramente grande que chegou a ganhar muitos prémios internacionais. O Pinto da Costa esteve à frente do Futebol Clube do Porto durante 42 anos. Teve sessenta e nove títulos nacionais e internacionais. É uma figura controversa. É também uma figura incontornável do desporto e desta realidade portuguesa. Não há como não reportar a morte de de Pinto da Costa e num canal de notícias não devemos deixar de o fazer desta forma”. **Portanto, estamos a falar agora da cobertura da RTP três?** Da RTP 3, deu em direto muitos passos do seu velório e do seu funeral. O funeral de Pinto da Costa coincidiu também com a emissão do Jornal da Tarde, que acontece à uma da tarde na RTP 1 e isso aconteceu em direto, e é natural que tenha ocupado muito espaço do do Jornal da Tarde. Era um acontecimento que se estava a desenrolar”.*

OFF

Ainda em matéria de desporto, recebo frequentemente mensagens de telespectadores que questionam as notícias referentes a determinado clube de futebol.

Mensagem de telespectador

“O Telejornal abriu com a notícia do novo treinador do Benfica. Outros assuntos do dia: balanço do ministério da saúde, privatização da TAP e esclarecimentos da queda do helicóptero no Douro. Gostaria mesmo de perceber como se acha que a escolha de um treinador de futebol deve ser notícia de abertura das notícias em horário nobre”.

Adília Godinho, Diretora-adjunta de Informação da RTP

*“A notícia do Bruno Lage surgiu após variadíssimos dias e semanas de especulação em relação ao assunto. Surgiu num dia em que, pela avaliação que foi feita, se achou que seria a melhor notícia para abrir o telejornal. Era algo novo. Na RTP e, sobretudo na informação da RTP não abordamos o futebol em debates guiados pela paixão clubística. Tentamos fazê-lo de uma forma em que esses debates, esses contributos, tragam algo de novo. Fazemos com comentadores reputados no desporto, com antigos jogadores, com técnicos. E gostava também de salientar que a informação da RTP aborda um sem número de modalidades, não apenas o futebol. Na RTP nós cobrimos muito do ponto de vista informativo o futebol, os clubes e, de uma forma mais exaustiva, sobretudo a seleção nacional. Mas não é a seleção nacional masculina apenas, a seleção nacional feminina, os sub-19 e tentamos fazê-lo... **Aliás com transmissões em direto?** Mas sobretudo no canal 2 também no espaço da Informação da RTP. Abordamos modalidades e transmitimos em direto modalidades que é difícil ver noutros canais generalistas”.*

OFF

Surgem também críticas de telespectadores questionando a ausência das equipas da RTP em determinados eventos. É um facto que não existem meios ilimitados para chegar a todo o lado e impõe-se fazer escolhas pelo que é mais relevante.

Há ainda queixas que me chegam de telespectadores menos atentos.

Mensagem de telespectador

“No dia 24 de fevereiro de 2025, decorreu uma cimeira histórica e fundamental para o momento em que estamos. Uma cimeira em que participaram a União Europeia, outros países da Europa, Japão, Canadá, Turquia, entre outros, sobre uma questão fundamental que nos afeta, que inclui discursos históricos e essenciais sobre a nossa própria existência enquanto Europa e Mundo. Não vejo notícias nenhuma sobre isto, não vejo reportagens nem comentários sobre aquilo que foi dito”.

Adília Godinho, Diretora-adjunta de Informação da RTP

“A RTP não só acompanhou a cimeira, que coincidiu com os três anos de Guerra da Ucrânia, dia 24 de fevereiro, como na verdade a cobertura da guerra na Ucrânia tem sido um assunto muito presente em todos os noticiários da RTP. Cobrimos não só no dia, mas preparando várias reportagens e peças que deram conta do que o mundo mudou e do que mudou nestes três anos de guerra da Ucrânia. Seja por exemplo com mapas, explicar e relembrar a questão das fronteiras, ou dando conta do número de deslocados e refugiados que esta guerra na Ucrânia já provocou. Muitas pessoas ucranianas vieram viver para Portugal. Fizemos reportagem com isso também, relembrámos o primeiro dia de guerra. Relembrámos o número de mortos e feridos que esta guerra já causou e isto tudo nos vários dias e também no dia 24 de fevereiro, mas também em dias anteriores. Portanto, foi um assunto que tem estado muito presente nos nossos noticiários. No dia 24 de fevereiro, para além da presença da enviada especial da RTP Cândida Pinto, que acompanhou toda a cimeira dos líderes europeus e mundiais em Kiev, acompanhámos essa cimeira em direto na RTP 3, que é o nosso canal de notícias e em permanência também nos nossos noticiários generalistas”.

Mensagem de telespectador

“Na qualidade de professora de História, mãe e cidadã portuguesa, manifesto a minha profunda indignação pelo facto de a televisão pública portuguesa não ter marcado presença nas cerimónias que evocam os 80 anos da libertação de Auschwitz. Num contexto global marcado por conflitos e pelo crescimento de discursos de ódio e intolerância, é mais urgente do que nunca que o serviço público de televisão cumpra o seu papel de educar, informar e preservar a memória histórica”.

Adília Godinho, Diretora-adjunta de Informação da RTP

“Há dez anos, quando se celebraram os 70 da libertação do campo de extermínio de Auschwitz, a RTP enviou uma equipa a Auschwitz e uma equipa a Jerusalém. Este ano não o fizemos, o que não significa que o assunto tenha estado ausente dos nossos noticiários. Bem pelo contrário, acompanhámos essas cerimónias com vários trabalhos jornalísticos, não apenas condensado num trabalho, mas dividido em vários em que tínhamos contemplado as cerimónias com os testemunhos e depois os testemunhos de sobreviventes, pois ainda há sobreviventes do campo, que evocaram a memória desse horror. E acompanhámos ao longo do dia nos serviços noticiosos também com comentadores, que ajuda a dar o contexto e a reforçar o tema em antena. As televisões, infelizmente não têm meios para enviar jornalistas para todos os acontecimentos que gostaríamos e que achamos relevantes, seria grave se não o tivéssemos tratado em antena. Esse assunto esteve presente nos nossos jornais e a RTP não desvaloriza nem despreza a História”.

OFF

Importa explicar aos telespectadores como são definidos os alinhamentos dos vários serviços noticiosos... qual a notícia que fará a abertura do Jornal da Tarde ou do Telejornal, o serviço noticioso mais importante e de maior audiência no canal público da televisão portuguesa.

Adília Godinho, Diretora-adjunta de Informação da RTP

*“O trabalho nas redações faz-se a várias velocidades. Há alguns trabalhos que podemos planear com antecedência e pedimos aos jornalistas que vão tratando, por exemplo, as reportagens sobre os três anos de guerra na Ucrânia não foram todas feitas no mesmo dia, foram preparadas, definimos quais os ângulos de abordagem e definimos que dia é que essas peças é que são transmitidas. **Definimos é a direção da informação? É mais amplo?** É mais amplo do que isto. Nós temos a redação, os jornalistas divididos por editoriais: o Internacional, a política, o desporto, a cultura, a economia. Estas editoriais têm editores que são jornalistas seniores, com experiência e com conhecimento acumulado e que são as pessoas que mais sabem das áreas respetivas, naturalmente. E depois temos editores chefes que são, grosso modo, chefes de redação, que supervisionam e acompanham todo o trabalho produzido ao longo do dia nas redações. Há reuniões diárias sobre as notícias de cada dia e nessas reuniões diárias em que participa a direção, os editores gerais, os coordenadores dos programas e os editores das áreas são definidos quais os assuntos mais relevantes de cada área e de que forma os vamos abordar. O desenho do telejornal, que só fica fechado às 9 da noite. O Telejornal decorre entre as oito da noite e as nove da noite. É, dos três canais generalistas, o serviço noticioso mais pequeno e isso obriga-nos a grandes constrangimentos e algum policiamento no tempo das reportagens, na abordagem dos assuntos e é um jornal generalista. Tentamos que o Telejornal seja uma montra do mais importante que aconteceu durante o dia no país e no mundo”.*

OFF

Considero que a RTP tem procurado levar aos telespectadores o essencial da informação e também do desporto. Recordo os Jogos Olímpicos do ano passado em que foi feito um grande esforço para a cobertura das provas de todos os atletas portugueses e também a abertura a transmissões desportivas em novas modalidades nas quais atletas portugueses se têm destacado, como o râguebi e a natação.

Por outro lado, se um telespectador não gosta de política, como é que vamos resolver o problema de ter inúmeras horas de emissão focadas num congresso de um partido, com notícias e diretos frequentes?

O funeral de Pinto da Costa pudesse ter tido menos tempo de emissão sobretudo na RTP3. Mas isso levaria ao descontentamento de muitos telespectadores.

É difícil o equilíbrio entre o que a RTP deve ou não mostrar e com que destaque. Estão em jogo a relevância editorial, os recursos da Televisão Pública e, em última análise, as decisões editoriais da direção de informação.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 12 – 05 DE ABRIL 2025

DURAÇÃO: 18:57 MINUTOS

OFF

A 18 de maio, teremos eleições para a Assembleia da República, na sequência da queda do Governo de Luís Montenegro. Antes do período de campanha e à semelhança do que foi feito em atos eleitorais anteriores, a RTP desencadeou uma série de minientrevistas em pleno Telejornal, uma série à qual, no momento em que gravamos este programa, apenas o ex-Primeiro Ministro não se dispôs a participar. Mais do que uma entrevista e ambos os jornalistas que as conduziram foram alvo de protestos por parte de telespectadores. Mas foi com a entrevista de José Rodrigues dos Santos a Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, que as queixas atingiram uma quantidade inusitada - cerca de 1900.

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio manifestar o meu desagrado pela forma como o jornalista José Rodrigues dos Santos conduziu a entrevista ao político Paulo Raimundo. O tema supostamente seriam as eleições legislativas. Nada disso fez parte da entrevista”.

Mensagem de telespectador

“Quero protestar contra a forma tendenciosa e desrespeitosa como a entrevista ao Secretário-geral do PCP foi conduzida pelo Jornalista José Rodrigues dos Santos. Numa época de eleições legislativas esperava-se um diálogo que não estivesse centrado na guerra da Ucrânia mas sim nas posições do PCP sobre as diferentes políticas nacionais”.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

*“Eu penso que a entrevista do Paulo Raimundo teve algumas especificidades que resultaram justamente do tipo de respostas que eu estava a ter. Se quiser, eu explico-lhe isso com mais pormenor para se entender. Antes de cada entrevista, e é padrão geral, eu tenho uma conversa com o entrevistado em que digo o tempo que vai durar - 10 minutos neste caso - e explico qual é o tema. Neste caso, eu expliquei o tema vai ser a Ucrânia. **Mas explicou que era o único tema? Só falei nesse tema. Na verdade, tinha outros, mas só falei nesse tema. É preciso ...quer dizer, se quer colocar a questão do tema. O facto de a entrevista ter um tema ou ter vários temas não é um problema, isto é, não há nenhuma lei que obriga. Repare bem, o telejornal tem um tempo limitado, a entrevista é curta e, portanto, não há nenhuma lei, não há nenhum imperativo ético, nem há sequer tradição de que tenha que ter um tema ou vários temas, é em função das circunstâncias do convidado, das circunstâncias do convidado e da perspetiva da perspetiva editorial. No caso em apreço, o que que eu comuniquéi ao entrevistado é o tema vai ser a Ucrânia e o que nós vamos tentar fazer é desfazer os equívocos e clarificar a posição do PCP sobre a Ucrânia. Este é o pressuposto da entrevista. **E considerou que não tinha sido esclarecido? Que não foi esclarecido?** Havia pontos em que havia equívocos e havia pouca clareza. Isso é uma interpretação editorial que é feita com base nas declarações que se vai ouvindo. Aliás, tinha ainda na semana passada havido um incidente em que um deputado do Partido Socialista acompanhou vários deputados ucranianos. Houve, digamos, uma ovação no parlamento e os deputados do PCP não aplaudiram. **Aliás é assim que começa a sua entrevista. Há ali algumas... parecia-me a mim que a posição do PCP requeria explicação e os equívocos, eles mereciam uma oportunidade para os esclarecer. Portanto, esse é o pressuposto da entrevista ao qual eu fui sempre fiel. A entrevista começa normalmente. Há algumas perguntas que eu faço que não são respondidas, mas não atrapalha nada e depois o problema encrava numa questão que para mim*****

era pacífica. Aliás, nem percebi porque é que aquele problema emergiu, mas ele emergiu de facto que é quando eu faço essa pergunta, ele está a falar e eu a certa altura digo quando diz que nós é que somos responsáveis pela guerra, porque estamos a alimentá-la ao enviar armas, no fundo está a dizer aquilo que sempre disse o PCP, que é contra o envio de armas para ajudar a Ucrânia a defender-se. É isso, para mim era uma coisa pacífica. E ele respondeu assim: não. **Ele respondeu várias vezes não, não me pareceu que ele estivesse a responder não à sua pergunta.** Mas é que o problema é que ele respondeu não a esta pergunta, há de ver a entrevista e há de reparar que todas as outras em todas as outras perguntas ele nunca começa com não, mas nesta começa com não, é única. E portanto, isto é importante. Agora só para retomar. **Aí digamos, encravou?** Um jornalista quando está a entrevistar um político, as palavras têm valor e têm que ser lidas literalmente. Eu não posso ir assim, por exemplo, ao primeiro-ministro, primeiro-ministro vai aumentar os salários? não e depois não sei o quê, então eu não posso dizer boa noite o primeiro-ministro que não vai aumentar os salários, mas na verdade o que ele queria dizer era que sim. Não, eu tenho que interpretar literalmente. Isto são regras. As palavras valem o que valem. Quando ele diz não, não é não para citar o outro, não é? E portanto, essa era a questão. Quando eu faço a pergunta o que está a dizer é aquilo que disse o PCP, que é contra o envio de armas para a Ucrânia a defender-se. É isto? E ele diz “não. O que eu estou a dizer é que nós estamos perante uma guerra que devia ter sido evitada desde o princípio”. Ao ouvir isto, eu pensei bom, ele está a exprimir-se mal, não entendeu a pergunta, está a falar outra coisa, não valorizei, depois deixei que a conversa fosse para outra coisa e depois à primeira oportunidade eu voltei a insistir na pergunta e disse assim, e quando a oportunidade surgiu, disse, mas deixa-me só esclarecer isto, portanto, retomando a questão de que alguns momentos antes tinha ocorrido. Opõe-se ao envio de armas à Ucrânia? e ele responde “não. O que está em decisão hoje é o seguinte é se o caminho é um caminho de mais armas e mais armas”. Portanto, ele diz literalmente não, mas depois na sequência disso, dá a entender sim. Estou aqui perante uma contradição. Eu não estou habituado a ter contradição nas entrevistas, pode acontecer ocasionalmente, mas o que eu estou habituado a ter é fugas às perguntas mas aqui estava a ter uma contradição, estava a dizer uma coisa e depois a dar a entender outra. E eu conhecendo a posição do PCP em geral, a segunda é que faz sentido, mas ele não está a dizê-la explicitamente o que ele está a dizer explicitamente é não. Eu, como jornalista, não posso ignorar esse facto. Ele está a dizer não, ele começa, a única coisa que ele diz diretamente é “não” e isso obriga-me para não estar a percorrer que ia ser uma interpretação minha a entrevista é clarificar a posição do PCP. Recordo o pressuposto entrevista. Eu volto, mas eu isso então é contra o envio de armas para a Ucrânia. É isso? E ele responde “não”, isso é a terceira vez. O governo português tomou uma decisão, tomou uma opção, foi enviar armas. Mais uma vez de resposta não, clara, direta e depois dá nas entrelinhas a entender que sim. **Mas não poderia ter considerado que já chegava nessa altura?** Eu peço desculpa, como eu disse, eu como jornalista, as palavras valem o que valem... Quando ele me responde não, eu tenho que aceitar que não é não. Não tenho outra hipótese. Sim, mas eu comecei citando o outro, não é? Daí que eu tinha dito se eu perguntar ao primeiro-ministro vai aumentar salários, ele responde não estou a pensar em ajudar as pessoas a ter a ganhar mais e não sei ...? Eu não posso começar o telejornal a dizer boa noite. O ministro disse que não vai aumentar os salários, mas na verdade, o que eu queria dizer é que vai aumentar. Não posso fazer isso. É uma regra de profissão. Eu tenho as palavras valem o que valem eu estava a ser confrontado com uma situação rara, agora vai me dizer assim... com os outros foi diferente, mas outros entrevistados a fazer esse tipo de contradições, porque se tivessem feito, pode ter a certeza que eu ia atrás deles”.

OFF

Nos dias seguintes, as entrevistas de José Rodrigues dos Santos prosseguiram sem qualquer problema, nomeadamente a Inês Sousa Real, Nuno Melo e Rui Tavares. Com Mariana Mortágua houve uma insistência sobre um mesmo tema já respondido e a dirigente do Bloco de Esquerda afirmou que estava ali para falar das propostas do seu partido para o futuro. E a entrevista prosseguiu com a abordagem do tema da habitação, como foi sugerido pela bloquista.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que aconteceu depois com a Mariana Mortágua?

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

*“A Mariana Mortágua foi diferente, ela respondeu às perguntas. **Ela respondeu às perguntas, mas houve um momento em que ela o interpelou e disse está a insistir.** Não quis responder, se um entrevistado não quer falar sobre determinado tema, está no seu direito desde que o assuma. Portanto, estava claro que eu queria esclarecimentos sobre o assunto e ela disse Eu não quero falar mais sobre esse assunto. Então está no seu direito. Isto é, acho que não posso obrigar ninguém a falar contra a sua vontade e portanto, desde que os prim... não foi isso que aconteceu aqui”.*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Penso que a um determinado momento poderia ter dado a volta á situação. E pergunto-lhe se fizesse hoje outra vez a entrevista se faria da mesma maneira?

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“Depois de sair o euromilhões de eu saber qual é a chave, eu faço a chave correta, mas eu naquele instante, no momento em que está a decorrer a entrevista, eu não sei o que, aliás, há coisas que eu ainda não percebi. Durante a entrevista há dois, há duas situações que se colocam uma é... ele está a fugir deliberadamente à resposta. E a segunda é, ele está a expressar-se mal. Durante a entrevista, eu inclinei-me para a hipótese ele está a expressar-se mal. Porque se eu para mim fosse claro que ele estava a fugir deliberadamente, eu insistiria, e depois bem já vi que não quer responder, mas passar à frente. Mas a impressão que eu comecei a ficar foi de que ele estava a expressar-se mal, porque já havia o padrão anterior, na pergunta anterior e esta havia uma contradição entre o não inicial e depois o sim que eu sugeria pronto eu achei que ele estava a expressar mal. E, portanto, o que eu quis foi ajudá-lo a clarificar para que toda a gente percebesse, não é que eu concordasse ou discordasse que se percebesse qual era a posição do PCP e aquilo levou algum tempo. Há um momento em que aquilo em que essa clarificação chega, mas já é muito perto do final”.

OFF

No ano passado, quando o questioneei sobre a dura entrevista feita a Marta Temido, cabeça de lista do PS para as eleições europeias, em contraste com a conversa tida com Sebastião Bugalho, cabeça de lista do PSD, o jornalista respondeu que e vou citar “não pode ser exigido o mesmo a quem já esteve no poder e a quem nunca esteve” fim de citação. Neste caso, afirma que não se trata de uma situação idêntica.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

*“O PCP é um grande partido nacional com história profunda. Portanto, eu, o que o que é que me estão a pedir para eu ter.... Acredita que se o Luís Montenegro, o Pedro Nuno Santos me desse fizesse uma entrevista com este este nível de contradições, eu iria deixar passar em claro? Quer dizer, isso não faz sentido. Obviamente que eu ia atrás. E aqui é a mesma coisa, quer dizer, estão ao mesmo nível. A diferença clara é que o PCP não está no governo há muitos e muitos e muitos anos, e portanto, tem muito menos matéria, porque quem está no governo toma decisões, quem toma decisões desagrada. Se houver uma matéria em que aquele partido tem uma vulnerabilidade, é óbvio que eu vou perguntar. **Tinha mais temas? Tinha, tinha. Não era só a Ucrânia. Foi pena... Pois, mas é a questão é se ele fosse...creio que nós todos teríamos ganho com perguntas sobre outros temas.** É possível, isso é válido com todos com todos os entrevistados. O facto é se as respostas tivessem sido rápidas diretas ao assunto nós avançávamos depressa”.*

OFF

O diretor de informação da RTP considera que a entrevista de Rodrigues dos Santos a Paulo Raimundo ficou aquém das expectativas dos telespectadores. Revela que o tema está a ser abordado internamente e sublinha que a Direção de Informação não tem por hábito orientar quem está no papel de entrevistador a dirigentes de partidos políticos.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Nós não costumamos, nem costumamos, nem fazemos, nem nunca fizemos, nem nunca faremos em termos de orientação para uma qualquer entrevista dizer que há perguntas proibidas ou que há temas tabu que não se podem abordar. E, portanto, também essa entrevista deve ser vista a essa luz, isto é, obviamente que não há nenhuma questão, nomeadamente a questão central dessa entrevista que não seja colocável. Além do mais, esse tema até é um tema que nos interessa a todos em geral e também em Portugal e que será tema decerto também da própria campanha eleitoral. E, portanto, o enquadramento geral da entrevista é esse, ou seja, não há, do nosso ponto de vista, nenhuma questão que se coloque sobre a possibilidade de fazer as perguntas que se fizeram. **A questão que se colocou principalmente é que foi uma entrevista monotemática?** A questão que se pode colocar é essa, é que a entrevista não permita abordar outros temas, como era pressuposto. E, portanto, desse ponto de vista, a entrevista ficou aquém daquilo que era o objetivo que tínhamos traçado para todas as entrevistas. Julgo que o principal problema que ali reside é esse e a minha questão também não é pelos protestos que se geraram, isto é, as entrevistas provocam e as notícias e as reportagens, reações. **Podia ser só uma queixa?** Podia ser só uma reação, podiam ser muitas agora, respeitamos obviamente a reação das pessoas. Compreendemos que elas em relação à entrevista, tivessem a expectativa de que ela tivesse abordado outros temas e essa questão, obviamente merece discussão entre nós. Temos vindo a discuti-la, nomeadamente em sede de conselho da redação. Eu gostava de qualquer modo de esclarecer que não está aqui em causa nenhum crime que tenha sido cometido. Não houve nenhum processo de manipulação, de instrumentalização ou ofensas que tenham sido cometidas contra alguém, algum, não se tratou nada disso. Acho que é útil e saudável que possamos discutir como é que uma entrevista foi feita e se ela podia ter sido feita de outra maneira e porque é que foi feita desta maneira. Isso é uma discussão interessante e que deve ser mais do que interna também deve interessar os espectadores”.*

OFF

Na sequência da entrevista a Paulo Raimundo, o Partido Comunista Português apresentou queixas à Comissão Nacional de Eleições, à Entidade Reguladora da Comunicação Social e à Comissão da Carteira Profissional de Jornalista. Estes processos estão em curso. Internamente, como António José Teixeira referiu, a questão está a ser debatida no seio do Conselho e Redação.

Também as entrevistas conduzidas por João Adelino Faria a Pedro Nuno Santos, André Ventura e Rui Rocha foram criticadas por alguns telespectadores.

Mensagem de telespectador

“O Jornalista João Adelino Faria continua a querer ser o protagonista em todas as entrevistas que faz. Desta vez foi com o Dr. Rui Rocha, da Iniciativa Liberal. Não concordo nem aceito que este Sr. jornalista não deixe falar os seus convidados, cortando sistematicamente o seu raciocínio”.

João Adelino Faria, Jornalista da RTP

“Eu recordo aqui que nestas entrevistas tínhamos uma dificuldade acrescida. Não há programa apresentado pelos partidos. Portanto, quando eles dizem vamos olhar para o futuro e fazemos uma pergunta sobre o futuro, eles não podem ainda responder porque não têm um programa. Então vamos falar sobre os assuntos que dominam a atualidade. E quando nós fazemos uma pergunta que tenta esclarecer uma contradição que ele ou ela teve e disse e eles não querem responder, eles são treinados para desviar a pergunta e dizem, mas o que

eu gostava de falar era... Ora, aí nós temos que repicar e insistir. Muitas vezes isso para as pessoas é considerado como desagradável e como interrupção desnecessária. Não é, ou pelo menos tentamos que não seja. O nosso objetivo é tentar levar o entrevistado a responder diretamente à pergunta que fizemos. Muitas vezes as pessoas dizem, mas por que é que está sempre a interromper? Eu ponho esta questão, um dos entrevistados quando eu lhe faço uma pergunta, não só desviou o tema, como se desviou da posição da entrevista, virou-se para a Câmara que estava a filmar ignorou a minha pergunta... Isso eu vi e foi André Ventura. E começou a falar para a Câmara a dizer o que lhe apetecia. Eu disse desculpe lá, eu estou aqui a conversar, mas numa forma tranquila. E é assim que nós devemos fazer. Caso contrário, seremos aquilo que nenhum jornalista deve ou quer ser, que é um pé de microfone e as pessoas lá em casa percebem o que isso é. Diga lá o que pensa sobre este assunto e depois, entretanto, passam os 20 minutos ou os 10 minutos ou os cinco minutos e não se falou de mais nada”.

OFF

Cerca de 1900 pessoas enviaram protestos contra a entrevista feita por José Rodrigues dos Santos a Paulo Raimundo. Bastaria uma queixa para eu lhe dar atenção, mas neste caso foi atingido um número inusitado. O assunto foi debatido na praça pública por diferentes comentadores e jornalistas, com opiniões contraditórias, e ocupou um espaço imenso e intenso nas redes sociais.

Depois de analisar todas as entrevistas desta fase pré-eleitoral, considero que a de Paulo Raimundo foi objetivamente mal sucedida e não permitiu esclarecimentos sobre as posições do PCP. Foi claramente diferente de todas as outras. O jornalista Rodrigues dos Santos é suficientemente experiente para ter entendido como bordão o “não” que repetidamente Paulo Raimundo usou antes das respostas. Todos teríamos ficado a ganhar se tivesse partido para abordar outros temas em vez de transformar a entrevista num debate sobre uma única questão.

Tenho dúvidas quanto ao modelo de mini entrevistas no meio do Telejornal, com tempos associados ao número de deputados, numa fase em que ainda não existem programas eleitorais. Recordo que nas eleições do ano passado estas conversas foram complementadas por entrevistas mais extensas na RTP3.

Não faz parte das minhas atribuições, como me foi proposto - ou mesmo exigido - por alguns telespectadores, despedir, abrir processos disciplinares, afastar ou tomar algum tipo de decisão sobre a vida profissional de quem trabalha nesta casa. As minhas funções são, aliás, explicitadas no Estatuto dos Provedores. Mas posso e devo assinalar situações em que considero que o serviço público não foi cumprido. Neste caso, é essa a minha opinião.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 13 – 12 DE ABRIL 2025

DURAÇÃO: 15:06 MINUTOS

OFF

Hoje, o Voz do Cidadão dedica-se ao espaço de comentário nos serviços de informação da RTP. Trazer à antena especialistas de vários quadrantes é uma tendência transversal a todos os canais de informação. Nos canais da RTP, a presença de comentadores em espaços de informação acontece de forma pontual, quando o imediatismo noticioso o exige, mas também há comentadores fixos com dia e hora marcada. Recebo mensagens de telespectadores que se mostram descontentes, acusando uns de parcialidade, outros de incompetência para analisar os assuntos, e de estarem ao serviço de uma determinada agenda própria.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

António José Teixeira, tenho recebido, recorrentemente e, agora que estou a fazer o relatório do que aconteceu no ano passado, verifiquei que havia muitas queixas sobre os comentadores da RTP. Uns que são residentes, outros que são solicitados para situações pontuais.

Como é que a direção de informação escolhe os comentadores residentes?

António José Teixeira, diretor de informação RTP

“Nós procuramos em primeiro lugar, que os comentadores se representem a si próprios e o sentido que encontramos para as escolhas tem a ver com as suas competências nas áreas respetivas. Procuramos diversidade, porque todos os dias temos em antena muita análise, muito comentário, muito debate, e portanto, procuramos uma grande diversidade em regra, em perfis mais distanciados. Normalmente ou jornalistas, ou académicos nas várias áreas de especialidade. Mas, sobretudo, a maioria das vozes que procuramos são fruto também dos acontecimentos e de uma procura mais larga nas instâncias universitárias, em perfis por exemplo, de militares na reserva que nos ajudam a ler a guerra que vai ocorrendo em várias latitudes, de pessoas que têm mais ligação à ciência, de pessoas que nos ajudam a ver a meteorologia e a olhar para ela, para os fenómenos que surgem um sismo, algo assim, a desertificação, os problemas da água, os problemas ambientais, procuramos ter pessoas que nos deem resposta a tudo isso. Ou pessoas que todas as semanas, como a Felisbela Lopes, no Jornal 2, avalia a imprensa internacional, a comunicação social internacional. Ou na cultura, o

Álvaro Costa, mais sobretudo até na música, que também está todas as semanas no Jornal 2 e vai olhando para novos valores e vai ajudando também a mostrar e a revelar os talentos que vão surgindo”.

OFF

Segundo o relatório elaborado pelo MediaLab, do ISCTE, que analisou exclusivamente o comentário político em Televisão, Rádio e Meios online em Portugal, em 2023, foram identificados 78 comentadores políticos em nove canais de televisão, 90 em quatro estações de rádio e 46 em três meios online, totalizando 214 comentadores políticos que formam o objeto de estudo deste relatório.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

É possível traçar uma linha de evolução do comentário político nas televisões?

Gustavo Cardoso , Professor e Investigador

“Nós sabemos aquilo que se passa desde 2016 até 2023. Nesse período houve mudanças mas há também um conjunto de constantes. Por exemplo: o comentário é sempre mais masculino, cerca de dois terços dos comentadores são homens e um terço são mulheres, na melhor das hipóteses. Assistimos também a um aumento exponencial do número de comentadores nesse período. Ao longo de cerca de cinco anos, nós tivemos cerca de quase 50% mais comentadores do que aqueles que tínhamos do início de 2016, entre 2016 e 2023. E portanto, aquilo que nós temos é um quadro de: cada vez maior presença de comentário e também uma outra característica que é: nós temos uma evolução, se dividirmos entre esquerda e direita, nós temos quase sempre o equilíbrio entre os dois lados da balança política, exceto que no último ano, em 2023, dispararam os comentadores da direita, em termos das televisões”.

OFF

O relatório de 2023 da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, que avalia os deveres de rigor e de isenção na informação diária de horário nobre, constata novas dinâmicas no âmbito do que é comentado em televisão e na fronteira entre informação e opinião.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A questão da separação entre informação e comentário geralmente é cumprida, ou não?

Carla Martins, Conselheira ERC

“É crucial. Globalmente, a identificabilidade dos espaços de comentário e de opinião está garantida por parte dos operadores televisivos. Aquilo que nós temos identificado nas análises que temos realizado nos últimos anos à programação, aos conteúdos dos serviços noticiosos, é que tem crescido uma tendência de apresentação de espaços em que é mais difícil de identificar o que é que é a informação e o que é que é a opinião.

Nós entendemos que mesmo o exercício da informação comporta uma determinada latitude, nomeadamente, quando a informação é mais interpretativa. E nós consideramos que uma informação mais interpretativa, ainda assim, está relacionada com uma atitude, uma abordagem informativa e jornalística da realidade. No entanto, há outras abordagens que claramente ultrapassam a interpretação e já são manifestações de opinião e de comentário, e aí nós não conseguimos tão bem discernir que já estamos no espaço da opinião, e temos que lembrar sempre que as regras, os pactos de leitura, e as regras aplicáveis à informação e à opinião são diferentes. E por isso é que o princípio normativo é o princípio da separação entre informação e opinião”.

António José Teixeira, diretor de informação RTP

“Há um risco e eu percebo isso, mesmo quando fazemos um estudo sobre a separação entre aquilo que é a informação e o que é opinião ou análise, que nem sempre as fronteiras são completamente nítidas. Na RTP, procuramos que essa fronteira seja o mais nítida possível dentro das nossas possibilidades, ou seja, não procuramos a crónica, ou digamos a leitura, não pedimos ao repórter que faça a análise, ou que faça opinião. Procuramos estabelecer com rigor muito essa fronteira. Os nossos jornais em regra, são jornais mais noticiosos, a opinião está devidamente limitada, delimitada, há fronteiras claras, e privilegiamos sobretudo a notícia, a reportagem, mais do que a opinião”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quando são os jornalistas a emitir opiniões, também tem que estar claro que naquele momento eles estão a dar a sua opinião.

Carla Martins, Conselheira ERC

“E aí, a exigência ainda é maior. Porque quando se olha para um jornalista, parte-se do princípio de que o jornalista vai transmitir, vai ser o autor de espaços de conteúdos informativos, quando ele surge a dar uma opinião ou comentar informação, precisamente porque ele já irá ser visto pelos telespetadores como sendo uma origem, uma fonte informativa, ainda mais se justifica que o jornalista diga: agora eu vou emitir uma opinião em comentário. Mas mais uma vez com toda a legitimidade, desde que, entendemos nós, seja muito

claro para os telespectadores, que um jornalista naquele caso, está na qualidade de comentador e está a emitir uma opinião”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há, ou não, uma maior carga de comentário neste momento, isto é, não estamos a ter muito comentário relativamente à parte de noticiário?

António José Teixeira, diretor de informação RTP

“Nós procuramos, enfim, as fronteiras nem sempre são nítidas, quando falamos de análise ou quando falamos de comentário e de opinião, há aqui nuances nestas áreas.

Mas, eu diria que procuramos sobretudo análise, há mais análise em geral, também na RTP, o mundo tornou-se bastante mais complexo e hoje tomamos conhecimento de praticamente tudo, de uma forma quase instantânea. A comunicação deu esses saltos de velocidade e isso também exige da nossa parte, uma resposta mais rápida, porque as pessoas querem saber porquê, como, porque é que isto aconteceu. E essa análise é necessária para ajudar a ler os acontecimentos.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu recebo queixas de partidos que não são do centro, digamos, e que consideram que não estão representados nesse leque de comentadores, tanto da direita como da esquerda.

Gustavo Cardoso , Professor e Investigador

“Bem, isso é verdade. Existe uma distorção, mas nunca ninguém disse que as televisões tinham de ser uma espécie de Assembleia da República. Ou seja, existe uma lógica editorial que não tem de representar a realidade pela qual as pessoas votam, embora seja possível fazer essa comparação. Essa comparação na realidade, ao longo deste período de tempo que nós estávamos a falar, de 2016 a 2023, mostrou sempre que o partido que estava no governo, na altura era o Partido Socialista, tinha muito menos presença do que aquela que deveria ter se fosse pelos votos. Por outro lado, pequenos partidos como por exemplo, o CDS-PP e o Bloco de Esquerda, estiveram sempre pessoas em número superior do que aqueles que deveriam ter em termos de comentário. Portanto, não existe uma equivalência entre aquilo em que votamos e aquilo que editorialmente se escolhe para estar representado. E talvez isso até seja positivo, porque embora nós não possamos falar sobre o que está se a passar agora porque o estudo para 2024, só sairá algures em 2025, mas até 2023, houve uma espécie de contraponto à realidade política expressa nos canais televisivos. Ou seja, embora a diferença não fosse muito grande até 2023, tínhamos no poder a esquerda e tínhamos no comentário político em maior número a direita”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma espécie de base de dados por temas? Há um sismo...

António José Teixeira, diretor de informação RTP

“Sim. Vamos acumulando as bases de dados. Têm regras próprias e nós procuramos não as violar, mas procuramos ter uma ideia de pessoas que em vários domínios nos podem ajudar a ler o que vai surgindo e

muitas vezes o que vai surgindo é inesperado, portanto, convém estarmos preparados para sabermos que se procuramos alguém que na geografia, ou na nutrição, possam ser um valor acrescentado e podemos bater-lhe à porta, digamos assim, normalmente são as universidades as áreas onde procuramos esse tipo de especialidades, mas pode ser na advocacia, na área da justiça, pode ser em muitas outras áreas que têm a ver com aquilo que vai acontecendo à nossa volta”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que a ERC avalia o trabalho da RTP dentro dos parâmetros deste relatório?

Carla Martins, Conselheira ERC

“Nós entendemos que o comportamento da RTP 1 a este respeito, é um comportamento bastante cumpridor das regras que são aplicáveis, no que diz respeito à RTP 2, há uma situação um pouco diferente porque as opções temáticas, a opções a nível da seleção de informação, são também um pouco diferentes, e mesmo depois em termos do planeamento e da organização do serviço informativo por género jornalístico, percebemos que há opções que são distintivas, e aliás, por isso é que são dois serviços noticiosos, com identidades diferentes.

Ali encontramos também situações, por exemplo, em que há entrevistas que por veze o próprio entrevistador também surge como um comentador, um profundo conhecedor na matéria em que está a entrevistar e às vezes não é muito claro perceber se ele está ali na qualidade de entrevistador, ou se está na qualidade de comentador daquela matéria.

Mas eu diria que é uma situação que é residual e do ponto de vista do cumprimento do serviço público sobre estas regras que são aplicáveis, penso que o cumprimento é globalmente, bastante satisfatório”.

OFF

É hoje generalizado o recurso dos órgãos de informação a comentadores e especialistas de diferentes áreas de atividade. Estudos como os que aqui foram trazidos, ajudam a corrigir falhas, como é exemplo a presença, hoje, de mais mulheres entre os comentadores.

O leque de idades, porém, é ainda curto, mas espero que pouco a pouco venha a abrir-se também.

Se houve algum efeito colateral positivo da pandemia de Covid 19, de má memória, é a presença de especialistas de áreas científicas que antes eram pouco solicitados. No plano político, quer nacional quer internacional, os comentadores têm como função ajudar os telespectadores a compreender os fenómenos da atualidade, e sobretudo, a formar opiniões esclarecidas.

É inerente ao serviço público garantir o pluralismo de opiniões nos seus serviços de Informação, o que resulta numa diversidade que não agrada a quem defende opiniões contrárias. No cerne da democracia está, também, a capacidade de ouvir diferentes opiniões e entender o outro. Para combater a desinformação, é preciso conhecer os diferentes lados do que acontece neste mundo que tantas mudanças e tão rápidas está a viver.

O programa da Provedora fica por aqui, desejo a todos uma boa páscoa.

EPISÓDIO 14 – 26 DE ABRIL 2025

DURAÇÃO: 17:37 MINUTOS

OFF

Estas são algumas das imagens exclusivas que pertencem aos Arquivos da RTP. Memórias da Revolução de Abril de 1974 que fazem parte de um espólio riquíssimo do canal público de televisão. Para a sua exibição é necessário um licenciamento, que mediante o pagamento de um montante, permite a sua difusão noutros canais de televisão por tempo limitado.

Nestes 50 anos do 25 de Abril as solicitações foram muitas não só de operadores televisivos como de telespectadores os quais podem aceder a essas imagens gratuitamente.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há também imagens da... porque era a única televisão que existia do 25 de Abril. São exclusivas também?

Hugo Aragão Correia, Subdiretor do Arquivo RTP

*“ Sim e estão todas disponíveis no RTP Arquivos, porque o RTP Arquivos tem uma outra valência. Não colocamos lá conteúdos só por colocar. O grande objetivo é disponibilizar o arquivo ao público. Esse é o grande objetivo, mas também fazemos uma outra coisa muito interessante. Fazemos uma curadoria e disponibilizamos os conteúdos em coleções. Temos uma coleção do 25 de Abril, onde temos os conteúdos mais relevantes do 25 de Abril e o cidadão não precisa de andar a pesquisar. Basta clicar na coleção e todos os conteúdos estão listados e pode ver os mais relevantes que o arquivo da RTP tem sobre o 25 de Abril. **Imagino que agora nos 50 anos foram muito solicitados?** Fomos mesmo muito solicitados. Foi um trabalho muito árduo o 25 de Abril. **Quando, ainda voltando um pouco atrás, quando há outro canal de televisão ou alguém que queira fazer um programa utilizando imagens cujos direitos adquiriu à RTP arquivos. Esses direitos ficam para sempre ou têm um prazo?** Nós licenciamos para um determinado fim e durante um determinado prazo. O licenciamento é sempre feito para um programa. Imagine que uma estação de televisão está a fazer um documentário sobre o 25 de Abril. Licencia-nos esses conteúdos do 25 de Abril para aquele documentário e durante x tempo, cinco anos ou dez, pode ser por múltiplos, mas é sempre datado, não podem usar o conteúdo e não se pode apropriar do conteúdo. Nunca licenciamos para arquivo ou para outro motivo, é sempre para um determinado fim, é para aquele documentário, e não podem usar aquelas imagens na produção de outro documentário”.*

OFF

A procura de conteúdos na RTP Arquivos está estreitamente ligada à atualidade.

Há no entanto um fator que leva a que os arquivos da RTP sejam ainda mais solicitados: os conteúdos anteriores a 1992, ano em que surgiram outros canais de televisão.

Imagens exclusivas de Mário Soares, Álvaro Cunhal, Amália ou Eusébio são outras das mais solicitadas que só é possível encontrar nos Arquivos da RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Falou aí de outras televisões, outros canais de televisão adquirirem imagens feitas pela RTP que estão no arquivo? Isso acontece com frequência?

Hugo Aragão Correia, Subdiretor do Arquivo RTP

*“ Sim, acontece com frequência, mesmo sendo nacionais ou estrangeiras em Portugal é fácil perceber que todos os conteúdos produzidos antes de 92 só estão disponíveis na RTP, é a RTP que tem, são produções nossas e aí as televisões nacionais quando querem um conteúdo mais antigo têm que recorrer ao arquivo da RTP. **Quais são os temas que são mais procurados? É possível saber? As pessoas...** Depende sempre da atualidade. No aniversário do 25 de Abril, os conteúdos mais procurados são o 25 de Abril. Mas, por exemplo, agora no centenário do nascimento do Carlos Paredes os conteúdos mais procurados foram do Carlos Paredes. Fizemos*

também uma coleção no RTP Arquivos para para o homenagear. Quando infelizmente faleceu o Marco Paulo, os conteúdos mais procurados foram do Marco Paulo. Depende sempre da atualidade a procura dos conteúdos”.

Mensagem de telespectador

“Sou uma pessoa reformada. Nos meus tempos livres vejo a RTP Arquivos, e por vezes pedia a pessoas para que me gravassem alguns vídeos, agora cortaram esses acessos, e como se não bastasse, nem uma foto se consegue obter. E eu pergunto? Então eu não pago a contribuição audiovisual da RTP? Os senhores levam muito dinheiro pelos vídeos, porque é que não cobram um valor mais baixo para que possamos obtê-los”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu recebi recentemente uma mensagem de um telespectador que se queixava de não poder gravar as peças que estão, de gravar em casa dele, ficar com o material para ele, os materiais que estão na RTP Arquivos. É mesmo assim?

Hugo Aragão Correia, Subdiretor do Arquivo RTP

*“É assim, os materiais que estão disponíveis no portal do RTP Arquivos estão disponíveis livre e gratuitamente para qualquer cidadão poder assistir, visionar em casa, onde quiser, as vezes que quiser, volto a repetir, quando quiser, sem qualquer pagamento, porque é de acesso livre e gratuito. Aliás, foi mesmo essa a génese da sua criação, era nós abrirmos o arquivo e o vasto património que temos ao mundo e permitir que as pessoas em casa conseguissem visionar de forma livre e gratuita. Se a pessoa quiser uma cópia física, aí já obedece a um licenciamento e a uma tabela de preços que é pública, está na página do RTP Arquivos, na zona dos serviços. Todos os cidadãos podem consultar. Depende sempre do que vão fazer com o conteúdo. Pronto se for para a cultura, para uso privado, tem um custo relativamente barato. Se for para qualquer produto comercial ou para outra estação de televisão ou porque vão colocar conteúdos no em plataformas públicas YouTube, Facebook, Instagram agora que estão na moda, claro que terá outro custo dependendo sempre dos fins. **Pode explicar-me qual é que é o procedimento para uma pessoa chegar à RTP arquivos e fazer essas pesquisas?** É só ir com o smartphone, também temos uma app ou num computador ir a arquivosrtp.pt. Depois é navegar”.*

OFF

A RTP Arquivos disponibiliza conteúdos do passado, com uma antiguidade no mínimo de 10 anos. Já a RTP Play está mais vocacionada para conteúdos do presente. De vez em quando surgem mensagens de telespectadores descontentes com o serviço.

Mensagem de telespectador

“A série da RTP de 2013 “Depois do Adeus”, sobre o PREC, desapareceu do RTP Play e dos Arquivos há uns anos e não está disponível em nenhum outro formato. Não compreendo como uma série tão bem conseguida e que até tem uma função pedagógica pode ser apagada do património comum”.

Mensagem de telespectador

“Gostaria de saber qual o motivo de deixar de estar online na plataforma RTP Play os filmes “Veredas” e “Silvestre” do cineasta português João César Monteiro”.

Mensagem de telespectador

“Gostaria de saber a razão para que as primeiras duas temporadas da versão portuguesa do Taskmaster não estejam disponíveis na RTP Play quando foram transmitidas em canal aberto na RTP 1”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu recebo muitas mensagens de pessoas que perguntam por que é que a série tal deixou de aparecer na RTP Play? As pessoas pensam, e eu também se calhar pensava, que quando a RTP comprava os direitos de uma série, ficava com eles até ao fim da vida. Não é assim?

Isabel Carvalho, Diretora de Planeamento e Controlo de Gestão

*“Não, não é assim. Nunca foi. As séries estão sempre compradas, até vou dar o exemplo que estamos agora a repetir, mas compramos outra vez os direitos o Bonanza. Todos os direitos das séries são comprados com uma duração, em termos anuais. Um ano, dois anos. Normalmente são dois anos. Só as séries infantis é que podem ir a três anos. E depois tem o número de exibições e a regra geral são duas exibições por série. O que é que isto quer dizer? Temos a primeira exibição, que é onde nós reconhecemos os custos, aquilo que pagamos, e a segunda exibição no prazo de dois anos. Vou-lhe dar um exemplo em que as duas exibições se forem efetuadas num ano, apesar de ter o contrato de dois anos, já deixou de ter efeito. Porquê? Porque o contrato foi só feito por duas exibições. **E quanto às séries portuguesas, porque também também me é colocada essa questão, uma vez que em alguns casos até são coproduções com a própria RTP, na maioria dos casos. As pessoas perguntam, então, mas a RTP é coprodutora, porque é que não tem direitos permanentes?** Não não pode ter, é coprodutora, mas eu vou-lhe dizer que isso depois é só irem aos sites do ICA, não precisam de ver os nossos contratos. As grandes produções que se está a fazer agora para a produção independente, que somos obrigados, como sabe, a cumprir 10% anualmente. Nós temos produções na ordem dos 2 milhões, 6 milhões, 5 milhões, como calcula, nem com 10% a RTP pode ser coprodutora, é um valor mais baixo. Quer dizer, temos tabelas, eu aí já não negoceio Felizmente, já deixei de negociar há cerca de 10 anos, desde que apareceram as consultas de conteúdos, os produtores apresentam o orçamento e o diretor de programas ou os diretores de programas que estão envolvidos sabem, conhecem o mercado e já definem o preço. Eu já só negoceio exatamente isso, os anos, a exploração da obra em termos comerciais, que depois são as nossas colegas da direção comercial que têm a venda internacional de conteúdos. Isso sou eu que negoceio, mas não posso pedir, por exemplo, numa obra em que a RTP dá 100 mil euros e que o total da obra são 2 milhões ou 1 milhão, eu ter direitos eternos. Os The Voice, os Got Talent também temos restrições. Já conseguimos que a RTP Play os possa ver, ou seja, quando se negoceia, já se consegue essa abrangência. **Mas também com prazo limitado?** com prazo limitado, não é também para a vida. É muito raro atualmente em todas as televisões”.*

OFF

Muitas queixas de telespectadores residentes no estrangeiro resultam do chamado Geoblocking, que limita ao território nacional o acesso a alguns programas.

Mensagem de telespectador

“Estou temporariamente a estudar em França e não consigo aceder aos conteúdos da RTP Play. É possível ter acesso?”

OFF

A explicação é simples: são conteúdos com direitos de transmissão apenas em território português.

Isabel Carvalho, Diretora de Planeamento e Controlo de Gestão

*“Nós compramos o que é chamado na gíria televisiva Geoblocking em Portugal. **Isso quer dizer o quê?** Quer dizer que os direitos estão só para Portugal. E muitas vezes as pessoas não percebem porque é que não podem apanhar, por exemplo, na RTP Internacional ou até na RTP África, não é só comprar para o canal 1 e eventualmente já tem acontecido nós comprarmos para a RTP 1 e a segunda exibição para a RTP 2, mas tem que estar escrito no contrato e depois pedimos sempre e tem sido uma evolução. Nestes cerca de 10 anos, oito*

anos, 10 anos da RTP Play começou com sete dias e as grandes distribuidoras estrangeiras não saem dos sete dias. **Sete dias em que sentido?** Depois da exibição da RTP 2 ou da RTP 1, se for à RTP Play, durante sete dias ainda pode ver. Isto era a regra e continua a ser a regra nalgumas séries das grandes distribuidoras, não vou agora estar aqui a dizer nomes. Das outras séries Já conseguimos muitas vezes quase termos um ano”.

OFF

Os preços das séries são muito variáveis... Algumas, apesar da antiguidade, mantêm custos muito elevados para o serviço público de televisão.

É o caso dos Marretas ou até do Sozinho em Casa, um filme que se tornou quase tradição na altura do Natal.

Isabel Carvalho, Diretora de Planeamento e Controlo de Gestão

“Nós temos séries, às vezes de culto, que mesmo assim já foram produzidos há 30 anos ou 40 anos e continuam a ter valores extremamente elevados, porque são séries que ficaram para a vida. Outras não, outras nós negociamos de acordo com o orçamento que temos. Não posso dizer se não começo a dizer aqui os meus métodos de negociação com outras variáveis que estão de base, que é muito importante. Nós conseguimos preços muito mais baixos e felizmente tem corrido muito bem”.

OFF

Os telespectadores não têm acesso infinito e incondicional a tudo o que veem na RTP. Sobretudo na RTP Play. Compreendo a desilusão, sobretudo de quem está fora do país mas assinalo, da mesma forma, o esforço que a televisão pública faz para tentar reverter esta situação, caso a caso, dos direitos de exibição.

Quanto ao tesouro que é a RTP Arquivos, manter os seus conteúdos bloqueados a cópias e a uso indiscriminado é uma forma de proteger este património que conta a história dos últimos 80 anos do país e do mundo, com imagens únicas e irrepetíveis, que são de todos nós e que estão disponíveis gratuitamente apenas para visionamento.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 15 – 03 DE MAIO 2025

DURAÇÃO: 13:18 MINUTOS

OFF

Hoje, o Voz do Cidadão dedica-se às imagens mais cinematográficas que compõem as grelhas da RTP. Séries, filmes, documentários, animações, curtas e longas-metragens, todos estes géneros e formatos estão disponíveis quer nos canais lineares, quer nas plataformas do serviço público de media.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Conforme está estabelecido no Contrato de Concessão de Serviço Público de Media, a RTP tem a obrigação de investir em produção de cinema e de audiovisual em geral, independente.

De onde é que vem esse valor?

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Esse valor vem da contribuição audiovisual que a RTP recebe todos os anos, que está na fatura dos portugueses nas suas habitações através da conta da eletricidade. Esse valor anualmente corresponde ao financiamento, principal da RTP, e uma parte desse orçamento, obrigatoriamente 10%, é colocado à disposição das direções de conteúdos para investimento em produção audiovisual independente. Documentários, cinema, séries de ficção, animação, conteúdos que têm esse relevo, e são depois inscritos e validados pelo Instituto do Cinema e Audiovisual, portanto a RTP tem de entregar todos os anos esse investimento com o detalhe para ser validado, porque é um dos nossos compromissos, como disse, está no Contrato de Concessão, que foi agora revisto e já vinha de trás”.

OFF

Em 2022 o número total de empresas dedicadas à produção de filmes, vídeos, e programas de televisão era de 3160, mais 272 do que o número registado em 2021. Este crescimento vai mostrando o potencial de produção nacional e de coproduções, para o qual a RTP tem um papel muito importante.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

**Esse investimento é destinado a produtoras que são independentes.
Isso tem muito peso no panorama da produção audiovisual, em Portugal?**

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Tem um peso muito grande. Eu acho que num país como Portugal, que ainda por cima tem características muito diferentes de países como a Espanha que está aqui ao nosso lado, ou a França, ou a Alemanha, ou a Itália, nós temos um padrão de televisão comercial muito específico, portanto as produtoras independentes portuguesas em geral, a esmagadora maioria, não tem acesso à produção comercial. Nós se formos aqui a Espanha, quer os canais comerciais quer o canal público, quer as plataformas que aparecem no mercado, em França a mesma coisa, produzem séries, produzem filmes, produzem animação, ao contrário do que acontece em Portugal. Aqui, no contexto português, o investimento da RTP ainda é mais relevante, porque é o único. E esse valor corresponde a 10%, nós estamos a falar de um investimento anual na casa dos 16, 17, 18, milhões de euros, que se destina exclusivamente à aquisição de documentários, séries, filmes, conteúdos de animação e que são um valor muito significativo no mercado português”.

OFF

É através de uma consulta de conteúdos que a RTP cumpre a obrigação de apoiar o mercado audiovisual e cinematográfico em Portugal. Este mecanismo permite que qualquer produtor independente possa apresentar os seus projetos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

**Há um sistema de consulta, um processo de consulta.
Como é isso funciona?**

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Sim, nós todos os anos temos uma consulta que permite aos produtores, abrimos uma plataforma na RTP, os produtores independentes todos, das várias áreas do cinema, da animação, dos documentários, dos magazines, podem inscrever nessa plataforma, têm um mês para inscrever nessa plataforma os seus projetos. Normalmente recebemos cerca de 600 projetos nestas áreas todas. Todos os diretores têm acesso a esses conteúdos e vão analisar projetos que têm mais afinidade com os seus canais. No caso da RTP1, temos um

acompanhamento muito significativo dos projetos de ficção para série ou para telefilme e também para cinema. Por exemplo, a RTP2 tem um foco mais virado para os documentários, a RTP3 também, portanto esse trabalho é feito pelas equipas das várias direções, também da equipa do play, do digital, e os projetos que são escolhidos, depois são objeto de conversações com os produtores. Passado um período de análise dos projetos, há um conjunto de projetos que são selecionados, há um primeiro contacto com o produtor para perceber em que estado de desenvolvimento está o projeto, como é que ele pode evoluir. Normalmente esses projetos não são financiados apenas com o investimento da RTP, implicam outro investimento acrescido, normalmente os produtores vão aos concursos do Instituto do Cinema e do Audiovisual, vão aos concursos do PIC, que é o Fundo de Investimento do Turismo e no Cinema, vão muitas vezes às film commissions, às comissões de apoio de cinema, que existem já em muitas regiões de turismo do país, na Madeira, nos Açores, no norte, no centro, há muitas regiões que já investem diretamente. E portanto o produtor sai com a ideia de que aquele projeto pode contar com o apoio da RTP, tendo também os apoios necessários”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E esse apoio da RTP é uma espécie de aval.

José Fragoso, Diretor RTP 1

“É um balanço, é um primeiro passo para outros apoios, porque um produtor com uma declaração da RTP dizer que tem interesse no projeto e vai financiar o projeto em X ou Y, pode depois ir à procura de outros financiadores que agregam esse valor ao valor da RTP, e é assim que se consegue fazer na maior parte dos projetos”.

OFF

No caso das séries, os géneros a propor podem ter uma grande latitude. Podem ainda ser produzidas adaptações de obras literárias portuguesas, ou ainda, coproduções com países lusófonos e também europeus.

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Nós usamos o critério da qualidade da ideia, da originalidade da ideia, da estrutura do projeto, da escrita, porque nós precisamos de receber o guião do primeiro episódio, quando é uma série. Recebemos sempre o guião do filme, se se tratar de uma longa-metragem, recebemos sempre o desenvolvimento do projeto quando é um documentário, onde é que vai ser gravado, quem são as pessoas que vão ser ouvidas, quais são as imagens que podem vir de arquivos que nunca foram mostradas, portanto esse lado da originalidade é muito importante. E depois a questão do próprio potencial de circulação internacional do projeto. Não quer dizer que todos os projetos que nós façamos tenham essa obrigação, mas em muitas situações, a nossa opção vai para um projeto que olhamos e dizemos este projeto pode circular internacionalmente, pode ser vendido para outros canais de televisão, pode estar em plataformas internacionais”.

OFF

Os números permitem-nos ter uma noção mais abrangente da aposta que a RTP faz nesta área.

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Na área da ficção, nós recebemos mais de 150 projetos de séries e selecionamos, por ano, e selecionamos 10, 12 projetos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Nunca acontece o movimento contrário, ser a RTP a fazer uma proposta, tomar a iniciativa ter uma ideia?

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Não temos feito. Nós podemos fazê-lo, não há nada que nos impeça de fazer isso. Não o temos feito, na ficção não temos feito, ou seja, não tivemos aqui nenhuma ideia do género - “vamos fazer uma série sobre isto” e vamos...não, temos feito sempre o movimento, ao contrário, mas no caso da televisão, nós temos sempre pedido que nos apresentem ideias, por exemplo, quando estamos há dois anos, três anos, estávamos num contexto muito próximo dos 50 anos do 25 de Abril, induzimos essa perspetiva na própria consulta”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Em termos globais, é possível dizer quantas séries foram produzidas no ano passado, financiadas no ano passado?

José Fragoso, Diretor RTP 1

“Sim, nós estamos a produzir por ano, à volta de 12 a 14 séries”.

OFF

Além de produções audiovisuais, a consulta de conteúdos destina-se também a obras cinematográficas, onde o modelo de financiamento vai além da RTP. Segundo o ICA, em 2023 estrearam-se 47 filmes de produção portuguesa, que obtiveram 1,5 milhão de receita, e foram vistos por 328.762 espectadores. Em 2023 foram produzidos 98 filmes com o apoio financeiro do ICA, o segundo valor mais alto numa década.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E quantos filmes foram financiados, cofinanciados?

José Fragoso, Diretor RTP 1

“No cinema é diferente, no cinema, nós também recebemos os projetos da mesma forma, mas a RTP desse investimento que faz em cinema, uma parte, estamos a falar de um valor na casa dos 4,5 milhões de euros por ano, em filmes portugueses, de produção original portuguesa. Uma parte significativa desse investimento é feita em obras que têm já o financiamento do Instituto do Cinema e do Audiovisual, que é o ICA. Portanto nós, temos os concursos do ICA, para longas-metragens, para primeiras obras, para documentários. Esses concursos são seguidos por nós e normalmente os projetos são selecionados já com o ICA para financiamento, a RTP aporta um valor também nesses projetos para que eles sejam mais robustos e possam ser mais rapidamente produzidos.

OFF

Fazer um filme, uma série ou um documentário é sinónimo de trabalho para muitos profissionais.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E quantas produtoras estão envolvidas?

José Fragoso, Diretor RTP 1

“São dezenas. São dezenas, porque nós temos projetos em andamento em várias velocidades. Nós temos projetos que estão neste momento em escrita, temos projetos que estão em desenvolvimento, pré-produção, temos projetos que estão a rodar. Eu ainda ontem estive na rodagem de uma das nossas séries, que está na Margem Sul, em produção. Temos séries que estão em montagem, como é o caso por exemplo, do Refúgio do

Medo, que é uma coprodução nossa com a Islândia, que está em montagem. A montagem pode durar seis meses, às vezes um ano. Também tem atores portugueses, exatamente, a Maria João Bastos, por exemplo. Quando são séries com essa componente internacional, o tempo é bastante mais longo, porque os episódios são montados neste caso na Islândia, vêm a Portugal para os nossos comentários, nós fazemos os nossos comentários, volta para a Islândia, a televisão islandesa também faz os seus comentários, volta para o produtor, são analisados os comentários, são refeitos os episódios, vem outra vez o episódio, e nós podemos andar a ver episódios com alterações ao longo de meses. Ainda na semana passada lançámos o Ponto Nemo com a Amazon, exatamente no mesmo dia a série ficou disponível na plataforma da Amazona, em Espanha e em Portugal, aliás, em Espanha é a série mais vista neste momento, está no primeiro lugar da Amazon, em Portugal andarà pelo terceiro, se não me engano, mas a série estreia no mesmo dia na RTP linear e na RTP plataforma”.

OFF

A Contribuição Audiovisual, conhecida como CAV, cobrada mensalmente em todas as faturas de energia, não é aplicada apenas para financiar a RTP, serve também para pagar a produção de séries e filmes. Dela dependem muitos criadores e muitas empresas ligadas à indústria de produção de filmes. Cada projeto tem o seu percurso próprio, e em alguns casos terá um caminho internacional a percorrer também. Vimos aqui como se desenvolve o processo que leva ao aparecimento de uma série como, *A Travessia*, ou a coprodução de Portugal e Islândia na futura série, *O Refúgio do Medo*, neste momento em montagem. Maior financiamento permitiria maior investimento, mais produções e um reforço da qualidade.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 16 –10 DE MAIO 2025

DURAÇÃO: 15:08 MINUTOS

OFF

Estas foram as primeiras notícias a dar conta de que estávamos todos às escuras sobre o que se passava em todo o continente português. Sem eletricidade, semáforos e metropolitano parado, hospitais ligados a geradores, comunicações cortadas, ligação inexistente à Internet. De repente, todos ficámos isolados e mais próximos na incerteza.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

António José Teixeira, estamos a falar no dia a seguir ao apagão e só queria saber como é que foi trabalhar, como é que foi gerir uma crise tão profunda, tão espantosa.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Bom, foi difícil mas, de algum modo, também puxou para o melhor de nós e para o melhor da equipa. A equipa foi muito empenhada em todas aquelas horas. Nós tínhamos uma emissão virada e planeada para ser uma emissão eleitoral. Havia um debate frente a frente entre o Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos, tínhamos tudo preparado nesse sentido. Vínhamos da operação do funeral do Papa, portanto, tudo emissões bastante exigentes. Inicialmente, foram as primeiras falhas, e demorámos algum tempo a perceber a dimensão do que estava em jogo. Começámos desde logo por pôr em causa e pensar num plano B em relação ao debate. Obviamente que o debate já não era o tema que interessava e tinha que ser adiado, ao fim da manhã o debate foi adiado e fomos começando a perceber a dimensão grave que a situação estava a ter. Desse ponto de vista,

no caso da RTP, o primeiro problema forte que tivemos foi a impossibilidade de comunicações para fazer o Jornal da Tarde em condições normais, a partir dos nossos estúdios do Porto, no Centro de Produção do Norte. Tivemos que assumir a emissão em Lisboa e assim o fizemos.

Depois houve um segundo embate, esse mais difícil, que envolveu uma central técnica de televisão que faliu, se posso usar essa expressão, e tivemos que também voltar a encontrar alternativa no Porto. Essa alternativa não foi fácil de pôr em prática, porque as comunicações também não ajudavam. Esta ideia de que podemos trabalhar sem aqueles instrumentos a que estamos habituados...

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O chamado telefone fixo...

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“O telefone fixo também não funcionava, às vezes alguma rede interna de extensões internas funcionava, redes de telemóvel também que não funcionavam, nada disso ajudou, mas foi possível pôr no ar uma emissão longa com repórteres e toda a redação no terreno, de norte a sul, nas delegações, que fizeram o seu trabalho madrugada fora, até às duas e meia da manhã e depois começaram o Bom Dia também, digamos, uma emissão próxima dos portugueses e mais normal na sua aparência. Ela foi muito anormal, porque nos obrigou a uma ginástica técnica e do ponto de vista de gestão de recursos muito apertada e muito complexa”.

OFF

A escassa informação que circulava nos primeiros momentos originou várias teorias, mais ou menos fantasiosas, sobre a origem deste evento. As autoridades tentavam perceber se era um problema de proteção civil, de proteção e socorro, ou de segurança interna.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que se resolve uma crise tão funda, tão complicada?

Nicolau Santos, Presidente da Administração da RTP

“É evidente que esta foi uma situação verdadeiramente inesperada para todos nós, para o país, para os cidadãos. A própria RTP foi, como todas as entidades, apanhada de surpresa com isto. Digamos que nós tínhamos planos para muitas contingências, tínhamos esquecido que podia haver um plano em que a contingência fosse a falta de energia. E nesse quadro aquilo que ficou claro para todos os cidadãos e para a própria RTP é que o principal meio para responder a catástrofes é a rádio.

Nenhuma dúvida sobre isso. A rádio tem uma missão não só de informar os cidadãos, de os acalmar, de os instruir, de dizer o que devem fazer, como tem a missão de dar coesão ao país numa altura destas, e tem uma missão também em termos de segurança, de apoiar as pessoas e as entidades relativamente àquilo que devem fazer, as ordens que devem seguir, as orientações, etc”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Portanto, rádio a pilhas em cada casa...

Nicolau Santos, Presidente da Administração da RTP

“As rádios têm que ser a pilhas obviamente se forem a energia têm outra vez o mesmo problema, que a televisão teve, ou que as plataformas digitais tiveram e eu estou muito orgulhoso e acho que todo o país se

deve orgulhar da rádio pública que tem, porque penso que foi extraordinário o trabalho desenvolvido por toda a equipa das pessoas que trabalham nas rádios. Houve uma decisão que me pareceu fundamental, que foi imediatamente unir toda a informação nos sete canais de rádio, portanto, em todos os canais de rádio da RTP, passámos a transmitir sempre a mesma informação, porque há públicos diferentes em cada um dos canais, e foi claramente um sinal de que, numa situação de emergência, a RTP responde de uma maneira exemplar. Todos os seus profissionais fizeram isso, pessoas que estavam de férias, jornalistas que estavam em pontos recônditos do país a passar férias, começaram a sair para a rua, a entrevistar pessoas, a tentar saber o que se passava, e portanto é um momento de grande orgulho para a rádio pública portuguesa e eu penso que para o país por ter esta rádio pública”.

OFF

As rádios foram o meio de comunicação que se manteve ativo, e todos ficaram dependentes de ouvi-las em rádios a pilhas ou nos automóveis. Através das rádios da RTP - e não só - foram chegando atualizações sobre o estado do país relatadas por todos os profissionais que se mobilizaram numa emissão que congregava todos os diferentes canais do serviço público.

Com a televisão foi diferente. Ainda que estivesse acessível a muito poucos no continente, a RTP, depois de mudar os planos, e ser célere em tomadas de decisão, continuou a emissão televisiva.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Foi necessário no momento inicial em Lisboa aquilo que normalmente é feito no Porto, que foi o Jornal da Tarde.

Pedro Reis, Diretor de Compras da RTP

“O que aconteceu, foi um problema não teve a ver com energia teve a ver com comunicações. Aliás, para mim o mais difícil ontem não foi a questão da energia para a RTP, foi a falta de comunicações. As comunicações móveis deixaram de funcionar, as fixas também, algumas redes ainda funcionavam de uma operadora ou de outra, tentámos falar, só que tudo isto é preciso ser coordenado, qualquer mudança no sistema tem que ser coordenado entre Lisboa, Porto ou mesmo dentro, cá dentro também não se conseguia falar com ninguém. Nós tínhamos que ir à procura da pessoa... para pessoalmente decidirmos as coisas. Foi montada uma equipa de emergência, inicialmente junto da direção de informação, de facto era aí que se vivia o momento, de várias áreas da informática, de sistemas, portanto, de editoriais, de programas, para garantir a continuidade das operações. As comunicações foi efetivamente aquilo que nos causou maior transtorno, maior dificuldade Temos que pensar futuramente o que é que vamos fazer para evitar que isto aconteça novamente”.

OFF

A determinada altura a emissão de televisão, produzida e realizada a partir dos estúdios em Lisboa, foi interrompida, deixando os ecrãs a negro. Quando retomou, depois das 15:00, a emissão seguia a partir do Centro de Produção do Norte.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve um problema de comunicações. As comunicações também têm que ter um plano B ou C ou D, não sei.

Nicolau Santos, Presidente da Administração da RTP

“Na questão das comunicações, foi claro também para toda a gente que, os telemóveis deixaram de funcionar, os multibancos não são comunicação mas também deixaram de funcionar, portanto é fundamental essas

comunicações. Para quem anda no nosso meio jornalístico sabe que existem telemóveis que podem ser utilizados e que normalmente os repórteres de guerra levam para esse tipo de situações em que não há rede. E portanto, também foi decidido hoje, que pelo menos em Lisboa e no Porto, temos de ter alguns telemóveis de emergência, que tenham essas características e que nos permitam operar em situações quando isto vier a acontecer.

Há quem pergunte, então, mas a RTP não tem o que se chama o backup de emergência, de retaguarda, para sustentar uma emissão?

Temos, é o Centro de Produção do Norte, que cumpriu exemplarmente essa situação. A emissão caiu aqui e passámos para o Porto, que assegurou a emissão praticamente até às 10 da noite do dia do apagão”.

OFF

O Apagão, palavra que resumiu o corte geral de eletricidade, foi um teste real à capacidade dos trabalhadores, aos meios técnicos disponíveis e à agilidade em situações de emergência. Mas estaria a RTP capaz de manter os serviços se a falha de energia se tivesse prolongasse no tempo?

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O sistema de ter os geradores a funcionar a substituir a fonte habitual, tem capacidade para quanto tempo?

Pedro Reis, Diretor de compras da RTP

“O gerador em cerca... são 10000 litros de gasóleo, por acaso e estava cheio, felizmente, e dá para ser mais de 24 horas. Esse foi um problema que se pôs e preocupou-nos desde o início. Quando não sabíamos quanto tempo é que poderia demorar. Estou a falar de três dias, a certa altura, de semanas, e sabemos que depois isto é em cascata. Depois todos nós que temos geradores, nós, os hospitais, etc, íamos necessitar, não é? E começámos logo à procura de encontrar alternativas de abastecimento, mas era difícil porque não tínhamos comunicações, portanto não conseguimos falar com os nossos habituais fornecedores, nem com outros. Conseguimos desencantar um fornecedor em Sintra que tinha, mas tínhamos que ir lá buscar, Portanto, foi um bocadinho... a coisa resolveu-se, mas se fossem três dias ou quatro, a forma de resolver o problema tinha que ser totalmente diferente”.

OFF

O que mais importa agora é saber se a RTP está preparada para a manter o serviço público na eventualidade de novos apagões ou em situações de catástrofe.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que é que aprenderam com isto? Que medidas é que se tornaram evidentes para o futuro?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Acho que como o país também tomou consciência, normalmente estas crises graves obrigam-nos a pensar que não somos suficientemente fortes e sólidos para enfrentar crises que não conhecíamos. Um apagão desta dimensão não me lembro que tivesse acontecido alguma vez. Temos que fortalecer a nossa rede de abastecimento energético e também a nossa rede de comunicações, são sobretudo nesses dois lados que é preciso trabalhar”.

Nicolau Santos, Presidente da Administração da RTP

“Precisamos também de saber como é que numa situação destas nós encontramos meios alternativos de alimentação às pessoas que trabalham aqui durante toda a noite, aqui e noutros pontos da rede da RTP, e que

precisam obviamente se alimentar, porque passar uma noite inteira a trabalhar desgasta e as pessoas precisam de beber, precisam de comer. Foi uma carência que também se verificou ontem. Portanto, o que estamos a fazer neste momento é ter um plano detalhado de emergência relativamente a todos os espaços que devem ser dados em questões de falta de energia, porque os outros planos de emergência, de incêndios, de catástrofes, de terremotos nós já tínhamos esses planos. Em relação à questão da energia, efetivamente, era uma falha que tínhamos. Portanto, esse plano decidido, já hoje na reunião de manhã, detalhámos esse plano claramente, sabendo as responsabilidades de cada pessoa. Esperando que isto não volte a acontecer, mas se vier a acontecer, suponho que estaremos bem mais preparados para dar uma resposta mais eficaz ainda do que aquela que demos ”.

OFF

Creio que a RTP reagiu bem ao apagão que o país enfrentou no dia 28 de abril, com decisões rápidas e as redações e o pessoal técnico, empenhados em bloco. A decisão de transmitir apenas informação, o alimento de que os portugueses necessitavam, e de reunir todas as emissões de televisão e de rádio em todos os canais, também foi justa e de grande utilidade e eficácia. No entanto, não posso deixar de estranhar o facto de não estar previsto um plano de contingência para as comunicações, o que complicou em extremo as ligações internas na empresa. Esta impossibilidade de comunicação, concretamente entre a sede em Lisboa e o Centro de Produção do Norte, resultou em hesitações e, em concreto, a interrupção da emissão entre as 14h e as 17h, momento em que o gerador da televisão de Lisboa deixou de funcionar, e as 15h25. Isto é, uma hora e oito minutos sem qualquer emissão. Houve a lamentar também alguma precipitação na transmissão de notícias não confirmadas. E não foi de somenos importância a ausência de um plano B para alimentar, literalmente, os trabalhadores da casa.

São lições que ficam para o futuro e não podem ficar esquecidas na gaveta.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 17 – 17 DE MAIO 2025

DURAÇÃO: 18:50 MINUTOS

OFF

Este é o caminho que tem sido percorrido pela RTP desde 1956. Uma viagem marcada pelo monopólio do mercado durante décadas, por uma oferta que marcou gerações e pelo aparecimento dos operadores privados no início dos anos 90, e mais tarde pela chegada da internet. Sempre correspondendo a novos desafios, a RTP continua a balizar a sua atividade na legislação que a enquadra. No dia em que a televisão pública assinalou 68 anos de existência, os administradores da empresa assinaram com o Governo a tão esperada revisão ao contrato de concessão do serviço público de media.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Hugo Figueiredo Muito obrigada por estarmos aqui a conversar sobre o Contrato de Concessão do Serviço Público de Média e começo já pelo próprio título, porque deixa de ser um contrato de concessão de serviço público de rádio e televisão para ser de média, É mais abrangente. Porquê?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Começo por dizer que isto é uma revisão. É uma revisão de um contrato de concessão que foi concedido a RTP pelo período de 16 anos e era uma revisão que estava muito atrasada, já deviam ter ocorrido até duas revisões. Estávamos bastante atrasados. E esse atraso reflete-se na nova realidade do consumo dos conteúdos

no mundo inteiro, não é específico de Portugal. E a verdade é que o enfoque na lógica da plataforma rádio e na plataforma televisão é uma visão um bocadinho antiga, até anacrónica, embora essas plataformas continuem a ter uma enorme relevância, continuam a ser provavelmente em muitos aspetos mais relevantes. A verdade é que o ponto aqui é sobre os conteúdos e não sobre as plataformas. Hoje as pessoas consomem os conteúdos porque veem, ouvem, leem, em inúmeras plataformas, desde os telemóveis, aos computadores, aos tablets”.

OFF

Sem alterações deste 2015, há muito que esta revisão era esperada e necessária. As velozes mudanças no setor dos media reclamavam uma adaptação aos novos tempos, a novos meios e a novas formas de ver e fazer televisão.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Em que é que se traduzem para o telespectador estas novas normas?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Do ponto de vista estritamente do telespectador em emissões lineares, eu penso que continuam a estar garantidos e até reforçados alguns aspetos, nomeadamente os que têm a ver com a necessidade de algumas minorias, de temas de interesse, de acessibilidade, que continuam a estar consagrados não só na lei, mas no contrato de concessão, mais uma vez e que já estavam. E que, mais uma vez começa a ser natural que algumas dessas funcionalidades sejam complementadas através de outros aparelhos. É natural que as pessoas que têm necessidades especiais possam complementar aquilo que, neste caso, veem no aparelho televisivo, mesmo numa missão linear, através de um tablet ou de um telemóvel, onde têm funcionalidades adicionais que também não faz sentido que sejam impostas a toda a enorme maioria que não tem essa necessidade especial por causa dessa minoria. E portanto, a complementaridade entre os diversos aparelhos, entre as diversas plataformas, vai ser não só o futuro, é o presente é o presente. Já não estamos a falar do futuro. Estamos a falar do presente. Do ponto de vista das obrigações relativamente a determinadas tipologias de conteúdos, etc, também elas foram consideradas de uma forma transversal neste contrato de concessão, o que reflete mais uma vez a forma como as pessoas consomem os conteúdos. Nós hoje em dia gravamos debates na rádio com imagem e, portanto, fez sentido que começássemos a olhar para essas obrigações de uma forma transversal, porque se as pessoas querem ouvir um debate, elas vão ouvir o debate ou ver o debate e podem fazê-lo no Facebook ou no Instagram ou noutra noutra plataforma qualquer. Isso não diminui a qualidade do debate. O foco deste contrato de concessão começa a virar das plataformas para os conteúdos”.

OFF

Esta revisão do Contrato de Concessão, o diploma que, juntamente com a Lei da Televisão rege a atividade da RTP, concede à administração da Televisão Pública mais autonomia e maior responsabilidade.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma questão que aparece e e que causou alguma discussão. Que é a questão de poder haver mudanças nos canais, de a RTP ter autonomia para, pergunto eu, encerrar canais, mudar os conteúdos, fazer uma nova... uma reorganização dos diferentes canais que a RTP tem?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Sim, isso foi uma proposta do governo que nós, do vista da RTP, julgamos que traz um maior responsabilidade à própria empresa e à sua direção de topo, seja a administração, mas também às direções de conteúdos e que reflete também a capacidade de nós aceitarmos que a mudança que está a ocorrer no

consumo dos conteúdos é tão rápida que não faz sentido que fique sujeita a revisões que ocorrem de quatro em quatro anos e que a experiência nos diz que são muito difíceis, tão difíceis que não ocorreram, e isso do ponto de vista da operação da RTP, cujo objetivo é servir os espectadores, ouvintes, leitores, etc. Os portugueses e até mais do que os portugueses, porque temos algumas obrigações relativamente aos países de língua portuguesa, e não é compatível com estarmos à espera de uma revisão, de uma potencial revisão futura, se se revelar que faz mais sentido cumprir uma determinada missão de serviço público, num formato diferente daquele que está plasmado no contrato atual. **Claro que a minha pergunta é ... Se temos planos? Se há planos, se têm alterações nos canais?** Aqui há um tempo falou-se, por exemplo, e discutiu-se e eu eu até fiz parte da fase final dessa discussão, sobre a premência ou não de existir um canal infantil ou de existir um canal do conhecimento. É natural que algumas pessoas se recordem, quem está mais ligado a estas temáticas, e de um canal de desporto. Dou-lhe o exemplo do desporto e vou-lhe dar o exemplo - do Mundial de andebol, onde Portugal teve uma excelente participação. A RTP conseguiu adquirir os direitos do Mundial todo, portanto, todos os jogos, coisa que era impossível transmitir em canais lineares, a não ser que tivéssemos inúmeros canais, porque há jogos à mesma hora, ou então ocupavam toda a grelha do canal, o que também não faz sentido. E nós podemos levar ao canal linear, que, apesar de tudo, continua a ter capacidade de penetração na casa dos portugueses superior às plataformas digitais. Ainda é assim, embora as curvas estejam a aproximar-se. Mas podemos transmitir todos os jogos nas plataformas digitais, abrindo inúmeros canais... **Reservando os jogos de Portugal para a transmissão linear?** mas as pessoas querem ver um França Alemanha. Não sei se foram estes os jogos, não interessa. O ponto é que estão disponíveis em direto, comentados. **Portanto ter um canal só para o desporto não faria sentido, uma vez que em cada momento só podia transmitir uma prova?** Uma prova...E nós temos inúmeras obrigações não só as provas decorrem em simultâneo, às vezes na mesma modalidade, como há outras modalidades a decorrer ao mesmo tempo e tínhamos que fazer uma escolha e nesse caso, a RTP só tinha direitos mesmo para a linear. Portanto, esta evolução do digital é essencial, mas não querendo fugir à questão inicial, nós não temos planos, mas achamos que a responsabilidade que nos é agora atribuída, permitida, através do contrato de concessão, permite-nos olhar para o nosso buquê de canais de lineares de televisão e de rádio e poder tomar algumas decisões. Se elas resultarem numa melhor prestação de serviço público através de métodos alternativos. A intenção não é reduzir a prestação, é tornar essa prestação eventualmente até mais relevante, seja transmitindo, transportando alguns desses conteúdos para o digital, para outros canais. Nesta fase, não temos planos para isso. **Não posso dar notícias, é isso? Não, não...**".

OFF

Das obrigações de oferta de serviços, programas e conteúdos inscritas no contrato, destacamos algumas: A RTP deve dedicar pelo menos 75% das emissões à difusão de programas originalmente em língua Portuguesa. Na informação, deve procurar ter uma vocação de proximidade através de uma cobertura territorial adequada a temas, ideias e protagonistas com interesse para regiões e comunidades específicas. Deve ter espaços de debate aprofundado, espaços de entrevista a personalidades que se destaquem na sua atividade profissional e cívica, assim como programas regulares de debate e entrevista sobre a atividade política, nacional, regional e local, que garantam o pluralismo e deem expressão às oposições das instituições e forças políticas.

Uma das apostas mais importantes nos tempos que correm será a inclusão de programas regulares dedicados ao combate à desinformação, reforçando os mecanismos de verificação de factos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Enquanto provedora vejo aqui no contrato que há mais uma vez a intenção ou está a obrigação de dar atenção aos países de língua oficial portuguesa e também aos portugueses residentes no estrangeiro. No entanto, o investimento que tem havido nessas duas áreas não tem sido, pelo menos aquilo que eu me apercebo, não tem sido suficiente ou correspondente a essa necessidade. Eu recebo queixas e posso ver a

programação e tenho falado também com os responsáveis... É difícil manter uma certa qualidade quando há poucos meios. O que é que está previsto aqui?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

*“A realidade é que a RTP tem tido um norma travão em todos os Orçamentos de Estado desde 2016. Está previsto um aumento da contribuição audiovisual automático que poderia ser revisto, é evidente dentro daquilo que é a discussão do Orçamento de Estado, mas na prática ele nunca houve qualquer atualização. Esse fenómeno da não atualização teve um agravamento na pós-pandemia com o aumento bastante drástico da inflação. Portanto, tudo o que nós produzimos é mais caro de produzir. Isso se torna cada vez mais difícil nós mantermos a o nível de serviço a que habituamos os portugueses e que excede largamente aquilo que está previsto no contrato de concessão. É preciso também dizer isso. A RTP não se limita de longe disso, a cumprir apenas o que está no contrato de concessão. Excede largamente. Esse reflexo acaba por ter resultados que não são os que nós todos gostaríamos. **Há limitações orçamentais que impedem.** Temos de fazer escolhas. Aí está a questão está nas escolhas e que tipo de escolhas”.*

OFF

Na área da cultura, a RTP tem a obrigação de divulgar obras, criadores e instituições culturais portuguesas, assim como difundir espetáculos de artes performativas como peças teatrais e bailados, e também ópera e música portuguesa. Está ainda prevista a emissão regular de documentários com relevância para Portugal e de produção nacional.

Na ficção, as obrigações contemplam o apoio e a exibição de obras cinematográficas de longa e curta-metragem, assim como a difusão de séries e minisséries. Nesta área, Na ficção, a RTP deve ainda valorizar obras de cariz experimental e o novo talento audiovisual.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A questão da publicidade já foi bastante conversada, mas a questão, passou a ser a ideia de ser “tendencial” a ideia de a RTP1 não ter publicidade. Estamos a falar da RTP linear porque no digital não há limitações É uma autolimitação, uma autorregulação?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

*“Em termos do digital? Sim. Nalguns aspetos sim. Consideramos que o lado digital tem muitas vezes um aspeto intrusivo ou mais intrusivo e nós tentamos que não aconteça. **Mas não há limites aqui no contrato de concessão? Onde há limites é na RTP 1 que só pode emitir publicidade de 12 minutos em cada bloco de duas horas... Correcto E ficou assim. Ficou, ficou. Ficou com a ideia de que tendencialmente** Sim. Do lado da RTP, nós podemos ter opiniões e há inúmeras opiniões dentro da própria RTP nos quadros diretivos, nas administrações relativamente ao financiamento através de publicidade ou sem publicidade. Na verdade uma boa parte dos serviços públicos da Europa tem publicidade permitida, uma boa parte não tem publicidade. Ambos os modelos funcionam. Aliás, o caso mais famoso, que é a BBC, não tem publicidade. Mas o ponto que preocupa a RTP essencialmente é se existe financiamento, porque se não vier da publicidade que venha de outro de outra modalidade, de outro método. A prestação do serviço público faz-se com produção de programas, de debates de várias tipologias, ficção, desporto, etc, etc.. Para isso é preciso claramente haver a capacidade financeira de poder adquirir, sejam os direitos, sejam fazer as produções, dependendo da modalidade, da tipologia de programa. Sem a capacidade de investimento, não se consegue fazer os programas”.*

OFF

Para o público infantil e juvenil, a RTP deve apresentar conteúdos lúdicos, informativos e educativos, que reflitam os interesses dos diferentes segmentos etários. Este novo contrato estipula que a programação infantil deve incluir um programa diário de informação destinado aos mais novos, e também obras cinematográficas dirigidas especialmente a estes públicos.

No Desporto, a RTP deve promover a divulgação, transmissão e cobertura jornalística, das participações desportivas das seleções nacionais, femininas e masculinas de outras modalidades além do futebol. Deve ainda divulgar modalidades desportivas onde se incluam desporto escolar, desporto universitário e o desporto para pessoas com deficiência.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na sua opinião, este contrato é ambicioso, vem dar um novo fôlego à RTP?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Eu penso eu penso que este contrato traz claramente uma evolução. É uma evolução no sentido daquilo que é a realidade do dia de hoje do consumo de através de multiplataformas e essa consagração no contrato de concessão era importante também para a própria RTP reconhecer que não faz só rádio e televisão, mas também que tem estas obrigações de pensar em conteúdos que sejam específicos para o digital, porque a abordagem digital estava muito até agora, não exclusivamente, mas muito virada para ser a plataforma onde nós colocamos aquilo que fazemos na rádio e que fazemos na televisão. Este contrato tem uma filosofia diferente. Portanto começa a olhar para os conteúdos nas plataformas digitais como conteúdos especificamente produzidos para essas plataformas e é assim que deve ser, porque ver um vídeo de um minuto no Instagram não é a mesma coisa que estar sentado no sofá a ver um programa de televisão e a RTP tem que começar a produzir conteúdos especificamente adaptados às plataformas onde as pessoas os querem na verdade consumir”.

OFF FINAL PROVEDORA

No essencial, o serviço público mantém as obrigações que já antes o definiam: Comunicar com competência para todos os públicos; apostar nos mais jovens e não esquecer os de mais idade. Adaptar a empresa a novas linguagens e às novas plataformas e modernizar o serviço público e dotá-lo dos meios necessários para que esta continue a ser uma marca fiável e de qualidade. Serão assim, espero, os próximos anos de RTP, com um serviço de vanguarda no que de melhor se faz em televisão. É isso que os telespectadores esperam da sua televisão.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 18 – 24 DE MAIO 2025

DURAÇÃO: 20:07 MINUTOS

OFF

Concluído o processo eleitoral para a Assembleia da República vamos observar como se comportou a RTP ao longo de todos estes meses. Sabemos desde logo que a RTP 1 foi o canal que registou maior audiência na noite eleitoral, com um share de 15,3% entre as 8 da noite e a uma da manhã.

Neste programa, vamos conhecer o balanço da cobertura da RTP nestas eleições, vamos ainda conhecer alguns motivos de queixa dos telespectadores.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“O balanço geral é um balanço positivo, muito trabalhoso, sobretudo porque não foi apenas campanha eleitoral. Nós tivemos outros acontecimentos que se atravessaram durante este período: a crise política, se pudermos sinalizar, começou a 11 de Março com o chumbo da moção de confiança que o governo apresentou na Assembleia da República. E a partir daí, desencadeou-se uma série de procedimentos, obviamente a organização do plano da cobertura da campanha eleitoral, de debates eleitorais, entrevistas, reportagens, rubricas, enfim, uma série de eventos que foram trabalhosos e difíceis. Nalguns casos, não foi fácil colocar, acordar ou consensualizar, o que seja um conjunto de 28 debates entre três televisões, mais dois debates que a RTP fez com os partidos parlamentares e extraparlamentares. Pelo meio tivemos um Papa que morreu, um conclave, um futebol muito ativo em final de campeonato, muitos acontecimentos que se atravessaram aqui e que foi preciso dar resposta. Mas o balanço do modo geral foi muito positivo e da noite eleitoral também”.

OFF

A redação da RTP demonstrou mais uma vez ser curta para dar resposta a todos os acontecimentos, o que só foi possível convocando e mobilizando energia de todos os jornalistas de norte a sul do País, incluindo naturalmente Açores e Madeira.

Apesar dos esforços das últimas semanas, os telespectadores deixaram reparos ao trabalho desenvolvido pela RTP.

Mensagem de telespectador

“Acabo de assistir ao debate transmitido pela RTP com os líderes dos partidos sem representação parlamentar. Apesar de reconhecer que foram a única estação a promover este momento de confronto democrático, não posso deixar de manifestar o meu profundo desagrado pelo formato adotado e pelo escasso tempo efetivamente dedicado a cada interveniente.”

Mensagem de telespectador

“Não consigo aceitar, nem entender, como se pode supor que neste modelo, tendo cada candidato direito a um minuto e meio de oratória, repetido por três rondas, num total de menos de cinco minutos, que seja esclarecedor ou elucidativo para quem quer que seja!

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Talvez o debate que suscitou mais críticas foi o debate que só a RTP é que fez com os dirigentes dos partidos sem representação parlamentar. É possível pensam manter aquele modelo? Porque de facto dá pouco tempo de resposta a cada uma das pessoas, são muitos ao mesmo tempo não é?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Às vezes as pessoas nem se lembram disso, mas de facto, quando são muitos partidos, estamos a falar de 12 naquele caso, 12 partidos mas estamos a falar de duas horas de emissão, mais de duas horas de emissão na verdade. O que é que se pode fazer? Tivemos no total 30 debates, mais o debate das rádios, portanto, 31 debates. Tenho dificuldade em dizer que isto é suficiente. Obviamente, nada é suficiente. Cada um dos partidos gostaria de ter mais tempo televisivo, mas hoje o tempo da comunicação política não é apenas o tempo televisivo, porque - e isto é uma vantagem que as forças partidárias têm, sejam pequenas ou sejam grandes, quando podem ter mais meios ou mais capacidade, mas eles comunicam diretamente, não é por acaso que as redes sociais, os sites, as mensagens têm um volume e uma intensidade nestes momentos muito grande. Portanto, a televisão não está só, não é a única oportunidade que têm”.

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

*“É uma decisão editorial, que me transcende, obviamente, eu estou ali como moderador, é uma decisão de grelha mas creio que, apesar de tudo, também devemos sublinhar o facto da RTP possibilitar esses partidos no seu horário nobre. O debate começou às nove da noite, teve centenas de milhares de espectadores em permanência, contactou com mais de 1 milhão de pessoas e, portanto, aqueles partidos tiveram uma oportunidade que normalmente não teriam se não houvesse uma televisão pública que cria esse espaço. **E como é que se gere um debate com opiniões que são tão díspares?** Eu penso que desde logo com uma noção de respeito pelas candidaturas, ou seja, isto passa por não só no facto de perceber que aquelas pessoas têm a mesma legitimidade de qualquer outro candidato de partidos com maior representação de estarem ali, concorreram mediante o cumprimento dos requisitos. E depois com uma preocupação de conhecer as ideias desses partidos, por mais estranhas que algumas delas nos possam parecer mediante as nossas convicções. Eu faço esse trabalho, com uma pequena equipa que me ajuda, de ler os programas, identificar as propostas no essencial de cada partido nessa lógica a que obriga o jornalismo, que é o respeito pelos candidatos que as leis do país permitem que estejam a concorrer a um ato eleitoral. **Não é sempre fácil, isto no direto, não só com os de representação parlamentar como com os outros?** Num caso porque são mais treinados e portanto, têm mais a noção do momento em que querem falar, o momento em que querem intervir, a mensagem que querem passar ou não deixar passar e torna-se mais difícil, porque há um melindre relativo ao que cada partido pensa, que é importante dizer naquela altura. Os partidos sem representação parlamentar normalmente querem passar muita informação e sentem sempre que o tempo lhes está a fugir”.*

OFF

Carlos Daniel tem uma vasta experiência de debates que antecede eleições.

Hugo Gilberto já o fez relativamente a outros processos eleitorais mas estreou-se nos debates para as legislativas. Quer um quer outro receberam a mesma crítica dos telespectadores, a crítica de que interrompem os candidatos sem os deixar completar o raciocínio.

Hugo Gilberto, Jornalista da RTP

“Eu acho que é preciso estarmos, se calhar com muitas outras coisas na vida, no meio-termo e no meio caminho. Eu não sou fã da interrupção ao fim de 6, 7, 8 ou 10 segundos, mas também acho, acredito mesmo que também não podemos deixar um político, na circunstância porque é um político, podia ser outra personalidade de outra área, falar indefinidamente e uma resposta transformar-se apenas num tempo de propaganda. Portanto, ou seja, tem que haver um questionamento quando percebemos ao fim de 30, 40, 45 segundos que determinado político não está a responder à pergunta e aproveitou a pergunta para o exercício de propaganda temos de lhe recordar que fizemos uma pergunta e obrigá-lo, ou pelo menos sinalizar que ele não respondeu àquela pergunta”.

OFF

Por mais preparação que um jornalista possa fazer existem sempre imprevistos.

Carlos Daniel até já sofreu invasões em estúdio mas o mais habitual é que os candidatos tentem conduzir eles próprios o debate. André Ventura, líder do Chega, protagonizou um desses momentos no debate a oito, entre os partidos com assento parlamentar.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve ali um momento mais tenso com o presidente do Chega, como é que se gere uma situação dessas que tem tendência para escalar se não for bem resolvida?

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“Cada circunstância é uma. Eu não preparei nenhuma reação, como tu imaginarás, porque ninguém está a contar com isso e parece-me que, apesar de tudo, foi uma circunstância perfeitamente gerível e não foi nada de absolutamente extraordinário. Conhecemos o perfil dos candidatos, já nos vamos habituando à forma como cada um cada um reage. Eu creio que naquele momento há duas questões que são sempre relevantes para o trabalho de um jornalista e quem quer que seja o protagonista em causa. Uma é: quem conduz o debate somos nós e, por muito que um candidato tenha toda a legitimidade até de questionar o ordenamento do debate, a sequência, quem decide isso somos nós e em última instância, nós é que somos treinados e nós é que nos preparamos para isso. E depois, qualquer momento de perturbação não deve comprometer o que segue, ou seja, o relacionamento com aquele candidato ou com outro qualquer a seguir a esse momento tem que ser igual. E portanto, a partir dali não pode mudar para as pessoas em casa e para os próprios protagonistas que ali estão, o nosso trabalho tem que ser o mesmo”.

OFF

Também Luís Montenegro protagonizou momentos de animosidade contra a RTP. O futuro primeiro-ministro, que não acedeu a dar entrevistas no canal público de televisão, nem em muitos outros órgãos de comunicação social mostrou-se irritado com a jornalista que, afinal, não era da RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vocês sentiram na Direção de Informação e os jornalistas que estavam a acompanhar sentiram que havia alguma animosidade relativamente à RTP?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Esse exemplo deixa transparecer, digamos, alguma coisa aproximada disso mesmo. Quero crer que não tenha sido isso, pelo menos à direção de informação isso nunca foi expresso com essa clareza. Mas há um registo que importa fazer e que não é um exclusivo da RTP. De facto, essa situação não tinha a ver com a RTP. Aliás, se tivesse a ver, era com outra estação televisiva que na véspera e no próprio dia estava a questionar o líder do PSD. Houve um aspeto muito negativo que foi o facto de o líder do partido ou da força política que ganhou as eleições e que disputou estas eleições não ter dado entrevistas jornalísticas. Não houve entrevista jornalística. Não foi só a RTP, que solicitou, **Á imprensa escrita também?** Mas de um modo geral a toda a comunicação social, houve conversas com humoristas, conversas com programas de day time, da tarde ou da manhã, mas não houve mais do que isso. Isso é um aspeto negativo. **Isso não veio enviesar uma campanha?** Acho que sim, de algum modo sim, e isso foi comum a todos. Não foi um problema exclusivo da RTP. Nós falamos por nós, mas acho que foi um problema geral e que deveria obviamente ter outro tipo de resposta. Porque quem, sobretudo, tem responsabilidades públicas grandes, acho que dar resposta às perguntas, sejam elas quais forem, é um dever também dos responsáveis políticos. **Há uma situação curiosa que é a situação do partido Chega. Eu recebi tanto mensagens dizendo que a RTP estava a dar demasiada cobertura ao Chega, como dizendo que não estava a dar cobertura, que estava a dar muito pouca atenção ao Chega. Na verdade, quando foram os episódios de saúde de André Ventura, houve uma atenção específica/especial com o candidato?** Sim, e essas críticas são compreensíveis porventura as duas, e eu não estou necessariamente a dar razão a nenhuma das duas. Nós procuramos algum equilíbrio. É evidente que a capacidade de criação de eventos, de oportunidades, de motivos que chamem a atenção das pessoas, não é algo que se distribua por igual, e obviamente, nós também temos que olhar para o que está a acontecer, porque há algo para a visibilidade que se vai criando... Desse ponto de vista, porventura, aqueles que são capazes de dar motivos de atenção poderão ter algum privilégio no sentido em que, quando as campanhas estão ativas no terreno, a dizer ou a fazer algo, nós estamos a acompanhar e, portanto, nós fizemos isso sistematicamente com os partidos parlamentares. E aí o Chega também terá tido a cobertura que mereceu, chamemos-lhe assim. Claro que nós não fomos atrás de ambulâncias. Claro que nós não nos preocupámos em ver se o segurança já tinha*

saído ou entrado neste ou naquele centro de saúde. Isso não fizemos e acho que não devemos fazer, portanto há limites para a chamada de atenção. Podemos sempre refletir até que ponto neste ou naquele momento demos atenção demasiada ou neste ou naquele momento ignorámos algo que porventura podia ter alguma relevância. Isso aplica-se a todos os partidos. O Chega tem uma capacidade grande de suscitar atenção. O final da campanha é o melhor exemplo disso mesmo, independentemente do que pensemos sobre aquilo a que assistimos. Não se pode ser indiferente, mas também tentámos matizar essa mediação com um exercício crítico, chamando, obviamente pessoas que nos ajudaram a analisar o que tínhamos pela frente. E mesmo os outros partidos também não se inibiram aqui de o fazer. Portanto, pode sempre dizer-se que é a comunicação social que beneficia ou prejudica esta ou aquela mensagem política, a sua intervenção ou a sua mediação pode gerar isso mesmo mas não me parece também que seja comunicação social a responsável ou a grande responsável pela dimensão que esta ou aquela força partidária vem a ganhar”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A comunicação social pode interferir no resultado das eleições, e neste caso em particular será que influenciou de facto?

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“É uma afirmação, pode influenciar e eu acho que sim, que pode influenciar, mas aquilo que nós fazemos nas nossas democracias é dar tanto, quanto possível, as mesmas oportunidades de espaço a todos os candidatos ou a todos os partidos. Eu acho que nestas eleições, em termos da televisão pública, cumpriu-se o que é hábito, que é dar espaço para todas as vozes, as diferentes ideias, os diferentes candidatos, os diferentes partidos. Não é possível dar o mesmo tempo a todos, porque estamos a falar dos pequenos partidos sem representação parlamentar versus os partidos com representação parlamentar, mas mesmo aí é dado um espaço. Portanto, a RTP cumpre e equilibra e cria as condições para haver uma espécie de campo plano em que todos partem com as mesmas hipóteses. Mas depois é óbvio que o universo da comunicação social não é feito apenas da RTP. Existem muitos mais canais e a partir daí é a lógica editorial que determina quais os equilíbrios. Estas eleições, se tiveram alguma dimensão mais desequilibrada em termos de ocupação do tempo de emissão, isso aconteceu quando outros canais, que não a RTP, decidiram seguir ambulâncias durante horas. Infelizmente, o Serviço Nacional de Saúde está longe, nalguns casos e, portanto, podiam ter ido para Vila Real de Santo António, mas foram para Faro, o que quis dizer que de Tavira são mais quilómetros e portanto houve mais tempo para essas outras televisões seguirem. O mesmo aconteceu porque Odemira também fica provavelmente no ponto mais longe de um hospital que era Santiago do Cacém, em termos da geografia, em termos de tempo de estrada até lá, e mais uma vez atrás. Nesses últimos dias daquilo que foi a campanha, claramente houve uma inversão dos critérios comuns e, portanto, passámos a ter vários tempos diferentes para aquilo que foi o espaço televisivo, favorecendo neste caso, André Ventura na sua doença. Agora nós não somos hipnotizáveis. As pessoas sabem bem o que querem, a democracia é feita da ideia de que as pessoas não são hipnotizáveis. A democracia é isso e por isso é que também é tão perigoso dizer que a desinformação, que temos de anular eleições quando há desinformação. Porque isso é a mesma coisa que dizer que as pessoas não têm capacidade de decidir por elas próprias. Se não têm capacidade de seguir para elas próprias, então não as podemos deixar votar”.

OFF

As sondagens acertaram na liderança da AD mas falharam nos números relativos ao PS e ao Chega.

Nenhuma sondagem previa que o Chega poderia ser a segunda força política ou que o resultado do PS fosse tão desfavorável o que prova mais uma vez que as sondagens não correspondem à realidade até porque há sempre uma margem para o erro”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Já passámos por muitas eleições, já sabemos que as sondagens muitas vezes não são fiáveis, desta vez não foram fiáveis?

Gustavo Cardoso, Professor do ISCTE

“Bem, a questão de dizer não foram fiáveis ou foram fiáveis, nós temos que pensar se queremos que as sondagens nos deem um valor exato ou muito aproximado, variando num deputado a mais de um deputado a menos, ou numa percentagem quase exata. Isso as sondagens nunca nos deram. Agora elas têm vindo, mas isso é uma tendência ao longo do tempo, elas têm vindo a afastar-se um pouco mais da realidade. E as próprias empresas de sondagens também percebem isso, porque o fenómeno não está nem elas trabalharem mal. Elas trabalham exatamente da mesma maneira, o que mudou foi a envolvente. E quando nós estamos num momento de transformação política dos países, aquilo que é o passado deixa de nos poder ajudar a prever como é que vão ser os movimentos futuros. Quer dizer que há menos lealdade no voto, quer dizer que as pessoas podem, por exemplo, protestar num partido à esquerda e depois passar o protesto num partido à direita, mesmo sem terem que aderir automaticamente às linhas programáticas desses partidos. Muita coisa muda, é mais fluído e a possibilidade de não acertar tanto é maior”.

OFF

Penso que a noite eleitoral correu bem à RTP com um painel de comentadores variado e com uma dinâmica que ajudou a fixar telespectadores e, mais importante do que isso, a esclarecê-los. Ao longo de todas as fases destas eleições, desde a pré-campanha, até à noite eleitoral e até aos dias a seguir, caem na minha caixa de correio queixas de telespectadores que alegam favorecimento de um ou de outro candidato por parte da televisão pública. Não creio que isso tenha acontecido. Creio que a lei foi cumprida excedendo por vezes as próprias obrigações da RTP. Quero recordar ainda que os comentadores externos à RTP têm direito à sua opinião e não representam as opções da RTP. O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 19 – 31 DE MAIO 2025

DURAÇÃO: 19:23 MINUTOS

OFF

Este foi o momento em que foi anunciado o vencedor do Festival da Eurovisão deste ano. A decisão pendia sobre duas músicas: a da Áustria e a representação de Israel.

Israel acabou por não vencer, poupando a organização do Festival, a EBU, a mais uma série de protestos que já tinham sido visíveis nas ruas de Basileia.

Mas a União Europeia de Radiodifusão continua a ser alvo de polémica. À semelhança do ano passado, recebi muitas mensagens de protesto contra a presença de Portugal e da RTP num Festival onde esteve também presente Israel. Estes telespectadores protestam por a televisão pública não rejeitar a participação deste país, num quadro de guerra de uma violência atroz. E apontam a incoerência da atitude da EBU depois de, após a invasão da Ucrânia, ter afastado a Rússia do festival.

Neste cenário, há uma pressão maior para que o canal público de televisão portuguesa tome uma posição oficial. Como aconteceu em anteriores situações, de novo recebi mensagens exatamente iguais, numa campanha organizada.

Mensagem de telespectador

“Manifesto o meu repúdio pela participação de Israel na Eurovisão 2025 e apelo ao boicote da RTP a futuras edições do festival enquanto Israel participar. A atuação de Israel em horário nobre contribui para a lavagem da sua imagem internacional, banalizando crimes de guerra. A própria EBU tem sido cúmplice: esconde protestos, insere aplausos falsos, manipulando a perceção pública. É impossível ignorar o duplo padrão em relação à exclusão da Rússia”.

Mensagem de telespectador

“Não percebo a duplicidade de critérios ao aceitar-se a participação de Israel no festival da Eurovisão enquanto que a Rússia viu ser-lhe recusada a presença no evento. Ambos encarnam o que existe de mais bárbaro, abjeto e cruel, tendo ambos os países elemento nos seus governos acusados de crimes contra a humanidade. Dia após dia, Israel chacina dezenas de inocentes, não escapando nem as crianças. Em nome da decência e da humanidade, a RTP tem de apresentar o seu protesto na EBU, exigir a exclusão de Israel e manifestar nos mais altos termos a sua posição. Ponham a mão na consciência!”

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

“Eu acredito que o tempo vai nos trazer a tomar qualquer posição, o futuro vai nos trazer aí, primeiro porque sentimos que a pressão tem aumentado. É preciso dizer que nós tomamos posição dentro dos fóruns a que pertencemos, dentro da EBU. A EBU, enquanto entidade organizadora da Eurovisão, tem diversos comités e nós temos assento nesses comités e pronunciamo-nos nesses comités. Significa isto que a participação de Israel até à data tem sido votada e aceite, no mínimo, por uma maioria dos países que participam na Eurovisão. Portanto, Isto é sempre submetido a votos, dado que os operadores públicos, como a RTP pertencem a um comité, são associados e, portanto, pronunciam-se. A EBU não é uma entidade isolada que decida per si sozinha, decide ouvindo obviamente os seus comités e os seus parlamentos. Eu creio que, mais tarde ou mais cedo, haverá qualquer coisa, digo mais como nota pessoal, na medida em que sinto, como todos os outros cidadãos, a pressão a crescer e a aumentar de dia para dia, e esse mal-estar é presente. Mas acredito que o futuro trará a Europa, primeiro e antes de tudo, as posições dos diversos estados e depois, por consequência, a posição destes operadores da EBU levar-nos à, creio eu, é uma expectativa quase pessoal que tenho, mas acredito que não será sustentável durante muito tempo mantermos esta divisão tão grande, esta fragmentação tão grande, cada vez mais agressiva da própria opinião pública e nós, enquanto operador público, que temos a responsabilidade primeiro antes de tudo do pluralismo, temos cada vez temos dificuldade em abordar e perceber onde está, onde estão as partes. Independentemente depois das convicções pessoais de cada elemento, são seres humanos que estão a trabalhar e que vão na comitiva portuguesa e que participam na Eurovisão, tal como os artistas”.

OFF

A acrescentar à presença de Israel no Festival Eurovisão da Canção, o fenómeno de votação do público na canção de Israel fez elevar o tom de protestos. A canção israelita, ‘New Day Will Rise’ terminou em segundo lugar nas votações finais.

Mensagem de telespectador

“Pelo segundo ano consecutivo, o televoto do público português na Eurovisão foi dado a Israel. Em nenhum dos anos as canções de Israel foram populares em Portugal, o que se comprova pelo número de streamings, visualizações no YouTube e total ausência dessas canções na rádio. Trata-se, por isso, de uma clara manipulação do televoto, resultado de campanhas organizadas pelo governo israelita para branquear as violações de direitos humanos e a limpeza étnica em Gaza. Face às crescentes suspeitas e denúncias sobre

irregularidades na votação — com particular destaque para os votos atribuídos a Israel — é, no mínimo, incompreensível que a RTP, não tenha exigido uma auditoria independente e transparente ao processo de votação”.

OFF

Espanha já pediu uma auditoria ao televoto espanhol, que atribuiu pontuação máxima a Israel. A RTVE põe em causa o televoto, que em 13 países favoreceu a canção israelita, como aconteceu em Portugal.

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

*“Não nos pareceu até ao momento uma questão, independentemente da causa, independentemente do mal-estar público, independentemente de tudo isso. O processo de votação do festival da Eurovisão, primeiro de tudo, é o maior processo, é a maior operação de votação do mundo, que é tão alargada, é massiva, muito grande. Depois é a própria EBU que contrata os operadores telefónicos de cada país para tratar do processo de votação. Significa isto que houve uma empresa em Portugal que foi contratada para prestar o serviço da votação, como sempre acontece. Não passa de todo pela RTP, é a própria organização da Eurovisão que trata desse processo. Esse processo tem a RTP conhecimento e é público, é ele próprio já auditado por uma consultora externa independente, neste caso a Price Water Cooper, que já acompanha o processo há muitos anos, que verifica e que audita. Houve de facto, países como a Espanha que sentiram a necessidade de uma revisão dessa própria auditoria. Bom, nós entendemos que neste exato momento, para lá das questões da fraude, o que nos parece a nós é que há uma mobilização muito grande, uma capacidade de mobilização muito grande em torno da candidatura israelita ou da canção israelita na Eurovisão, nós vimos publicidade em Times Square, espalhada pelas redes sociais. Portanto, um grande investimento de comunicação que cada país por si pode fazer também, e entendemos que devemos estar, estamos muito muito atentos. Nesta fase, eu diria que a RTP está mais atenta do que nunca a estes processos de verificação que estão a decorrer. **Esta questão do televoto, na verdade, levanta-se porque a canção de Israel não é uma canção que seja extremamente popular em Portugal. Não estou a referir-me à canção do festival. Estou a referir-me à música de Israel em geral, durante o ano todo não ouvimos canção de Israel em nenhuma rádio, é raríssimo. Como é que aparece de repente um movimento tão favorável a uma canção?** A explicação possível que nós temos confiando na transparência do processo, na idoneidade do processo de televoto, que é auditado PSI e que já agora estas verificações que vão decorrer, estamos muito atentos e vamos acompanhá-las. Mas parece-me que há aqui um fenómeno de uma grande capacidade de comunicação e de mobilização. É preciso lembrar que o processo de votação da Eurovisão tem um barramento de 20 chamadas por cada dispositivo, há obviamente mecanismos que as operadoras têm de verificação, comportamento, de padrões, de verificação para perceber se haveria alguma falta de seriedade ou de transparência, até nesses números de telemóvel que votam e portanto, eu diria que o que acontece é precisamente isto. É uma manobra de marketing, de comunicação, uma capacidade narrativa de promover que se calhar, mais ninguém tem”.*

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio expressar o mais completo repúdio e indignação pelos comentários feitos pelos comentadores José Carlos Malato e Nuno Galopim no Festival da Eurovisão. Quando foi conhecida a votação do público atribuída a Israel, que levou o país ao 1.º lugar, o nervosismo dos comentadores foi evidente e notório. Os mesmos mostraram de forma absolutamente despuddorada a sua parcialidade, quando expressaram o seu desgosto por Israel estar no 1.º lugar”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebi muitas queixas que não que já são de outro patamar, em que a maioria diz respeito aos ao facto de os comentadores terem mostrado alguma alegria, satisfação contra Israel, no sentido quando havia

votações contra Israel, que não favoreciam Israel, mostravam-se contentes. Essa questão é contornável? Os comentadores, evidentemente têm direito à sua opinião, mas isso significa que há uma posição por parte da RTP?

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

“Sim, eu tenho que dizer que não estou propriamente de acordo com essas críticas, embora entenda que há nuances, isto é, os nossos comentadores, o Nuno Galopim e o José Carlos Malato, que são, aliás, comentadores há muitos anos e estão muito habituados a fazer estes processos, tem um grau de à vontade, e eu diria até de informalismo, muito grande para estarem a comentar em direto durante quatro horas, quase. A final da Eurovisão demora quatro horas e, portanto, acredito que pelo caminho possam aqui e ali, dentro do informalismo e de um à vontade e de uma naturalidade, que, aliás, passa para casa de uma maneira simpática, a meu ver, não estão ali com um código com uma seriedade, enfim, quase entediante durante quatro horas mas que possam com isso, um ou outro ter aqui um laivo de manifestação ou um certo sentimento ou um jogar que demonstra uma determinada preferência. Também eles que estão no local, têm assistido, é preciso dizer a esta pressão e a este mal-estar, ao longo do tempo e, portanto, como seres humanos poderão, admito que sim, não posso responder a esse ponto, mas sei e em defesa dos próprios, que são cautelosos, que são cuidadosos, conversámos sobre esse assunto antes da final começar, havia essa preocupação. O próprio Nuno Galopim foi o primeiro a dizer, torna-se inevitável não deixar de comentar que a participação israelita tem gerado controvérsia. Fê-lo até de uma forma, diria eu de comentador jornalístico, quase, e portanto, sem tomar posições. Tudo o resto são manifestações, penso eu, de emoção de quem está a viver o momento e a tentar passar essa emoção para casa”.

Mensagem de telespectador

“Não é possível votar no Festival da Eurovisão, em direto. A mensagem recebida de volta para o número que é indicado, dá como “número não atribuído”.

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

“Muito estranho, porque normalmente o processo funciona de forma muito clara. Talvez se o telespectador estava em Portugal e tentou votar na canção portuguesa, então isso não é possível, ou seja, Portugal não pode votar em si próprio. As comunidades portuguesas nos outros países sim podem votar na canção portuguesa, porque estão fora do país. Portanto, a regra elementar é que o país não pode votar em si próprio. Se este telespectador fez essa tentativa por não estar bem informado das regras, então é natural que a chamada não tenha não se tenha verificado. Quero crer que foi algo desse género, porque nem sequer não só nunca não tivemos mais queixas como nunca tivemos queixas sobre o processo de votação”.

Mensagem de telespectador

“É com muita tristeza que este ano não conseguimos assistir ao festival da Eurovisão em família pelo excesso de luzes. O meu filho sempre adorou assistir, mas agora com diagnóstico de epilepsia, é impossível. E mesmo para o público em geral penso que nada acrescenta. Pelo contrário. Subtrai. Distrai e cansa. Sugiro, pelo menos, a colocação de avisos”.

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

“Esta é uma questão, é um dilema muito grande, tenho que admitir. Nós estamos deste lado a produzir programas, que produzimos programas com uma linguagem, especialmente no grande entretenimento de espetáculo, de uma certa exuberância de cores e de luz e de movimento, que levou nos últimos anos eu diria a aproximar-nos um pouquinho quase desses momentos, quase histéricos de iluminação. Nós na RTP na

Eurovisão, não somos responsáveis por esse desenho de luz. Quer dizer, cada país pode escolher o seu, garantidamente nós Portugal, o nosso sistema de iluminação nunca tem aquilo que se chama esta luz, que normalmente é isto que tem que especialmente os epiléticos incorrem em riscos ao assistir. Temos sempre cuidado não o fazer. No festival da canção acontece de forma muito pontual e apenas alguns segundos e notamos e criamos sempre um aviso prévio para as pessoas, porque estamos aqui num problema, eu diria quase da tecnologia, por um lado, a linguagem do entretenimento está nesta velocidade e neste ritmo. Por outro, mesmo sendo uma minoria ou não, há pessoas que lidam mal com essa questão do ponto de vista de saúde”.

OFF

Portugal conseguiu o apuramento para a final da Eurovisão da canção pelo quinto ano consecutivo. A banda madeirense Napa passou à final, contra todas as previsões das casas de apostas.

A canção “Deslocado” desde o início dividiu opiniões entre elogios e considerações de que consistia numa fraca representação para Portugal, terminou no 21.º lugar no Festival da Eurovisão da Canção, que decorreu em Basileia, na Suíça.

O tema ganhou maior destaque fora da Eurovisão, tornado numa canção viral no meio académico e nos TOPS das 50 canções mais ouvidas no Spotify em vários países europeus.

Gonçalo Madaíl, Musica e Artes de Palco RTP

“ O balanço que faço da participação de a nossa participação musical, artística portuguesa de 2025 é não só extremamente positivo, como tenho um grande orgulho naquilo que se verificou. Nós, de há sete/ oito anos para cá, decidimos no festival não abdicar da verdade artística. As canções que nos chegam dos músicos que convidamos são inteiramente decididas por eles. Não temos voto na matéria em nem uma única nota, nem um único som de nenhuma canção que participa. Isso deixa-nos muito orgulhosos na medida em que, ao contrário de outros países que concorrem à Eurovisão, que fazem projetos quase de laboratório, muitos nem sequer têm festivais da canção, nós aqui acreditamos sempre em ter o festival da canção como um programa da música portuguesa, a montra da música portuguesa contemporânea, com novos nomes, nomes mais consagrados. Mas não temos nenhuma intervenção e corremos devidamente esse risco, chamemos-lhe assim, de a canção que sobra e que em Portugal é mais votada, é a canção em que nos empenharemos e que envergaremos na Eurovisão sem qualquer problema. De facto a canção dos Napa, olhando para o universo Eurovisivo, não cumpria determinados requisitos, não fazia parte desse perfil desse estilo. Se é que o existe, ele vai existindo, mas há de facto também muitas surpresas, recorde que já levámos o Salvador Sobral, já levamos uma canção como a da Maro ou como a dos Black Mamba. Fico duplamente orgulhoso em saber que uma canção como esta, apesar de tudo fez o caminho que fez, muito positivo, com uma verdade artística. É uma banda que veio da garagem, da Madeira, da ilha da Madeira, de cinco rapazes que fazem música honesta, tocada, executada por eles e foi possível de facto chegarem longe. Depois acho que conseguiram comunicar junto da Europa, a condição que trazia a sua música, que é uma condição de muitos jovens na Europa, que estão deslocados, ou via Erasmus, ou que vivem fora das suas cidades, alguns porque imigraram ou porque migraram e portanto, eu acho que eles conseguiram passar essa mensagem”.

OFF

A RTP cumpre o seu papel na área da Informação, mantendo o público informado sobre a situação em Gaza, e esse serviço público é essencial.

Tem dado também a devida voz aos apelos e denúncias das entidades nacionais e internacionais com relevo para as Nações Unidas e o seu secretário-geral.

Quanto ao Festival da Eurovisão, compreendo a indignação dos telespectadores que consideram não haver justificação para que a EBU tenha dois critérios diferentes, ao ter afastado a Rússia e a não reagir perante Israel. Também eu penso que esta duplicidade é evidente e difícil de aceitar. Sei igualmente que se trata de uma questão divisiva na sociedade e que, como a votação do público no recente Festival traduz, a capacidade de mobilização de quem defende a posição de Israel é muito eficaz.

Desconheço o que se passa nas reuniões das altas instâncias da EBU, das quais a RTP faz parte. Passado o festival de 2025, penso que deve ser de novo avaliado e debatido este problema, preparando já o próximo futuro.

E quero deixar aqui o meu elogio aos Napa, com a sua canção que tão bem traduziu uma realidade vivida por tantos jovens pelo mundo fora.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 20 – 07 DE JUNHO 2025

DURAÇÃO: 16:23 MINUTOS

Agora que terminou o Campeonato Nacional de Futebol Masculino e já foi entregue a Taça de Portugal, fazemos hoje um resumo das últimas semanas desportivas na RTP. Mas antecipamos também a oferta dos vários canais nos próximos meses. Não falamos apenas de futebol. Começamos, aliás, por uma questão que me colocam todos os anos os amantes da grande prova do ciclismo português.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vou-lhe perguntar uma coisa muito concreta sobre a Volta a Portugal em Bicicleta. Vai ser o mesmo modelo de transmissão, isto é, só uma parte de cada etapa é transmitida?

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“Vamos transmitir, uma parte muito significativa de cada etapa e a parte da etapa que é realmente mais relevante. Não é só a parte final. Quando dizemos uma parte, é uma parte muito considerável de cada dia da Volta a Portugal, até porque a transmissão integral de todas as etapas duplicava os custos da Volta a Portugal, e os custos de qualquer transmissão de um evento que mexe com muitos meios e que dá a volta ao país são significativos e o rigor de gestão também deve estar presente nas decisões da RTP”.

OFF

A não transmissão de alguns acontecimentos desportivos continua a motivar descontentamento entre quem segue o serviço público.

Mensagem de Telespectador

“Por que será que a RTP não transmitiu a final do Campeonato da Europa de Futebol Sub-17”?

OFF

Este foi um grande jogo, com a vitória dos jovens portugueses.

Consultei os responsáveis pelas transmissões e recebi a seguinte resposta: *“Os direitos deste jogo, que não está classificado como evento de interesse generalizado do público, foram adquiridos pelo Canal 11, que está acessível em 95% dos lares portugueses, no pacote básico de todos os operadores, não se justificando a competição da RTP pela compra dos mesmos.”*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vamos falar do que se aproxima das próximas transmissões que a RTP vai ter.

O que é que nos espera? O que é que temos este ano não há campeonato do mundo, este não há Jogos Olímpicos, mas vem aí muita coisa.

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“Há muitos campeonatos do mundo...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu dizia de futebol, peço desculpa. Futebol masculino.

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“O mundo não é futebol e o mundo não é desporto no masculino. Temos ao longo dos últimos anos falado várias vezes sobre isso e a RTP, no contexto de televisão de serviço público e também de convicção da própria RTP, ou seja, não é só uma obrigação, é uma convicção da RTP olharmos para o desporto no feminino e no masculino, e por isso, para não me esquecer de nada quero lembrar que vamos ter: um Campeonato da Europa de futebol, no ano passado teve o Campeonato da Europa de futebol dos homens, este ano temos o Campeonato Europeu feminino de futebol, vamos ter o europeu feminino de basquetebol, mundial feminino e masculino de voleibol, europeus e mundiais de canoagem, os mundiais de atletismo, os mundiais de ciclismo, os campeonatos do mundo de desportos aquáticos, a Volta a Portugal em Bicicleta, tal como a Volta a França, e a 31 de julho, é o tal destaque do futebol masculino, o novo Sporting Benfica, já que falámos de um Sporting Benfica na final da Taça. Esse jogo vai repetir-se. Foi o fim da época e vai ser também o princípio da nova época, o Sporting Benfica - Supertaça Cândido Oliveira, a 31 de julho, no Algarve e também em direto na RTP”.

OFF

Os comentários às provas desportivas são geralmente alvo de críticas de quem torce pela sua equipa. Foi o que aconteceu na final da Taça de Portugal, mas já lá vamos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Aconteceu uma situação semelhante com um jogo de basquetebol, com o Ovarense contra o Benfica e também recebi muitas mensagens criticando as pessoas que estavam a comentar.

Mensagem de Telespectador

“Quero manifestar a minha indignação pelos comentários RTP do 3º jogo entre Ovarense e Benfica, a contar para as meias finais do campeonato. Esses comentários foram feitos de forma parcial, aos gritos e manifestando grande satisfação sempre que a Ovarense marcava pontos. É inadmissível no canal público este tipo de comportamento que fere a isenção e alimenta os ódios”.

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“Quase sempre acontece as queixas veem sempre do clube que teve o resultado menos expectável ou do clube que perdeu. Faz parte, como eu dizia há pouco, deste mundo televisivo, deste espetáculo que é o desporto. No futebol mais, nas outras modalidades, particularmente as coletivas e de pavilhão, não tanto as modalidades de pendor mais individual, como o atletismo, ou como a nataçã, ou a ginástica, mas nas modalidades onde

há clubes e essa dimensão coletiva de pavilhão, a tal carga epidérmica do futebol em doses menos significativas também acontece”.

OFF

No primeiro lugar do pódio do número de mensagens de telespectadores que criticam os comentadores da RTP está a transmissão da Final da Taça de Portugal.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio apresentar uma queixa relativa à transmissão da Final da Taça de Portugal, entre o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Portugal, emitida em direto pela RTP. Durante a emissão, os comentadores demonstraram, na minha opinião, uma clara parcialidade a favor do Sporting. Tal atitude foi notória através de comentários tendenciosos, elogios constantes e desproporcionais aos jogadores do Sporting, e uma visível falta de isenção a análise de lances polémicos, o que comprometeu a neutralidade esperada de um canal de serviço público”.

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“Antes de mais, vale a pena dizer que a final da taça bateu recordes de audiência, foi uma maratona televisiva de altíssima qualidade, e teve o enredo, o drama perfeito para um jogo de futebol. Claro que é perfeito para aqueles que ganharam, na perspectiva de quem ganhou e é absolutamente imperfeito para quem perdeu, mas comportou tudo aquilo que se costuma dizer, todos os ingredientes para um grande jogo de futebol visto por milhões e milhões de portugueses. Naturalmente que alguns, seguramente com reações mais epidérmicas e que hoje não teriam, acabam por depois de protestar com o árbitro, quando o árbitro entra naquele túnel de acesso aos balneários, protestam com quem? Com o jornalista...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O mensageiro.

Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP

“Depois do juiz do jogo ter ido para o balneário, o jornalista enquanto juiz da atualidade ou juiz daquela transmissão daquela narração acaba por ser criticado. Os jornalistas que lá estiveram são quatro. Um narrador, um comentador, dois repórteres no relvado. São jornalistas cheios de experiência, conhecimento e bom senso. Já fizeram dezenas e dezenas de jogos como este, para não dizer centenas de clássicos, de finais da taça, de jogos da seleção, de jogos da Liga dos Campeões, e seguramente foram os mesmos que há meio ano, quando os protagonistas que se queixavam eram os do clube vencedor e os protagonistas que não se queixavam eram os do clube vencido, também terão sido acusados por um ou outro, de terem sido menos imparciais em relação ao clube diametralmente oposto”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebi muitas mensagens de protesto que acusam os comentadores, entre os quais, tu próprio, de terem sido favoráveis ao Sporting ao longo de todo o jogo.

O que é que tens a dizer sobre isso?

Alexandre Albuquerque, Jornalista da RTP

“Para começar tenho uma certa dificuldade me aceitar essa crítica. Eu acho que nós fomos muito equilibrados, aliás, dissemo-lo ao longo do jogo que o Benfica estava a ser melhor, até àquele 2-0 que acaba por ser anulado o golo do Bruma, e depois o Sporting foi equilibrando. Sempre dissemos, eu e o comentador da RTP que estava

comigo, o Bruno Prata, que o Benfica estava a ser superior a nível tático, tinha conseguido também as melhores ocasiões, isto na primeira parte. E depois ali mais perto do fim o Sporting teve ali um certo ascendente e acabou por empatar através de uma grande penalidade pelo Gyökeres. Portanto, eu acho que nós, enfim, longe de termos feito um trabalho perfeito, porque isso é quase impossível, acho que estivemos de uma forma equilibrada. Demos muita informação tanto de uma equipa como de outra. Salientámos os atributos dos jogadores daquilo que são melhores, no que não são tão bons e, portanto, acusarem-nos de ser facciosos... Quer dizer, eu não tenho dificuldade em compreender essa crítica, mas pronto, como foi o Sporting a vencer, talvez os telespectadores da RTP estejam convencidos que nós estivemos mais para um lado ou para o outro. O Sporting acaba por vencer, é mais forte, é melhor no prolongamento, chega ao 3-1 e, claro, tivemos que salientar também o facto de o Sporting, para além de ter conquistado o campeonato, por acaso, bicampeonato, venceu também a Taça de Portugal”.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio apresentar uma queixa formal sobre a transmissão da final da Taça de Portugal emitida pela RTP. A transmissão da partida revelou uma clara falta de isenção e objetividade, em especial por parte do locutor Alexandre Albuquerque e do comentador Bruno Prata. Em lances de ataque do SCP, ouviram-se exclamações como “vai ser golo!”, revelando parcialidade e entusiasmo impróprio num serviço público. Mais grave foi o branqueamento da agressão sofrida por Belotti, pisado na cabeça por Matheus Reis, com envolvimento de Maxi Araújo. Em vez de a identificarem como um ato de violência, os comentadores afirmaram que o jogador do SLB caiu “como que por desmaio”. Esta postura é inadmissível”.

Alexandre Albuquerque, Jornalista da RTP

“Eu vou explicar. Costumo olhar quando estou a fazer a narração de um jogo pela televisão, costumo olhar essencialmente para o campo, e depois tenho aqui o ecrã para me auxiliar nas repetições. Mas infelizmente, cá está, eu não vi aquela repetição até ao fim. Portanto, eles estavam ali embrulhados, não me apercebi da tal pisadela, que agora toda a gente fala dessa pisadela, não a vi, é lamentável, mas também devo dizer que não vi eu, não viu o comentador da RTP, não viram os repórteres da RTP, que também tinham acesso às imagens, não viu o árbitro do jogo, não viu o árbitro auxiliar que estava em cima do lance, portanto, não assinalou nenhuma pisadela, não é, assinala sim a questão do Belotti estar a prender a bola, e não viu também o vídeo árbitro. E o vídeo árbitro devo dizer que nesta final da Taça de Portugal tinha dois auxiliares. Portanto, houve aqui uma conjugação de fatores, eu de facto, não vi. Porque e daí a tal história de eu dizer, ele parece que está ali deitado em cima da bola, como que tivesse um desmaio. Portanto, ele está ali a tentar forçar com que os minutos continuem do jogo e ele está ali a prender o jogo, para prender a bola, para que o jogo ganhe tempo e seja favorável ao Benfica, porque já estávamos a meio do período de compensação, foram concedidos 10 minutos e, portanto foi isso. Não vi essa repetição até ao fim. Também nós tínhamos nesta final o coordenador de toda a operação, também não me disse nada e aqui convém também explicar outra coisa é que estes jogos não são realizados pela RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Isso é uma questão que eu ia colocar a seguir. Uma das mensagens que eu recebi, queixava-se precisamente da realização, do facto de não ter feito repetições de alguns lances de queixava-se de facto da realização ao longo de todo o jogo.

Essa pergunta que eu poderia fazer ao realizador, mas já agora faço-te a ti.

O que que acontece? O que é que aconteceu?

Alexandre Albuquerque, Jornalista da RTP

“Eu durante o jogo não tenho noção muitas vezes aquilo que está a ser transmitido. Estou atento, mais ou menos, mas às vezes não sei há ali repetições que eu julgo que não são importantes, outras que já vem um bocadinho atrasadas e, portanto, nós já emitimos a opinião. Não vale a pena estar a falar novamente no assunto. Mas em relação à realização. A Federação Portuguesa de Futebol contrata uma empresa que faz essa transmissão do jogo. Antigamente era tudo feito pela RTP, as câmaras, a produção, o realizador, tudo o que envolvesse a transmissão do jogo de qualquer que fosse o jogo, inclusive da Taça de Portugal, tínhamos ali um realizador da RTP. O que acontecia muitas vezes, é que o realizador alertava-me para olhar atenção, está aí uma repetição, atenção aqui esta situação. Neste caso, é como se fosse uma transmissão internacional, ou seja, imagina que eu estou a fazer o jogo da Liga dos Campeões num estádio qualquer, o realizador desse jogo não vai dizer atenção a esta repetição, porque ele está a realizar aquele jogo para sei lá, 100 cadeias de televisão, não sei quantos comentadores hoje em dia vão fazer a Liga dos Campeões, portanto, nós é que temos que estar ali atentos muitas vezes e por isso eu me penitencio. Lamento não ter visto aquele aquela situação que é uma pisadela, que é uma situação grave, evidentemente, mas que escapou a nós todos, escapou. Muitas vezes tenho uns amigos que me enviam uma mensagem, atenção, olha o que aconteceu isso. Eu só dei conta do que tinha acontecido e da dimensão que o caso estava a ter já depois de o jogo ter acabado”.

OFF

Não creio que no decorrer da final da taça os comentadores que a RTP destacou para este serviço, tenham sido parciais. Havia uma forte possibilidade de o Sporting fazer o pleno, depois de ter vencido o campeonato. E como sublinhou Hugo Gilberto, os minutos finais deste jogo tiveram momentos inesperados e emocionantes. Como ouvimos, quem estava a comentar em direto não teve a oportunidade de ver o lance da agressão em tempo útil, pelo que considero não ter sido deliberado o comentário quando o jogador do Benfica estava no chão. Esta coincidência infeliz levanta no entanto outra questão: a equipa de comentadores é da RTP, mas as imagens que são entregues são da responsabilidade da Federação Portuguesa de Futebol. Ou seja, não há um controlo efetivo da RTP sobre o que chega a casa dos telespectadores, o que me parece ser uma desvantagem. Quero acrescentar, que até ao final do ano, são muitos os direitos comprados para emitir esta vasta lista de provas nas quais há também atletas portugueses em competição. Considero ser esta, mais do que apenas o futebol, a mais-valia do serviço público, ao dar destaques a modalidades que de outra forma não teriam visibilidade na televisão em Portugal, e em canal aberto, e nas quais os atletas portugueses se têm destacado com enorme qualidade.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 21 – 14 DE JUNHO 2025

DURAÇÃO: 13:47 MINUTOS

OFF

Vem aí o verão, tempo de férias para muitos.

O bom tempo convida a sair de casa e a televisão tradicional fica mais tempo desligada. Mas num tempo de múltiplos ecrãs, os telespectadores deixam mesmo de ver televisão?

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

É complexo programar para uma altura em que as pessoas estão de férias, ou estão na cidade, mas estão mais isoladas, ou estão mais acompanhadas, ou estão mais isoladas.

O verão tem um bocado disso, não é? Há pessoas que estão a trabalhar durante o verão.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

“É relativamente complexo porque também notamos algumas mudanças de hábitos.

Nós hoje sentimos que as pessoas se deslocam e se movem mais nas férias, no verão, mesmo aos fins de semana, mesmo continuando a trabalhar, nota-se que há hoje uma atividade maior das pessoas nesse sentido, ficando obviamente uma população menos ativa, mais tradicional, tendencialmente menos letrada ou com menos capacidades, que sai pouco de casa ou que não sai tanto de casa. Para esses o verão não altera assim tanto, nem os seus hábitos se alteram propriamente. Há uma ligeira transformação horária que acho que tem a ver com a luz.

Pode-se jantar mais tarde porque a luz vai até mais tarde, mas é uma ligeira variação. É sempre um dilema trabalhar para estes públicos. Por outro lado, o público mais movimentado, digamos assim, e mais ativo e mais irrequieto, se é que podemos dizer, também transporta consigo ecrãs e portanto mantém um contacto, uma ligação connosco”.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Hoje em dia as pessoas vão à procura dos programas numa base não linear, por isso, mesmo quem não vê o programa no horário em que ele passa na televisão, acaba por ir à RTP Play, no caso da RTP, ver o programa ou vai à própria box da operadora e vê o programa. Por isso nossa preocupação até é garantir que no verão há conteúdos verdadeiramente relevantes verdadeiramente fortes na área do entretenimento, na área da ficção e por isso alimentamos as nossas grelhas de verão exatamente com a mesma preocupação que temos no inverno, que é a da diversidade e a de oferecer conteúdos que sejam capazes de chegar a centenas de milhares de espectadores”.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“É mais feliz programar para o verão, evidentemente. Durante o inverno, quando se está a preparar a grelha de inverno, nós que escolhemos os programas e temos que os ver, às vezes saímos daqui muito amargurados com a natureza humana e com o mundo, porque os temas são muito mais fortes. Para o verão há um clima de praia, mesmo quando nós estamos a programar, mas na verdade não é bem a distribuição na grelha que nos preocupa”.

OFF

A RTP Memória mantém a mesma estratégia que tem adotado ao longo do ano, mas trará ao ecrã novos conteúdos.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

“Nós vamos colocar a série muito solicitada e que já exibimos várias vezes chamada, Pai à Força, é uma série que é um autêntico fenómeno mediático junto das famílias, mesmo dos mais jovens, é até surpreendente a forma como regressam à televisão para ver o Pai à Força. Vamos arrancar todos os dias a partir do verão, a partir de junho, às nove da manhã, com o Pai à Força, numa lógica de trazer outra boa disposição às famílias quando acordam.

Depois também, à hora do almoço, vamos regressar com as primeiras temporadas do Visita Guiada, porque também notamos uma apetência grande para o património, para os passeios a pé para o outdoor, para conhecer os museus, nosso incrível património histórico também.

E, portanto, vamos colocar às 13:30 a ,Visita Guiada, durante todo o verão.

Ao fim de semana também vamos incidir, como temos feito e no ano passado resultou muito bem, com uma coleção do histórico acervo da RTP de magazines sobre viagens, gastronomia e também património, o Destinos.Pt, Descobrir Portugal, são séries que além de nos trazerem esse ambiente do ar livre e do passeio em busca do país, trazem também uma reflexão interessante sobre o estado em que o património se encontrava há 15, 20 anos atrás, o que é que nós dizíamos dele e aquilo que se vê hoje, portanto, também como comparativo é sempre muito interessante.

Na ficção, vamos fazer aqui também algumas apostas, especialmente nas minisséries, muitos, por exemplo, dos remakes que foram feitos dos grandes clássicos do cinema, O Leão da Estrela, O Pátio das Cantigas, A Canção de Lisboa, que tiveram versões em cinema refeitas, novas não é, há muito poucos anos atrás, foram fragmentadas em minisséries. Vamos transmitir essas minisséries, apostar um bocadinho nesta ideia de que as famílias também usam slots de semana ou slots de quinzena, quando estão de férias e, portanto, vamos tentar servir no conteúdo português mais leve para toda a família, conteúdos que tenham esse formato que possam se calhar para uma família que está de férias, uma semana ou 15 dias, ter a série dessa semana ou dessa quinzena.

Vamos manter as três séries clássicas que temos: o Perry Mason, a Casa da Pradaria e o ER - Serviço de Urgência, porque vêm da primavera e do verão com uma continuidade de horários e portanto entendemos que é importante, é a parte da grelha em que mantemos a tradição.

No cinema, guardamos alguns clássicos do cinema para esta altura, as Academias de Polícia, filmes mais divertidos, um pouco mais abertos e de boa disposição, porque sabemos que o verão também o traz”.

OFF

Na RTP 1, o verão é já um tempo de estreias, não é altura de repetições.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Nos últimos verões, fazemos muitas estreias no entretenimento, nomeadamente na ficção, virando mais para a comédia durante o verão, é verdade, no lado da ficção, mas no entretenimento continua a ser entretenimento familiar, aberto e sempre com a possibilidade também de construir alguns conteúdos fora de fora de portas. Teremos as festas populares dos Santos Populares, quer em Lisboa, quer no Porto, temos programação ao longo do verão, que é feita na rua. Vamos fazer de novo, por exemplo, o Casa da Amália em doze localidades, o ano passado fizemos em dez, vamos fazer em mais duas localidades diferentes das do ano passado. É um programa que também se ajusta muito bem à emissão no exterior.

Os meses de julho e de agosto, nós sabemos que não há aulas, os exames em agosto também já acabaram e, portanto, há uma comunidade de jovens adultos que estão muito mais disponíveis e, por exemplo, uma série como o Pôr-do-sol, que nós lançámos há três ou quatro anos, em pleno mês de agosto, funcionou muitíssimo bem junto dessa”...

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E vão repor?

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Estamos a preparar uma nova série que tem exatamente o mesmo objetivo em termos de perfil de espectadores e também vamos lançá-la exatamente em agosto, é um formato diferente, chama-se Felp e vai ser também lançado em agosto. Vamos estreiar uma série no início de junho, vamos estreiar um thriller que se passa no Algarve, uma série que se chama Faro, que tem recortes muito próprios de uma zona balnear. E depois temos uma segunda temporada de uma série que o ano passado fez muito bem na RTP, que é o Salto

de Fé, que é a história de um padre que vai a uma aldeia e ele não consegue mentir e tem muitos problemas com a aldeia. A série no ano passado terminou numa aldeia ali do interior do país, na Serra da Estrela, e este ano ele vem para uma aldeia à beira-mar, vai tentar catequizar uma nova comunidade, portanto temos uma nova temporada com o mesmo padre, que é o Diogo Valsassina, o ator que faz, mas noutra paróquia com outro contexto.

No entretenimento vamos ter já na abertura de junho, também coincidente com o início das festas populares, a estreia do Master Chef Crianças, com jovens, muitos jovens cozinheiros que vão praticar os seus pratos. Vamos ter também ainda durante o verão, o The Voice Kids no ar, que depois terá uma versão Generations, como também já fizemos nos anos anteriores, que permite a participação de famílias e que é sempre um programa muito interessante, porque vem a família inteira cantar ao The Voice”.

OFF

Família, viagens e programação infantil são as palavras que definem a aposta da RTP2 para os próximos meses.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“O nosso verão começa em junho com o calendário escolar e acaba com o regresso às aulas. Por isso, vamos ter um espaço infantil mais alargado. Os programas nacionais, quase todos vão de férias, evidentemente, os apresentadores e tudo isso têm as suas férias, e por isso nós substituiremos esses programas por programas estrangeiros em alguns casos, outros nacionais que mandamos fazer para estas ocasiões, de verão, como por exemplo, uma série chamada, Habitat, que é sobre a fauna e a flora nacional, uma série praticamente de viagens, em que mostramos o que as pessoas podem ver nessa matéria em vários pontos de Portugal”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Temos estreias para o verão?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Sim virá uma série que toda a gente pede, que é o Veterinário de Província, que se passa num sítio que é só chuva e neveiro, mas de qualquer das maneiras é considerada por nós uma série de família, que toda a gente pede bastante”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E programas tipo documentário, também de viagens?

“Sim, documentários de viagens e virá uma outra série das viagens de comboio, penso que já vamos na décima e outra séries que comprámos. Comprámos uma série japonesa da NHK também sobre viagens, vamos mostrar super cidades, cidades enormes: Taiwan, São Paulo, Hong Kong, séries de cidades, mas cidades grandes. Cidades com uma especificidade. Enfim, tudo o que tenha a ver com o mundo à nossa volta. Mas, este verão traz os 80 anos do final da guerra e portanto, de vez em quando, por cada data que assinale o final da guerra, para nós o final da guerra vai ser a 2 de setembro, que é a rendição do Japão. Vamos ter uma série suíça chamada Hotel Europa, uma série do regresso, quando se regressa da guerra, que é muito interessante e também é de família. É uma série muito emocional. É o reencontro das pessoas que estiveram na guerra com a vida normal”.

OFF

Programar já não é o que era, mas uma coisa é certa, a televisão não tira férias.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Essa ideia de que em agosto e em julho, durante o verão, se tira o pé do acelerador em termos de programação, hoje em dia faz pouco sentido, porque os espectadores vão à procura do conteúdo fora da emissão linear, e portanto, a emissão linear serve de plataforma de apresentação do conteúdo, serve de alavanca para as pessoas saberem que aquele conteúdo existe, seja uma série, seja um concurso, seja até um documentário, um programa de informação, As pessoas vão procurá-lo nas plataformas não lineares”.

OFF

Dias mais longos e quentes pedem programas mais leves e refrescantes. Aos programadores e diretores de canal cabe a tarefa de cativar os espectadores nesta época do ano em que a televisão se torna menos presente. O que espero é que a televisão continue a ser uma companhia de qualidade para todos os que acompanham o serviço público.

E que tirem férias, mas não da RTP.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 22 – 21 DE JUNHO 2025

DURAÇÃO: 15:48 MINUTOS

OFF

No ano passado, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens tiveram em mãos quase 90 mil processos, o que representou um aumento de 5 por cento de situações de risco em relação a 2023.

A negligência e a violência doméstica continuam a ser os principais motivos que colocam em perigo crianças e jovens dos zero aos 18 anos.

São situações muitas vezes retratadas na comunicação social nem sempre da forma mais adequada à proteção da identidade das crianças e dos jovens em situação de fragilidade.

Julguei por isso importante abordar esta temática, não só para lembrar o que a lei diz sobre o assunto como os critérios ético e deontológicos que regulam os jornalistas.

Procurei também saber qual o posicionamento do canal público de televisão quando aborda temas que envolvem crianças e jovens vítimas de alguma forma de violência.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Doutora Ana Isabel Obrigada por nos ter percebido aqui na comissão. O nosso ponto de partida foi uma queixa de uma telespectadora que dizia que a RTP tinha numa reportagem identificado o local onde estava uma família. Na verdade, eu fui verificar e não era real, mas mesmo assim, fiquei com curiosidade de saber quais são as regras para o jornalismo tratar as questões de violência infantil, violência doméstica.

Ana Isabel Valente, Presidente da CNPDPCJ

“Ora bem, todas as pessoas têm o direito à reserva da sua vida privada e o direito à sua imagem, aliás, são direitos pessoais que até estão consagrados na Constituição da República Portuguesa, estão relativamente às crianças consagrados na lei de proteção das crianças e jovens em perigo e até no Código deontológico dos jornalistas também estão realmente consagrados, são direitos, que as pessoas têm, e especialmente as crianças e especialmente dentro das crianças, aquelas que estão em situação mais vulnerável. Todas as notícias que envolvem crianças são alvo de grande mediatização e ao serem alvo de grande mediatização, há sempre muitas perguntas a fazer e há sempre muitas perguntas a fazer a muita gente e à volta e tudo isto é preciso ser realmente muitíssimo equilibrado, de maneira a que não haja qualquer identificação ou

possibilidade de identificação dos visados, das crianças que estão em situação mais vulnerável por qualquer razão. Eu lembro-me, por exemplo, daquela questão que houve até nem foi uma situação que desse origem à abertura de um processo de promoção e proteção, mas que se passou na Azambuja com aquela criança que que atacou os seus colegas, mas que foram identificadas várias crianças ou foram entrevistadas até outras crianças à volta que poderia identificar a criança e isto realmente é um equilíbrio que tem que ser feito, porque elas têm direito à proteção também da sua imagem, tal como todos nós e à reserva da sua vida, da sua vida privada e da sua intimidade, da sua privacidade. **No caso que eu estava a falar a preocupação da pessoa que mandou a mensagem foi que o pai, que era a pessoa de quem a família tinha sido retirada, era a mãe e vários filhos. O pai assim conseguia localizar as pessoas que estavam em fuga digamos... Sim, Pois é realmente é realmente um perigo, não é? Temos por isso é que todos os- os elementos que possam identificar a localização como a casa, a escola onde as crianças andam, têm de ser de facto evitados”.**

Maria João Fernandes, vice-presidente da CNPDPCJ

“Havendo um processo de promoção e proteção este processo tem um carácter confidencial e reservado. Portanto, nenhuma informação pode ser transmitida, não pode ser nada divulgado quando estamos a falar de um processo de promoção e proteção. Todavia, aquilo que se pretende é, não é esconder, é chamar a atenção. Aliás, o nosso sistema tem uma base comunitária e aquilo que se pretende é que todos juntos trabalhemos no sentido da promoção e da defesa do melhor interesse da criança é que efetivamente haja o máximo de informação e isto é importante informação, não desinformação, porque muitas vezes é pior a desinformação, muitas vezes ou todas as vezes, é pior a desinformação do que a falta de informação. Anualmente e no sistema de promoção e proteção no segundo nível, que é o das comissões de proteção de crianças e jovens, são protegidas mais de 80 mil crianças. Em bom rigor, quando é que são noticiadas quando é que são noticiados aspetos positivos? Noticia-se é sempre pela negativa e claro, cada criança que se perca é todos falhámos enquanto sociedade, todos falhámos porque efetivamente proteger crianças compete a todos. Portanto, noticiar pela positiva e nisto há excelentes parcerias que se podem fazer e há muitas, muitos meios de comunicação que efetivamente se destacam. No que concerne ao processo, havendo um processo porque está uma criança numa situação de perigo aqui o carácter é efetivamente confidencial e reservado”.

OFF

A Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens tem trabalhado junto dos jornalistas para reforçar a importância da salvaguarda da identidade das crianças e jovens em risco. Além de promover um Prémio anual, a Comissão que coordena as CPCJ's, organiza encontros com jornalistas e alunos de jornalismo para debater a questão. O objetivo é sensibilizar para procedimentos de proteção.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Por exemplo, numa escola, uma criança vítima de bullying. É um tema que está em cima da mesa. Como é possível, sem a identificar, falar do assunto?

Maria João Fernandes, vice-presidente da CNPDPCJ

*“Focar naquilo que queremos combater e não tanto como muitas vezes acontece, expondo a criança, porque para falarmos da situação, não temos necessariamente que expor a criança. Aliás, todos temos esta obrigação de proteger, proteger a identidade, proteger a liberdade, proteger o interesse da criança, até porque muitas vezes, quando noticiamos ou quando falamos no geral, nem sabemos o que é que a criança pensa ou sente em relação a isso. Isso também é um esforço que Portugal tem vindo a fazer da participação da criança efetivamente. **E a comissão tem alguma capacidade de intervenção? Imagine um caso em que aparece uma reportagem numa televisão e que é, digamos, contra todos os princípios éticos. A comissão pode fazer alguma coisa?** A comissão não tem poder de autoridade nesta matéria, nem noutras. Portanto, aquilo que a*

comissão pode fazer, e faz efetivamente, é comunicar às entidades reguladoras e às autoridades nesta matéria e fazer a comunicação ao Ministério Público, como já aconteceu noutras situações”.

OFF

Em 2024, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, a ERC, emitiu 17 deliberações relativas a conteúdos em que esteve em causa a proteção de crianças e jovens.

No ano passado, apenas quatro deliberações da ERC originaram o pagamento de coimas. Entre elas está a única referente à RTP, relacionada com uma autopromoção da série “SUL” que continha violência física e foi transmitida dentro de horário protegido.

Na informação da RTP, as regras estão bem definidas e não há espaço para explorar imagens de crianças e jovens, mesmo que haja consentimento dos pais.

Rita Marrafa de Carvalho, Coordenadora Sociedade RTP

*“A RTP tem responsabilidades crescidas por ser um serviço público, por ser também uma televisão escola, que formou muito os profissionais ao longo dos anos. Para além das regras éticas e deontológicas que todos nós temos na nossa cartilha jornalística acho que tem que imperar, acima de tudo, o bom senso e esse bom senso requer algum distanciamento para perceber onde é que eu posso estar a ferir alguma regra, onde é que eu posso estar a fragilizar uma vítima, como é que eu posso defende-la ainda mais? Por isso, rostos não são identificados, nomes não são ditos, mesmo quando o acesso às fotografias é público, porque estão numa rede social, não as usamos e eu posso dar alguns exemplos práticos quando nós temos crianças que são vítimas de bullying ou de algum tipo de abuso ou de agressão, mesmo quando os pais, que são os tutores legais dessas crianças, autorizam que a criança fale nós RTP não o fazemos, não permitimos pôr essa criança, porque é de facto também um processo de revitimização. Um outro exemplo foi talvez o mais mediático, as duas crianças gêmeas lusodescendentes que foram beneficiadas e que tiveram acesso a um medicamento raro como o zolgensma. Mesmo com a autorização dos pais, nós desfocámos sempre o rosto das crianças e estivemos com elas e fizemos reportagem mas optámos por não as expor porque para além de serem menores e mesmo com o aval dos pais, achámos que elas quando tiverem 18 anos, poderão eventualmente não querer, têm esse direito e não estão neste momento numa posição de fazer qualquer tipo de decisão por si própria. Por vezes, mesmo tendo os tutores legais ou os pais a fornecer a identidade das crianças, nós criamos um obstáculo a isso. **Simplesmente há outros órgãos de informação que não têm esses cuidados e há redes sociais onde isso acontece. Não sentem que estão a dar menos informação?** A informação que tem interesse público segue determinados critérios. Por que é que é importante para o público, o que é que acrescenta o público e o que é que fornece a mais que seja de grande relevância pública e achamos que um rosto ou uma identidade ou um nome não acrescenta valor notícia, não retira nem importância nem relevância à informação subjacente, que é esta criança, cujo nome e a imagem não está a ser fornecida, foi alvo de uma agressão, foi vítima de bullying, foi ou está numa situação de maior fragilidade. A notícia é essa é essa a notícia não é como é que ela parece ou como é que como é que o seu rosto é e que nome ou identidade tem”.*

OFF

Muitas vezes a informação chega às redações através de comunicados feitos pelas autoridades. Também aí há procedimentos instituídos com vista à proteção da identidade de vítima e do próprio agressor.

Subintendente Sérgio Soares, Diretor do Gabinete de Imprensa e Relações Públicas da PSP

“Temos sempre o cuidado de dar os dados de forma mais subjetiva e abstrato, não indo ao concreto. Damos o local da ocorrência, o concelho e vamos até ao nível da freguesia e nalguns casos onde vemos que podemos ir até a artéria em concreto, vamos, mas nunca damos qualquer número de porta ou identificamos o

estabelecimento onde aconteceu a ocorrência, sempre para preservar a identidade das vítimas e dos suspeitos também. Esses cuidados é uma decisão, digamos, recente, é uma é uma problemática que se começou a colocar há poucos anos. Não é? Nós temos uma estratégia de comunicação. Portanto, temos um plano estratégico que define as nossas regras de empenhamento e a forma como comunicamos e nesse documento estão plasmados alguns cuidados que devemos, que devemos ter no sentido da proteção de dados e, portanto, seguindo as regras da legislação de proteção de dados e no sentido de tentar proteger ao máximo, quer a vítima, quer o suspeito que nesses momento é um suspeito e, portanto, tem direito ao princípio da presunção de inocência e não deve ser por norma identificado. Portanto, não colocamos qualquer fotografia nem de vítimas nem de suspeitos. Fazemos uma abordagem mais geral e abstrata no local da ocorrência e tentamos responder aos órgãos de comunicação social com aquilo que é permitido no sentido de não identificar, quer a vítima, quer o suspeito”.

OFF

A PSP não tem competência legal para intervir junto dos órgãos de comunicação social que expõem a identidade de uma criança ou jovem vítima de alguma forma de violência. Mas tenta sensibilizar os órgãos de comunicação social, através de contactos diretos, por exemplo.

Subintendente Sérgio Soares, Diretor do Gabinete de Imprensa e Relações Públicas da PSP

“Temos esse cuidado também de quando vemos que estão a ser veiculadas, mediatizadas imagens que na nossa ótica não deveriam ser de ter o cuidado de evitar da nossa parte, mesmo nas redes sociais, não o colocar e se vemos que está a ser veiculado pelos órgãos de comunicação social, quer de forma tradicional na televisão, por exemplo, ou nas redes sociais, de fazer um contacto e de, na medida do possível, tentar sensibilizar, porque não temos aqui outro meio legal para, de outra forma, parar esse tipo de difusão, tentar sensibilizar o órgão de comunicação social que se trata ou de uma vítima de violência doméstica ou de um suspeito que é meramente suspeito e, portanto, impera aqui o princípio da presunção de inocência. Sim, já fizemos esse tipo de contacto no âmbito apenas da sensibilização, porque não temos aqui outro meio legal para evitar esse tipo de difusão”.

OFF

Bem sei que todos padecemos daquela curiosidade que nos leva a ficar a olhar para um desastre em plena estrada, mas no caso das crianças e jovens em risco é forçoso termos uma atitude de proteção. São pessoas que têm uma vida pela frente, estão efetivamente em perigo, não podem nem devem ser localizáveis pelos agressores ou identificáveis pela sociedade. Têm direito a um futuro sem marcas - bem bastam as que a vida já lhes deu.

Estou segura de que na RTP são seguidas boas práticas no que diz respeito à proteção das crianças e jovens em risco, mas creio que é importante chamar a atenção dos telespectadores para a justificação destas medidas. Para que se mantenham atentos e exigentes, sem perder de vista o fundamental.

O Programa da Provedora fica por aqui, voltamos na próxima semana.

EPISÓDIO 23 – 28 DE JUNHO 2024

DURAÇÃO: 13:37 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão volta hoje a um tema sensível e que continua a gerar contestação por parte de telespectadores: a publicidade a jogos e casinos on line no canal público de televisão.

Em princípio, na RTP essa publicidade só aparece, depois das 22:30, mas na RTP Play ela pode surgir a qualquer hora, sendo visionada por qualquer pessoa, de qualquer faixa etária, incluindo menores.

Numa altura em que se estima que 80 milhões de pessoas em todo o mundo tem um problema grave com o jogo online e que cresce o consumo do jogo eletrónico e do jogo a dinheiro em Portugal entre os jovens, faz todo o sentido voltarmos a esta temática para sabermos como está legislada e quais as práticas dentro da RTP.

Mas já lá vamos...antes disso vamos falar de outros anúncios publicitários controversos e que recentemente originaram queixas de telespectadores da RTP.

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio manifestar a minha preocupação relativamente a uma publicidade exibida durante o intervalo da final da Taça de Portugal. Foi exibido um anúncio publicitário referente a um medicamento direcionado para a saúde sexual masculina, cujo o conteúdo considero inadequado para o horário em questão. Acredito que a RTP, enquanto serviço público, deve zelar por critérios rigorosos de adequação e responsabilidade, especialmente em eventos de grande audiência como este com elevada probabilidade de audiência infantil”.

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Efetivamente passou esse anúncio. Esse anúncio, à semelhança de todos os anúncios que levantam algum tipo de dúvida, é alvo de uma análise jurídica e o anúncio efetivamente não tem problema nenhum. É de facto relacionado com a disfunção erétil mas as cenas que são mostradas são muito, são subtis, são naturais, não há cá nem sexo explícito, nem atentado contra a dignidade humana, nem nada desse género de coisas que são proibidas de acordo com o Código de Publicidade. Portanto, o anúncio ou o spot, como nós chamamos na gíria profissional, estava perfeitamente elegível para poder passar. Aliás a disfunção erétil é uma doença como qualquer outra e uma empresa que tem medicamentos ou fármacos que possam ajudar a combater esse problema é bom que comunique com quem tem esse problema num meio de comunicação social massivo. Quer dizer, primeiro que é uma doença que não afeta só aquela pessoa, afeta muito as pessoas e, portanto, as pessoas não se sentem sozinhas, percebem que há mais gente como eles com esse problema e, por outro lado, percebem que há soluções que os podem ajudar”.

Graça Martins, Jurista

“O que é que é mostrado? Qual é o objeto? Há algum conteúdo que é proibido? Porque o próprio código da publicidade tem restrições quanto ao conteúdo quanto ao objeto da publicidade. Não havia nenhuma é do ponto de vista criativo era um spot perfeitamente razoável de ter nada nada intrusivo. Do ponto de vista criativo era um spot chamemos bonito, não é? Sendo que nós não não apreciamos criatividade pode ser feio e está tudo está tudo bem na mesma, mas também não, não me levantou a qualquer tipo de dúvida. Estava em conformidade com... nem precisei de uma análise mais interventiva. Esta está em conformidade com o código publicidade pode ser emitido”

OFF

A RTP rege-se pelo Código da Publicidade para decidir o que pode ou não ser emitido na RTP. Esse código aplica-se não só para Televisão, como para a rádio ou para o digital.

A lei da Televisão também prevê algumas regras mas o código da publicidade é mais específico. Quando um anúncio suscita dúvidas, a direção da área comercial pede o parecer do departamento jurídico da RTP: foi o caso mais recente do anúncio antiaborto patrocinado pelo fundador da Prozis e que originou 500 queixas na ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Mensagem de telespectador

“Está a passar um vídeo publicitário de repressão contra as mulheres que decidem interromper voluntariamente a sua gravidez. O vídeo apresenta tom repressivo contra as mulheres. Não identifica qualquer organização responsável pelo vídeo, pelo que não se conhece ou esclarece os seus objetivos. É um vídeo altamente repressivo para raparigas e mulheres que recorrem a um procedimento médico, legal, controlado e seguro. É um ataque à liberdade individual da mulher e gestante e está a ser difundido na RTP”.

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio demonstrar o meu desagrado e revolta pela decisão da RTP de passar um anúncio claramente anti-aborto. É uma clara propaganda de valores paga por um indivíduo com uma agenda pessoal, que nunca devia passar na televisão nacional”

OFF

O anúncio foi automaticamente rejeitado pela RTP e nunca foi emitido no canal público de televisão, ao contrário do que alguns telespectadores me escreveram.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebi também alguns protestos e realmente respondi aquilo que imagino que a Cristina vai responder : é um anúncio que não passou na RTP, que era um na único da Prozis. Foi recusado porque?

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Esse anúncio levantou-nos dúvidas e, portanto, foi submetido a uma avaliação pelo departamento jurídico e efetivamente foi considerado como não apto para passar, porque o código da publicidade proíbe algum tipo de mensagens, nomeadamente cariz político ou social, e este foi classificado como um tema sociopolítico, até porque já tivemos um referendo em Portugal sobre o tema do aborto e, portanto, o nosso departamento jurídico foi perentório e disse não”.

Graça Martins, Jurista

“Esse foi um assunto polémico e e foi desde o princípio que que que que que foi solicitada a minha intervenção. Curiosamente, apesar da dimensão que aquilo atingiu do ponto de vista jurídico, aquilo para mim não teve muitas dúvidas. Há uma mensagem óbvia, do ponto de vista da político-social - não confundir com a política partidária, porque não é só isso que é proibido no código da publicidade. Era óbvio que não era uma mensagem de caráter político ou social e para mim não teve dúvidas”.

OFF

Já os anúncios a jogos e casinos online não levantam dúvidas e estão previstos no Código da Publicidade apesar de se tratar de uma atividade que pode provocar dependência, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Um estudo feito pelo Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências em 2024 e que abrangeu alunos do ensino público português entre os 13 e os 18 anos revelou que os jovens estão a consumir menos álcool e drogas mas a jogar mais a dinheiro.

Mensagem de telespectador

“Eu achava que estes anúncios (jogos, casinos e apostas) estavam proibidos nas Televisões, tal com não há anúncios de tabaco. Porém cada vez se vê mais programas a serem patrocinados por empresas deste tipo. Para meu espanto até a RTP tem esses anúncios. Por favor faça o que tem a fazer e proíba estes anúncios”.

Mensagem de telespectador

“Vi na RTP, uma reportagem sobre os Casinos Online onde falavam de todos os malefícios para a sociedade e de todos os milhões de Euros que estavam envolvidos! Mas, durante todo o dia, somos bombardeados com anúncios constantes desse tipo e protagonizados por pessoas bem conhecidas! Sendo a RTP uma estação pública, não seria mais correto diminuir a quantidade desse tipo de anúncios? E também não seria mais correto emitir estes anúncios em horários em que as crianças e jovens provavelmente não estejam a ver televisão?”

Mensagem de telespectador

“Venho manifestar a minha insatisfação sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências, ao ver a enorme quantidade de publicidade a casinos e jogos online na RTP, televisão pública que deveria prestar bom serviço público e não incentivar jogos que estão a levar a um aumento de dependência dos jovens e adultos o que origina a ruína de muitas pessoas e famílias”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma questão que vários telespectadores me levantaram e eu própria tenho dúvidas em relação a essa situação, não ao nível legal. É a questão dos casinos online e da publicidade, que está a ser muito intensa, com grandes produções e que, enfim, sabemos hoje que há pessoas que são absolutamente dependentes do jogo e, como dizia uma das mensagens que recebi, aquilo destrói vidas, destrói famílias. Legalmente não é proibido?

Graça Martins, Jurista

“Não e ao contrário, até, por exemplo, do álcool que tem uma janela horária para emissão. Os jogos e apostas estão previstos no Código da Publicidade. Aliás, é até uma alteração relativamente recente e não tem nenhum tipo de restrição. Tem outras restrições: não podem intervir menores, etc. E depois há alguma escala... O artigo é longo, o artigo que rege os jogos e apostas, mas a janela horária não é o caso. Do ponto de vista estritamente jurídico ou formal, não há nenhum impedimento à sua emissão. Eu acho que, apesar do papel muito importante que o serviço público tem, ou mesmo os outros operadores de televisão têm, não podemos ser paternalistas ao ponto de ir para além daquilo que o próprio legislador, ou seja, o Estado português pretendeu regular e não nos cabe a esse papel”.

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Aqui há várias matérias. Primeiro o Código da Publicidade não faz qualquer tipo de limitação à passagem em termos horários desse tipo de anúncios. O setor, portanto, as entidades que vendem esse tipo de apostas é que se autorregularam e impuseram a si próprias o passar os anúncios, os benditos spots, só a partir das 10 e meia, à semelhança do álcool. Portanto, no Código de Publicidade, o álcool é referido como só podendo passar a partir das 22:30 e o setor projetou essa medida também para este tipo de publicidade. Portanto, aqui já houve uma medida boa no sentido de proteger os mais frágeis e vulneráveis e que são aqueles que nós temos que nos preocupar com... De facto a RTP cumpre escrupulosamente o Código da Publicidade e, portanto, aceita as regras impostas pelo setor, obviamente, claro, até acha bem, com certeza, e portanto passamos os anúncios a partir das 22:30. Agora não compete à RTP estar acima da lei. Portanto, nós temos que cumprir a lei, mas não nos compete a nós estar acima da lei ou ditar outras regras, desde que se cumpra a parte legal e ética, nós estamos confortáveis”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que eu reparei foi que ao longo do tempo, as produções passaram a ser maiores. Isto é, começaram por aparecer anúncios aos casinos online, que eram uns spots curtos e hoje há grandes produções, portanto dá muito dinheiro?

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Pois deve dar. É um negócio que está a crescer. Há cada vez mais casas de apostas. É um facto, portanto, o mercado deve estar a crescer. Não tenho dados desses, mas deve estar a crescer. Há cada vez mais casas de apostas e efetivamente há uma pressão muito grande, publicitária em todos os meios. Não é só na televisão em todos os meios há uma grande pressão e sente-se”.

OFF

Segundo notícias de março último, os portugueses apostaram 56 milhões por dia em jogo online em 2024. No quarto trimestre do ano passado, quase 5 milhões de jogadores estavam inscritos em plataformas de jogo online, um aumento de 15% em relação ao mesmo período de 2023.

Pode argumentar-se que se trata de um valor que reverte parcialmente para o Estado, em impostos, mas por isso mesmo creio que é este o momento de tomar medidas para regulamentar este setor. Claro que não compete à RTP assumir esta medida, mas os telespectadores sublinham - e eu com eles - que o serviço público não deve ignorar este problema.

Enquanto preparava este programa ouvi que esta questão foi levantada na Assembleia da República pelo Partido Livre, na discussão do Programa do Governo e que o Primeiro-ministro se despôs a analisá-lo. Espero que isto venha a acontecer.

A auto-regulação é muito importante mas não se aplica nas plataformas online, que bem sabemos serem o caminho mais usado pelos mais jovens. Também não se aplicam aos Jogos Santa Casa, por beneficiar para causas sociais. Espero realmente que este tema não caia no esquecimento.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 24 – 05 DE JULHO 2025

DURAÇÃO: 10:19 MINUTOS

OFF

Hoje damos atenção a um tema que ocupa a caixa de mensagens da provedora sempre que a RTP transmite eventos e cerimónias em direto. Consideram estes telespectadores que há excesso de palavras e pedem silêncio. Exigem ver e ouvir em direto, sem o que classificam de distrações, e pedem contenção nos comentários.

Mensagem de Telespectador

“Como habitualmente o excesso de comentários por parte dos jornalistas presentes, não deixando escutar o que se passa durante o desfile. Infelizmente esta situação é recorrente sempre que transmitem algum evento em direto”.

Mensagem de Telespectador

“Os apresentadores que estavam a apresentar as comemorações estavam constantemente a interferir no programa, sem terem permitido que nós ouvíssemos o que estavam a explicar os oficiais das Forças Armadas. Estavam constantemente a baixar o som e a obrigar-nos a ouvir o que o apresentador e a apresentadora queriam dizer”.

Luísa Bastos, Subdiretora de Informação da RTP

“Isto é uma emissão informativa, conduzida por jornalistas e portanto, é uma emissão que tem conteúdo informativo. A nossa preocupação é dar contexto relativamente àquilo que estamos a ver, dando contexto histórico, ou até contexto relativamente a dados da conjuntura atual que possam enriquecer a informação de quem está a ver em casa”.

Mensagem de Telespectador

“Durante a cerimónia militar, os comentários constantes revelaram-se desadequados, abordando temas que não tinham relevância para o acontecimento”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que tipo de informações é que achas que são necessárias para que as pessoas compreendam todo esse contexto?

Luísa Bastos, Subdiretora de Informação da RTP

“Portugal, por exemplo, está nesta altura a viver, Portugal e o mundo, um contexto muito particular, com muitos desafios, uma conjuntura muito imprevisível. O desfile militar dá pretexto para falarmos sobre isso, porque as Forças Armadas portuguesas estão envolvidas em vários teatros de operações lá fora. Algumas das missões mais importantes que atualmente as Forças Armadas estão a desenvolver é precisamente para defender a fronteira leste da ameaça russa. E se nós estamos a ver, por exemplo, desfilar os fuzileiros, parece-me importante dizer que nesta altura há uma missão precisamente levada a cabo pelos fuzileiros na Lituânia, é uma das quatro missões da NATO. Se o jornalista se limitar a dizer que nesta altura passa uma força de fuzileiros e não der mais nenhum contexto, quem está em casa fica sem saber qual é a missão, ou se há alguma missão em que essa força esteja envolvida. Portanto, eu sinto de alguma maneira a obrigação também de dar esse contexto às pessoas nesta altura também e foi anunciado dias antes do 10 de Junho, o governo vai aumentar o investimento em defesa para cumprir o objetivo da NATO. Pareceu-me relevante informar as pessoas sobre o que é que isso significa em termos de esforço financeiro, que opções tem o governo para fazer face a esse objetivo da NATO. Isso tem a ver com o desfile militar, mas vai para além daquilo que estamos a ver. É um contexto internacional, Portugal não está isolado no mundo, o 10 de Junho acontece num contexto que tem também a sua própria história e são essas informações que do meu ponto de vista e do nosso ponto de vista enriquecem também a emissão que os espectadores estão a ver em casa, que é uma missão informativa”.

Mensagem de Telespectador

“É impressionante!

Os comentários por cima da música do desfile são inenarráveis. Em vez de deixarem ouvir o que se está a passar, estão dois comentadores a falar de coisas que nada têm a ver com as cerimónias. Eu gostava de ouvir o que se está a passar”!

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Não foi a primeira vez que ao teu lado estava um porta-voz militar, todos os anos no 10 de Junho, por aquilo que eu me lembro, tem havido alguém das Forças Armadas a ajudar a explicar o que se está a passar.

Luísa Bastos, Subdiretora de Informação da RTP

“Todos os anos nós temos alguém pertencente às Forças Armadas como convidado nestas emissões. Já tivemos, em anos anteriores, um representante de cada um dos ramos, agora temos optado por um único militar que representa os três ramos das Forças Armadas e que é o porta-voz do chefe de Estado Maior Geral das Forças Armadas, que no fundo é uma pessoa que pode falar em nome de todas as Forças Armadas e até um pouco da componente política ou estratégica, se quisermos, do Estado Maior Geral das Forças Armadas, das opções que toma. Mas ela também acrescentou informação em relação ao que se está a passar nesta altura”.

Mensagem de Telespectador

“Impossível de acompanhar com os excessivos comentários dos jornalistas a interromperem os cantos e gritos tradicionais dos militares. Devia ser possível acompanhar a cerimónia na íntegra e não com interrupções desnecessárias”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na verdade dá-me ideia que as pessoas que protestam estão na expectativa de ver alguém que conhecem e que está a desfilar. Que alguém, algum aluno do Colégio Militar, algum militar que está a desfilar e que preferiam que houvesse uma câmara fixa a olhar para os militares na parada e que pudessem reconhecer o filho, o marido, o primo, o amigo.

Luísa Bastos, Subdiretora de Informação da RTP

“É natural que isso aconteça. As pessoas veem o desfile com diferentes expectativas, quer em casa, quer também nos locais onde o 10 de Junho é celebrado. Em Lagos há centenas de pessoas que estão lá porque têm alguém a desfilar, um familiar, outras por mera curiosidade, outras porque moram lá. Todos os anos, nós encontramos nestas emissões pessoas que se deslocam quilómetros para ver precisamente um familiar a desfilar e isso acho que também é uma componente emocional relevante destas emissões e que nós também procuramos obter fazendo entrevistas a quem está no local, obviamente com diferentes expectativas, diferentes perspectivas, eu acho que isso também enriquece esta emissão informativa”.

OFF

Parece inevitável: sempre que há um acontecimento a ser transmitido em direto pela RTP, os telespectadores pedem mais contenção no comentário.

Mensagem de Telespectador

“Nas transmissões em direto, quando o objetivo deveria ser o de dar a possibilidade aos telespectadores de assistirem a uma cerimónia em que se impõe um tanto de silêncio e respeito, os comentadores passam o tempo todo a falar e nem se ouve uma coisa, nem outra.

Mensagem de Telespectador

“Era totalmente desnecessário tanta conversa por cima da cerimónia. As pessoas querem acompanhar a missa não ouvir a apresentadora e o padre, a falar de coisas que nada tem a ver com o Papa.

Mensagem de Telespectador

“Não estamos fisicamente no local a assistir ao funeral, mas a ideia deveria ser precisamente de nos fazer sentir como se lá estivéssemos, o que não está a acontecer”.

OFF

Queria chamar a atenção de alguns telespectadores que me escreveram sobre o excesso de comentários nas cerimónias do 10 de Junho. Alguns têm ativada a função da audiodescrição, um serviço da RTP para quem tem dificuldades de visão. Em nenhuma transmissão da RTP é feita a descrição dos traços físicos da pessoa que está no ecrã, e o que veste e onde está, a não ser na emissão com audiodescrição.

Se não precisa deste serviço deve desativá-lo com o comando da box da sua operadora.

Não é a primeira vez que abordo o tema do acompanhamento jornalístico das transmissões em direto. Compreendo o desconforto dos telespectadores perante uma grande quantidade de informação ao longo de três horas de emissão, com pouca respiração.

O desfile do 10 de Junho, é para estes telespectadores, o mais importante da cerimónia e sentem que fica em segundo plano. Mas não seria aceitável que a RTP fizesse uma emissão estática, sem qualquer explicação e sem acrescentar informação.

Deixo uma sugestão: que seja analisada a possibilidade de ter um equilíbrio entre as duas perspectivas, sem perder a oportunidade para enriquecer as imagens com informação. Mas creio que esse equilíbrio envolve também a realização da transmissão, isto é, a escolha das imagens emitidas a cada momento.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 25 – 29 DE JUNHO 2024 – REPETIÇÃO POR ENGANO DO PROGRAMA (EPISÓDIO 16) EMITIDO NO DIA 27 DE ABRIL DE 2024.

DURAÇÃO: 15:35 MINUTOS

EPISÓDIO 26 – 19 DE JULHO 2025

DURAÇÃO: 13:44 MINUTOS

OFF

Entre as mensagens que chegam à caixa de correio da provedora, algumas levantam questões sobre a classificação dos conteúdos exibidos em televisão.

Hoje, vamos procurar entender a sinalética que acompanha programas de televisão, e que fornece ao telespectador mais informações sobre o que está a ver, nomeadamente a que tipo de público se destina o conteúdo transmitido.

Mensagem de Telespectador

“Estão a transmitir a série Finisterra. Estávamos a jantar enquanto passavam imagens violentas de sangue e mais grave ainda, de nudez, e imagens de orgias. Estávamos a jantar com os nossos filhos de 15 e 7 anos, e tivemos bruscamente de mudar de canal. Jamais pensámos que na RTP pudesse passar este tipo de programas,

em horário nobre, o de muitas famílias portuguesas que ainda estão a jantar em família, com crianças. Pelo menos podiam colocar o símbolo vermelho no canto superior direito, para sabermos que seria um programa desadequado para crianças”.

OFF

A quem cabe a responsabilidade de atribuir uma classificação etária a cada programa de entretenimento? Ou a um filme? Ou a um espetáculo de dança contemporânea?

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Continuo a receber mensagens de telespectadores que põe em causa a classificação dos programas. Geralmente, as questões que levantam mais são de nudez, sexo que consideram sexo explícito e violência. Como é feita a classificação dos programas de televisão?

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Nós seguimos um acordo de autorregulação que foi alcançado já no início do século XXI, portanto, já em 2005 ou 2006, entre as três televisões generalistas - a RTP, a SIC e a TVI, que acordaram uma grelha de avaliação dos conteúdos, de forma a que eles fossem identificados com as faixas etárias correspondentes.

Essa grelha tem um conjunto de critérios que vão desde o tema da violência, ao tema da imitação, porque muitas vezes um determinado conteúdo pode levar as pessoas a imitar, como no caso de consumo de drogas, por exemplo. O tema da nudez, o tema do sexo, todos esses temas fazem parte de um critério de uma grelha, e nós quando estamos a avaliar um determinado conteúdo, passamos essa grelha pelo conteúdo e adaptamos o horário a essa mesma grelha. Isso acontece nos três canais generalistas portugueses”.

OFF

São os operadores que classificam, em termos etários, a grande maioria dos conteúdos que difundem, produzem ou adquirem a produtoras externas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quem decide dentro da RTP?

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Nós temos uma equipa que acompanha na área da ficção que faz os visionamentos, a decisão final vem à direção, quando identificamos questões que podem condicionar a exibição da série a um determinado horário, nós podemos pedir ao produtor que...”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Previamente?

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Previamente, sim. Mas se isso não tiver influência na narrativa, no objetivo global da série.

Porque há séries com características, uma série de ação com violência já vai naturalmente, não vamos tirar as cenas de ação de uma série que tem tiroteios, ou tem cenas mais ousadas de sexo. Isso depois, faz com que a série vá para as dez e meia da noite, é o que acontece, por exemplo, com séries como a Operação Maré Negra, que nós já emitimos.

Às vezes há um palavrão, porque a questão dos palavrões também é um dos critérios, mas em muitas situações, o excesso de palavrões pode condicionar o horário. E muitas vezes, nós fazemos com que essas palavras sejam eliminadas dos guiões, e portanto, os atores, quando estão a representar o papel não dizem o número de palavrões que poderia condicionar depois o futuro da série”.

OFF

Com o conteúdo avaliado e classificado, os canais adotam uma sinalética comum para informação do espectador

Rita Rola, Conselheira da ERC

“ Os programas emitidos na RTP, na SIC, e na e na TVI apresentam sempre no canto superior direito do ecrã, durante mais ou menos os dez segundos do início e depois no reinício, após o intervalo, uma sinalética que indica a recomendação etária para o seu visionamento.

Abrange apenas os programas de produção televisiva, ou seja, os conteúdos especificamente feitos para a difusão televisiva pelos próprios. Estão igualmente excluídos deste sistema de classificação os programas informativos ou de carácter noticioso”.

OFF

Na sinalização adotada na classificação etária da programação destacamos os seguintes símbolos:

10 AP – para programas destinados a espectadores com dez anos ou mais anos. Sendo recomendável o aconselhamento por parte dos pais - o AP ou apoio parental - no caso de a criança ter menos de 10 anos.

Aplica-se o mesmo princípio para o símbolo 12 AP.

O símbolo com o número 16 aplica-se a programas destinados a telespectadores com 16 ou mais anos de idade.

O conteúdo destes programas pode influir de modo negativo na formação da personalidade de crianças e adolescentes.

O mais abrangente dos símbolos é o T, quando os programas são destinados a todos os públicos, de todas as idades.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Eu diria que 100 por cento dos nossos conteúdos de entretenimento: o Joker; o Taskmaster; o Preço Certo; o Got Talent; o The Voice; os formatos todos de entretenimento, são para todos. São classificados para todos, portanto, toda a gente pode ver e isso aparece no ecrã. Isto que eu estou a dizer aparece sempre no ecrã antes de cada programa, se as pessoas estiverem a olhar para a RTP, aparece uma identificação gráfica em cima, tem um T, significa que é para todos.

Quando é um programa para 10 anos tem determinadas características, por exemplo, as séries de ficção que produzimos, tentamos que estejam, em geral, encaminhadas para os doze anos, que implica apoio parental,

implica já que a família, em casa, decida se os mais novos podem ou não podem ver, isso é uma decisão em cada uma das famílias, mas muitos casos, a família pode acompanhar o jovem, pode Integrá-lo, pode contextualizá-lo, pode fazer com que ele entenda determinadas situações que são retratadas numa série, e muitas das nossas séries são históricas, são séries que têm a ver com situações reais, outras são ficções puras, mas em geral nós classificamo-las para doze anos, com o apoio parental”.

No caso de séries que têm ingredientes de violência, de consumo de drogas, de cenas de sexo mais ousadas, são classificadas com 16 anos, e passam para a faixa das dez e meia da noite e levam a indicação de que são suscetíveis de condicionar, sensibilizar os espectadores mais sensíveis, e levam também a bolinha vermelha que as pessoas conhecem há muito tempo.

É uma grelha que tem praticamente 20 anos, nós estamos em 2025 e tem funcionado ao longo destes 20 anos”.

OFF

Há conteúdos emitidos em televisão que são classificados por entidades externas à RTP. Essa classificação etária é atribuída pela Comissão de Classificação de Espetáculos da Inspeção Geral das Atividades Culturais.

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“ Quando se trata de cinema, os filmes vêm já classificados, quando a RTP adquire os direito de um determinado filme, recebe também a indicação da classificação etária que foi dada ao filme quando ele esteve no cinema, ele quando vem para a televisão passa exatamente num horário compatível com a idade. Há filmes para idade superior de 16 anos, podem passar apenas depois das dez e meia da noite e com essa informação”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O mesmo se aplica a espetáculos de dança, espetáculos de música, de teatro, ou aos filmes?

Rita Rola, Conselheira da ERC

“Todos os espetáculos de outra natureza artística, os espetáculos de cruzamento artístico, festivais de teatro, ópera, ou qualquer outro conjunto organizado de espetáculos de natureza artística, devem ser submetidos sempre à classificação etária pela comissão da classificação de espetáculos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve uma questão que foi colocada há mais de um ano, que era a questão do tabaco, de fumar na imagem, digamos, que há quarenta anos era banal, mas hoje...

José Fragoso, Diretor da RTP 1

“Hoje em dia as pessoas não fumam em restaurantes, portanto, quando há uma série, por exemplo, sobre um momento dos anos 70, dos anos 80, era completamente vulgar as pessoas fumarem em todo o lado. Até na televisão, nós temos as imagens muitas vezes usadas, os telejornais com os apresentadores a fumar, em sessões, em debates, toda a gente a fumar no debate.

Hoje em dia, seria absurdo retratar esse tempo sem essa referência. Agora, claro, o pai e a mãe é suposto terem essa capacidade de dizer aos filhos olha, isto era o que acontecia, era mesmo assim, no tempo do pai, no tempo da mãe, era isto que acontecia.

As séries históricas têm muitas vezes esse objetivo, de mostrar às gerações mais nova, nós ainda agora tivemos no ar a série de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que fizeram a primeira viagem aérea do Atlântico Sul. É uma situação histórica que, provavelmente, muitos dos mais novos só agora perceberam, quem esteve atento à série, e muitos pais tiveram a oportunidade de dizer aos filhos, e até os avós de dizer aos netos que aquela situação “no nosso tempo era assim”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A ERC é responsável pela avaliação do cumprimento destas regras de autorregulação.

Tem havido problemas, isto é, que apreciação é que poderia fazer do trabalho, concretamente, da RTP nesta área?

Rita Rola, Conselheira da ERC

“No caso da RTP em concreto, como está a questionar, a RTP não regista grandes incumprimentos no âmbito desta matéria”.

OFF

Como vimos, o regulador tem pouco a apontar à RTP nesta questão dos públicos mais sensíveis face aos conteúdos da televisão pública. Isso não significa que não haja, pontualmente, alguma desadequação, mas como já aqui disse num programa anterior, não é com a programação da RTP, que é muito escrutinada, que os pais mais têm de se preocupar nos dias de hoje. Creio que a grande preocupação está no acesso livre de crianças e adolescentes a outro tipo de conteúdos de fácil acesso, em telemóveis e noutros ecrãs, que não são claramente indicados para determinadas faixas etárias.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 27 – 26 DE JULHO 2025

DURAÇÃO: 15:32 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão vai hoje até aos Açores onde se celebra os 50 anos do canal público de Televisão.

O projeto da RTP Açores nasceu com o 25 de Abril de 74, e com a hipótese de serem criados canais regionais, mas foi a 10 de Agosto de 1975 que foi para o ar a primeira emissão de Televisão nos Açores.

6 horas de uma emissão que arrancou às 3 e meia da tarde, com a intervenção do Presidente da Junta Governativa dos Açores, o General Altino Pinto de Magalhães, e encerrou às 9 e meia da noite com o Telejornal.

Neste meio século de existência foram muitos os acontecimentos captados pelas Câmaras da RTP Açores que marcaram não só os últimos 50 anos dos Açores como de todo o país.

1 de Janeiro de 1980, um sismo nos Açores com magnitude de 7,2 na escala de Richter afetou sobretudo a ilha Terceira mas também as ilhas: Graciosa, São Jorge, Pico e Faial causando 70 mortos, mais de 400 feridos e 20 mil desalojados.

11 de Maio de 1991, o Papa João Paulo II visitou as ilhas Terceira e São Miguel na segunda de três visitas a Portugal tendo como destino o Santuário de Fátima.

16 de Março de 2013, o mundo virou-se para a Base das Lajes quando a cimeira do Atlântico trouxe à ilha Terceira o presidente George W Bush, dos Estados Unidos, e os primeiros ministros de Espanha, José María Aznar e da Grã-Bretanha, Tony Blair, ficaram abertas as portas à guerra do Iraque.

7 de Novembro de 2024, é inaugurada na ilha de Santa Maria a Sede Aeroespacial portuguesa na esperança de que venhamos a ter voos espaciais naquela ilha açoriana ainda em 2025.

Para honrar o meio século de vida da RTP Açores, a Direção do Centro Regional dos Açores da RTP preparou iniciativas nas 9 ilhas dos Açores.

O Telejornal Açores, que é habitualmente transmitido a partir dos estúdios de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, vai ser emitido a partir de todas as ilhas.

Por esta altura já foi emitido no Corvo, Santa Maria, Terceira, São Jorge e Graciosa. Amanhã, o Telejornal Açores será a partir da ilha do Pico.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

“Nós gostaríamos que os 50 anos fossem também um marco que respeitasse a história, o presente, mas também já um olhar para o futuro. Em nosso entender devíamos marcar pela relevância e proximidade e o objetivo foi levar a RTP Açores a todas as ilhas, não ser apenas um evento ou uma gala para simbolizar o aniversário, mas sim nós irmos também ao encontro dos açorianos e por isso mesmo, temos estado a fazer programas em todas as ilhas, já começou, vamos fazer um périplo, por exemplo, com o Telejornal, que é o mais antigo e icónico programa da RTP Açores, tal como o Atlântida, e estamos a ir a todas as ilhas a fazer um telejornal um Atlântida especial dedicado obviamente à informação do dia, mas também depois tendo uma parte e é um Telejornal mais alargado, dedicado àquela ilha, com reportagens sobre a ilha, com diretos, com acontecimentos, com convidados e entendemos que isso foi uma maneira também de levar à RTP ao Corvo, às Flores, são ilhas mais distantes aqui dentro do arquipélago, do ponto de vista geográfico, não estou a falar da relevância. Como já começamos em Santa Maria e o objetivo foi esse. Para além de outras iniciativas que queremos ter, desde de séries, de documentários, vamos fazer um documentário, aliás, dois sobre os 50 anos da RTP, uma série que vai começar depois de Agosto, que é o primeiro olhar. Vai-se chamar o primeiro olhar sobre a importância da RTP Açores na construção da autonomia da sua identidade. E o primeiro olhar é irmos também a todas as ilhas e ouvirmos histórias de pessoas e sobre qual foi a importância da RTP nas vidas delas. Até porque a RTP Açores não começou em 1975 em todas as ilhas. Chegou mais tarde, por exemplo, às Flores e ao Corvo, chegou alguns anos mais tarde. E o objetivo é exatamente que significado é que teve a RTP Açores na vida das pessoas. Eu falo por mim, eu vi o mundo pela primeira vez através da RTP Açores, as imagens ou dos Estados Unidos ou de Lisboa ou e é isso que queremos apanhar ainda pessoas nessa altura e o impacto que teve na socialização, na forma como as pessoas se juntavam”.

OFF

Num tempo em que não era tão fácil comunicar entre ilhas ou mesmo deslocar-se até elas, a RTP Açores foi a ponte necessária para dar a conhecer as ilhas aos açorianos e também o que havia para além do arquipélago e do País.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

“ Nós temos uma perceção que a RTP Açores foi um pilar fundamental para a autonomia, as ilhas ficaram-se a conhecer umas às outras, tendo em conta a dispersão geográfica através da RTP Açores. Penso que não há nenhuma dúvida nesse aspeto, sobretudo nos anos 70 e 80 e até 90. Obviamente que agora há outras formas

*de comunicação, há mais canais de televisão, há as redes sociais e há outras formas de andarmos a comunicar uns com os outros, mas todos reconhecem a sociedade, o poder político, que a RTP Açores é um pilar e foi um pilar fundamental na construção da autonomia **E da identidade?** E da identidade do povo açoriano e da e das tradições de cada ilha e de ficarmo-nos a conhecer uns aos outros, caso contrário, não seria possível, só através da rádio, mas não tínhamos esse elemento fundamental que é o olhar (...) E a RTP Açores continuam a ser uma referência à hora do telejornal às 8, numa altura em que se consome cada vez menos de televisão à hora certa. Nós construímos a nossa televisão. Eu sei que nos Açores ainda existem muitas famílias que, por exemplo, o telejornal às oito é a hora de jantar e ver o telejornal, ou o jornal da tarde, à hora do almoço e os próprios estudos que temos indicam isso e, portanto, continua a fazer sentido, se bem que ter 9 ilhas implica muitas dificuldades em termos de programas, de deslocações, de preparação, toda a logística necessária”.*

OFF

Há dez anos é que a RTP Açores iniciou as suas transmissões por cabo para Portugal Continental.

Até então era só possível visionar o canal nos Açores. Hoje os telespectadores têm acesso à RTP Açores através dos canais por cabo.

Em Maio de 2015, a RTP Açores partilhou a emissão das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, com a RTP Internacional, tendo alcançado ampla visibilidade nas ilhas Bermudas, assim como nos Estados Unidos da América e no Canadá.

É na diáspora açoriana que está uma importante fatia de telespectadores do canal público de Televisão dos Açores e por isso a aposta tem sido disponibilizar conteúdos através das redes sociais.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

“Abrimos os Telejornais também nas redes sociais. Exatamente para a comunidade emigrante ter esse acesso. E até agora nas Sanjoaninas e nas festas do Santo Cristo dos Milagres. E temos também o objetivo, ainda não posso dizer que está concretizado, mas gostaríamos muito também fazer o telejornal na diáspora, como símbolo dessa união que a RTP Açores é. Obviamente sabemos que implica, é uma deslocação com mais custos, mas estamos também já a articular com algumas entidades que possam apoiar este sonho, digamos assim, nos 50 anos, deslocarmo-nos aos Estados Unidos ou a América, onde tem a nossa comunidade de imigrantes, que tem um papel muito importante ainda para a RTP Açores. Nós através das redes sociais, é que ficamos a saber que a nossa diáspora procura muito ainda os conteúdos da RTP Açores e a prova disso é que nós sabemos, não sabemos concretamente a rua, mas sabemos a cidade ou o país onde estão as centenas de milhares de seguidores que a RTP já tem. Já tem mais de 200 mil seguidores a página do Facebook, por exemplo, rádio e televisão, o que numa região com 230 mil habitantes, mais coisa, menos coisa é significativo, é bom”.

OFF

A crescente popularidade das plataformas de streaming tem alterado os hábitos de consumo televisivo, com muitos espectadores a abandonarem a televisão tradicional.

Este é um dos maiores desafios da Televisão portuguesa e a RTP Açores não é exceção.

A estratégia adotada tem sido modernizar o canal, que desde 2021 passou a emitir em alta definição.

A Direção do canal público de televisão dos Açores quer continuar a apostar nas novas tecnologias para agilizar procedimentos e chegar a mais telespectadores.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

*“Quer a RTP Açores, como qualquer canal de televisão está a tentar situar-se, está a tentar posicionar-se em tudo o que está a acontecer no meio da comunicação social, com as plataformas digitais, com os streamings, etc. A RTP Açores, como canal regional, tem que apostar sobretudo na proximidade e em conteúdos que sejam verdadeiramente serviço público à procura dessa identidade cultural, desse cheiro, desse olhar sobre as pessoas, porque não temos capacidade financeira para concorrer com os canais generalistas ou com a Netflix, HBO ou a Apple, etc...E portanto, temos que criar essa diferenciação. E isso faz-se com exatamente a proximidade ou com conteúdos que as pessoas se identifiquem. E eu acho que a RTP Açores tem que passar por aí, apesar dos custos que isso tem, porque são 9 ilhas, porque temos as delegações e isso tem custos inerentes do serviço público. Mas também há outra realidade. Temos que aprender a fazer diferente. **Em que sentido?** No sentido de agilizar os processos de produção, novos modelos de produção que sejam mais ágeis. E nós na RTP Açores temos dado esse passo. Gostaríamos ainda de dar mais, estamos a fazer estudos para que seja também mais fácil ir a todas as ilhas, fazer um programa sem levar uma estrutura demasiado pesada, porque isso acarreta custos e sabemos que pelos ventos que sopram que vamos ter, se calhar, atravessar agora um momento de reestruturação que já está a ser feito dentro da RTP. **Eu ia perguntar precisamente sobre a reestruturação. De que maneira que a reestruturação que está a ser feita na RTP em geral, influi aqui, como é que as alterações é que implica?** Para já, a reestruturação não teve ainda grande impacto, a não ser a saída de pessoas ao abrigo das saídas voluntárias no grupo RTP, e tem impacto, saíram oito pessoas. Para nós, oito pessoas, somando algumas que estão de baixa, somando a outras que estão requisitadas fazem falta, porque tínhamos aqui áreas que apenas tinham uma pessoa ou 2, se sai uma ficamos com um défice logo de 50%. Não vou mentir que a RTP Açores tem uma média de idade avançada e que tem muita gente já na casa dos 60 anos, e que temos que repensar nessa renovação e acho que secalhar e aí entra também os modelos de produção e até provavelmente a revisão do acordo da empresa a nível geral, mas isso é uma coisa que não depende da RTP Açores, mas acho que a RTP, no seu todo, precisa também de se reposicionar face à nova realidade que existe no meio audiovisual”.*

OFF

Rui Goulart está a liderar a Direção do Centro Regional dos Açores há cerca de três anos.

Conseguiu concretizar alguns dos projetos que tinha em mente, como um maior investimento na modernização do canal, maior visibilidade de conteúdos açorianos na RTP 1 e RTP 2 e a criação de um Departamento de Multimédia mais consolidado.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

“Nós quando entrámos a multimédia estava muito dispersa, não havia um projeto estratégico e nós apostamos nas redes sociais, já com os dados que referi há pouco, com mais de 220 mil pessoas a seguir, por exemplo, o Facebook e a título de exemplo, o site da RTP Açores é o segundo mais visitado de todo o grupo da RTP. Portanto, o que é um bom indicador, tem a ver com a nossa realidade, mas também tem a ver com a diáspora que nos procura. Mas foi uma aposta, e por exemplo, agora nos 50 anos temos feito os reels e o e o lado B quando estão a construir o telejornal, animar as redes sociais e temos tido, temos às vezes anualmente só com conteúdos regionais, mais de 9 milhões de visualizações e cerca de 20 milhões de alcance. A questão da multimédia foi uma aposta, aliás, e finalmente temos um departamento de multimédia a funcionar, não está ainda como gostaria, gostaria de ter mais recursos humanos nessa área, porque acho que o futuro passa por aí e temos que estar muito atentos a essa realidade ou não alinear”.

OFF

Desde 2012, a RTP Açores emite produção regional apenas entre as 5 da tarde e a meia-noite.

No restante horário fica ligada à emissão da RTP 3.

Mas nessas 7 horas de emissão ainda há espaço para colocar alguns projetos em prática que aguardam oportunidade.

Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP

“Tinha um outro objetivo que esse ainda não consegui concretizar, porque gostaria de fazer anualmente isso que estou a fazer com Telejornal com um debate. Um debate em que nós pudéssemos ir a todas as ilhas e ouvir... fazer um debate com a presença uma espécie de prós e contras, mas da ilha, sem ser. Não é uma questão política ouvir mesmo os agentes culturais, as forças vivas da ilha. Isso ainda não foi possível concretizar, porque também temos tido situações muito inesperadas, vivemos tempos agitados a nível político, já com muitas eleições antecipadas, a nível nacional, mas também regional, foi a pandemia, a questão agora da reestruturação, a crise inflacionista, a crise sismo vulcânica em São Jorge, que nos também traz sempre despesa e, portanto, essa parte ainda não cons igui concretizar, porque isto também tem custos e também temos um orçamento de grelha limitado, como sabemos que todos os canais devem tê-lo. E essa parte gostaria exatamente de ter essa proximidade de ouvir as pessoas estarem num auditório e colocarem questões, fazemos um grande debate, nem que se fosse uma vez por ano em cada ilha, vamos ouvir a ilha. Não os políticos, nós ouvimos com todo o respeito pelas questões institucionais, mas ouvir as pessoas”.

OFF

É muito complexa a operação da RTP num arquipélago de 9 ilhas distantes e muito diferentes entre si, algumas delas com uma população reduzida e com condições atmosféricas e geológicas muito particulares.

A ideia dada por Rui Goulart de que o trabalho feito pela RTP ajuda a estimular e solidificar uma identidade entre os açorianos é muito sugestiva da importância que assume o serviço público de média.

Voltaremos aos Açores quando retomarmos o Voz do Cidadão, depois de um período de férias.

Desejo boas férias a todos os telespectadores!

EPISÓDIO 28 – 20 DE SETEMBRO 2025

DURAÇÃO: 12:29 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão está de regresso, depois de uma interrupção no período do verão.

Vamos hoje abordar a cobertura jornalística do acidente que marcará, para sempre, a história da cidade de Lisboa.

A tragédia do elevador da Glória correu mundo, captando a atenção dos meios de comunicação de muitos países.

Os canais de televisão portugueses emitiram sucessivas horas em direto do local, procurando respostas, números, testemunhos e explicações para esta tragédia.

Mensagem de Telespectador

“Gostaria de manifestar a minha estranheza relativamente à cobertura noticiosa de 3 de setembro, no Telejornal da RTP 1. Percebo que o acidente no Elevador da Glória foi uma tragédia de grandes proporções, com repercussões nacionais e internacionais, e que por isso, merece um destaque significativo no noticiário. No entanto, considero excessivo que todo o alinhamento tenha sido dedicado exclusivamente a este tema.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebemos queixas de um excesso de atenção, um excesso de horas, um excesso de dedicação ao acidente. Esta de acordo com esta crítica?

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Não. Eu acho que foi um acidente extraordinário, se nós formos olhar para a história de Lisboa verificamos que nas últimas décadas não houve nenhum acidente desta grandeza, em que morreram 16 pessoas, e houve mais um conjunto de feridos num transporte público, portanto, foi um acidente muito grande, e tendo isso em conta, era necessário dar em antena o destaque que esse acontecimento merecia”.

OFF

A primeira referência ao acidente ocorrido dia 3 de setembro, no elevador da Glória, foi transmitida na RTP 3, pelas 18:23, ainda como nota de rodapé.

A emissão seguia dedicada às notícias da atualidade até às 18:38, quando a pivot de informação fez a primeira intervenção, chamando a atenção para uma notícia de última hora.

Mensagem de Telespectador

“Escrevo para manifestar a minha indignação relativamente à decisão de transmitirem o Telejornal a partir dos Restauradores, imediatamente a seguir à tragédia de dia 3 de Setembro no Elevador da Glória em Lisboa. A RTP tem o dever de pensar com cuidado este tipo de decisões, especialmente em momentos de dor e de luto. Foi um momento de jornalismo triste, sensacionalista e extremamente mórbido que ofuscou a missão nobre de informar com isenção”.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio apresentar o meu desagrado com a transmissão em direto do Telejornal no local do desastre do Elevador da Glória, no dia após o acidente. Creio que não demonstrou bom gosto, servindo apenas para mostrar que utilizaram o evento para visualização mediática de choque”.

Mensagem de Telespectador

“Não consigo compreender a emissão do Telejornal do dia 4 de Setembro ser efetuada em direto a partir dos Restauradores. Salvo melhor opinião, demonstra muito pouco tato e cuidado”.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio manifestar o meu desagrado relativamente à emissão do Telejornal a partir do local do acidente. Na minha opinião, este tipo de abordagem não está ao nível do serviço público de televisão que a RTP representa, aproximando-se antes do estilo de canais sensacionalistas. Considero que se tratou de uma falta de respeito, não só para com as vítimas, mas também para com o público em geral”.

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Tomámos uma decisão que gerou alguma controvérsia, que foi fazer no dia seguinte o jornal do local do acidente. E porque é que nós fizemos essa decisão? Foi para dar justamente um sinal aos espectadores que não estávamos perante um acontecimento comum, não estávamos perante a rotina do dia-a-dia, não era um

acidente vulgar, era algo que ultrapassava aquilo que é a normalidade. E nesses grandes eventos, sejam eventos positivos, sejam eventos negativos, tradicionalmente isso faz-se, não é a primeira vez que aconteceu. Nós já fizemos isso nos incêndios de Pedrogão, fizemos um telejornal em direto dos incêndios de Pedrogão, do local do incêndio, fizemos quando foi a tragédia de Entre-os-Rios, isto em termos de grandes tragédias. Mas também em acontecimentos, digamos mais positivos, sem ter esse lado trágico. Como foi por exemplo a vinda do Papa, nos fizemos um telejornal em direto do Parque Tejo, fizemos o telejornal em direto do Marques de Pombal, portanto, nos grandes momentos, sejam eles positivos ou sejam eles negativos, do nosso ponto de vista, faz sentido que o Telejornal e os restantes serviços informativos se aproximem do local do evento e deem com isso aos espectadores a noção que estão perante algo que é extraordinário. E foi isso que foi feito. Relativamente depois ao tom da cobertura, eu acho que o tom da cobertura foi muito correto, o apresentador, nesse caso, foi o João Adelino Faria, julgo que esteve irrepreensível na apresentação do Telejornal, tivemos convidados que enquadraram o tema, um especialista sobre o tema, tivemos como convidados os profissionais dos serviços de emergência que estiveram nas primeiras horas no local, dando o máximo de informação aos espectadores sobre aquele evento.”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Isso de facto coloca uma questão que é, o jornalismo estar no local onde as coisas se passam e não sentado na redação.

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Justamente. Eu acho que nos últimos anos, também em virtude da pandemia, criou-se uma tendência no jornalismo que é os jornalistas ficarem muitas vezes sentados na cadeira, a fazer vídeo chamadas, e a tentarem obter informação através do telefone ou através de outras vias, sem se dirigirem aos locais onde as coisas acontecem”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que era necessário naquela altura...

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“O que era necessário naquela altura porque não havia a possibilidade da proximidade, mas eu, enquanto jornalista, defendo que não há forma melhor de contar uma história do que ir ao local e falar as pessoas, com os protagonistas dessa história. E portanto a minha orientação para a informação da RTP, é justamente nós tentarmos sempre irmos aos locais, ser surpreendidos com a realidade local, falar com as pessoas que estão envolvidas diretamente nos acontecimentos, e uma coisa é o testemunho obtido no local onde as coisas acontecem, outra coisa é o testemunho obtido através de uma vídeo chamada ou de um telefonema, que é sempre diferente”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Ou pior, de um comunicado de imprensa...

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Ou de um comunicado de imprensa, e portanto a minha perspectiva é que, os jornalistas devem ir o máximo possível aos locais onde as coisas acontecem, porque são sempre surpreendidos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Desde o início, aqui na RTP, houve a noção da gravidade do acidente? Isto é, as primeiras informações que tinham, e que de facto houve alguma cautela no avanço, mas aqui já se sabia que era muito gravem?

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Sim. Nós tivemos fontes que nos disseram 10 ou 15 minutos depois do acidente, que o acidente era muito grave, portanto, que a possibilidade de haver muitos mortos era alta.

E portanto nós reagimos em função disso, não revelamos esses dados porque não estavam digamos... não havia certeza sobre eles, mas era uma possibilidade. Mas isso permitiu-nos, esse acesso a essa informação que tivemos, permitiu mobilizar as equipas para mais rapidamente estarmos no local e darmos o máximo de informação possível. Portanto desde a primeira hora, desde que houve o acidente que nós tivemos fontes que nos disseram: atenção, este acidente tem o potencial de envolver muitos mortos, mas, como é evidente, nós só demos essa informação quando ela foi de facto confirmada.

Não temos presa nenhuma em anunciar que número de mortos pode ser elevado antes desses dados serem confirmados. Eu acho que aí tivemos toda a cautela para ser absolutamente rigorosos, o essencial aqui é ser rigoroso. Se nós temos uma determinada informação que é dada apenas como uma possibilidade nós não a vamos por no ecrã”.

Mensagem de Telespectador

“Haver uma emissão do Telejornal próxima do local onde morreram pessoas, com a imagem voltada diretamente para os elevadores, jornalistas a perguntar a opinião de transeuntes que especulam, e opinião sobre o acontecimento sem dados, reportagens e entrevistas a conhecidos das vítimas sem teor jornalístico algum, entrevistas a especialistas que são obrigados a especular após perguntas sem base técnica ou o mínimo de provas sobre a causa do acidente, as mesmas reportagens transmitidas repetidamente vezes sem conta. Tudo isto tem muito pouco de jornalístico e muito de entretenimento só para captar audiências”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Alguns telespectadores que se andam a queixar ou que acusam a RTP de estar a resvalar para um jornalismo mais sensacionalista.

Qual é o ponto de equilíbrio entre mostrar aquilo que se está a passar, ou entrar no sensacionalismo, e em explorar as tragédias, as pessoas que estão a chorar, que estão desfeitas?

Vítor Gonçalves, diretor de Informação da RTP

“Eu acho que tem a ver sobretudo com o tom, não tanto com os temas, mas com o tom com que a informação é dada.

Se há uma tragédia, é evidente que há dor, que há lágrimas, que há reações das pessoas de grande desconforto, de grande descontentamento. Eu acho que isso tem que ser mostrado. Nós não podemos ignorar que esse lado de tristeza perante a morte de familiares existe.

O ponto de equilíbrio, do meu ponto de vista é não explorar isso como sendo o mais relevante da história e tornar isto mais relevante da história , e esquecendo do resto. Não, nós temos que perceber que aquelas pessoas que estão naquela situação, admito que se possa mostrar, mas como é evidente, não transformar isso no grande evento da notícia”.

OFF

A decisão de transmitir o Telejornal do dia seguinte a partir dos Restauradores, foi criticada por muitos telespetadores, acusando a RTP de sensacionalismo, mau gosto e falta de respeito pelas vítimas num momento de dor.

É verdade que a Informação da RTP, quer nos serviços noticiosos da RTP1, quer no acompanhamento no canal de notícias, foi intensiva e extensiva, mas sem dúvida que se tratou de um acidente excecional e de uma brutal gravidade. Quer quanto à cobertura permanente no próprio dia, quer à atenção constante dada nos dias seguintes, penso que a RTP fez o que era preciso ser feito: informar, procurar explicações, mostrar testemunhos, sem ceder ao sensacionalismo.

Há diferentes formas de fazer este trabalho, e depois de ter revisto as imagens destes dias trágicos considero que foram mantidos uma dignidade e um respeito que são de assinalar.

A questão essencial, na minha opinião, está aí mesmo: na forma como jornalistas e operadores de imagem trataram um tema tão delicado. O mesmo penso sobre a transmissão do Telejornal o dia 4 de setembro, a partir dos Restauradores. Podia não ter sido feita esta transmissão, claro que podia, mantendo uma atitude mais contida. Mas, houve informação e respeito, marcando a gravidade da situação excecional.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 29 – 27 DE SETEMBRO 2025

DURAÇÃO: 17:19 MINUTOS

OFF

2025 é considerado já um dos anos mais devastadores em termos de incêndios florestais.

Até Agosto deste ano arderam cerca de 250 mil hectares sendo que em meados do mesmo mês já se tinha ultrapassado toda a área ardida no ano de 2024 em Portugal.

Os ventos de Setembro voltaram a trazer chamas, desta vez para o Algarve.

Norte e Centro foram, de novo, as Regiões mais sacrificadas numa vaga de incêndios que começou em Julho num contexto de temperaturas elevadas.

No momento em que estamos a preparar este programa ainda o sudoeste algarvio está a braços com um fogo que se disseminou com uma enorme rapidez.

Os fogos deste verão destruíram casas e provocaram ainda 4 mortos e vários feridos.

Longas horas de emissão foram dedicadas ao tema, em reportagens, diretos, nos noticiários ou em emissões especiais da RTP.

Os telespectadores fizeram reparos à abordagem ao tema feita pelo canal público de televisão.

Mensagem de telespectador

“Venho alertar para o facto de as imagens captadas em direto e que se relacionam com os incêndios, nomeadamente, o fogo e as suas labaredas a devastar florestas e campos, produzirem um efeito de "encantamento", nas mentes de indivíduos já acusados ou condenados pelo crime de fogo posto. Isto não é nada de novo e está cientificamente comprovado. No entanto, os vários canais de TV continuam a ocupar grande parte do seu espaço informativo com este tipo de notícias expondo as respetivas imagens”.

Mensagem de telespectador

“A 14 de Agosto de 2025, o jornal da tarde da RTP 1 reservou os seus 35 minutos iniciais a trabalhar o tópico dos incêndios de forma exaustiva. Tendo em consideração que é um meio de informação público, deveria destacar-se pelo bom-senso e pertinência, e não cair na tentação do sensacionalismo. A ERC avisa, e passo a citar, "que as sucessivas reportagens em direto, com a chama visível, produzem um efeito de imitação, que pode dar origem a outros incêndios com mão criminosa”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu recebo sempre mensagens de telespectadores preocupados com o facto de se estar a mostrar imagens de incêndios, de labaredas de destruição, ou melhor das labaredas, porque da destruição já é outra situação. Dizendo que aquilo pode estimular incendiários, pode estimular os pirómanos porque o espetáculo é fascinante. Está discutido esse tema? O que é que o que é que devia acontecer, o que é que é melhor do vosso ponto de vista?

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP

“Do meu ponto de vista não se pode ignorar os incêndios. Os incêndios são uma tragédia. A outra tragédia que acontece tem acontecido sistematicamente no verão, umas vezes com consequências processuais gravíssimas, outras vezes menos. Este ano, felizmente com menos do que já existiu no passado, mas são um acontecimento de brutal. Este ano, então nós tivemos incêndios desde o início de Agosto até praticamente ao final de Agosto, foi um mês inteiro de incêndios. Ora, os incêndios têm um impacto gigante na vida das pessoas. É preciso as pessoas saberem por onde circulam por não podem ir, se podem sair de casa, se não podem sair de casa, o que é que devem fazer, e portanto, para terem essas decisões, têm que saber o que se passa e, portanto, nós enviámos equipas para todos os locais onde houve os incêndios, justamente com objetivo de informar sobre aquilo que se estava a passar, nalguns casos, explicando quais eram as melhores alternativas perante a situação e depois mostrando os incêndios. Nós não podemos falar dos incêndios, não mostrando os incêndios. Existe esse debate que soube que mostram-se chamadas e depois isso pode estimular alguns pirómanos. Não sei até que ponto é que isto na verdade acontece. Os especialistas dizem que há uma percentagem que isso pode acontecer, mas se nós formos olhar para as causas principais dos incêndios provavelmente esse nem é o grande ponto. O grande ponto é o uso de, por exemplo, de máquinas que dão origem a incêndios, pois há alguns que são que são incêndios que acontecem porque as pessoas deitam um cigarro fora e aquilo provocou outros incêndios ou são causas naturais. Um dos incêndios principais foi com causas naturais, com uma trovoadas. Portanto, há múltiplas formas dos incêndios começarem. Agora um incêndio que dura dias e dias seguidos, que faz arder uma parte substancial do território, que envolve meios que é preciso chamar meios internacionais para tratar. É obrigatório que este acontecimento tenha a cobertura televisiva que merece”.

OFF

Além de criticarem o tipo de imagens difundidas, alguns telespectadores consideraram excessivo dedicar tanto tempo de antena aos incêndios acusando a RTP de aderir a um estilo sensacionalista e de exploração do tema até à exaustão.

Para a Direção de Informação a prioridade estava na notícia, na informação.

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP.

“Uma coisa que nós procuramos fazer na RTP este ano foi durante o verão na RTP, no nosso canal de notícias, foi todas as noites um especial em que chamávamos “Portugal em alerta” e em que todos os dias ouvimos autarcas, ouvimos climatologistas, ouvimos especialistas de combate a incêndios, ouvimos uma série de personalidades para dar um enquadramento maior ao que se estava a passar. E portanto, não nos limitámos a mostrar aquilo que se estava a passar, mas tivemos essa preocupação de enquadrar aquilo que se estava a passar”.

Mensagem de telespectador

“Venho por este meio manifestar a minha profunda indignação relativamente à reportagem transmitida no programa Portugal em Direto, referente aos incêndios que afetaram diversas aldeias do nosso país. Fiquei chocado ao assistir à forma como a jornalista abordou pessoas idosas, visivelmente abaladas e em sofrimento, realizando entrevistas em direto num momento manifestamente inadequado. Considero que não houve a devida sensibilidade nem respeito pelo estado emocional das vítimas, que se encontravam fragilizadas e a lidar com perdas e medo”.

Mensagem de telespectador

“Além de achar exagerada a cobertura feita aos incêndios, acho também muito negativo o tipo de entrevistas feitas durante os diretos e a quase perseguição feita às pessoas para falarem em momentos tão difíceis. Durante o fim de semana prolongado de 15 a 17 de Agosto foi entrevistada uma criança que devia ter os seus 10 anos acerca do incêndio. Que importância é que o testemunho de uma criança num momento daqueles tem?”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve queixas com as quais eu me identifico relativamente a situações concretas com pessoas idosas, outra com uma criança. Mas...

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP.

“Eu também posso identificar com isso. Acho que houve momentos em que talvez nós não devêssemos ter feito determinadas coisas, mas eu compreendo que quem está no terreno, os jornalistas não são, digamos, insensíveis àquilo que acontece e por vezes, naquela naquela, digamos, circunstância, sobretudo em circunstâncias de direto, podem num ou outro momento, fazer alguma pergunta ou tomar alguma atitude que pode não ser a mais correta e que vista A posteriori, poderia ter sido feita de outra maneira. Eu admito que isso possa acontecer. Acho que são verdadeiramente exceções naquilo que foi a cobertura da RTP, que eu acho que foi bastante contida, bastante, digamos, informativa e procurando dar enquadramento aos espectadores daquilo que se estava a passar”.

OFF

No meio das mensagens que apontam apenas o lado negativo da cobertura dos incêndios da RTP, chegaram à minha caixa de correio mensagens de elogio dirigidas à equipa de reportagem integrada pela jornalista Soraia Ramos.

Mensagem de telespectador

“Queria elogiar o trabalho dos vossos profissionais Soraia Ramos e David Melo no direto informativo do passado sábado dia 2 de agosto, na RTP3, sobre os incêndios ocorridos em S. Martinho de Anta (Sabrosa). O profissionalismo demonstrado na captação de imagem procurando dar visibilidade a violenta realidade vivida pela população foi magistralmente conduzida pela jornalista Soraia Ramos”.

Mensagem de telespectador

“Parabéns à repórter que hoje na RTP 3 fez o relato dos acontecimentos desta noite de uma forma clara e objetiva e ao mesmo tempo teve empatia de realçar na abordagem aos entrevistados”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Soraia Ramos, nós estamos sempre a apontar problemas. Hoje vamos fazer o contrário, vamos apontar, vamos registar que há telespectadores que apreciam o teu trabalho e que me enviaram mensagens a elogiar. Eu não quero centrar isto demasiado em ti. O que eu queria era perceber como é que tu consegues manter o sangue frio em situações extremas, como aconteceu nos incêndios, ou nos incêndios ou na situação do bairro do Zambujal, por exemplo. E o que é que está por trás disto? Que formação é que foi feita para isto?

Soraia Ramos, Jornalista da RTP

*“Eu tenho em primeiro lugar que agradecer quer o convite para aqui estar, quero essas mensagens. Fico muito grata, não só porque as pessoas são muito carinhosas quando enviam esses elogios, mas também porque significa que estão no canal certo, que escolheram a informação da RTP para estarem informados e fico muito grata por isso também. Em relação ao sangue frio, eu acho que é acima de tudo, o que eu tento concentrar-me é o que é que as pessoas em casa querem saber de uma situação. E eu acho que as pessoas não querem saber se o jornalista está nervoso, se a situação é complicada para a equipa de reportagem. As pessoas querem saber o que é que está a acontecer naquele momento e no caso dos incêndios, por exemplo, é mesmo muito delicado. Há situações mesmo muito complicadas em que vemos pessoas que podiam ser meus pais ou meus avós a ficar de um momento para o outro sem aquilo que sempre tiveram, aquilo que lutaram na vida para ter. E, portanto, isso tem que ser tratado com muito cuidado e, portanto, eu foco-me no que é que as pessoas querem saber e também me tento pôr no lugar de quem está com a vida mais difícil naquele momento. **Essa empatia é essencial e é um tema do momento, uma vez que estamos a queixar-nos e estamos a verificar que há muita falta de empatia. Não estou a falar no jornalismo só, mas na sociedade em geral. Mas uma coisa é empatia outra coisa é provocar o choro ou aproveitar momentos de fraqueza em que as pessoas estão sem defesas nenhuma.** Sim, eu confesso que até nem me tinha apercebido. Foi um colega meu que me chamou a atenção, porque em vários momentos, ao longo das reportagens que tive a oportunidade de fazer nos incêndios este ano várias pessoas estão emocionadas, estão exaltadas e quando isso acontece, eu na verdade, peço desculpa e afasto-me, porque não é o meu objetivo. O meu objetivo é que as pessoas possam falar daquilo que está a acontecer. Eu não as quero ver a chorar na televisão, porque se fossem da minha família, eu também não queria ver. E porque acho que isso muitas vezes nem contribui para a perceção real do que está a acontecer. Ou seja, dificulta a compreensão das palavras. As pessoas estão fragilizadas como é natural e, portanto, houve vários momentos em direto que eu retirei o microfone e pedi desculpa às pessoas e houve também momentos em que até tinha combinado falar com determinada pessoa e que a pessoa começou a ficar muito nervosa, em choque, exaltada ou a chorar e depois essa combinação não resultou. Porque acho que as devemos preservar também. Acho que é isso que a deontologia também nos ensina e a ética no jornalismo. Claro que aconteceu, claro que há momentos em que também nós temos que nos controlar para não nos emocionarmos e há histórias que nos ficam para sempre no coração. **Como é que foi essa preparação, porque penso que é muito no trabalho, não é tanto na faculdade é sobretudo na experiência?** Tive a felicidade de ter um, apesar de tudo, ter um curso universitário com aulas práticas e de- começar a trabalhar muito, muito nova e por isso tive essa oportunidade de treinar muito no terreno mas também faço vários cursos à minha conta, na verdade, vários cursos que acho que me preparam, ou pelo menos eu tento que me preparem para as situações mais complicadas e para, que é na parte do safety e do security, é assim o termo técnico internacional. São cursos internacionais que tenho oportunidade também de fazer, porque os procuro e porque acho que devem ser feitos”.*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Para não terminarmos com uma nota negativa, na verdade, houve até elogios à atitude, à forma de trabalhar ao profissionalismo de uma das jornalistas da RTP, Soraia Ramos, e...

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP

“Que eu partilho mas eu gostava de estender essa elogio também a todos os repórteres de imagem que estiveram no terreno, como todos os repórteres que fizeram, que estiveram em direto, que foram bastantes, sobretudo dos nossos centros de informação regional, que eu acho que foram incansáveis, porque trabalharam horas seguidas em circunstâncias muito difíceis e eu acho que o que neste momento eles merecem esse elogio, ou fi-lo pessoalmente a cada um deles, mas também gostava de expressar publicamente que o trabalho e o empenho que tiveram em circunstâncias tão difíceis como é trabalhar durante longas horas, trabalhar à noite, às duas às três, às quatro da manhã, numa circunstância de grande incerteza, porque não se sabe o que vai acontecer a seguir isso eu queria sublinhar o profissionalismo que todos tiveram na cobertura da RTP”.

OFF

Creio que todos sofremos quando vemos imagens de incêndios, uma visão tão assustadora como fascinante, penso que é necessário mostrá-las sem cair na tentação de lhes dar mais visibilidade do que às pessoas e bens que estão em risco.

O trabalho esgotante dos bombeiros e os esforços tantas vezes decisivos das próprias populações são sempre de sublinhar sem cair na exploração do desespero de pessoas que veem o trabalho de uma vida feita em cinzas.

Trouxe a este programa os elogios feitos à jornalista Soraia Ramos não para destaca-la como heroína mas porque quis realçar que uma tragédia não é sinónimo de sensacionalismo, que a formação não termina na última aula da faculdade e que a deontologia profissional dos jornalistas é fundamental. O mesmo digo sobre o trabalho dos correspondentes da RTP que neste verão acompanharam os fogos e cujo conhecimento dos terrenos e das populações é precioso. Eles são o sinal de como é essencial para a RTP e para o serviço público manter jornalistas em todo o território. Não posso deixar de elogiá-los e poderia mencioná-los um a um mas sei que todos bem vimos quem são estas mulheres e homens dispostos a um esforço extremo e notável. Tal como Soraia Ramos, tal como os operadores de Camera, eles são exemplos de como a deontologia profissional e a capacidade de se colocarem na pele de quem sofre são dois lados essenciais do jornalismo. Não podemos deixar cair no esquecimento que ainda há muita dor e muitas perdas também aí há muitas notícias por contar, historias terríveis de destruição ou magnificas histórias de entrega e coragem.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 30 – 04 DE OUTUBRO 2025

DURAÇÃO: 15:58 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão volta a assinalar os 50 anos da RTP Açores, agora com uma visita às três ilhas menos habitadas do arquipélago: Graciosa, Flores e Corvo.

Considero importante mostrar ao telespectador em que contexto e em que condições trabalham os correspondentes do canal público de televisão em territórios tão peculiares.

Nenhum dos correspondentes destas três ilhas é funcionário da RTP. Acumulam outras atividades profissionais, mas são os únicos correspondentes residentes de um canal nacional no território.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Aqui estamos na Vila do Corvo tem um correspondente da RTP, que é o João Machado, há quanto tempo?

João Machado, Correspondente da RTP na ilha do Corvo

*“Há cerca de sete anos, fui convidado para substituir o anterior correspondente que entretanto saiu da ilha e tenho a honra de estar a trabalhar com a RTP e de fazer esta parte correspondente na ilha do Corvo há cerca de sete anos. **E em que é que consiste o trabalho? Porque nós vamos pensar... quantas pessoas vivem aqui? 386, segundo os censos de 2021. Quantos carros, quantos automóveis há? Cerca de 200. Entre os particulares, das empresas da Câmara Municipal, cerca de 200 carros. É um rácio grande... É um rácio grande é mas no fundo o que eu queria dizer é que não acontecem muitas coisas. O que é que um correspondente faz no seu dia-a-dia? Tem trabalho todos os dias? Tem trabalho de vez em quando? Não temos trabalho todos os dias, embora cada vez apareça mais trabalho. Lembro-me perfeitamente de que, quando comecei há sete anos, uma das grandes preocupações era cobrir as festas da ilha, algum evento que acontecesse ou de alguma visita do governo ou de outras entidades que viessem à ilha nós acompanhávamos essas visitas. Hoje em dia não. Hoje em dia tem-se vindo a alterar substancialmente o número de peças que são produzidas na Ilha do Corvo. O turismo também alavanca muito a quantidade de peças produzidas, porque o boom que existiu há cerca de seis ou sete anos nos Açores também faz com que apareça mais cultura, mais turismo e faz com que haja esse aumento exponencial das peças”.***

OFF

A ilha do Corvo foi considerada reserva da Biosfera reconhecida pela UNESCO em 2007. A sua beleza e mistério têm despertado a atenção do turismo que tem aumentado substancialmente naquela que é a mais pequena ilha dos Açores, com cerca de 17 quilómetros quadrados.

O impacto do turismo na Ilha do Corvo tem por isso merecido a atenção do canal público de televisão.

João Machado, Correspondente da RTP na ilha do Corvo

“Normalmente estamos a receber entre 150 a 200 pessoas por dia a visitar a ilha, que é uma preocupação grande, pelo que eu tenho percebido e pelo que nós temos também transmitido nas nossas peças. A nível de restauração e a nível dos serviços que estão prestados na ilha. E sentimos que há uma grande preocupação com isso, porque se numa ilha com 388 pessoas nos visitam 200 pessoas por dia, é muito preocupante a nível de turismo. Poderemos vir a perder alguma qualidade de vida tanto do corvino como de quem nos visita”.

OFF

João Machado faz quase todo o trabalho de correspondente da RTP: entrevista, capta imagens, só não edita nem dá voz às peças.

Apesar de não ser jornalista, ele é o único representante de um órgão de comunicação social na ilha do Corvo e é com ele que, por exemplo, horários de conferências de imprensa têm de ser combinados, dado o risco de não haver cobertura mediática.

João Machado, Correspondente da RTP na ilha do Corvo

“Eu faço a captação da imagem e das declarações, envio para Ponta Delgada e Ponta Delgada então aí sim, tem um jornalista que pega nas imagens e que produz a peça. Acontece muitas vezes, ou acontece algumas vezes alguém que vem visitar a ilha e já tem a preocupação de nos ligar antecipadamente e saber a que horas

estamos disponíveis, por exemplo, para fazer uma conferência de imprensa. Há mais algum correspondente de um de outro órgão de informação aqui no Corvo? A RTP é a única que tem não só como TV, como órgão de informação? A RTP é a única na ilha do Corvo também não tem jornais, infelizmente, não tem jornais, tem apenas um jornal que é de uma associação uma associação cultural que sai de três em três meses, mas residentes fixos e jornalistas não tem”.

OFF

Nestes sete anos enquanto correspondente da RTP na ilha do Corvo, houve trabalhos que deram a João Machado um gosto especial. Foi o caso das visitas de Marcelo Rebelo de Sousa.

João Machado, Correspondente da RTP na ilha do Corvo

“Gostei muito de fazer as visitas do Presidente da República pela pessoa que é, pela maneira como se relacionou com toda a gente. O presidente da República veio cá uma vez, e eu lembro-me perfeitamente, já estávamos na fase da despedida ali no aeroporto, ele estava a entrar no avião militar e alguém cá de fora lhe disse olhe atenção, tivemos cá um Presidente da República que já dormiu na ilha e o senhor não dormiu. E o senhor presidente disse eu não me vou esquecer disso, eu vou voltar. Curiosamente, voltou para fazer um marco, uma passagem de ano. É uma população pequena, qual é o retorno que tem do seu trabalho aqui? Tem um fator extraordinário, que as pessoas e as pessoas do Corvo são muito agradecidas sobre isso e querem que haja um correspondente na ilha do na Ilha do Corvo. Lembro-me perfeitamente na altura que não havia correspondente. Houve uma força enorme das forças vivas da Ilha para que houvesse um correspondente. O que eu sinto da parte da população é que ficam chateados se não sei nada. Ficam chateados se a RTP Açores não foi ao sítio na altura que eles queriam. Há essa preocupação de a RTP Açores cobrir as nove ilhas, de a Ilha do Corvo fazer parte dos Açores, que é essa parte importante, é por isso que a RTP Açores cá está. E esse carinho especial nós sentimos. E as pessoas vêem RTP Açores. Toda a gente vê a RTP Açores? Toda a gente vê RTP Açores. Curiosamente um dos trabalhos que tenho é ter um dos poucos cafés da ilha e sinto que as pessoas se calhar só vão tomar café depois verem o telejornal da RTP Açores. Principalmente o telejornal da RTP Açores, quase toda a gente na Ilha do Corvo vê”.

OFF

E do Corvo, partimos para a ilha mais ocidental da Europa, a ilha das Flores.

A correspondente que está ao serviço da RTP desde 2019 tinha apenas experiência na imprensa escrita mas aceitou o desafio de trabalhar em Televisão onde tudo fica sob a sua responsabilidade.

Maria José Sousa, correspondente da RTP na ilha das Flores

“É muito diferente ter que pegar na câmara às costas, no microfone, ter que estar com a cabeça focada, quer na imagem, quer na pessoa, nas perguntas, tudo em simultâneo, depois ir de corrida para casa também muitas vezes descarregar as imagens e as entrevistas e montar a peça rapidamente para sair ainda naquele dia no Telejornal, acaba por ser um bocadinho stressante e exige muito esforço de uma pessoa só. Já me aconteceu chegar a casa e não ter o som, ter falhado o microfone, ter falhado o recetor e ficar só o som da câmara e não o som do microfone. São coisas que eu depois fui aprendendo ao longo do tempo a controlar melhor, a tentar controlar, mas são muitas coisas para pensar por uma pessoa só. Como é que foi a formação para esse trabalho mais técnico que é tão diferente? Foi uma formação de dois dias para aprender tudo, câmara e edição de imagem e também como fazer o texto, articular o texto para a entrevista. Claro que isto depois, ao longo deste tempo tem sido sempre uma aprendizagem. Todos os dias estou a aprender alguma coisa e a melhorar”.

OFF

Ao longo destes sete anos de correspondente na ilha das Flores, o trabalho requisitado pela Direção de Informação em Ponta Delgada tem sido maioritariamente de teor político. Maria José Sousa prefere fazer a cobertura das iniciativas culturais da ilha e é habitualmente isso que os florentinos mais reclamam e os emigrantes mais apreciam.

Maria José Sousa, correspondente da RTP na ilha das Flores

*“Infelizmente, as peças mais solicitadas são sempre as peças políticas, que são aquelas que eu menos gosto de fazer, as campanhas eleitorais, as vindas do governo. Eu gosto mais de divulgar a parte das nossas tradições. Acho que as ilhas pequenas, como acontecem poucas coisas, devíamos focar-nos mais em transmitir do pouco que acontece, mas o que é realmente nosso e o que, por exemplo, a comunidade emigrante. Eu penso que já não temos uma grande audiência para a RTP Açores a nível do telespectador comum. Então eu penso que a RTP Açores principalmente devia estar focada nos emigrantes e os nossos emigrantes o que é que gostam de ver? As nossas festas de Espírito Santo, as nossas festas religiosas, o que acontece com a comunidade local, quem escreveu um livro, quem participou, quem ganhou uma prova importante, quer a nível desportivo, quer a nível cultural, o nosso grupo de teatro. **Já falamos da política mas há outro tipo de situação que são as desgraças, porque as desgraças alimentam muito a informação. Já teve essas situações aqui?** É assim as desgraças, quase sempre assim mais focadas nas Flores, é tipo é o mau tempo. E eu às vezes até já me rio um bocado com isso, porque começam a ver a previsão meteorológica, está aviso laranja, está aviso roxo para as Flores e eu digo que eu só vou ficar um bocadinho mais despenteada porque na realidade, nós já estamos tão habituados a esses fenómenos aqui na nas Flores que isso já não assusta ninguém. Até o furacão Lourenço foi aquela altura em que as pessoas, ok, isto realmente desta vez até mexeu, porque por norma, as pessoas até são um bocadinho descuidadas, que é isto não vai ser nada, 100 quilómetros por hora, isto é o pão nosso de cada dia nos nossos invernos e por isso o que para os Açores, muitas vezes é notícia, os ventos fortes aqui nas Flores eu já não acho que isso seja notícia”.*

OFF

Das ilhas do Grupo Ocidental do arquipélago dos Açores partimos para o Grupo Central onde está o correspondente mais antigo da RTP Açores. Luís Costa vive na ilha Graciosa e é do tempo em que as peças eram enviadas por cassete em voos da SATA para poderem ser emitidas na RTP Açores.

Luís Costa, correspondente da RTP na ilha Graciosa

*“Eu primeiro comecei a trabalhar na rádio local e ao fim de dois anos, quando saí, fui convidado pelos colegas da então chamada RDP Açores para ser correspondente aqui na Graciosa. Na altura, estamos a falar em 1999, a RDP era uma empresa e a RTP outra. Aqui nos Açores, depois fui convidado mais tarde, em 2004, para ser também correspondente da RTP Açores. **Á partida o Luís não tinha formação como jornalista, como editor de imagem, houve formação, deram-lhe formação?** Não. O que eu aprendi foi exatamente aqui na rádio local com uma colega que já trabalhava lá, comecei logo a fazer informação e desporto, essencialmente relatos dos jogos de futebol locais. **Agora é tudo digital, parece muito fácil mas como é que era antigamente? Como é que as imagens chegavam a outras ilhas?** Iam em cassete e realmente... **Iam como ? No avião, no barco?** Iam na pasta de bordo que o comandante levava de mais tarde eu também trabalhei na SATA, sei como é que isso se processava. Mais tarde iam mesmo no porão da carga. E depois os colegas da Terceira iam à aerogare levantar a cassete e fazer a edição”.*

OFF

Luís Costa recorda o momento mais marcante da sua carreira. Ainda só trabalhava para a rádio pública dos Açores e acabou por fazer diretos para a antena nacional quando o navio Corvo naufragou no ilhéu da Praia, na ilha Graciosa, pouco tempo antes do Natal do ano 2000.

Luís Costa, correspondente da RTP na ilha Graciosa

“Na altura o navio era muito aguardado porque trazia lá os bens para o Natal. Tivemos um mês praticamente com mau tempo e que o navio não podia atracar. Esse navio chamava-se Corvo, era um porta-contentores, trazia inclusive uma viatura para os bombeiros, várias viaturas, trazia o bacalhau, trazia as roupas, os eletrodomésticos, tudo aquilo que é utilizado mais no Natal porque de facto foi depois um acontecimento nacional, porque houve derrame de combustível, mas felizmente tudo se resolveu”.

OFF

Luís Costa trabalhou na SATA durante 22 anos mas por questões de saúde foi obrigado a deixar a profissão. Atualmente é em exclusivo correspondente da rádio e televisão públicas dos Açores.

Luís Costa, correspondente da RTP na ilha Graciosa

“Este ano só para terem uma ideia neste primeiro semestre de 2000 e 25, já fiz mais de 70 peças para a televisão. Portanto, as pessoas que me conhecem e que falam comigo, sentem que podia ser mais. Eu também gostava que fosse mais mas, mesmo assim, para a dimensão da nossa ilha, acho que não está muito mal, 70 peças de televisão e cerca de 40 para rádio. Portanto, estamos cá para isso”.

OFF FINAL PROVIDORA

No Corvo, nas Flores e na Graciosa, as ilhas menos populosas dos Açores, só a RTP tem representantes que podem divulgar os acontecimentos e atividades das populações, não apenas para o conjunto do arquipélago mas também para o Continente e, acima de tudo, para as comunidades espalhadas pelo mundo. É um trabalho que merece ser acarinhado e que contribui claramente para a consciência de uma unidade do território. Voltamos sempre claro à vantagem de reforçar os meios do conjunto da RTP Açores, mas parece-me justa a opção por ações de proximidade, como aconteceu com a operação de telejornais feitos em cada uma das nove ilhas, comemorando os 50 anos da casa.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 31 – 11 DE OUTUBRO 2025

DURAÇÃO: 16:03 MINUTOS

OFF

2025 promete marcar a história da RTP.

Começou por ser o ano da tão aguardada revisão do contrato de concessão do serviço público de média, e de uma reestruturação geral da empresa. Antes que termine o ano, estão em desenvolvimento avanços tecnológicos e grandes investimentos no edifício sede, e nos estúdios da informação. Mas há outras mudanças menos visíveis para quem está em casa, e vamos descortiná-las no decorrer deste programa.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O Gonçalo ficou Diretor da RTP 2, da RTP Memória, e também da Imagem da RTP.

Como é que se consegue conciliar tudo isto?

Gonçalo Madaíl, Diretor RTP 2, RTP Memória, Imagem e Inovação

“Costumo dizer que quando lideramos áreas distintas, especialmente aqui mais do que a quantidade de serem três estruturas é a diferença entre elas, só com equipa, só com um grande apoio de equipa por trás de nós a ajudarem-nos a preparar elementos para tomarmos decisões, a fazerem-nos chegar os dados. Depois também eu diria alguma solidariedade e voluntarismo das pessoas por compreenderem que é possível, mas é muito mais trabalhoso e precisamos...quando o nosso dia começa e há coisas para fazer e coisas para pensar, garantir que temos espaço para pensar”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

José Fragoso, vamos mais uma vez conversar, e, creio que desta vez com um âmbito um pouco reforçado, isto é, mais trabalho, em coordenação acumula a RTP 1, com a RTP África e a RTP Internacional. É mais complicado? Há muitas alterações?

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

“Não. Em boa verdade, este modelo já existiu, e no passado, as antenas internacionais, RTP África e RTP Internacional estiveram juntas muitas vezes. Há uma equipa que trabalha para a grelha da RTP África, e depois há também uma equipa que trabalha nos projetos que estão ligados à RTP Internacional, mas na verdade nós hoje tendencialmente fazemos uma organização transversal de conteúdos, e portanto, muitos dos nossos programas circulam entre estes canais todos”.

OFF

Mas a questão mais relevante para o telespectadores é perceber de que forma as alterações estruturais influenciam a programação dos canais RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

As principais questões que me têm sido colocadas relativamente à RTP 2 são que alterações vão surgir? Porque as pessoas que gostam muito da RTP 2 são muito apegadas, e estão preocupadas, se o rumo vai ser muito diferente e sobretudo a pergunta que fazem é: a cultura vai desaparecer?

Gonçalo Madaíl, Diretor RTP 2, RTP Memória, Imagem e Inovação

“Eu diria de todo. Primeiro, permita-me dizer que é um orgulho ser o sucessor da minha colega Teresa Paixão. É uma década de um trabalho a que ela se entregou, que refletiu, aprofundou para ter hoje uma RTP 2, como temos, reconhecida por todos, com algumas linhas e apostas que hoje são já quase icónicas para o público, e portanto, compreendo, acho muito legítimo mesmo, e compreensível, que se muda a liderança da RTP 2, que as pessoas que têm esse apreço se perguntem. E portanto, gostava desde logo de tranquilizá-las, primeiro e antes de tudo.

Começaria por dizer que a aposta que foi feita numa ficção de qualidade muito distinta no mundo hoje cheio de plataformas de streaming e canais de cabo, esse trabalho de distinção da qualidade da ficção que temos vai manter-se-á. Aliás a Teresa Paixão continuará a ser responsável e a dirigir na RTP a pasta dos documentários, e a pasta da ficção internacional para todos os nossos canais de TV, e portanto, é algo onde ela é absolutamente especialista e portanto continuaremos a contar com o crivo da Teresa Paixão, para a escolha da ficção internacional na RTP2, e dos documentários que me parecem ser também uma imagem de marca do canal, seja da produção nacional, e isto é um papel obviamente que temos muito importante de ajudar, cooperar, dinamizar a comunidade de produtores independentes, de autores documentais. Não só temos obrigações legais e de cumprimento anual de investimento nessa área, mas também no documentário internacional, que hoje tem, daquilo que são as atualidades, os current affairs, os momentos e os temas que movem a atualidade, ou que preocupam a humanidade, o futuro, a inteligência artificial, a ciência, mas

também os conflitos políticos, uma geopolítica hoje muito imprevisível e assustadora para muita gente, estes documentários têm um papel importantíssimo e, portanto, eu diria que isso só pode ser amplificado, cultivado, mas também investido. Os documentários da RTP2 que continuarão a ter esse crivo e a ficção internacional também”.

OFF

A RTP2, canal com forte ligação à música, ao teatro, ao cinema, as artes e a literatura, continuará a honrar o compromisso de oferecer programação cultural.

Gonçalo Madaíl, Diretor RTP 2, RTP Memória, Imagem e Inovação

“Algo que já vínhamos fazendo em conjunto com a própria Teresa, que era o trabalho na área da cultura, das artes performativas, não só continuará, como deverá ser intensificado.

É natural que venho eu também dessa pasta, traga comigo, obviamente, uma energia um bocadinho própria, como uma área onde eu estive na última década envolvido. Cuidarei com especial cuidado dessa área. Mais do que tudo dizer que, a RTP 2, não só se distingue, e é a oferta de cultura televisiva mais especializada que temos no espaço mediático em Portugal, e é uma obrigação minha e uma missão cuidar dela e até intensificá-la. E portanto Isso acontecerá seguramente”.

OFF

Na RTP África, as alterações atravessam a área da Informação, mas não só.

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

“A área da Informação fica centralizada também na Direção de Informação da RTP. Portanto, a partir de agora, a RTP África está também em termos de informação ligada à direção de informação da RTP. Digamos que o diretor de informação, o Vítor Gonçalves, passa a ser também responsável por todos os conteúdos de informação dirigidos à grelha da RTP África”.

OFF

Sem esquecer os públicos a que se dedica, a linha editorial do canal procurará adaptar-se à realidade dos nossos dias, e não apenas na Informação.

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

“Vamos introduzir também alterações na área da programação. Queremos criar conteúdos mais virados para as populações mais jovens. Nós temos em Portugal uma população que tem uma tendência em termos etários para pessoas com mais idade, isto em África é completamente ao contrário. Portanto, quando estamos a falar de Angola e Moçambique, que são os dois países com mais população, a pirâmide etária está nos 16 anos, 18 anos, nos 20 anos. Nós temos de ir à procura também dessas gerações mais novas, com conteúdos mais virados para a música, para o festival, para o entretenimento. E isso vai também levar aqui a algumas alterações nos eixos de programação que temos para essas essas comunidades”.

OFF

No caso da RTP MEMÓRIA não estão previstas alterações de maior.

A tarefa passará por redescobrir os arquivos e dar-lhes vida nova.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Em relação à RTP Memória, é um caminho que o Gonçalo já estava a fazer, portanto suponho que não haverá grandes alterações, quer dizer, alterações muito profundas?

Gonçalo Madaíl, Diretor RTP 2, RTP Memória, Imagem e Inovação

“Sim, a RTP Memória, obviamente que é cuidada por mim e pela minha equipa também, já há uma década, já está numa fase muito maturada no que toca ao modelo de grelha de programação, aos horários e à forma como a semana e o fim de semana se desenrolam perante o espectador, mas também um outro trabalho de maturação que, esse sim é interminável, que é, continuar a escavar, no bom sentido, a pesquisar e a contribuir para o nosso grande arquivo. E isso passará com alguns exercícios que temos feitos, dou o exemplo deste ano que se avizinha no final, os trabalhos que fizemos, por exemplo, com o professor António Barreto. É uma preocupação nossa continuar e talvez aumentar essa procura por autores, curadores, que possam olhar para o nosso arquivo e o possam retratar e reinterpretar. Eu diria que essa é a aposta que devemos ter. Tudo o resto na grelha da RTP Memória, do ponto de vista do modelo não se alterará, até porque temos felizmente muito bem aferido esse contacto entre nós e o público, há sempre arquivo novo a chegar todos os dias e portanto a RTP Memória também se vai refrescando a ela própria nesse sentido, mas com a preocupação de continuar a voltar, e às vezes repetidamente, a autores como: o José Hermano Saraiva, como o Fernando Mendes ou o Herman, que são autores que os espectadores nos pedem insistentemente para visitar e voltar a recuperar ou o Nicolau Breyner, o Raul Solnado. Portanto continuamos a sentir que há uma procura muito grande por voltar a estar em contacto com estas figuras icónicas da televisão”.

OFF

O foco no crescimento digital é também parte da estratégia dos atuais diretores.

Posso aliás acrescentar que os telespectadores me colocam cada vez mais questões relacionadas com a RTP Play.

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

“Muitos dos nossos espectadores fora de Portugal, quer nas nossas comunidades, quer nos países africanos, populações locais, veem já os nossos conteúdos através da plataforma RTP Play, ou numa lógica de video on demand, portanto, de irem à procura dos conteúdos que querem ver em determinado momento, que já tenham sido emitidos, ou até alguns que estão lá especificamente. A maior parte dos programas têm uma, duas, ou três derivadas para as áreas digitais. Têm um acompanhamento nas redes sociais, têm bastidores, têm entrevistas que são feitas especificamente para as redes sociais, e tem depois também em muitas situações, por exemplo, o The Voice, tem 1,5 milhão de subscritores no canal YouTube.

Nós sabemos que o programa é visto na televisão linear por 600 a 700 mil pessoas em cada domingo, mas depois sabemos que as faixas etárias mais jovens aqui, em São Tomé e Príncipe ou em Moçambique, podem ir ver o programa através do canal YouTube e veem apenas as performances, as atuações dos concorrentes que lhes interessam e podem passar à frente e podem só ver, até podem só ver as músicas, as canções. Isso significa que os programas são pensados hoje em dia, na generalidade dos casos, são pensados já numa ótica de linear e não linear”.

OFF

Hoje, pensar, produzir e realizar conteúdos vai muito além da televisão.

E para a RTP, essa já é uma realidade em que se destaca o novo canal RTP Séries, na RTP Play.

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

“Nós num canal linear como a RTP2 ou RTP1, podemos emitir uma ou duas séries por semana. As pessoas não podem ver 50 séries e nós agora nesta plataforma temos 100 séries.

As pessoas podem ir lá...

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que já passaram?

José Fragoso, Diretor RTP 1, RTP Internacional, RTP África

*“Muitas delas não passaram nunca, e não irão passar, provavelmente, porque é impossível passar tanta série, mas a ideia é ter as nossas próprias séries de produção RTP, como a **Espias** neste momento, temos séries que estão a estreiar na plataforma, como por exemplo, **Situações Delicadas**, que é a primeira série integralmente produzida para a plataforma e que está disponível nos seus episódios todos, quem quiser ver a série de uma ponta a outra, os episódios na íntegra estão disponíveis, e vamos também ter séries internacionais de qualidade. Há muita produção hoje a nível internacional, sobretudo na Europa. Todos os serviços públicos europeus produzem uma gama muito diversificada de séries e essas séries, muitas delas vão passar a estar disponíveis também na RTP Play em exclusivo.*

A diferença hoje, de um canal linear para uma plataforma, é que nós num canal linear estamos a emitir um programa de cada vez, e as pessoas vão ter de ver o programa que estamos a emitir ou naquela altura, ou depois gravando e vendo na box a gravação. Aqui as pessoas vão à plataforma e escolhem uma das 50 séries estrangeiras que estão lá, ou uma das 100 séries portuguesas que também estão lá, e daqui em diante, vamos passar a ter nessa plataforma, portanto na RTP Séries, todas as semanas vamos ter séries em estreia e vamos ter também séries nacionais em estreia exclusiva na plataforma”.

OFF

A imagem da RTP também está em transformação. E vai ser bem visível no grafismo, nos cenários, na música, na plástica sonora, na imagem pessoal de apresentadores e pivôs de informação, na caracterização, ou mesmo no guarda-roupa utilizado na Estação Pública de Televisão. Esta mudança será uma marca distintiva, principalmente na área da informação, que em breve terá novos estúdios.

Gonçalo Madaíl, Diretor RTP 2, RTP Memória, Imagem e Inovação

“É um projeto muito grande, a RTP há quase 25 anos quase, que não fazia um investimento destes na área da informação, e portanto os nossos estúdios da informação precisavam de um investimento tecnológico, mas também um investimento estético e algumas possibilidades até de novas tecnologias que permitem aos nossos jornalistas expor os conteúdos de outra forma. Hoje vivemos uma informação televisiva com muitos explicadores gráficos, com muitos mapas, muita infografia, a gramática hoje já não é só o apresentador das notícias sentado à mesa, as pessoas estão de pé, movem-se nos cenários, e portanto, tudo isso vai ser possibilitado finalmente à equipa de informação da RTP, que não tinha. Penso que daremos aí uma volta muito grande, acho que vem uma imagem nova, com outro tom, muito mais preparada para o século XXI, e acima de tudo também muito mais ligada e intercalada com a linguagem digital. Hoje, a larga maioria das pessoas

consome informação ou algo parecido com a informação através das redes sociais e das plataformas digitais. E o serviço público não pode deixar de estar presente, é para nós uma preocupação estratégica.

PIVOT PROVIDORA

Estamos num ponto de não retorno nas mudanças que o serviço público tem a fazer para preservar os seus públicos e cativar os mais novos. Talvez o maior desafio seja mesmo este, e daí a importância dos conteúdos e a forma como são replicados nas redes sociais, ou na RTP Play. O esforço para compreender o momento atual e o futuro implica não ficar para trás nas novas tendências de consumo de televisão. Mas é evidente que, ao mesmo tempo, o Serviço Público deve olhar para todos e não excluir os que têm uma idade mais avançada nem os que seguem a emissão através da TDT. É com grande curiosidade que aguardo as novidades que vão surgir neste mês.

O programa da Provedora fica por aqui. Até à próxima semana.

EPISÓDIO 32 – 18 DE OUTUBRO 2025

DURAÇÃO: 15:08 MINUTOS

OFF

No passado domingo o País foi a eleições autárquicas. Os eleitores escolheram os executivos e assembleias dos 308 municípios e das freguesias. A RTP levou a cabo uma grande operação televisiva com uma emissão em simultâneo na RTP 1, RTP Internacional e na nova RTP Notícias.

Para me ajudar a fazer uma análise à cobertura feita pelo canal público de televisão, desta vez às eleições autárquicas 2025, contei de novo com a ajuda de Gustavo Cardoso.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Muito obrigada por vir outra vez comentar a cobertura de um processo eleitoral. Neste caso, foram eleições autárquicas. É muito diferente a cobertura numas eleições autárquicas ou numas legislativas ou presidenciais?

Gustavo Cardoso, Professor Catedrático de Ciências da Comunicação

“Eu acho que nós temos que nos questionar, quando digo nós, quem trabalha dentro de um órgão de comunicação social, qual é o contexto em que ocorre um ato eleitoral. E este ato eleitoral de que nós estamos a falar, as eleições autárquicas, tem uma característica que não é muito comum nos últimos anos, é que tem um intervalo muito curto para as eleições legislativas que ocorreram no mesmo ano e com um intervalo de meses. O que é que isto quer dizer em termos de como é que se faz a cobertura, como é que se fazem os debates, etc. Temos que ter precisamente cuidado para não derrapar na cobertura e transformar quer os debates, quer a cobertura, naquilo que é mais fácil acontecer, ou seja, que acabem por ser umas autárquicas/legislativas mas na noite eleitoral acho que não estivemos à altura daquilo que o país necessitava, que era uma cobertura autárquica. Tivemos comentadores em estúdio, que são de partidos, a maior parte dos casos nacionais. Tivemos também comentadores de outros de outras áreas, mas que fazem comentário político e aquilo que resultou disto é muitas vezes resvalar para a ideia de “ganhou um partido tal”, “perdeu o outro”, mas muito pouco explicativo, muito pouco contextual. Por exemplo, nós tivemos cerca de 15 câmaras que foram ganhas por movimentos independentes, mas muitas vezes as histórias por trás desses ganhos são histórias partidárias. Não têm nada a ver com independência, são pessoas que se zangaram com a parte distrital ou a parte nacional do partido e depois concorrem, por vezes com siglas de outros partidos, outras vezes com movimentos mesmo de cidadãos, outras vezes são os dois grandes partidos, como aconteceu

também em alguns locais em que se coligaram para derrotar um terceiro que já está há muito tempo no poder naquele concelho. Portanto, há toda uma história que é muito muito variável e depois também aquilo que a televisão é muito capaz de fazer, que é ir até próximo do telespectador, aqui ficou um bocado a meio caminho, porque para fazer essa aproximação, essa proximidade, é necessário saber a história do local. E a questão é como é que se consegue em centenas de conselhos do país ter história. Eu acho que isso é uma questão de preparação prévia, em que nós temos que acompanhar e ir em busca do que se pode dizer quando aparecer aquela vitória ali. Quem é aquela pessoa que ganhou? Quem é que é aquele que está a competir? Quem era o incumbente que estava? Aí entra a própria RTP e a capacidade capilar que tem do país, a recolher a informação necessária para depois poder ser colocada quando aparece o gráfico a dizer Belmonte, explicar, ou quando aparece Santiago do Cacém explicar o que é que isso quis dizer ou Viseu... Porque é que se ganhou ao final deste tempo todo, porque é que o presidente que estava e que voltou, não conseguiu novamente ganhar, ou seja, aquelas pequenas histórias que interessam não apenas às pessoas que estão em casa naqueles locais, mas ao todo nacional, porque isso cria a proximidade também”.

OFF

A somar à emissão especial, havia um outro desafio: o lançamento da RTP Notícias, o novo canal de informação da RTP. A Direção de Informação da RTP admite pequenos percalços na noite eleitoral mas faz, apesar de tudo, um balanço positivo da noite de 13 de Outubro.

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP

*“O dia eleitoral das autárquicas é sempre o mais difícil porque são 308 eleições e a primeira dificuldade é escolher os locais onde nós vamos estar em direto e desta vez estivemos em direto de 35 locais, o que coloca uma grande dificuldade no momento de fazer opções. Vamos pôr, por exemplo, Gaia quando o presidente da Câmara está a falar ou vamos pôr um candidato de Lisboa que está a falar ao mesmo tempo? Torna-se bastante complexa essa decisão, porque são 308 eleições ao mesmo tempo, mas na verdade há câmaras mais importantes. A Câmara de Lisboa, a Câmara do Porto, a Câmara de Braga, a Câmara de Coimbra, a Câmara de Sintra, a Câmara de Gaia são câmaras mais importantes. Do nosso ponto de vista, foi uma estreia em termos de estúdio, porque estávamos a estreiar um novo estúdio e estávamos a estreiar numa noite eleitoral que é uma operação muito complicada. Eu julgo que, apesar de tudo correu bem, que nós estivemos em direto nos principais momentos, fizemos uma emissão que começou por volta das sete e foi até às duas da manhã. Tivemos comentário político dos partidos representados no Parlamento, daqueles que têm justamente câmaras municipais e tivemos também ao final da noite um debate envolvendo comentadores políticos que fizeram uma análise das eleições. Do nosso ponto de vista, julgo que correu bastante bem, tendo em conta a complexidade que é sempre as eleições autárquicas. **Houve alguns problemas de som. Eu detetei em minha casa, portanto, presumo que em casa de todas as pessoas, todos os telespectadores. Isso foi detetado? Foi detetado e a origem foi muito simples, naquela mesa que era onde estavam os representantes dos partidos, alguns dos representantes mantiveram os telefones ligados para receber informações dos partidos, porque normalmente os partidos têm informação muito mais rápida do que a que nós temos enquanto jornalistas, porque eles estão em comunicação com os seus representantes nas mesas de voto e portanto, têm acesso a muita informação e houve alguns que mantiveram em algum momento os telefones ligados e isso causou alguma perturbação nos microfones. Foi uma coisa que foi detetada, eu julgo que foi depois resolvida mas que marcou o início do debate, isso é verdade. **Ainda por cima estava a ser anunciado a nova RTP informação e portanto era assim...uí...o que é que se está a passar? Mas Ana, quando se estreia um estúdio como este, com esta complexidade, com quatro apresentadores, eu acho que é natural haver sempre pequenos incidentes”.*****

OFF

Mas o trabalho da RTP começou muito antes da noite de 12 de outubro em que se ficou a saber quem são os executivos camarários dos 308 municípios portugueses e os eleitos das assembleias municipais e de freguesia. O canal público de televisão acompanhou os partidos em campanha seguindo alguns critérios porque era impossível ouvir todos os candidatos, de todas as cores políticas, de todas as câmaras do País.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Agora vou para a campanha eleitoral, para o período pré-eleitoral, recebi algumas queixas de pessoas que achavam que tinha sido dado mais atenção aos partidos do que a outros. Como é que se consegue equilibrar essa atenção dada a cada um dos partidos numa situação em que é tudo pulverizado, porque são autarquias, porque, além dos partidos, há movimentos independentes, porque é tudo tão díspar? Como é que se consegue equilibrar?

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP

“Foi seguida uma estratégia que era a seguinte: em primeiro lugar, nós a redação da política da RTP, que foi reforçada para este efeito, acompanhávamos sempre todos os líderes partidários diariamente. Depois acompanhávamos diariamente a campanha de Lisboa e do Porto, sendo que não acompanhávamos diariamente nem Lisboa e no Porto todos os candidatos, acompanhávamos sempre os dois principais em ambas as cidades, e depois dois ou três dos restantes candidatos e ao fim da campanha, ao fim das duas semanas da campanha, aqueles que são das candidaturas de partidos mais pequenos tinham um equilíbrio semelhante. Para além disso, depois fizemos cobertura também da campanha em concelhos como Sintra, como Gaia, concelhos onde havia de facto uma luta muito renhida e que tinham uma representação muito grande. Sintra e Gaia são dos maiores concelhos do país. A par disso, fizemos 18 reportagens sobre outros aspetos da campanha autárquica, que não tinham diretamente a ver com a campanha propriamente dita, mas com situações autárquicas, por exemplo, porque era interessante a campanha em Loures? Por que é que era interessante a campanha em Campo Maior, onde houve sempre o mesmo presidente? E nesses casos, como havia muitos candidatos, a opção que nós fizemos foi escutar e ouvir todos aqueles que tinham representação na variação, que são 4, 5 ou 6, e depois indicávamos graficamente os restantes candidatos que estavam na corrida. Isso gerou várias queixas de candidatos que diziam nós não fomos escutados. Não foram, efetivamente, mas foram indicados na peça como candidatos, através de grafismo, porque a opção que fizemos foi não é possível ouvir 10 candidatos, não é possível ouvir 11 candidatos numa peça com dois ou três minutos. E portanto o critério foi, vamos ouvir os candidatos dos partidos que têm representação na Câmara Municipal. A par disso, fizemos um outro elemento que passou aos domingos no telejornal da RTP em parceria com a Pordata, que foi uma rubrica que intitulámos “Quem somos e como vivemos” e onde demos semanalmente informações sobre o país. Fazíamos comparações entre os diversos concelhos. Os concelhos onde se ganha mais, os concelhos onde se ganha menos, o concelho que tem mais concertos, aquele onde tem menos concertos, os concelhos onde há mais alunos a estudar, os concelhos onde têm menos, portanto, havia vários dados estatísticos que comparavam os concelhos de norte a sul do país. Estes dados eram fornecidos pela Pordata e permitiu-nos ter outra informação sobre o que estava em causa no país no dia das eleições”.

OFF

Ao longo desta semana a minha caixa de correio foi inundada de queixas de telespectadores que pediam explicações para o afastamento de Raquel Varela enquanto comentadora da RTP. A historiadora era um rosto assíduo na RTP 3 desde há 12 anos.

Mensagem de telespectador

“A dispensa da Professora Raquel Varela da RTP 3 não foi convenientemente explicada aos que como eu a viam e ouviam. Esta dispensa torna-se ainda menos transparente porque o comentador Rodrigo Moita de

Deus mantém-se em funções. Não vislumbro nas opções do novo diretor de informação nada que se assemelhe à capacidade contraditória que Raquel Varela oferecia à Televisão Pública. Pergunto qual foi o critério ao dispensar um e manter o outro?

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como pode imaginar a minha semana começou com muitas mensagens de protesto por ter sido rescindido ou cortado o contrato com Raquel Varela. Já conversamos sobre isso. O Vítor disse-me que vai fazer alterações ao conjunto dos comentadores. Quando é possível saber quem são os novos comentadores que eu acho que estamos todos à espera disso. E por que é que a Raquel Varela foi afastada?

Vítor Gonçalves, Diretor de Informação da RTP

*“Muito bem, a Raquel Varela não foi afastada. A Raquel Varela tinha um contrato que chegou ao fim e não foi renovado. O que nós decidimos quando assumimos esta direção é que iríamos olhar para todos os nossos comentadores e fazer uma renovação. Para fazer uma renovação, é preciso que uns entrem e outros saiam, porque senão não há renovação. E portanto, a Raquel Varela, que estava na RTP como comentadora há 11 anos, consideramos que era uma das pessoas que poderia sair para entrarem outras pessoas. Quem vir a RTP Notícias esta semana verá os novos comentadores da RTP, há novos comentadores à esquerda, há novos comentadores à direita, há novos comentadores de vários perfis. **O critério para a seleção dos comentadores vai ser ou tem que ver com partidos ou tem que ver com áreas ideológicas, digamos?** Ambas as coisas. Há, por exemplo, um programa que o Carlos Daniel vai apresentar em que os comentadores são partidários, claramente, são os representantes dos dois maiores partidos do parlamento, tanto à esquerda como à direita. Diariamente haverá também um programa às sete e meia com representantes partidários e depois temos duplas, às nove e meia da noite em que são escolhas que não partidárias. Há alguns que são de partidos, comentadores que têm ligações a partidos, por exemplo, a Rita Rato ou o Bernardo Blanco, a Rita Rato que é do PCP, e que já estava afastada da política há algum tempo, o Bernardo Blanco que é da iniciativa Liberal e que também está afastado da política há algum tempo.*

OFF

Os tempos que vivemos, marcados pelo populismo, por extremismos e pela violência verbal e no trato, exigem à televisão mais equilíbrio do que nunca na escolha dos comentadores.

Neste sentido considero positivo que a Direção de Informação tenha retirado o convite feito ao extremista Gonçalo Sousa mas o facto de o ter convidado e anunciado parece-me inexplicável. O afastamento de Raquel Varela que, pessoalmente lamento, foi conhecido em pleno período eleitoral sem qualquer explicação e sem um enquadramento global da nova lista de comentadores. Os telespectadores vão aperceber-se das modificações no dia-a-dia e, naturalmente, tirarão as suas conclusões.

Quanto à cobertura das eleições, reconheço a complexidade da operação, pulverizadas como são, por natureza, as autárquicas e reconheço também a dificuldade em “descolar” do ambiente das legislativas. Apesar de alguns problemas e falhas, creio que a cobertura do período eleitoral foi equilibrada, como compete ao serviço público. Mas não nos esqueçamos de que a eleição para a Presidência da República é já em janeiro e com ela vêm novos desafios à atual Direção de Informação da RTP.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

DURAÇÃO: 15:38 MINUTOS

OFF

Hoje, na despedida enquanto Provedora do Telespetador, decidi trazer ao *Voz do Cidadão* uma entrevista com o Presidente do Conselho de Administração da RTP. Vamos falar de projetos e preocupações, investimentos e financiamentos, e do propósito do serviço público para telespectadores cada vez mais exigentes e com hábitos de consumo muito particulares.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Nicolau Santos, muito obrigado por estarmos aqui a conversar nesta última conversa com como provedora. Parece-me que 2025 é um ano histórico para a RTP. Começou tudo com o contrato de concessão finalmente aprovado, depois a reestruturação, agora obras no edifício, eventualmente vamos ouvir ao longo da nossa conversa algum barulho lá de fora, e todo o investimento na área tecnológica, e uma nova atitude, um novo olhar sobre as novas tendências da televisão, com plataformas mais reforçadas.

Era tudo o que estava planeado, ou havia mais coisas que não se conseguiram fazer?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“Bom, o essencial está em andamento, ou seja, a RTP está num ponto importante da sua vida, da sua história, como estão aliás, a maior parte dos operadores de televisão e de rádio em todo o mundo, ou seja, é preciso em primeiro lugar, responder às novas tendências de consumo, da produção dos média, e que colocam inúmeros desafios. É necessário saber que conteúdos devemos produzir, através de que plataformas, como é que conseguimos captar novos públicos, há imensas interrogações que estão em cima da mesa e às quais temos que tentar responder.

Nesse quadro, nós precisávamos de, em primeiro lugar, fazer um grande investimento do ponto de vista das infraestruturas e da tecnologia na RTP.

A RTP estava atrasada claramente nessa matéria e precisava de modernizar-se, precisava de inovar e portanto, estamos a fazer um investimento muito pesado, que nos próximos quatro anos, a partir de 2025, atingirá cerca de 70 milhões de euros.

O outro aspeto muito importante, é a necessidade de renovar o quadro de pessoal da RTP, quer do ponto de vista etário, muitos dos nossos melhores e mais competentes colegas, trabalhadores da RTP, estão a atingir a idade da reforma, é preciso passar esse legado, esse testemunho para as novas gerações, e é preciso contratar novas pessoas que precisamente sejam mais aptas a trabalhar nas multiplataformas, com o digital, com esse novo mundo todo que hoje existe e que muitos de nós estamos aquém do que é necessário para dar essa resposta e, portanto, precisamos de contratar essas pessoas, renovar o quadro de pessoal da RTP. A RTP tem uma fonte de financiamento fundamental que é a contribuição do audiovisual, que os cidadãos pagam na sua fatura de eletricidade. É a terceira mais baixa contribuição para o audiovisual que existe no mundo europeu. Mesmo assim, essa fatura está estabilizada, está fixada, está congelada desde 2016, ou seja, por essa via, nós não temos aumentos de receitas de 80% das nossas receitas, desde 2016. O que é que temos vindo a fazer? Temos vindo a adequar a nossa programação, as nossas capacidades de investimento a essa situação, mas isto chegaria a um dia em que não era possível continuar a fazer isto e ter resultados positivo”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Mas há prestativas disso vir a mudar? De a CAV, contribuição audiovisual, ser aumentada de haver outras sistema de financiamento?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“Neste momento relativamente à CAV, não há nenhuma perspetiva de aumento.

Os contactos que já tivemos com o governo descartam completamente essa situação, descartam inclusive algo que eu penso que seria muito importante, que era ao menos que a contribuição do audiovisual fosse atualizada anualmente pela inflação, como está no contrato.

Se isso acontecesse teria desde 2016 mais cerca de 97 milhões de euros para poder investir, para poder renovar-se, para poder modernizar-se, não temos esse valo”.

“A partir de 2025, deste ano, a RTP vai passar a dar estruturalmente resultados negativos. Tivemos 15 anos com resultados positivos, a partir de 2025, vamos ter estruturalmente resultados negativos e, portanto, é necessário tomar medidas muito, muito, digamos, muito corajosas para que esta situação se não eternize para sempre, porque será, obviamente, um grande, uma grande desvantagem para a RTP apresentar-se aos espectadores, aos ouvintes, a todos os que nos acompanham com a consciência de que estamos a ter resultados negativos e que eventualmente não estamos a conseguir dar o melhor serviço que poderíamos dar”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Está fora de questão a proibição da publicidade ou a progressiva proibição da publicidade na RTP 1?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“Bom, neste momento não temos nenhuma indicação de que isso possa acontecer.

Como se sabe na revisão do contrato de concessão, o que ficou claro é que tendencialmente a RTP1 será financiada por meios não publicitários, mas não ficou nenhuma data explícita, também, como se sabe em qualquer momento, o orçamento do Estado pode introduzir essa norma, que ultrapassa o contrato de concessão, mas até agora não temos nenhuma indicação de que isso venha a acontecer”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tenho endossado essa questão para a administração, uma vez que é uma decisão, a decisão de participar, ou não, no festival da Eurovisão de exigir ou não, a saída de Israel do festival.

Em que ponto é que isso está? O que é que pode acontecer?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“ O ponto neste momento é o seguinte: no dia 25 houve uma reunião em Bruxelas da Comissão Executiva da EBU, da Eurovisão, que organiza o festival e que eu faço parte, os seus 11 membros que estavam presentes, uns presencialmente, outros por videoconferência, entenderam que não havia consenso suficiente para a comissão executiva tomar uma posição. E, portanto, o consenso a que se chegou é que era necessário dar a palavra aos 68 membros que compõem a Eurovisão para saber o que é que eles querem relativamente à participação ou não da Kan, que é a televisão israelita, no festival”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Qual é a posição da RTP?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“Nessa altura saberemos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

No quadro das mensagens que eu recebo, há muitas muitas queixas, muitos protestos, por coisas por vezes parecem irrisórias, outras realmente estruturais, mas ainda recentemente recebi uma mensagem que me surpreendeu, alguém que se dispôs a escrever para elogiar o trabalho da RTP Açores, durante a passagem do furacão Gabriel.

E isso fez-me pensar que é mais importante do que só elogiar aquele trabalho, que é o resultado de haver uma rede de correspondentes, de haver uma RTP Açores que funciona e que permitiu que o trabalho fosse positivo.

A questão da rede de correspondentes e da presença da RTP em todo o país, que também foi importante na fase dos incêndios, é para manter essa rede? É para reforçar?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“Eu penso que um serviço público distingue-se, entre outros aspetos, dos operadores privados, precisamente pela sua cobertura nacional, pela sua contribuição para a coesão nacional, e isso exige uma rede de correspondentes alargadas em todo o país.

Do ponto de vista prático temos de reconhecer o seguinte: desde, enfim, as crises de 2011 e as situações que, entretanto, abalaram a RTP, em que houve ideias de privatização de parte da RTP, o que é certo é que: parte importante da nossa rede de correspondentes no interior do país ficou esgaçada, ficou sem cobertura, ficou bastante fragilizada.

Estamos a tentar de algum modo colmatar isso, mas não é fácil. E não é fácil por alguns dos aspetos que eu já mencionei, por questões orçamentais, isso é levanta-nos problemas, seguramente, também porque para contratar pessoas nós precisamos de pedir autorização ao à tutela, no caso ao Ministério das Finanças e ao Ministério da Presidência, que neste momento são as nossas tutelas, e portanto, precisamos de ter esse tipo de autorizações para avançar.

Nós apostamos nisso, mas precisamos de ter a ideia de que a sustentabilidade financeira da RTP, neste momento, exige bastante cautela relativamente a encargos que a gente possa adotar de forma estrutural para o futuro”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O seu mandato também está a terminar em 2026, não é?

Claro que ainda é cedo para fazer o balanço, mas um quase balanço?

Nicolau Santos, Presidente do Conselho de Administração da RTP

“O mandato termina no dia 31/12/2026, é o segundo mandato desde que o Conselho de Administração, enfim, recomposto, porque temos uma nova administradora na área financeira.

Um balanço... primeiro um balanço pessoal. Tem sido um enorme orgulho estar à frente dos destinos da RTP. Penso que o serviço público de média é indispensável ao país, e é cada vez mais importante, consoante a evolução que o mundo está a ter atualmente e a que o nosso país também não é não é alheio.

OFF

Este foi o meu último Voz do Cidadão, pois o mandato enquanto provedora do telespetador termina no final de outubro. Depois de quatro anos nesta função, quero dizer que foi uma hora ter assumido esta responsabilidade, que me permitiu ter contacto com uma realidade de enorme e complexa riqueza. Refiro-me à globalidade dos telespetadores que me contactaram e também ao Universo RTP, que passei a conhecer um pouco melhor.

Ao longo destes anos, procurei responder às dezenas de milhares de mensagens, a maior parte das quais, transmiti aos responsáveis dos diferentes departamentos da RTP.

Ajudaram-me a dar respostas concretas a dúvidas e críticas, deram seguimento a pedidos de ajuda, nomeadamente nas áreas técnicas. Escolhi não agir pelo confronto, optei antes por resolver questões em conversas em que cada um de nós expôs as suas opiniões, dúvidas, projetos. Decidi também mostrar aos telespetadores como funciona a RTP na sua multiplicidade de departamentos e centros regionais de produção, dando a conhecer aqueles que habitualmente não tem rosto.

Estou grata aos telespetadores por me terem contactado e permitido conhecer realidades tão diversas, estou grata a quem trabalha nesta grande casa, em particular aos que comigo construíram todas as semanas o Voz do Cidadão e ajudaram a responder aos telespectadores.

Destaco a equipa que me acompanhou ao longo dos quatro anos, com enorme profissionalismo, entrega e carinho.

Hoje não me despeço com um - *Até à próxima semana* - mas com um Adeus comovido, convicta da extrema importância do serviço público de média.

